

A OBRA DE ADOLF FRANZ HEEP NO BRASIL

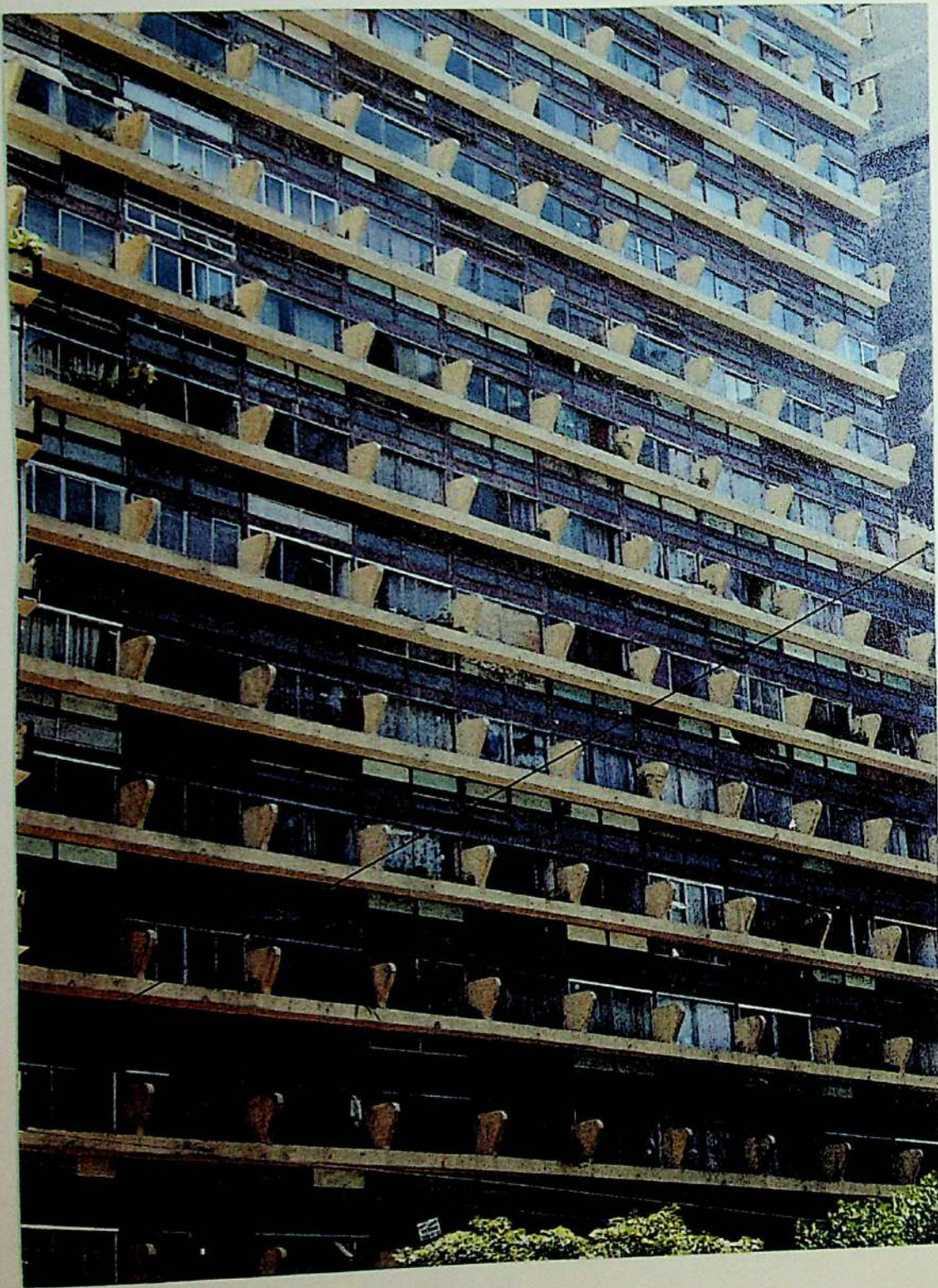


ARQ. MARCELO CONSIGLIO BARBOSA

ORIENTADOR PROF. DR. UBYRAJARA GILIOLI

São Paulo FAUUSP 2002

A OBRA DE ADOLF FRANZ HEEP NO BRASIL



ARQ. MARCELO CONSIGLIO BARBOSA

Assino: 1301802

ORIENTADOR PROF. DR. UBYRAJARA GILIOI

São Paulo FAUUSP 2002



A OBRA DE ADOLF FRANZ HEEP NO BRASIL

ARQ. MARCELO CONSIGLIO BARBOSA



Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em
Arquitetura e Urbanismo

ORIENTADOR PROF. DR. UBYRAJARA GILIOLI

São Paulo FAUUSP 2002



Sinopse

Adolf Franz Heep nasceu em 1902 em Fachbach, Alemanha. Sua formação como arquiteto resultou dos estudos e posteriormente do trabalho em projetos habitacionais com Adolf Meyer em Frankfurt, na década de 20 e do estudo na Ecole Spéciale d' Architecture em Paris, com Mallet-Stevens em 1928, quando migrou para a França.

Em Paris, trabalhou com André Lurçat e com Le Corbusier, de quem sofreu suas maiores influências. Associou-se a Jean Ginsberg, seu colega na Ecole Spéciale d' Architecture, de 1932 a 1945, quando partiu para o Brasil, afastando-se das agruras da guerra. Heep consolidou as bases de sua atuação como arquiteto com Ginsberg, materializada em três edifícios construídos em Paris entre 1934 e 1935. Estes edifícios resumiam o ideário que nortearia seus futuros trabalhos no Brasil: profissionalismo e método de trabalho com a introdução de inovações tecnológicas, empregadas no projeto e na obra, o gosto exacerbado pelo detalhe, e a compreensão das necessidades cotidianas da classe média.

Quando chegou ao Brasil em 1947, Heep já havia consolidado em Paris uma prática de produção arquitetônica com qualidade, voltada ao mercado. Encontrou aqui um mercado imobiliário em expansão, possibilitando uma intensa atuação e experimentalismo. A utilização de métodos racionalizados de construção, programas compactos e uma interpretação muito precisa da legislação de uso e ocupação do solo, foram determinantes para o sucesso de diversos edifícios.

Suas obras mais conhecidas são o edifício sede do jornal "O Estado de S. Paulo", quando trabalhava para Jacques Pilon, os edifícios Itália e Lausane. O valor de seu trabalho, porém, não reside em obras isoladas, mas na qualidade e coerência do conjunto de sua obra: numerosas quitinetes, edifícios de esquina e detalhes característicos.

Abstract

Adolf Franz Heep was Born in 1902 in Fachbach, Germany. His formation as an architect resulted from his studies and later work housing projects with Adolf Meyer, in Frankfurt, in the 20's end the studies at the Ecole Spéciale d' Architecture in Paris, with Mallet Stevens in 1928, when he imigrated to France.

In Paris he had worked with André Lurçat and Le Corbusier, from whom he suffered his largest influences. When left to Brazil, leaving the hardness of the war, he was associated with Jean Ginsberg, his friend at the Ecole Spéciale d' Architecture from 1932 to 1945. With Ginsberg, Heep consolidated the bases of his performance as an architect, materialized in three buildings built in Paris between 1934 and 1935. These buildings summarized the ideals that would orientate his future works in Brazil: professionalism and the method work, with the introduction of technological innovations, applied both in the project and in the construction; the exaggerating taste for the detail and the comprehension of daily middle class needs.

When arrived in Brazil in 1947, Heep had already consolidated in Paris the practice of a qualified architectural production directed to the real state market. He found here a real estate market in expansion, which made possible an intense professional performance and experimentation. The use of rationalized construction methods, the compact programs and a very precise interpretation of the urban legislation were decisive for the success of several buildings.

His most famous works are the headquarters of the newspaper "O Estado de S. Paulo", from the time he had worked for Jacques Pilon, the buidings "Itália" and "Lausane". The value of his work, however, doens't lay on his isolated works, but in the quality and coherence of the group of buildings: numerous quitinetes, corner buildings and characteristic details.

SUMÁRIO

SINOPSE/ABSTRACT, 04

1 - INTRODUÇÃO, 08

1.1 – Critérios adotados, 10

1.2 - Estudos de caso, 11

1.3 – Estrutura do trabalho, 12

2 - A FORMAÇÃO - 1922 a 1932, 15

2.1 – A influência da Bauhaus, 15

2.2 – O trabalho em Frankfurt, 17

3 – A SOCIEDADE COM JEAN GINSBERG – 1932 a 1945, 20

3.1 – O edifício na avenue de Versailles, 24

3.2 – O edifício na avenue Vion-Whitcomb, 28

3.3 – O edifício na rue dès Pâtures, 31

4 - A CHEGADA AO BRASIL - 1947 a 1950, 34

4.1 – O trabalho com Jacques Pilon, 35

4.2 – O edifício do jornal “O Estado de S. Paulo”, 46

4.3 – O edifício Tinguá, 54

4.4 – O edifício Davina Lara Nogueira, 57

5 - A PRODUÇÃO NO ESCRITÓRIO - 1952 a 1962, 61

5.1 – As experiências com imóveis populares – as quitinetes, 63

5.1.1 – O edifício Normandie – exemplo de tipologia 1, 66

5.1.2 – O edifício Icaraí – exemplo de tipologia 2, 76

5.1.3 – O edifício Arlinda – exemplo de tipologia 3, 83

5.2 – A parceria entre Franz Heep e Otto Meimberg, 89

5.2.1 – As primeiras experiências de incorporações residenciais, 90

- 5.2.2 - Os edifícios Ouro Verde e Ouro Preto, 97
- 5.3 – Os grandes edifícios de escritórios – Itália e São Marcos, 107
 - 5.3.1 – O edifício Itália, 108
 - 5.3.2 – O edifício São Marcos, 117
- 5.4 – Dois edifícios em Curitiba, 123
 - 5.4.1 – O edifício Souza Naves, 125
 - 5.4.2 – O Condomínio Mapi, 127
- 5.5 – A parceria entre Franz Heep e os irmãos Aizik e Elias Helcer, 129
 - 5.5.1 – O edifício Logano e Locarno, 132
 - 5.5.2 – O edifício Lauzane, 139
- 5.6 – O gosto pelo detalhe, 147
 - 5.6.1 – Detalhes de fachada, 148
 - 5.6.2 – Outros detalhes, 157
- 5.7 – A igreja de São Domingos, 161
- 5.8 – As casas, 165
- 6 - O EPÍLOGO DE UMA CARREIRA - 1958 a 1968, 167
 - 6.1 – O envolvimento acadêmico, 167
 - 6.2 – A recusa pelo mercado, 169
 - 6.3 – O trabalho com a ONU, 171
 - 6.4 – Epílogo, 176
- 7 - CONCLUSÃO, 178
- 8 - BIBLIOGRAFIA, 181
- 9 – CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS, 187

AGRADECIMENTOS

Ubyrajara Gilioli, meu mestre, pela confiança e orientação.

Jupira Corbucci, meu sócio e amigo, pela paciência e compreensão.

Alexandre Kishimoto, Antonio Carlos Rossi Jr., Mariana Casoy, Cynthia Malafati e Juliana Fernandes pela edição das imagens.

Eliana Mello pela tradução.

Catharine Gati pelas informações e dicas que nortearam a pesquisa.

João Walter Toscano e Gian Carlo Gasperini pela qualificação.

Jaqueline Vieira e Lenita Rodrigues pela ajuda e incentivo.

Elgson Ribeiro Gomes, Aizik Helcer e Frei Jorge Cid pelos depoimentos e material fornecido.

Agradeço também a inspiração que a obra de Adolf Franz Heep me proporcionou para concluir esta dissertação, prestando-lhe uma homenagem no centenário de seu nascimento.

Maio de 2002

"O projetista que elabora um plano lutando contra as forças que tentam impedi-lo de projetar para a coletividade determina a própria metodologia como comportamento de luta contra aquelas forças. Não se projeta nunca *para* mas sempre *contra* alguém ou alguma coisa: contra a especulação imobiliária e as leis ou as autoridades que a protegem, contra a exploração do homem pelo homem, contra a mecanização da existência, contra a inércia do hábito e do costume, contra os *tabus* e a superstição, contra a agressão dos violentos, contra a adversidade das forças naturais; sobretudo projeta-se contra a resignação ao imprevisível, ao acaso, à desordem, aos golpes cegos dos acontecimentos, ao destino."

Giulio Carlo Argan, em Projeto e Destino

1 - INTRODUÇÃO

Apesar de nosso passado recente arquitetônico ser festejado dentro e fora do país, não conta com um registro historiográfico compatível com sua qualidade. Até bem pouco tempo, o livro de Henrique Mindlin¹ e o livro de Yves Bruandt² eram as únicas fontes de pesquisa sobre a moderna arquitetura brasileira. **A necessidade de investigar o passado para compreender nossa produção atual tornou-se questão de sobrevivência, portanto nos parece pertinente esta pesquisa sobre a obra do arquiteto alemão Adolf Franz Heep, radicado no Brasil, que contribuiu para os fundamentos da arquitetura de habitação coletiva contemporânea em São Paulo após 1952, baseada no modelo racionalista europeu.**

¹ MINDLIN, Henrique. *Modern Architecture in Brazil*. Rio de Janeiro/Amsterdam, Colibris, 1956.

² BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 1981 (o original data de 1971)

Vários profissionais ligados às artes plásticas e arquitetura imigraram para o Brasil em virtude das grandes guerras mundiais no século passado. A enorme repercussão do livro "Brazil Builds" durante o período de guerra foi decisiva para a opção de vinda para o Brasil de vários arquitetos europeus.

Assim vieram o austríaco Bernard Rudofsky, autor do livro *Architecture without Architects* sobre a temática alternativa; o polonês Lukjan Korngold que em 1946 projeta a maior estrutura de concreto armado do país na época, o edifício CBI, no Anhangabaú e posteriormente o primeiro edifício com estrutura metálica no Brasil, o Palácio do Comércio em 1951; o italiano Giancarlo Piretti, pioneiro no desenho de mobiliário industrial no Brasil, que funda, em 1948 o *Studio d'Arte Palma*³ com a romana Lina Bo Bardi.

Lina vem ao Brasil em 1947 acompanhando o marido, Pietro Maria Bardi, crítico de arte e *marchand*, convidado para organizar o Museu de Arte de São Paulo pelo jornalista Assis Chateaubriand, onde sua principal realização foi o projeto do próprio museu.

Franz Heep vem ao Brasil em 1947, também levado pelo desejo de compartilhar a produção aqui realizada. Formado em Frankfurt, teve como professores Walter Gropius e Adolf Meyer, com quem trabalhou até 1928, posteriormente indo para a França trabalhar no canteiro de obras de Le Corbusier. Em 1932 associa-se com Jean Ginsberg, com quem projeta em Paris alguns edifícios de apartamentos de grande sucesso comercial.

Vindo ao Brasil, Heep trabalha com o arquiteto Jacques Pilon, alterando significativamente a linha arquitetônica do escritório, modificando vários projetos já iniciados como a sede do jornal "O Estado de S. Paulo" (atualmente Diário Popular).

³ O *Studio d'Arte Palma* desenvolveu os primeiros móveis próprios para a arquitetura moderna adaptado às condições locais.

Trabalha um breve período com Henrique Mindlin, abrindo escritório próprio em 1950, onde teve uma grande produção de 1954 a 1962 com projetos de residências, edifícios comerciais, residenciais e industriais. Sua obra de maior destaque é o edifício Itália de 1956, na área central de São Paulo.

Certamente estes arquitetos e outros não citados influenciaram e foram influenciados pela arquitetura brasileira, produzindo várias obras baseadas no racionalismo-funcionalista trazido da Europa, devidamente miscigenado com os tons locais.

Portanto, **este trabalho de pesquisa visa resgatar e analisar a obra do arquiteto Adolf Franz Heep em sua estada no Brasil, a partir de referências trazidas de sua experiência profissional na Europa.**

1.1 - Critérios adotados

Para analisar a obra de Franz Heep, foi necessário buscar suas origens em seus estudos iniciais em Frankfurt, influenciado pela Bauhaus, e posteriormente em seu trabalho no canteiro das obras de Le Corbusier de onde assimila a dialética entre externo e interno, a geometria pura e a forma livre onde *"no exterior a vontade arquitetônica é afirmada; no interior todas as necessidades funcionais são satisfeitas"*⁴.

Também foi considerado muito importante para a pesquisa o seu trabalho com Jean Ginsberg em Paris. Juntos produzem, na década de 30 uma obra contundente, considerada hoje na França como precursora do imóvel de habitação contemporâneo.

⁴ Escreveu Le Corbusier sobre a Ville Stein a Garches- Le Corbusier, "Oeuvre Complète", Les Editions D'architecture Erlenbach, Zurique, 1946.

Dividimos seus trabalhos em fases que abrangem contatos com escritórios onde colaborou (Ginsberg e Pilon), com clientes (Otto Meinberg e Construtora Auxiliar) seu próprio escritório e seu trabalho como professor (Universidade Mackenzie).

Achamos por bem relacionar e mostrar a obra de Heep, destacando obras mais significativas, buscando quase um caráter de guia arquitetônico, pois boa parte de seus projetos - excluindo seu acervo no Centro Cultural de São Paulo e o arquivo de algumas construtoras - estava perdida. Cabe lembrar que Heep era uma pessoa sozinha, sua esposa morava em Paris e sua filha em Nova York, portanto quando fecha seu escritório e muda para o Guarujá, litoral de São Paulo, ocorrendo posteriormente o agravamento da doença que o faria voltar a Paris, seus trabalhos se perderam irremediavelmente.

Foi necessária uma busca nos arquivos da prefeitura, a partir dos endereços obtidos pela pesquisadora Catharine Gati, nas reportagens citadas, onde encontramos nos processos de aprovação dos edifícios, as plantas, cortes e elevações que permitiram algumas constatações sobre o universo heepiano.

1.2 - Estudos de caso

Grande parte da obra deste arquiteto encontra-se na região central de São Paulo. São edifícios de escritórios e habitações, *"onde (Heep) criou uma referência de qualidade para edifícios desenvolvidos para o mercado imobiliário, num período de intensa verticalização da cidade de São Paulo"*, segundo a pesquisadora Catherine Gati⁵. Além de São Paulo citamos algumas obras realizadas em Curitiba juntamente com seu colaborador, o arquiteto Elgson Gomes, e

⁵ Gati, Catharine. "Perfil de Arquiteto - Franz Heep". Projeto, São Paulo,(97): 98-104, Março, 1987

algumas obras no Rio de Janeiro, quando trabalhou com o arquiteto Jacques Pilon.

Foram pesquisados também edifícios localizados em Paris, projetados quando de sua sociedade com o arquiteto Jean Ginsberg, que dão consistência a análise da referência maior que Heep traz da Europa e alguns trabalhos realizados em Lima, Peru, quando trabalhava como consultor da ONU.

1.3 - Estrutura do trabalho

Organizamos nossa pesquisa com a seguinte estrutura:

1.3.1 - 1ª Etapa de Pesquisa - Levantamento bibliográfico, leitura, revisão e atualização de dados, estudos iniciais e pesquisa exploratória sobre o objeto de estudo:

A atualização bibliográfica sobre o tema da pesquisa foi realizada nas bibliotecas da FAU-USP; biblioteca do IFA (Institut Français d'Architecture) de Paris e biblioteca da FAU Mackenzie, além da aquisição e leitura de revistas e livros nacionais e internacionais considerados relevantes à pesquisa. Incluiu-se também a revisão de dissertações, teses e outros trabalhos a nível nacional procurando pontos em comum com a pesquisa.

1.3.2 – 2ª Etapa de Pesquisa - Levantamento fotográfico das obras e pesquisa sobre os projetos

Foi feito um levantamento fotográfico de quase todas a obra de Heep nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, no Brasil e em Paris, na França.

A partir da constatação, durante a pesquisa, de que parte dos projetos elaborados pelo arquiteto perdeu-se, foi feita uma busca em

organismos municipais como o Arquivo da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP) e a Divisão de Pesquisas do Centro Cultural de São Paulo (CCSP), bem como visitas a construtoras que ainda tivessem material sobre suas obras.

No arquivo da PMSP foi resgatada a maior parte de seus projetos (planta, cortes e elevações) em cópias xerox posteriormente editadas em meio eletrônico. Outra parte do material para análise foi resgatada na Construtora Auxiliar, que mantém um bom arquivo de suas obras. O restante foi encontrado em revistas da época (Habitat, Acrópole, etc.).

Na Divisão de Pesquisas do CCSP encontramos fotos e depoimentos extremamente relevantes feitos pela pesquisadora Catharine Gati.

1.3.3 – 3ª Etapa de Pesquisa - Entrevistas e depoimentos de colaboradores e pesquisadores

Foi elaborada uma lista de pessoas as quais pertenceram ao círculo de colaboradores, amigos e clientes de Heep, a partir de informações valiosas prestadas pela pesquisadora Catharine Gati.

Foram entrevistados: a própria Catharine Gati, o engenheiro Aizik Helcer, um dos sócios da Construtora Auxiliar, o frei Jorge Cid, antigo pároco da igreja São Domingos, o sr. Frederico Meinberg, filho de Otto Meinberg, da construtora de mesmo nome, os arquitetos Ivan Castaldi, Dario Montesano, Teresa Katinski, Heinz Weder e Elgson Ribeiro Gomes, todos ex-colaboradores de Heep, proporcionando horas de depoimentos.

1.3.4 – 4ª Etapa de Pesquisa - Análise do material coletado

Compilação do material coletado, para análise e conclusões, possibilitando um roteiro sobre a obra deste arquiteto que em pouco mais de dez anos depois de chegar ao Brasil, com 45 anos, elabora o projeto e acompanha as obras de aproximadamente trinta edifícios, várias casas, indústrias e uma igreja, todos desenvolvidos conforme o repertório racionalista europeu, porém azejtando diferenças ideológicas entre a ortodoxia funcionalista, a visão corbusiana do pós-guerra e o impacto da influência da "Escola Carioca" em São Paulo.

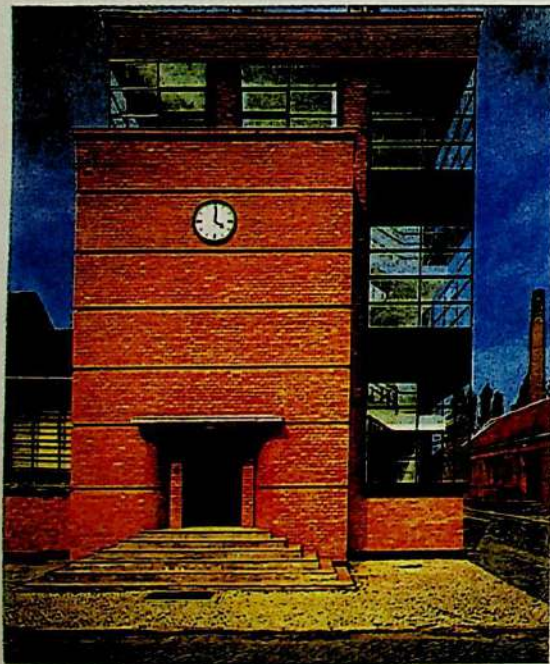
2 - A FORMAÇÃO - 1922 a 1932

Adolf Franz Heep nasceu em 24 de Julho de 1902 em Fachbach, Alemanha⁶, filho de Johann Heep e Anna Maria Stahler.

Estudou arquitetura na Escola de Artes e Ofícios, posteriormente Escola de Artes Aplicadas - Kunsthandwerk - de Frankfurt am Main, onde teve como professores, entre outros, os arquitetos Walter Gropius e Adolf Meyer, do qual se tornaria em seguida colaborador. Trabalhou também como escultor, tendo aprofundado seus estudos de desenho artístico.

2.1 – A influência da Bauhaus

Gropius e Meyer projetaram a fábrica de fôrmas de calçado Fagus, em Alfeld/Leine, Alemanha, em 1914, cinco anos antes de Gropius assumir a direção da Bauhaus de Weimar.



Fabrica de formas de calçado Fagus, em Alfeld/ Leine,
1910 - 1914 - Walter Gropius e Adolf Meyer
Entrada do lado oeste

⁶ Existem controvérsias quanto ao local de nascimento de Heep. Durante a 2ª Guerra Mundial Franz Heep, para sair da França invadida pelo Nazismo, consegue passaporte falso de nacionalidade tcheca. Daí algumas pessoas acharem que Heep nasceu na Tchecoslováquia.

Fundada em 1919 por Walter Gropius e fechada em 1933, sob pressão dos nacional-socialistas, a Bauhaus, segundo Rainer Wick⁷, *"constitui o entroncamento de correntes aparentemente contrárias, que puderam ser mantidas num equilíbrio tenso e produtivo graças à extraordinária capacidade de organização e coordenação de Gropius. Numa primeira fase, conjuga-se neste equilíbrio o pensamento plástico do Expressionismo tardio e o ideal do artesanato medieval; numa fase posterior, passam a dominar as concepções plásticas do Construtivismo e o programa de uma criação da forma, dirigida à objetividade e funcionalidade, tendo em vista as exigências e possibilidades da técnica e indústria modernas"*.

Apesar de não ter estudado na Bauhaus, Heep assimilou o princípio do trabalho de projeto voltado para a prática, pois nos primeiros trinta anos do séc. XX objetivou-se uma renovação teórica e prática da formação artística na Alemanha, onde várias Escolas de Artes e Ofícios, incluindo a de Frankfurt, a Escola Obrist-Debschitz em Munique, a Academia de Arte e Artesanato de Breslau, a Escola Reimann de Berlim, a Escola Folkwang em Essen, a Escola Itten em Berlim, a Escola Weg em Dresden, transformaram-se, ao lado da Bauhaus, em portadoras da reforma das escolas de arte.

Após ter se formado Heep trabalhou como arquiteto consultor no Departamento Municipal de Construções de Frankfurt am Main de 1926 até 1928, quando Adolf Meyer morre.

⁷ WICK, Rainer Pedagogia da Bauhaus - São Paulo. Martins Fontes - 1989.

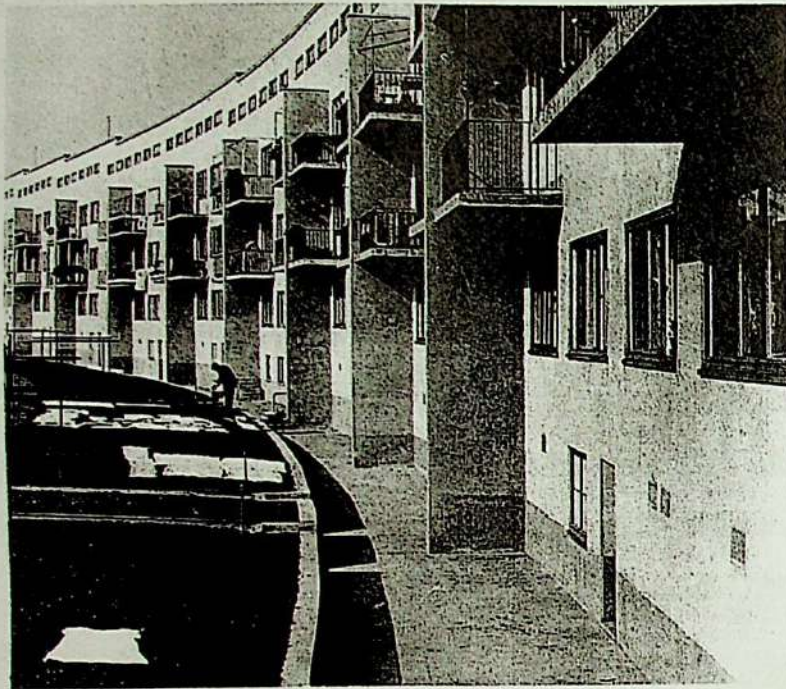
2.2 – O trabalho em Frankfurt

Durante esta época surgiram grandes assentamentos de moradias na Alemanha, como a projetada por Bruno Taut em Berlim e por Ernst May, em Frankfurt am Main (a nova Frankfurt). Não é por acaso que, em face da crescente crise econômica mundial, a questão da falta generalizada de moradia se transformasse no objetivo do II CIAM, realizado em 1929, em Frankfurt, em torno do tema "*A moradia para o mínimo da existência*".

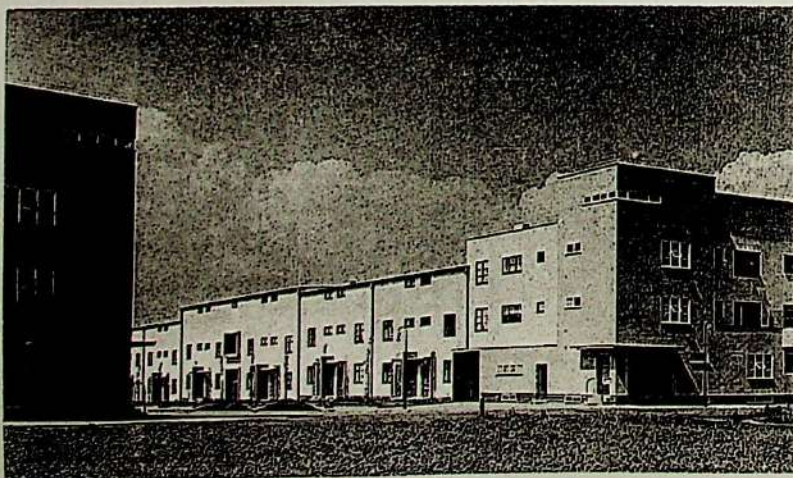
Como consultor de Planejamento da Cidade de Frankfurt, Ernst May, juntamente com H. Boehm, C.H. Rudloff e uma grande equipe desenvolveram os bairros de *Höhenblick* e *Römerstadt* em Frankfurt am Main, tentando industrializar os métodos de construção com elementos industrializados como paredes em painéis pré-fabricados e caixilharias padronizadas.

A experiência de Frankfurt distinguiu-se também pelo cuidado com que aplicava as idéias do design aos pormenores dos interiores como guarnições, puxadores de portas e janelas, banheiros, cozinhas, etc. A "Cozinha de Frankfurt", desenhada por Grete Schütte-Lihotzky, tornou-se o modelo da organização habitacional melhorada onde, num espaço de 3,50 m x 1,90 m continha todos os artefatos caseiros necessários, organizados em inúmeras gavetas e compartimentos.⁸

Sem dúvida Heep sofreu forte influência de todo este movimento, pois trabalhando na prefeitura de Frankfurt, ao lado de Adolf Meyer, certamente teve um contato estreito com os protagonistas destas inovações, aplicando em seus projetos estas referências construtivas, com sucessivas tentativas de industrializar elementos de suas obras desde a estrutura até a caixilharia.



Bairro Römerstadt, Frankfurt am Main, Ernst May, H. Boehm e C. Rudloff, 1927/1928



Bairro Höhenblick, Frankfurt am Main, Ernst May, H. Boehm e C. Rudloff, 1926/1927

⁸ Texto elaborado a partir de informações colhidas em aula na disciplina AUH 5819-5/2-"História Social da Arquitetura e do Urbanismo Modernos", no ano de 1998, ministrada pelo Prof. Paulo Bruna (1º módulo: anos 1920/30/40).

Sem dúvida Heep sofreu forte influência de todo este movimento, pois trabalhando na prefeitura de Frankfurt, ao lado de Adolf Meyer, certamente teve um contato estreito com os protagonistas destas inovações, aplicando em seus projetos estas referências construtivas, com sucessivas tentativas de industrializar elementos de suas obras desde a estrutura até a caixilharia.

Heep, totalmente afinado com os ideais da arquitetura funcional-racionalista dos anos 20/30, época de sua formação e trabalho em Frankfurt, desenvolverá em seus projetos a habitação básica, principalmente em suas inúmeras quitinetes no centro de São Paulo, que visava à satisfação das necessidades mínimas do homem conforme defendido por Gropius e Le Corbusier.

Após a morte de Adolf Meyer, Heep solicita seu afastamento do cargo e transfere-se para a França em 1928, onde trabalha inicialmente no ateliê do arquiteto André Lurçat. Nessa época, Heep estuda em Paris na Ecole Spéciale d' Architecture, escola independente da Beaux-Arts, onde ensinava Robert Mallet-Stevens. Por intermédio de André Lurçat, conhece Le Corbusier, com quem colaborou, aproximadamente de 1928 a 1932, auxiliando o mestre em suas obras por conhecer muito o trabalho de canteiro⁹, atuando menos no desenvolvimento dos projetos, porém, foi fortemente influenciado pelo pensamento Corbusiano.

⁹ Heep havia estudado, na escola profissionalizante em Frankfurt, o ofício da cantaria, tendo trabalhado em diversas obras de Corbusier com a aplicação dessa técnica.

3 - A SOCIEDADE COM JEAN GINSBERG – 1932 a 1945

Uma outra pessoa faz uma trajetória similar à de Heep.

Jean Ginsberg, nascido em Varsóvia em 1905, também migra para Paris em 1924, estuda na Ecole Spéciale d' Architecture, trabalha com Le Corbusier e também com Lurçat, portanto, mais que colega de Heep, Ginsberg será seu sócio e amigo, desenvolvendo juntos importantes obras em Paris.

Ginsberg monta seu escritório em Paris em 1930, tendo como primeiro sócio o russo Berthold Lubetkin, também contemporâneo na Ecole Spéciale, sendo que Lubetkin migra para Londres em 1932, deixando a sociedade. Ginsberg projeta com Lubetkin um edifício na avenue de Versailles, 25, em 1931. Ainda em 1932, Ginsberg convida Heep para ser seu novo sócio, sendo que a parceria será duradoura, permanecendo até 1945, pouco antes de Heep vir ao Brasil em 1947.

Heep e Ginsberg fazem parte da segunda geração do movimento moderno. A influência adquirida com Mallet-Stevens, Auguste Perret e Le Corbusier forma a base da *praxis* do escritório, materializada nas obras posteriores como os edifícios de apartamentos na **avenue de Versailles**, 42 de 1933/1934, na **avenue Vion-Whitcomb**, 5 de 1934/1935 e na **rue des Pâtures** de 1935; alguns projetos de interiores e mobiliário; algumas casas, como a **Villa au Lys-Chantilly**, de 1934, a **Villa a Rueil-Malmaison**, de 1937 e a **Villa a La Celle-Saint-Cloud**, de 1938.

O sucesso e a expansão do escritório antes da segunda guerra mundial se explicam em parte pelo profissionalismo e método de trabalho empregado nos projetos e sua construção. O alemão Franz Heep, o polonês Jean Ginsberg, bem como o sócio anterior, o russo Berthold Lubetkin, têm uma formação cultural característica da Europa Central, pautada na racionalização do vocabulário formal, que

A OBRA DE ADOLF FRANZ HEEP NO BRASIL

contrasta com a cultura arquitetônica francesa, dominada pelo ensino anacrônico da *Beaux-Arts*. Desde o início, o escritório tinha um engenheiro encarregado em resolver os problemas relativos às obras, o colaborador Maurice Breton¹⁰, cujo desempenho no canteiro garantia o controle dos custos, a qualidade de execução da obra e o aprimoramento das técnicas construtivas. Motivo este que as obras realizadas pelo escritório na década de 30 ainda estejam em bom estado e muito valorizadas. Heep, quando migra para o Brasil, utilizará esta experiência em suas obras junto às construtoras no "boom" do mercado imobiliário em São Paulo.

Em artigo na revista *Techniques et Architecture*, o crítico Jean-Claude Garcias cita a obra do escritório de Heep e Ginsberg, na década de 30, como "*precursora do imóvel de habitação contemporânea em Paris*" destacando que tal obra permite abordar o problema do envelhecimento do Movimento Moderno sobre os aspectos dos materiais e do design. Heep e Ginsberg figuram entre os primeiros funcionalistas, os primeiros modernistas, mas seu funcionalismo e sua modernidade não têm nada a ver com o funcionalismo primário, tecnicista e repetitivo que na lógica social do pós-guerra conduziu aos grandes conjuntos urbanos. Menos espetaculares que os experimentalismos dos ícones do movimento moderno, a obra de Heep e Ginsberg é curiosamente não datada.

Diferentemente de Chareau, Le Corbusier ou Mallet-Stevens, Heep e Ginsberg não são ligados a mecenas ou a experimentalismos, mas ao mercado, propondo uma arquitetura que responde às necessidades cotidianas e ideológicas da classe média. A relativa modéstia dos espaços, o gosto exacerbado pelo detalhe, e o uso de materiais duráveis, tornam a produção de Heep e Ginsberg mais

¹⁰ No "Guide de L'architecture Moderne à Paris", Maurice Breton aparece como arquiteto, co-autor do projeto junto com Heep e Ginsberg, no edifício da av. de Versailles, 42. Na realidade ele era apenas consultor técnico na obra, não participando do processo criativo do projeto.

facilmente reinterpretável atualmente, que o arsenal formal corbusiano.¹¹

Com a ocupação nazista na França Ginsberg, que era de origem judaica, se refugia do governo de Vichy com a ajuda de Heep, que, tenta manter o escritório com pequenas reformas, consolidando nas agruras da guerra a amizade dos dois colegas. Em 1941, a usina de tratamento de madeira, Compagnie Industrielle des Bois, em Bonneuil sur-Marne, sofre um grave incêndio, sendo totalmente destruída. O presidente da companhia, conhecido de Ginsberg, contrata o ateliê para desenvolver o projeto de uma nova fábrica. O esforço para se implantar a indústria, em plena guerra, com a França invadida, aproximava-se de uma aventura quixotesca, que teve término somente em 1948, quando Heep, já não estava mais com Ginsberg. Heep, em 1945, desfaz a sociedade com Ginsberg e vai para a Alemanha, convocado para a reconstrução do país, trabalhar em obras públicas.

É nessa época que Heep negocia sua vinda ao Brasil. A partir da repercussão do livro *Brazil Builds* durante o período da guerra e da existência de familiares de sua esposa no país, definiu o local para reconstruir suas vidas. Não havia mais condições de permanecer na Alemanha, nem de voltar à França. Por intermédio de seu ex-sócio, Ginsberg, Heep consegue uma passagem para o Brasil e um passaporte, vindo inicialmente ao Rio de Janeiro e posteriormente a São Paulo, onde contata o escritório de Jacques Pilon, que por afinidade da língua e interesse em seu trabalho, resolve contratá-lo.

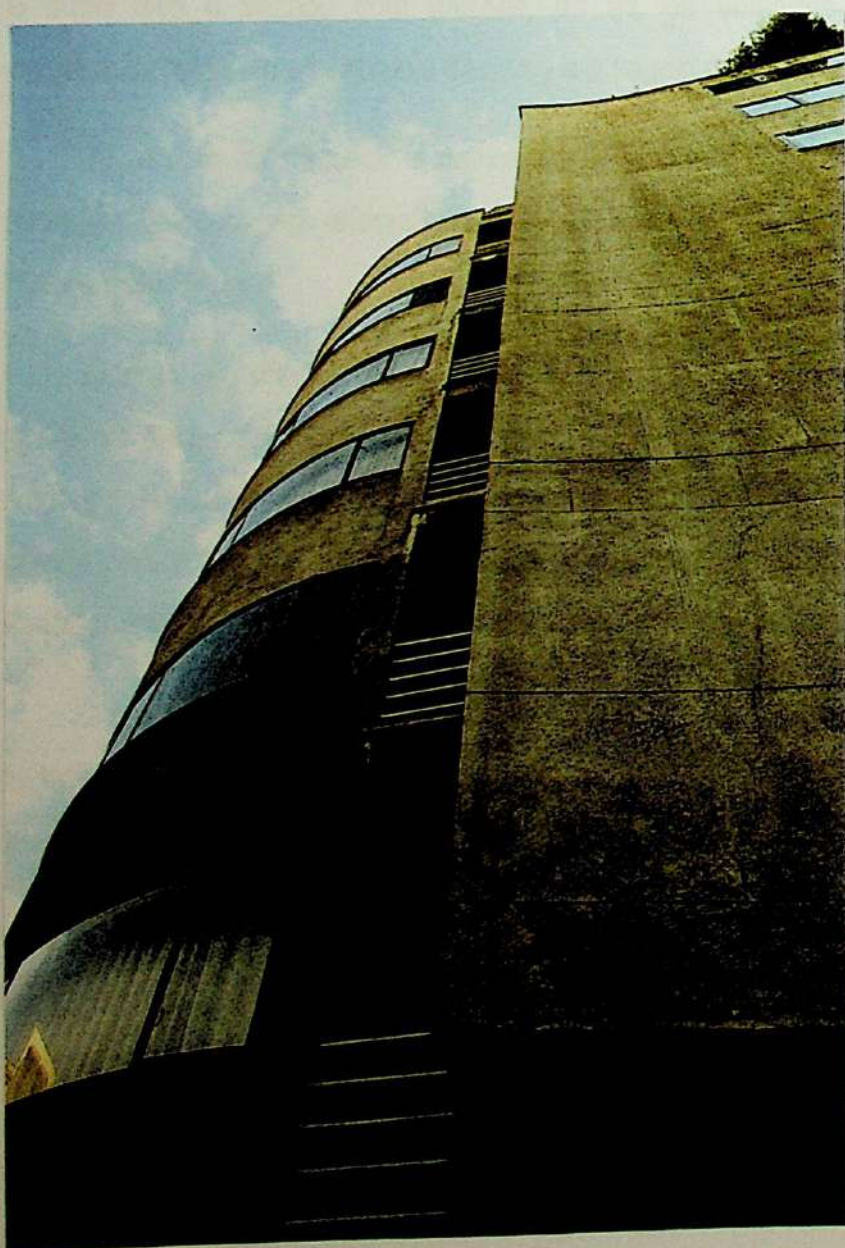
Terminada a guerra, Ginsberg projeta um novo imóvel em Paris, na rue de Lübeck, 11, em 1948, já sem a participação de Heep. A

¹¹ O conceito da proposição foi baseado no livro de Philippe Dehan, "Jean Ginsberg une modernité naturelle", Paris, Ed. Connivences, 1987, e no artigo "L' Immeuble de Rapport et les Atours de la Modernité", de Jean-Claude Garcias, revista *Techniques et Architecture*, nº 331, jun/jul de 1980.

fachada denota uma inspiração clássica nas janelas, nos adornos e detalhes.

A influência moderna na arquitetura do escritório toma novos rumos com a saída de Heep da sociedade.

Heep dará continuidade a sua obra de inspiração racionalista no Brasil enquanto Ginsberg pratica uma arquitetura eclética, projetando casas na Côte d' Azur e prédios de luxo no 16º arrondissement, reinterpretando seu passado moderno.



3.1 – O edifício na avenue de Versailles

Localizado no nº 42 da Av. de Versailles, em um lote de esquina com a rue dès Pâtures, o famoso edifício residencial, construído em 1934, projetado por Heep e Ginsberg, foi definido pela publicação "Guide de L'architecture Moderne à Paris", como um dos mais belos edifícios em esquinas de Paris.

Destacando a rotonda não como um mero artifício para vencer uma esquina, mas como um elemento articulador de dois volumes contrastantes da edificação: um maciço e fechado, na rua dès Pâtures e outro leve e vazado com balcões, na av. de Versailles, que encaixados reforçam a hierarquia das ruas e o ângulo da esquina.

A solução de descolar a edificação do entorno, por meio de pequenos balcões, será retomada no edifício Ouro Preto projetado por Heep em São Paulo.

Quanto à distribuição interna dos ambientes temos no pavimento térreo, além de cômodos pequenos - na época, reservados a criadagem - o hall de acesso, o apartamento de zelador e uma loja voltada para a fachada principal a av. de Versailles. A ventilação dos cômodos é feita por um pequeno pátio ou pela rua dès Pâtures.

O pavimento tipo é dividido em quatro apartamentos tipo *studios* ou "três peças" (quarto, sala e cozinha).

O 7º pavimento comporta dois grandes apartamentos com terraços e os 8º e 9º pavimentos são ocupados por apartamentos duplex, com grandes terraços sinuosos formando na fachada um efeito plástico de curvas, cheios e vazios que conferem a edificação movimento e singularidade.

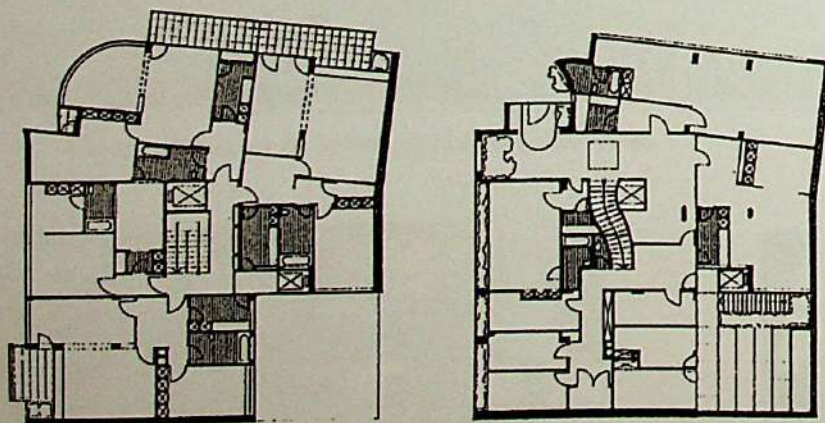
Diversas soluções tecnológicas posteriormente incorporadas definitivamente aos imóveis de habitação foram utilizadas inicialmente nesta edificação:

- Utilização de **paredes divisórias funcionando como armários nos dormitórios;**
- Instalação dos **relógios de medição de energia elétrica e de gás agrupados num armário embutido na parede do hall comum do pavimento, ao invés de estarem no interior do apartamento como era habitual, mantendo a privacidade do morador e facilitando o trabalho do funcionário;**
- Utilização de **“paredes molhadas” entre o banheiro e a cozinha, agrupando todas as tubulações em dutos verticais;**
- Utilização de um **segundo elevador ao invés de uma escada de serviço, com economia de espaço;**
- Utilização de uma **tralha no ultimo pavimento para auxiliar no içamento de móveis durante as mudanças;**
- Colocação de **tubulações elétricas para passagem de fios, embutidas na estrutura e lajes em concreto, facilitando a instalação e sua preservação;**
- Utilização de **placas pré-moldadas apoiadas sobre pequenos suportes reguláveis sobre o piso dos terraços externos, permitindo uma superfície perfeitamente plana apesar da inclinação para o escoamento da água;**

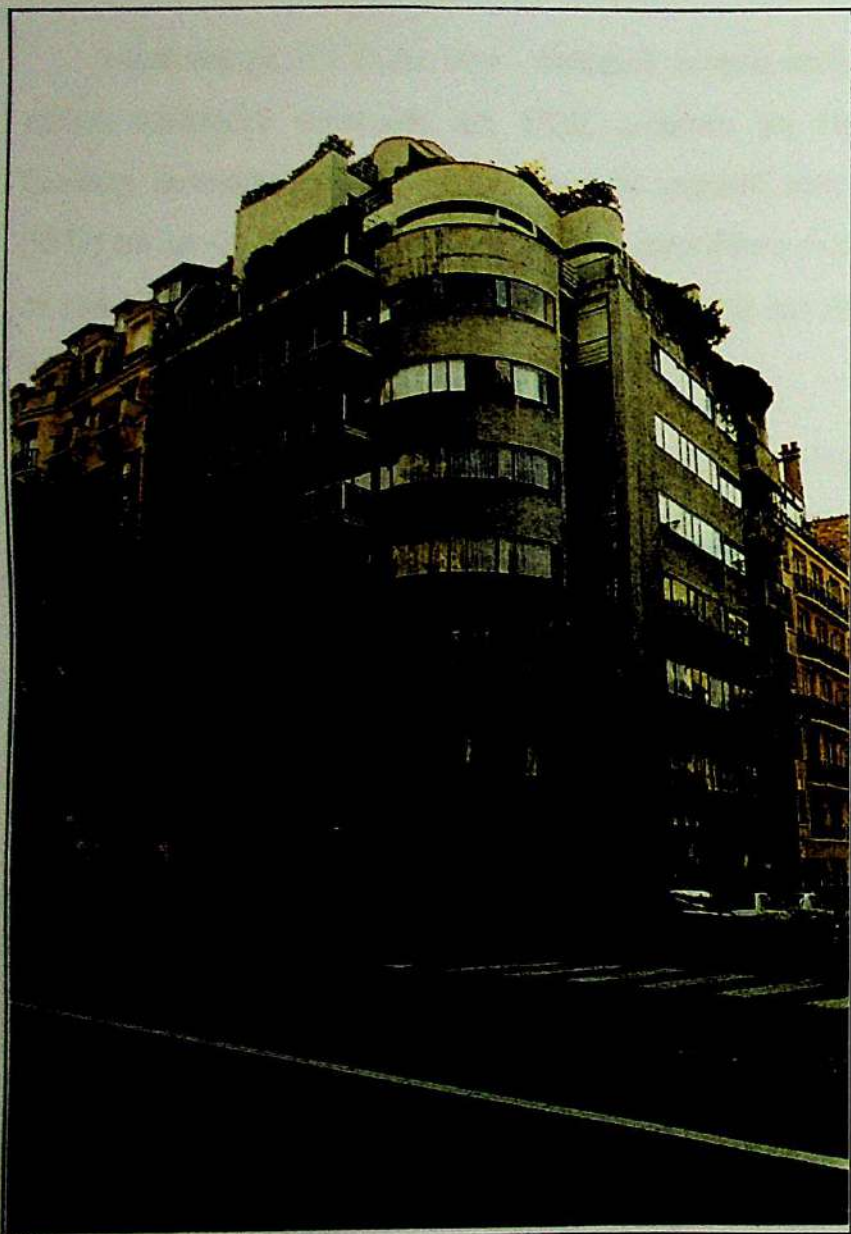
O excelente estado de conservação atual desta edificação e sua crescente valorização no mercado, fruto da qualidade que Ginsberg e Heep empregaram em suas obras - no controle do canteiro, na utilização de bons materiais e na preocupação da adaptação da edificação aos problemas da vida cotidiana - demonstram a

indissociabilidade da compreensão das necessidades básicas dos usuários da habitação de suas qualidades estéticas e soluções funcionais.

Esta edificação será objeto de inúmeras publicações internacionais que ressaltam suas inovações técnicas e funcionais. Porém, o projeto que aparece nestas publicações não corresponde ao construído. Uma mínima mudança na angulação do terreno de esquina obrigou os arquitetos a alterarem o esquema funcional ideal que haviam elaborado. Entretanto em quase todas as publicações permanece a planta original, com a geometria pura do ângulo reto, mais legível e mais condizente com a imagem de modernidade que se queria passar.



Planta pavimento tipo e térreo
Edifício na Av. de Versailles, 42 - 1933/43



Elevação da esquina Av. de Versailles com Rue des Pâtures



Elevação Av. de Versailles



Elevação rue des Pâtures



Detalhe da esquina



3.2 – O edifício na avenue Vion-Witcomb

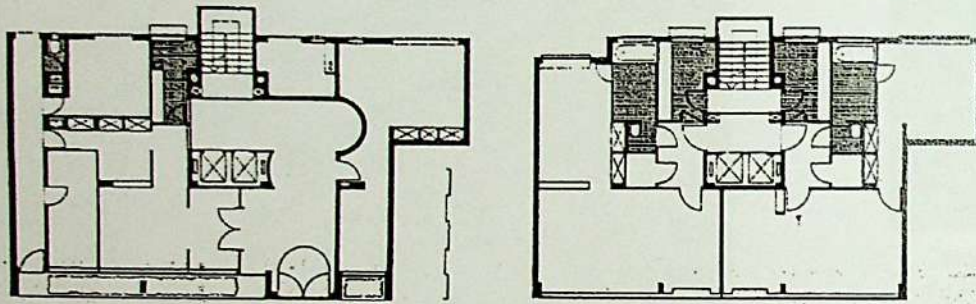
Localizado no nº 5 da Av. Vion - Whitcomb, também um luxuoso edifício residencial construído em 1935, projetado por Heep e Ginsberg, apresenta semelhança com um outro projetado anos antes (1932) por Le Corbusier e seu primo e colaborador Pierre Jeanneret na rua **Nungesser et Coli**, denotando forte influência que os dois tiveram do mestre Le Corbusier.

Anteriormente em 1934, um outro projeto de Heep e Ginsberg, para um edifício de pequenos apartamentos de aluguel que nunca foi construído, apresentava uma solução similar onde as grandes *bow-window* são substituídas por dois enormes terraços lembrando o **edifício "Clareza"** de Le Corbusier em Genebra, construído em 1930.

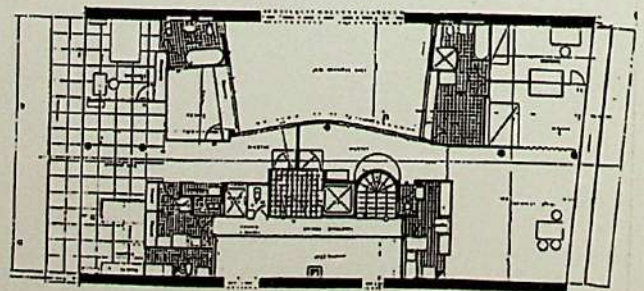
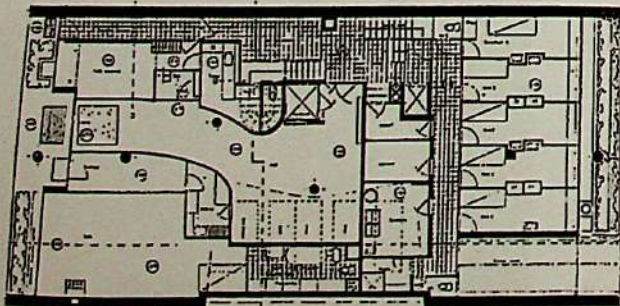
No edifício de Heep e Ginsberg o pavimento tipo é composto de dois apartamentos, contendo todas as inovações tecnológicas e funcionais do edifício anterior, construído na avenue de Versailles, 42, porém sofrendo evoluções.

A escada, que até então tinha um tratamento diferenciado como acesso principal da edificação dá lugar a dois elevadores, passando a edificação a ter dois acessos: um social, por elevadores e outro de serviço, pela escada com entrada direta pela cozinha do apartamento. Esta inovação **generaliza o uso de elevadores** como principal acesso aos edifícios.

A fachada diferentemente do edifício que o influenciou o qual utilizava estrutura metálica e vidro, apresenta uma fachada com revestimento em mármore travertino contrastando com a leveza do vidro aramado dos guarda-corpos dos terraços.



Planta pavimento tipo e térreo do edifício da Av. Vion-Whitcomb,5
Heep/ Ginsberg - 1935



Planta pavimento tipo e térreo do edifício rue Nunguesser et Coli
Le Corbusier/ Pierre Jeanneret - 1932



Elevação do edifício da Av. Vion-Whitcomb,5
Heep/ Ginsberg - 1935



Detalhe da entrada do edifício
da Av. Vion-Whitcomb,5



Elevação Edifício rue Nungesser et Coli
Le Corbusier/ Pierre Jeanneret - 1932



Detalhe da fachada do edifício da Av. Vion-Whitcomb,5

3.3 – O edifício na rue dès Pâtures

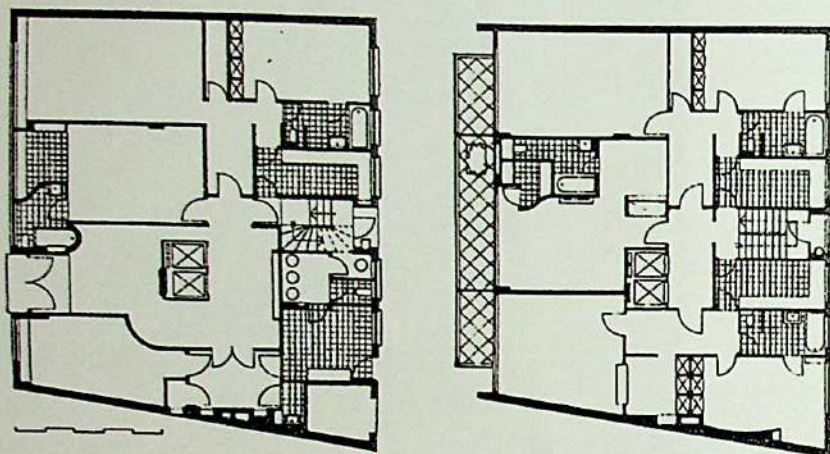
Este edifício construído na rua de Pâtures, próximo à av. de Versailles é o último da série construída antes da guerra seguindo os mesmos conceitos dos edifícios anteriores porém, aperfeiçoando-os.

Também seria o último projetado por Heep e Ginsberg. Após a guerra, Heep vem para o Brasil e Ginsberg continua na França.

Diferente dos edifícios anteriores, onde os pavimentos apresentavam nuances com balcões, *bow-window*, vãos ou *loggia* - explicitando um domínio da forma em relação à função. A fachada é composta de terraços em toda a extensão na largura, para o qual estão voltados os três apartamentos de cada pavimento. Pela primeira vez, **a plástica externa se submete à ordem da planta**, sendo que mesmo as formas mais simples, como a parede curva no apartamento do centro, são utilizadas para resolver problemas funcionais de distribuição.

A importância maior deste edifício é que diferentemente dos outros desenvolvidos por Heep e Ginsberg ele é resultado de uma reflexão, livre das influências anteriores.

O andar-tipo é constituído de três apartamentos: um estúdio no centro e dois apartamentos de "duas peças", isto é, quarto e sala, nas extremidades. Destacamos a abertura da cozinha e do banheiro do estúdio para a fachada frontal, impensável num imóvel parisiense, onde esta fachada era reservada a ambientes mais nobres. O acesso para a cozinha é feito por uma parede curva, voltada para o terraço, preservando o cômodo do estúdio de quem entra no ambiente.



Planta pavimento térreo e tipo



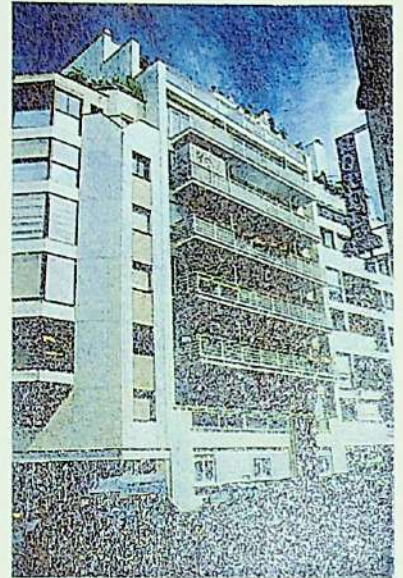
Elevação Ed. Rue des Pâtures/Paris - 1935



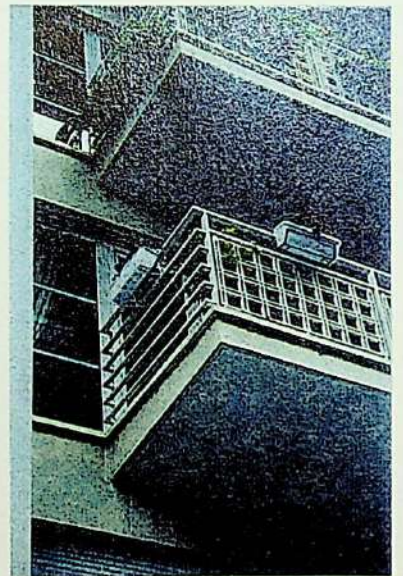
Elevação ed. Davina L. Nogueira - Av S. João/S.Paulo - 1949



Elevação da rue des Pâtures



Elevação da rue des Pâtures



Detalhe do terraço



Detalhe do terraço

4 - A CHEGADA AO BRASIL - 1947 a 1950,

Em 24 de novembro de 1947 Heep chega ao Rio de Janeiro, seguindo de imediato para São Paulo, metrópole emergente, onde o crescimento e a modernização constituíram importantes atrativos à imigração.

Regina Meyer, em sua tese de doutorado¹², destaca que os imigrantes trazidos pelo êxodo da guerra *"vinham sobretudo com a expectativa de encontrar um país e uma metrópole em desenvolvimento, em processo ostensivo de modernização. Eram imigrantes urbanos à procura de vida urbana, sem dúvida de vida capitalista, para contribuir e usufruir dos seus atributos"*.

Heep encontra no escritório de Jacques Pilon, talvez um dos maiores escritórios de projetos de São Paulo na época, a chance de contribuir e usufruir dos atributos de crescimento e modernização da metrópole, configurando de imediato alterações profundas na linguagem dos projetos do escritório. A habilidade e experiência de trabalho em Paris com Le Corbusier e Jean Ginsberg foram decisivas para seu entrosamento com Jacques Pilon, marcando uma fase dentro do escritório com a revisão de vários projetos já em andamento.

¹² Ver tese de doutorado de Regina Maria Prosperí Meyer, "Metrópole e Urbanismo - São Paulo Anos 50", FAUUSP, São Paulo, 1991

4.1 – O trabalho com Jacques Pilon

Jacques Pilon, nascido na França em 1905, vem com sua família para o Brasil em 1910, quando seu pai foi encarregado de reorganizar e dirigir o Porto do Rio de Janeiro. Volta para a França para estudar, concluindo seu curso de Arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes de Paris, em 1932. Retorna ao Rio de Janeiro em 1933, onde começa a trabalhar com o arquiteto Robert R. Prendice.

Em 1934, Pilon vem a São Paulo para fiscalizar as obras do Edifício Sulacap, vindo a se estabelecer na cidade. Associa-se ao engenheiro Francisco Matarazzo Neto, montando a empresa Pilon & Matarazzo Ltda, a PILMAT. A sociedade dura até 1939, sendo que nesse período realizam grandes edifícios no centro da cidade, importantes obras públicas e residências de alto padrão. A partir dessa data Pilon realiza um grande número de edifícios comerciais e residenciais no centro da cidade, demonstrando uma grande capacidade empreendedora, estando sempre cercado de excelentes colaboradores.

Jacques Pilon é definido segundo Carlos Lemos¹³, *“como o homem refinado e de bom gosto, mas excessivamente pragmático, olhando atentamente as conveniências financeiras ou econômicas dos seus empreendimentos arquitetônicos”*. Segue afirmando que dependeu muito de seus colaboradores e que junto com Warchavchik e Rino Levi *“podem ser taxados de responsáveis pela introdução de uma visão moderna que, aos poucos, foram condicionando a burguesia a aceitar a arquitetura racionalista contemporânea. Ajudaram a abrir a porta emperrada pelo convencionalismo tradicionalista”*.

¹³ LEMOS, C. A. de C. 1987. *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. Organizado por Annateresa Fabris. São Paulo, Nobel/Edusp, pg. 68 a 103.

A OBRA DE ADOLF FRANZ HEEP NO BRASIL

Quando Heep chega, Pilon já tinha como colaborador, no escritório, o arquiteto Herbert Duschenes, nascido em Hamburgo, Alemanha, desde 1940, trabalhando com Pilon até 1948. Duschenes deu importantes depoimentos sobre a fase de trabalho de Heep com Pilon, citados na tese de mestrado de Ilda Castello Branco¹⁴ sobre a arquitetura no centro da cidade.

Heep se entrosa com o pessoal e com o trabalho no escritório de Pilon, mesmo trabalhando como colaborador e não como associado como desejava. O mesmo não acontece com sua esposa Marie, que não se adaptando ao Brasil volta à França com sua filha, vindo de tempos em tempos visitar o marido, quando permanecia algum tempo no país, mudando-se definitivamente após o golpe de 1964, retornando somente em 1978 para buscar seu marido enfermo.

O primeiro projeto do escritório de Pilon que Heep toma parte é o da sede do jornal o "Estado de S. Paulo" - hoje Diário Popular, na esquina das ruas Major Quedinho com Martins Fontes, fazendo alterações significativas no projeto já existente datado de 1946, em estilo decô. Tomaram parte neste projeto também Duschenes e o Arq. Gian Carlo Gasperini, este último a partir de 1951, quando o edifício estava na fase final de acabamento. Gasperini permaneceu no escritório de Pilon, até 1958, quando entrou o arquiteto Jerônimo Bonilha Esteves, que colaborou com Jacques Pilon até 1962, quando este faleceu.

Segundo a pesquisadora Catharine Gati¹⁵, *"Deve-se a Heep o corte feito na quina do prédio, conferindo-lhe o seu perfil característico. Foi ele também quem colocou as grandes máquinas rotativas no subsolo, tornando-as visíveis aos transeuntes. São ainda de sua autoria os brise-soleil em lâminas horizontais de chapa metálica*

¹⁴ Ver dissertação de mestrado de Ilda Castello Branco, "Arquitetura no Centro da Cidade - Edifícios de Uso Coletivo em São Paulo 1930/50", Volume II - FAUUSP, São Paulo, 1989.

¹⁵ Gati, Catharine. "Um Artífice do Racionalismo - Franz Heep". Revista AU, São Paulo,(53): 79-91, Abri/Maio, 1994

dobrada acionados por alavanca nas três fachadas. Os brises, mais o característico relógio de 20 m de altura conferem ao edifício o caráter moderno. A monumentalidade resulta da interrupção da modulação das esquadrias nos andares nobres - 5º e 6º - por uma superfície fechada, rasgada por um terraço sustentado por pilares da altura de dois vãos. O mural externo de Di Cavalcanti e os painéis internos de Clóvis Graciano e Cândido Portinari promovem a integração entre arquitetura e artes plásticas, tão cara aos arquitetos de tradição bauhausiana”.

O edifício do Estado de S. Paulo utiliza pela primeira vez, em um edifício de vulto, o *brise-soleil* em São Paulo, um dos vários recursos que Heep utilizará nos anos seguintes para dar modulação, movimento, escala e ritmo uniforme à fachada, a exemplo da preocupação que Le Corbusier já demonstrara na origem da invenção do *brise-soleil*, proposto em 1933 em seus projetos para a cidade de Alger. Porém, os *brises* utilizados por Heep são bem diversos daquele imaginado pelo mestre franco-suíço para um país mediterrâneo, para o qual sugerira um *brise-soleil* fixo, formado por uma malha ortogonal de lâminas de concreto.

No caso, Heep utiliza, conforme a orientação das fachadas, apenas o emprego de lâminas horizontais necessariamente móveis, possivelmente inspiradas na Obra do Berço de 1937, de Oscar Niemeyer que por conseguinte inspirou a equipe (da qual Niemeyer fazia parte) que desenvolveu os estudos iniciais de Le Corbusier para o prédio para o Ministério da Educação e Saúde de 1936 a 1943. Portanto temos uma referência corbusiana, o *brise-soleil*, assimilado por Heep, quando trabalhou com o mestre racionalista, e utilizado quando de sua estada no Brasil, segundo uma interpretação de efeito mais plástico e eficiente dada por Oscar Niemeyer.



Além do edifício do OESP Heep, utilizará *brises* em outros prédios desenvolvidos para Pilon, como no **edifício Vicente Filizola**, de 1952, no **edifício R. Monteiro**, de 1950 e no prédio da **Casa da França**, de 1950, no Rio de Janeiro (aliás quase defronte ao prédio do Ministério da Educação e Saúde) trazendo uma identidade moderna aos prédios elaborados pelo escritório.

O escritório de Pilon vive uma nova fase depois da chegada de Heep. Os projetos passaram a ser concebidos numa linguagem influenciada pela arquitetura moderna.

É deste período o projeto do **Banco Noroeste**, na rua Álvares Penteado, onde lançou a solução inédita de duplicar o piso térreo dos bancos através de meios planos em relação à calçada e os edifícios residenciais **Tinguá e Davina Lara Nogueira**, próximos ao Largo do Arouche e muito influenciados pelos edifícios desenvolvidos em Paris juntamente com Jean Guinsberg.

Por volta de 1945 a 1947 o escritório de Jacques Pilon iniciava o projeto de vários grandes edifícios na cidade, o **edifício R. Monteiro**, o **edifício Vicente Filizola**, o **edifício Salim Farah Maluf**, o **edifício Atlanta**, o **edifício Santa Mônica**, o **edifício Basílio Jafet** e o **edifício para a Liga das Senhoras Católicas**, todos repensados¹⁶, após a entrada de Heep no escritório de Pilon, sendo suas obras finalizadas por volta de 1950.

No Rio de Janeiro, além do **edifício Casa da França**, viabilizado para a colônia francesa radicada na cidade, Heep desenvolve um conjunto de três prédios residenciais construídos para a classe média alta, os **edifícios Chopin, Prelúdio e Ballada**, na avenida Atlântica, onde usa conceitos de edifícios de escritórios em prédios residenciais, como grandes caixilhos na fachada.

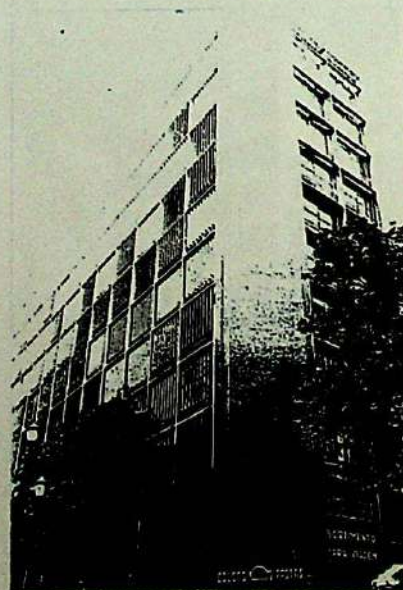
¹⁶ Em pesquisa junto à Prefeitura Municipal de São Paulo, com vistas aos processos de aprovação destes edifícios, vimos que aparecem nas folhas o número do processo anterior, já aprovado, por volta de 1946, e a data de sua substituição por outras revisadas por volta de 1950.

O edifício R. Monteiro tem o início de seu projeto em 1946 (alvará nº 26.428), sendo que em 1950 suas plantas aprovadas são substituídas pelo projeto alterado por Heep. Num terreno estreito e comprido, posicionado na extremidade do quarteirão formado pelas ruas Quintino Bocaiúva, José Bonifácio e Barão de Paranapiacaba, no centro velho financeiro de São Paulo, com face maior voltada para a rua Quintino Bocaiúva, ergue-se um edifício de dez pavimentos, de uso comercial, com um pavimento tipo de 11 salas dispostas de frente para a via de frente maior e outras duas para as outras vias.

Como a fachada maior é voltada para a face oeste, Heep posiciona um conjunto de brises metálicos verticais - para amenizar o sol da tarde - contidos entre uma grelha formada pelo prolongamento da laje e dos pilares. Tal solução é similar - porém mais simplificada - do que a adotada no edifício do jornal "O Estado de S. Paulo".

Destacamos também a marquise que acompanha a declividade da rua, separando o acesso à loja no térreo dos andares superiores, utilizando ainda uma faixa intermediária de elementos vazados de altura variável, valorizando a confluência, enquanto fachada, pelo diálogo da grelha estrutural da fachada com a marquise inclinada.

Mais recentemente, o edifício sofreu reformas ficando descaracterizado. Os brises metálicos foram arrancados sendo colocado um filme espelhado nos vidros da face mais insolada e nas outras por decorrência, perdendo a edificação sua referência mais cara ao ideário moderno, passando então despercebido ao conjunto de prédios da área central.



O edifício do **Banco Noroeste** também teve um projeto aprovado em 1947 (alvará nº 3.572/8-4-1947), sendo revisto por Heep e apresentado uma substituição de planta aprovada em 1949.

Implantado no centro financeiro de São Paulo, na rua Álvares Penteado apresenta um conceito de banco aberto, onde amplia a agência bancária localizada no pavimento térreo em dois planos a partir do hall de entrada, situados a meio piso acima e abaixo em relação ao nível da calçada. A visibilidade deste térreo ampliado fica reforçada pelo pé-direito duplo logo na entrada pela calçada, com uma caixilharia tomando a dimensão total da fachada. Este caixilho em ferro e vidro está até hoje em boas condições, bem conservado, vencendo a dimensão do pé-direito duplo do térreo com o auxílio de uma estrutura tubular fixada internamente no piso e no teto.

Segundo depoimento de março de 1978 do arquiteto Plinio Croce¹⁷ foi Heep quem lançou o conceito novo de duplicar o piso térreo dos bancos, tendo feito inclusive outros dois projetos com a mesma solução, porém durante nossa pesquisa de campo não foi possível localizá-los.

O restante do corpo da edificação desenvolve-se em 10 pavimentos com planta-tipo do 1º ao 4º pavimento, com um salão para escritórios na frente e os sanitários e circulação vertical ao fundo, escalonando nos 5º, 7º e 9º pavimentos para atender à legislação onde o recuo possibilita o aumento da altura da edificação.

O edifício **Vicente Filizola** teve um projeto aprovado em 1948 (alvará nº 4.882 de 24/11/1948), sendo revisto por Heep e apresentado uma substituição de planta aprovada em 1952.

Trata-se de um edifício de escritórios, com 10 pavimentos, situado à rua da Consolação, 63/71, no centro de São Paulo,



¹⁷ Depoimento feito em entrevista concedida à Catharine Gati em março de 1978, quando da pesquisa "Perfil de um arquiteto - Franz Heep" para o Centro Cultural São Paulo

encomendado a Jacques Pilon pelos irmãos Filizola, tradicional fabricante de balanças. O andar-tipo é em formato de "H", com duas salas comerciais na fachada frontal, voltada para norte, onde Heep utiliza brises metálicos instalados na horizontal, emoldurados numa grelha, solução similar à adotada nos edifícios "O Estado de S. Paulo" e R. Monteiro. Na fachada posterior, voltada ao sul, somente janelas. Ao centro temos sanitários e bloco de circulação vertical. O balcão no 1º pavimento constitui elemento forte na composição da fachada, arrematando a fachada com brises.

O edifício encontra-se completamente desfigurado, tendo sido retirados os brises metálicos e o balcão da fachada frontal.

O **edifício Salim Farah Maluf**, construído à rua Florêncio de Abreu, 28, no centro de São Paulo, tem projeto iniciado em 1949 e alterado em 1951, apresentando fachada similar aos edifícios Basílio Jafet e Banco Noroeste, desenvolvidos por Heep, onde uma grelha quadrada na fachada, deslocada no plano horizontal da viga que sustenta a laje de piso, divide o caixilho em uma parte central com janela de correr, e dois menores, um superior e outro inferior com janelas basculantes para ventilação.

As grelhas na fachada, além de organizar as possibilidades de aberturas para iluminação e ventilação, defendidas por Heep em quase todos seus projetos, conferem modularidade e grafismo as fachadas.

Os pavimentos-tipo organizam-se em um conjunto de salas na fachada frontal e um outro conjunto na fachada posterior, com um bloco central de sanitários e circulação vertical.

Destacamos ainda duas faixas, uma em cada extremidade lateral da edificação, com aberturas verticais, que descolam a grelha das edificações vizinhas, destacando-a na fachada.



O edifício **Atlanta**, concebido inicialmente como hotel-residência com 14 pavimentos, de um quarto só, construído na praça da República, 146, centro de São Paulo, para renda pela Construtora Jacques Pilon, teve seu uso alterado para comercial. *residencial*

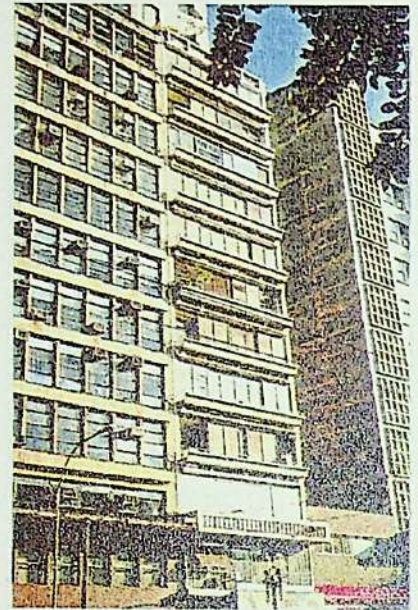
O projeto, datado de 1945/1949, também sofreu várias alterações promovidas por Heep, a partir do projeto inicial.

As venezianas de correr, em alumínio, protegem e integram a sala e um confortável terraço que abre para a praça. As jardineiras funcionam como guarda-corpo, dando uma característica peculiar a este prédio no conjunto de edificações de frente para a praça, compondo juntamente com o edifício Esther de Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho, de 1936, *"um dos melhores exemplares da arquitetura moderna"*, conforme cita Ilda Castello Branco em sua dissertação de mestrado, "Arquitetura no Centro da Cidade - Edifícios de Uso Coletivo - São Paulo 1930 - 1950" vol. 2.

Destacamos ainda os quatro andares de cobertura onde Heep desloca o volume superior, para a lateral esquerda, encostando-o na edificação vizinha, portanto possibilitando a abertura de janelas na lateral direita e ganhando com a assimetria do coroamento uma dinâmica da fachada já reforçada pelas jardineiras/brise e pelas venezianas de correr no terraço.

O edifício **Santa Mônica**, construído na praça da República, 162/172, no Centro de São Paulo, próximo do edifício Atlanta, utiliza o mesmo recurso de deslocar o eixo de simetria dos últimos pavimentos que estão recuados, para a direita.

Na realidade os dois edifícios estão praticamente lado a lado, observando o mesmo gabarito, tendo outra edificação entre eles. Poderiam ser prédios gêmeos, porém o uso os distingue, sendo o vizinho residencial e este comercial portanto, o terraço com



venezianas no edifício residencial, cede lugar a grandes caixilhos emoldurados por uma grelha, no comercial.

O edifício **Basílio Jafet**, datado de 1947/1950, situado na avenida Ipiranga, 879, é um belo exemplar de um prédio de escritórios, com fachada de linhas simples e modernas, seguindo as mesmas características dos edifícios alterados em seu projeto inicial por Heep, quando de sua entrada no escritório de Pilon.

Notar que os caixilhos já apresentavam o característico peitoril baixo (40 cm), possibilitando janelas baixas, além do caixilho de correr, que permitiam uma ventilação permanente e cruzada no ambiente. Esta solução será utilizada inúmeras vezes por Heep.

A planta é simples, organizada em "H", com salas dispostas na fachada frontal e posterior e circulação vertical com sanitários no centro da edificação. No pavimento térreo, além do hall de acesso, deslocado para a esquerda, foram previstas uma loja e sobreloja.

Outro elemento marcante e recorrente na fachada, que define o embasamento da edificação e marca o início dos pavimentos-tipo, é o balcão no 1º pavimento.

O edifício da **Liga das Senhoras Católicas**, com data de projeto de 1949/1950, localizado na rua Jaceguai, 402 Bela Vista, centro de São Paulo, divide-se em um volume inferior, abrigando atividades de maior fluxo de público - como um teatro para 500 lugares e a entidade Liga das Senhoras Católicas, que servem de base para um volume vertical, destinado a residências.

A entidade ocupa o 1º e 2º pavimento da edificação formando um bloco coeso, sendo que do 3º ao 10º pavimentos a edificação divide-se em duas torres de apartamentos dispostos em linha, voltados para a rua e para o fundo do terreno, com circulação vertical ao centro. O 9º



e 10 ° pavimento obedecem o escalonamento ditado pela legislação em troca de altura.

Atualmente funcionam no local os escritórios do grupo Silvio Santos e o Teatro Imprensa administrado pelo grupo.

O edifício da Casa da França, com data de projeto de 1950, localizado a avenida Presidente Antônio Carlos, esquina com à avenida Franklin Roosevelt, no centro do Rio de Janeiro, foi viabilizado pela Colônia Francesa radicada no Rio de Janeiro, com o apoio do Governo Francês, implantado em um terreno doado pela Prefeitura, na Esplanada do Castelo, na confluência das Avenidas Presidente Antônio Carlos e Presidente Franklin Roosevelt, tendo como vizinhança o ícone modernista Ministério da Educação e Saúde (1937-1943). O projeto da Casa da França, desenvolvido no escritório de Jacques Pilon por Franz Heep, congrega o ideário modernista, sofrendo influência de seu famoso vizinho.



Xavier, Britto e Nobre¹⁸ destacam na edificação que “os detalhes bem resolvidos revelam um estudo técnico consistente. A fachada mais exposta ao sol poente recebeu quebra-sol vertical móvel, construído por lâminas de vidro especial com propriedades antitérmicas, originalmente empregados de alto a baixo, com exceção da galeria do 6º andar. A outra fachada foi inteiramente revestida com vidro antitérmico de tonalidade esverdeada. Os interiores, concebidos por Henri Mouron, se adequam à funcionalidade do projeto, em linhas claras e bem definidas”.

A edificação também é destaque da edição nº 217 de 1956 da revista Acrópole, pág. 23 a 25, ressaltando que a “obra arquitetônica das mais modernas enquadra-se perfeitamente no estilo que prevalece nas construções daquele recanto do Rio de Janeiro”.



¹⁸ Ver o livro "Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro" de Alberto Xavier, Alfredo Britto e Ana Luiza Nobre, São Paulo, Piní/Fundação Vilanova Artigas/Rioarte, 1991 - pág. 96.

A edificação constitui-se de um único bloco, tendo a entrada no pavimento térreo recuada do alinhamento soltando uma linha de pilotis, formando um pórtico de entrada previsto no Plano Agache. No saguão de entrada, em frente aos elevadores temos uma reprodução de uma estátua do escultor francês Bourdelle, ladeada por duas escadas laterais de acesso à sala de espetáculos com capacidade para 500 lugares, localizada no subsolo.

Os pavimentos superiores são ocupados pelas dependências das entidades Aliança Francesa e Embaixada da França, com destaque para o 6º andar onde se localiza o gabinete do embaixador e um grande terraço divide o plano de brises dispostos na vertical, na fachada norte. O coroamento da edificação é feito por um volume recuado dos alinhamentos que engloba um salão de exposições e o ático.

Os **edifícios Chopin, Prelúdio e Balada** formam um conjunto residencial de alta renda, construídos na av. Atlântica, junto ao Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, onde a utilização de grandes aberturas envidraçadas na fachada, exclusivas de edifícios comerciais na época, tornou-se uma referência de inovação e modernidade nesse tipo de edificação. As três edificações organizam-se na periferia do lote, formando um pátio interno com jardins e convívio, tornando-se atualmente um dos mais valorizados imóveis do Rio de Janeiro.

Heep trabalhou de 1947 a 1950 com Pilon, participando de vários projetos, mas sua posição no escritório era bastante desconfortável, pois teve seus documentos extraviados durante a guerra, obtendo em 1959 seu reconhecimento legal do título de arquiteto, com o número 11.657 de inscrição no CREA, com o qual passa finalmente a assinar seus projetos. A situação se agrava tanto que em 1952, Heep deixa o escritório de Pilon e passa a fazer bicos até montar seu próprio escritório.



4.2 – O edifício do jornal “O Estado de S. Paulo”

O edifício do jornal “O Estado de S. Paulo”, localizado na rua Martins Fontes esquina com a rua Major Quedinho, teve o projeto encomendado pela Família Mesquita a Jacques Pilon em 1946, sendo o projeto inicialmente aprovado na Prefeitura Municipal de São Paulo em 15 de Janeiro de 1947 (portanto 10 meses antes da chegada de Heep ao Brasil) muito diferente do que foi executado.

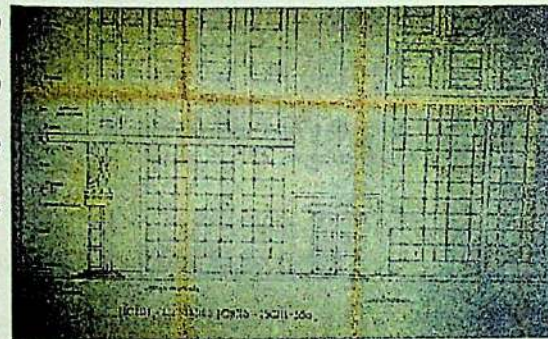
*Estado
referências
visual.*



Segundo relato de uma colega de trabalho de Heep no escritório de Pilon¹⁹, as alterações propostas no projeto (e são muitas e bem radicais em relação ao primeiro projeto) foram muito bem aceitas pelo cliente Mesquita e impulsionaram o projeto que se arrastava há dois anos.

Após fazermos um levantamento no processo de aprovação desta edificação nos arquivos da Prefeitura, comparando o primeiro projeto aprovado em 1947 com o outro contendo as modificações de Heep, datado de 08 de maio de 1948, pudemos observar que as alterações não se limitam a colocação de brises na fachada.

A implantação da edificação é semelhante ao projeto anterior, com uma ocupação de aproximadamente 90% da área do terreno e um escalonamento da planta na altura mediana do prédio, propiciada pela legislação da época. A proposta inicial tinha 25 pavimentos com pé-direito de aproximadamente 3,15 m, contra os 21 pavimentos atuais com um pé-direito de 4,20 m do 1º ao 8º pavimento e 3,20 m do 9º ao 21º pavimento. A proposta inicial também tinha uma fachada de inspiração decô, com janelas de 3,00 m x 2,80 m e modulação estrutural de 3,20 m, enquanto que a proposta atual tem uma grelha com modulação vertical de 1,80 m e modulação horizontal dividida em dois trechos até o 9º pavimento - um com 3,20 m superior e outro com 1,00 m inferior - sendo que após o 9º pavimento a modulação horizontal permanece com 3,20 m. Dentro dessa grelha em concreto, Heep dispõe brises móveis em alumínio tipo asa de avião no sentido horizontal propiciando proteção ao sol que incide nas fachadas oeste na rua Martins Fontes e a leste na rua Major Quedinho. Estes brises conferem movimento, escala e ritmo à fachada, quase que um grafismo, retomado posteriormente em outros projetos, por meio de elementos vazados, varandas, venezianas, etc.



*histórico
e
descrições*

¹⁹ Depoimento feito em entrevista concedida à Catharine Gati em janeiro de 1978, quando da pesquisa "Perfil de um Arquiteto - Franz Heep" para o Centro Cultural São Paulo.

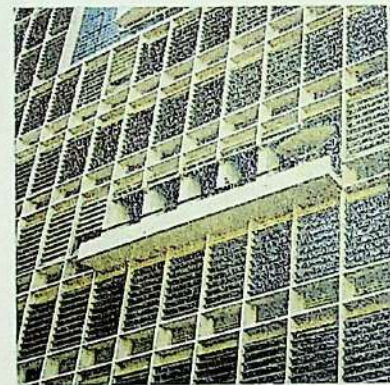
Heep propõe também nas fachadas subtrações e adições - no 5º e 6º andares, grandes terraços voltados para a praça Dom José Gaspar e a Biblioteca Pública, no 8º andar o volume do auditório que projeta para além do alinhamento da edificação e junto ao ático o grande relógio quadrado coroando a edificação.

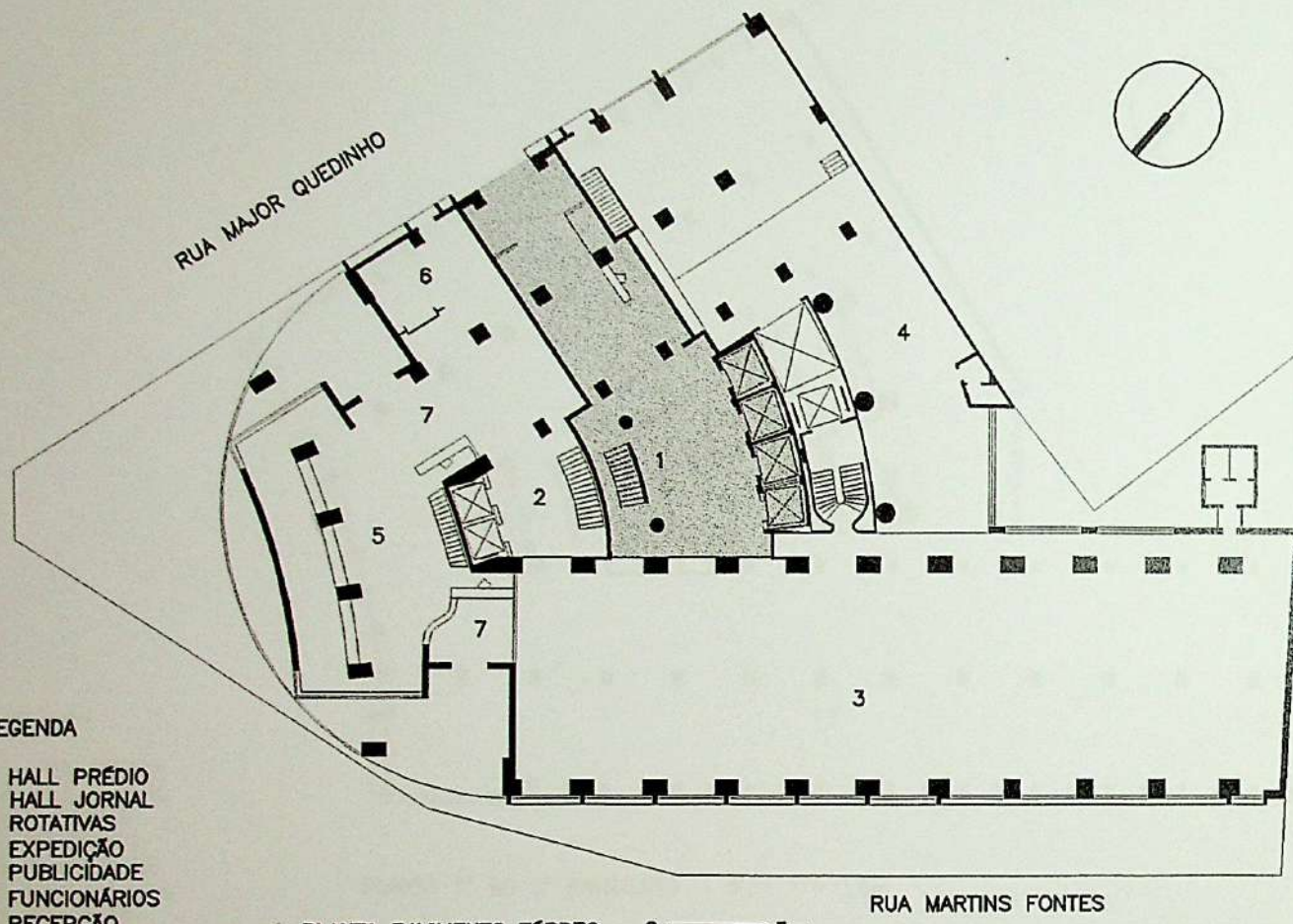
Outra alteração significativa é em relação à esquina. Enquanto o primeiro projeto acompanha a curvatura da esquina, o proposto por Heep descreve uma leve curvatura côncava à confluência, fazendo um contraponto sutil à forma da esquina. A planta organiza-se a partir de dois grandes retângulos paralelos às ruas Martins Fontes e Major Quedinho, articulados por um eixo de circulação vertical, hall de distribuição no andar e sanitários, sendo que este eixo é a bissetriz do triângulo formado pela esquina.

O projeto conta ainda com dois subsolos com uma área de 2.965,00 m² e uma área de produção do jornal, escritórios e hotel de 25.720,00 m² em um terreno de 1.283,00 m², portanto com um coeficiente de aproveitamento de aproximadamente 20 vezes a área do terreno.

Destaque para o mural externo de Di Cavalcanti e os painéis internos de Clóvis Graciano que dominam o espaço do acesso principal do edifício, determinando o compromisso do espaço para com as artes, premissa da arquitetura moderna.

Atualmente o edifício passa por uma nova reforma que o transformará em hotel. Esperamos que as novas diretrizes que vão nortear a reforma respeitem a importância desse prédio, marco na cidade, não descaracterizando o trabalho de Heep.

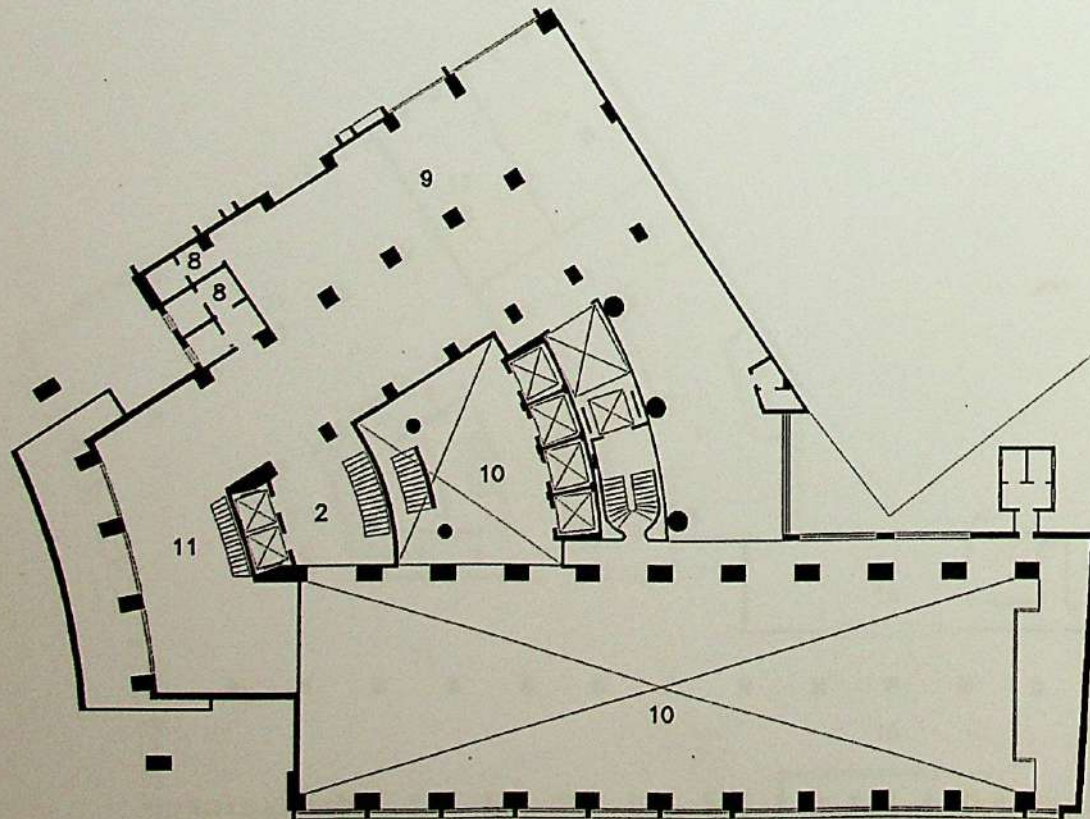




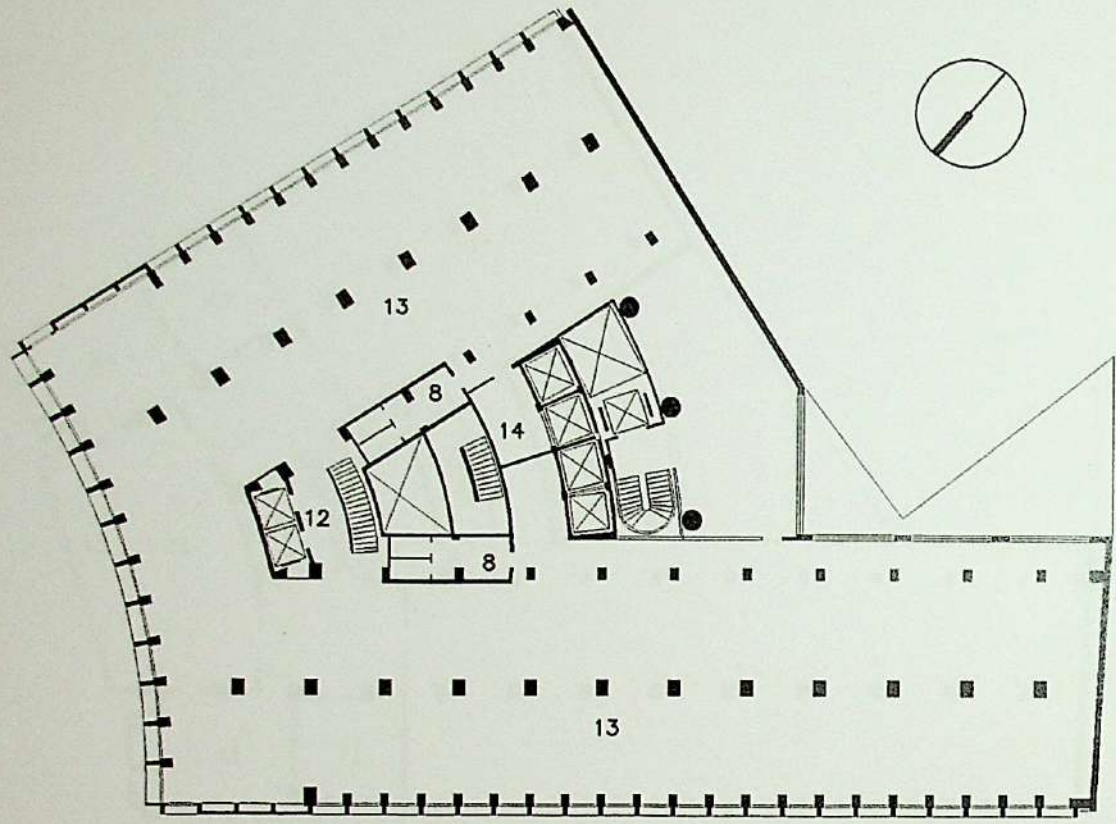
LEGENDA

- 1 HALL PRÉDIO
- 2 HALL JORNAL
- 3 ROTATIVAS
- 4 EXPEDIÇÃO
- 5 PUBLICIDADE
- 6 FUNCIONÁRIOS
- 7 RECEPÇÃO
- 8 BANHEIRO
- 9 REMESSA
- 10 VAZIO
- 11 ESCRITÓRIO
- 12 TERRAÇO
- 13 OFICINAS
- 14 DEPÓSITO
- 15 REFEITÓRIO
- 16 COZINHA
- 17 MÉDICO
- 18 AUDITÓRIO
- 19 FOYER
- 20 BAR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO 0 | 5m



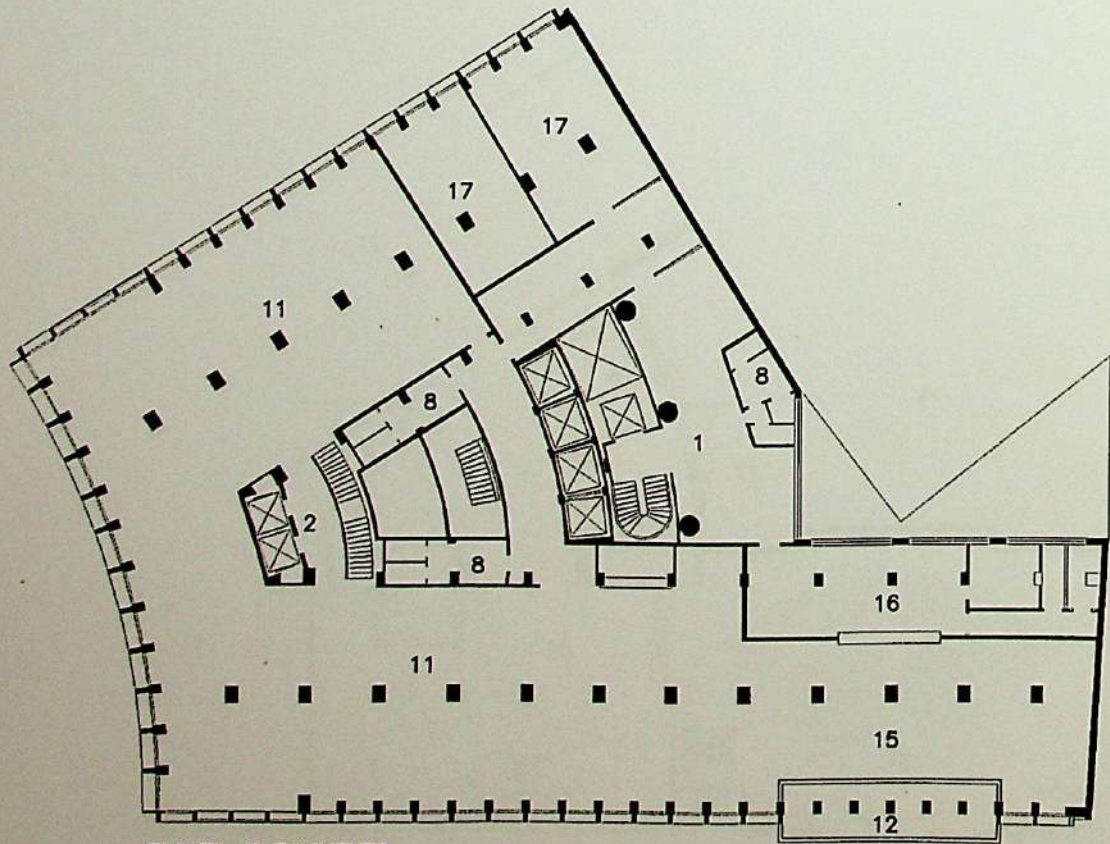
PLANTA PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO



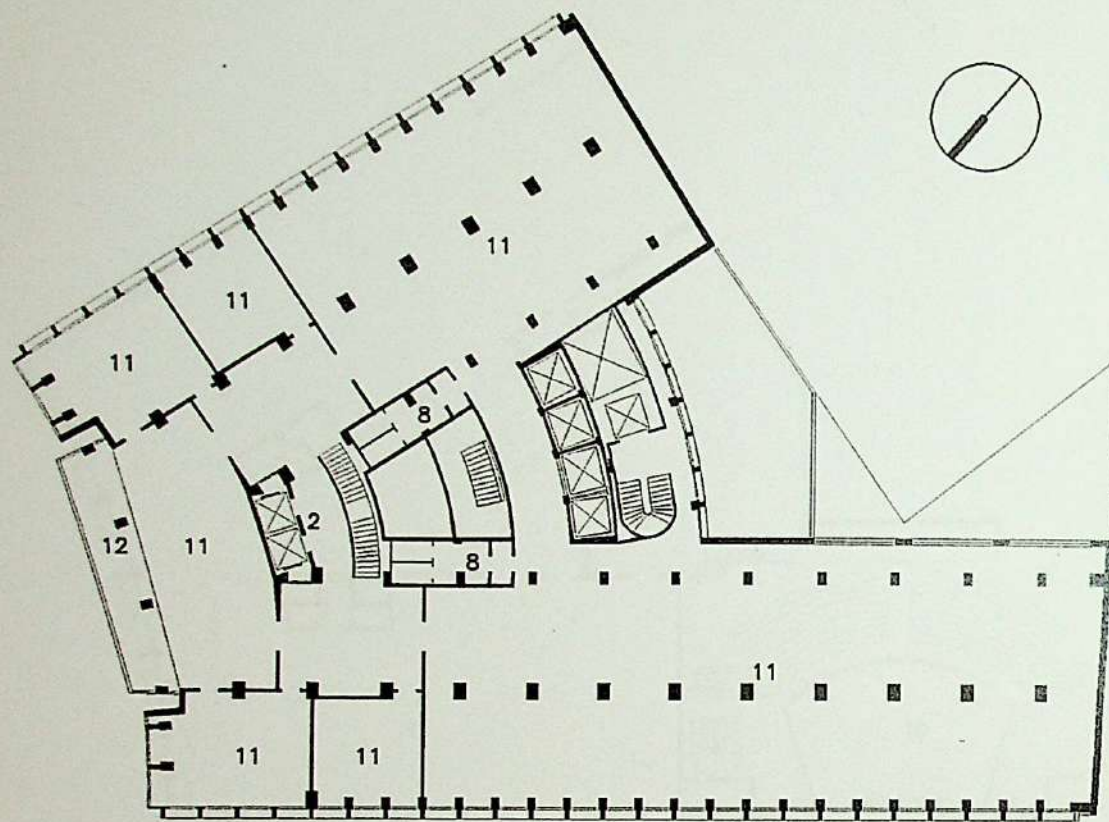
LEGENDA

- 1 HALL PRÉDIO
- 2 HALL JORNAL
- 3 ROTATIVAS
- 4 EXPEDIÇÃO
- 5 PUBLICIDADE
- 6 FUNCIONÁRIOS
- 7 RECEPÇÃO
- 8 BANHEIRO
- 9 REMESSA
- 10 VAZIO
- 11 ESCRITÓRIO
- 12 TERRAÇO
- 13 OFICINAS
- 14 DEPÓSITO
- 15 REFEITÓRIO
- 16 COZINHA
- 17 MÉDICO
- 18 AUDITÓRIO
- 19 FOYER
- 20 BAR

PLANTA 1° AO 3° PAVIMENTO 0 5m



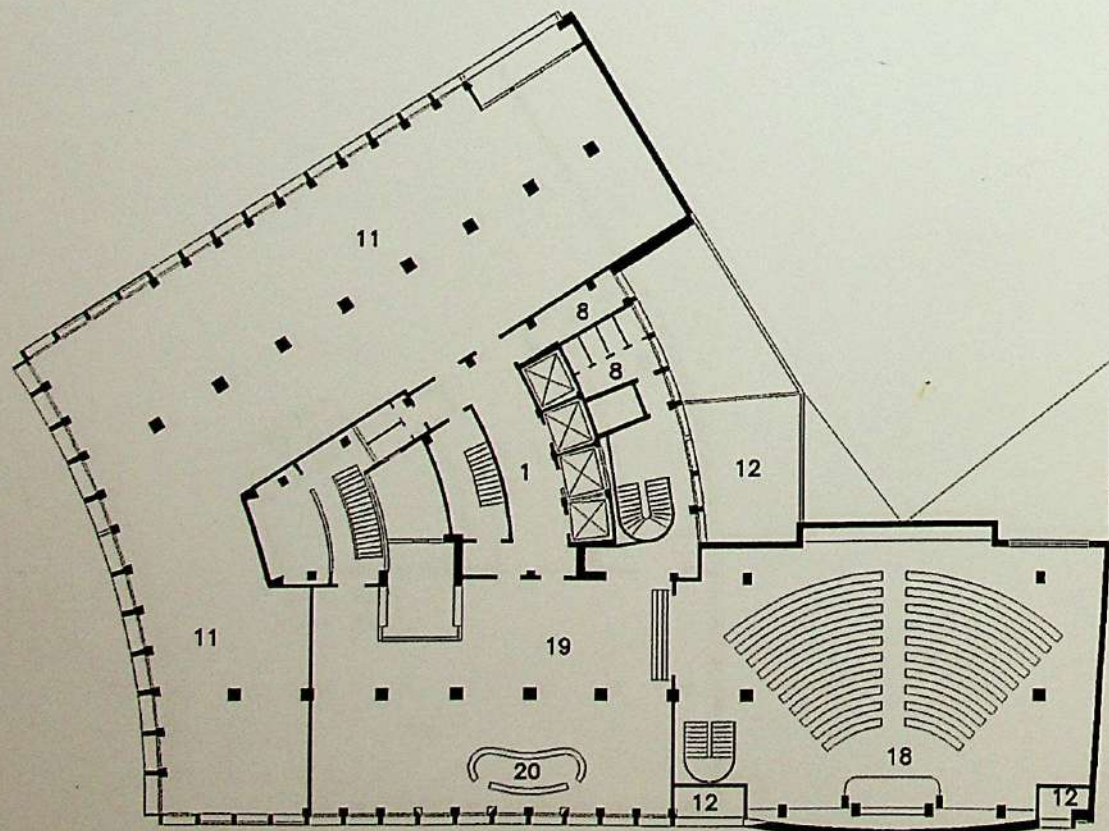
PLANTA 4° PAVIMENTO



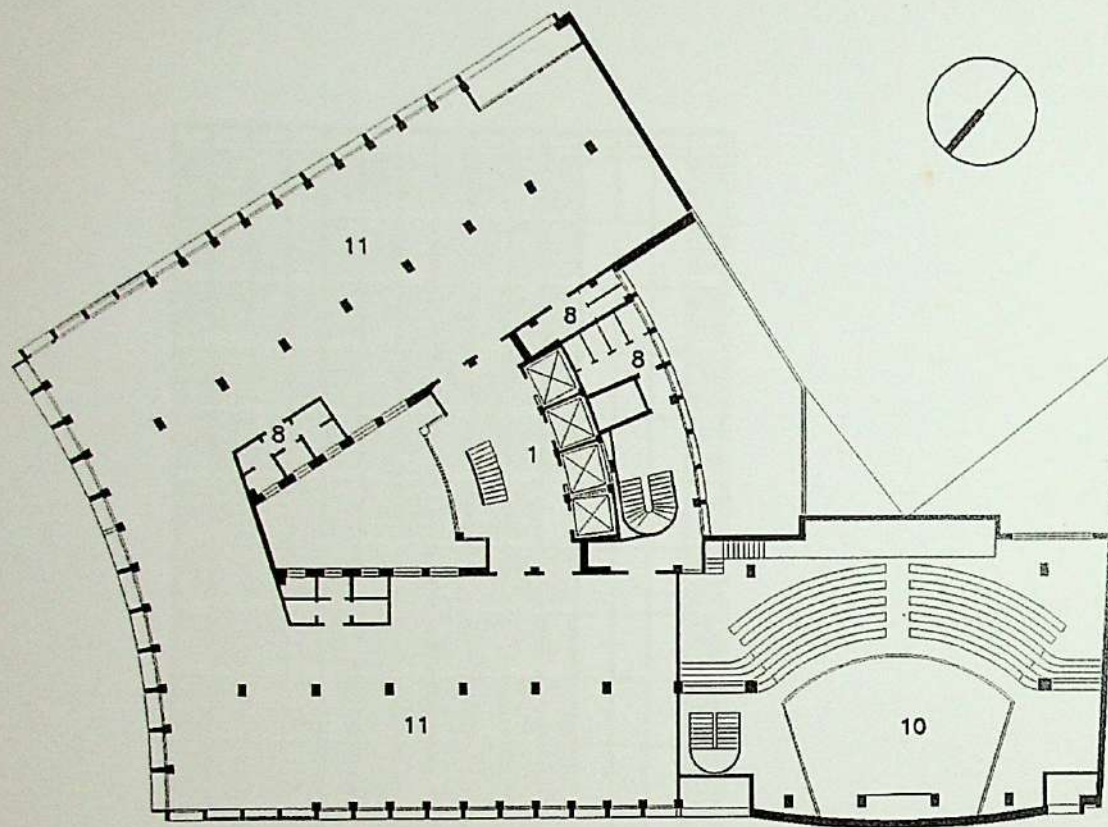
LEGENDA

- 1 HALL PRÉDIO
- 2 HALL JORNAL
- 3 ROTATIVAS
- 4 EXPEDIÇÃO
- 5 PUBLICIDADE
- 6 FUNCIONÁRIOS
- 7 RECEPÇÃO
- 8 BANHEIRO
- 9 REMESSA
- 10 VAZIO
- 11 ESCRITÓRIO
- 12 TERRAÇO
- 13 OFICINAS
- 14 DEPÓSITO
- 15 REFEITÓRIO
- 16 COZINHA
- 17 MÉDICO
- 18 AUDITÓRIO
- 19 FOYER
- 20 BAR

PLANTA 5ª AO 6ª PAVIMENTO 0 5m



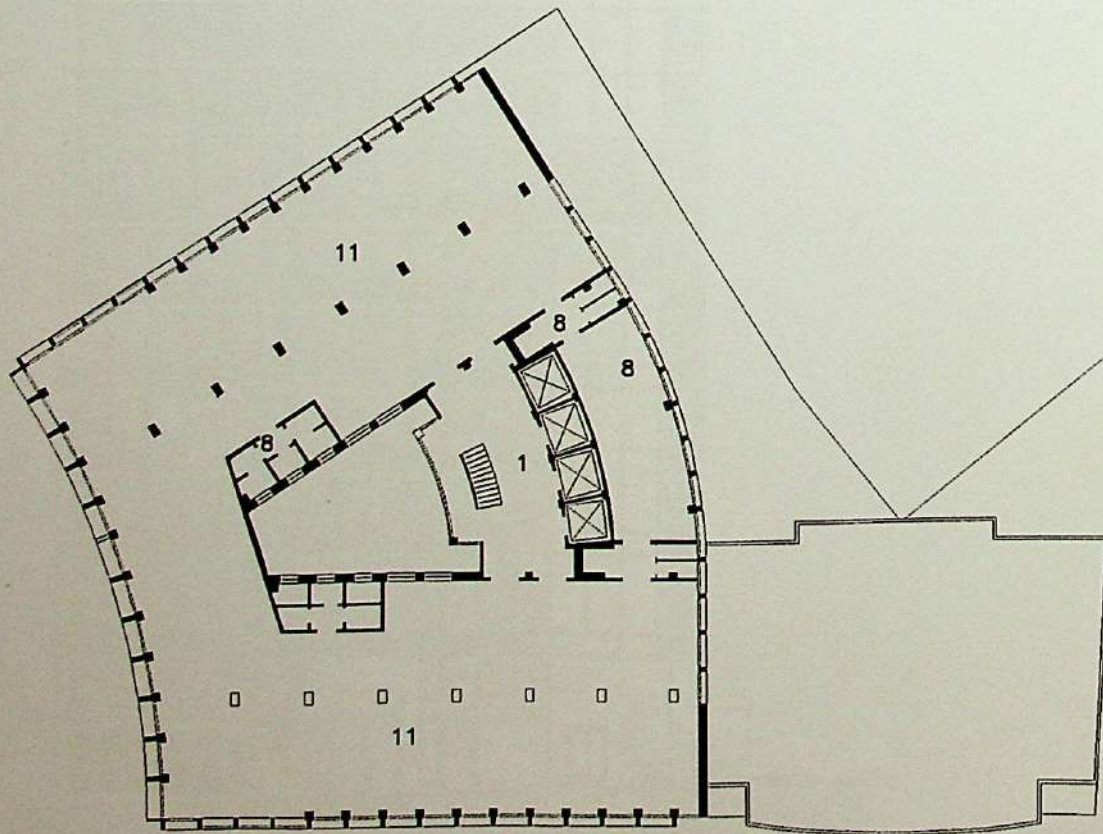
PLANTA 7ª PAVIMENTO



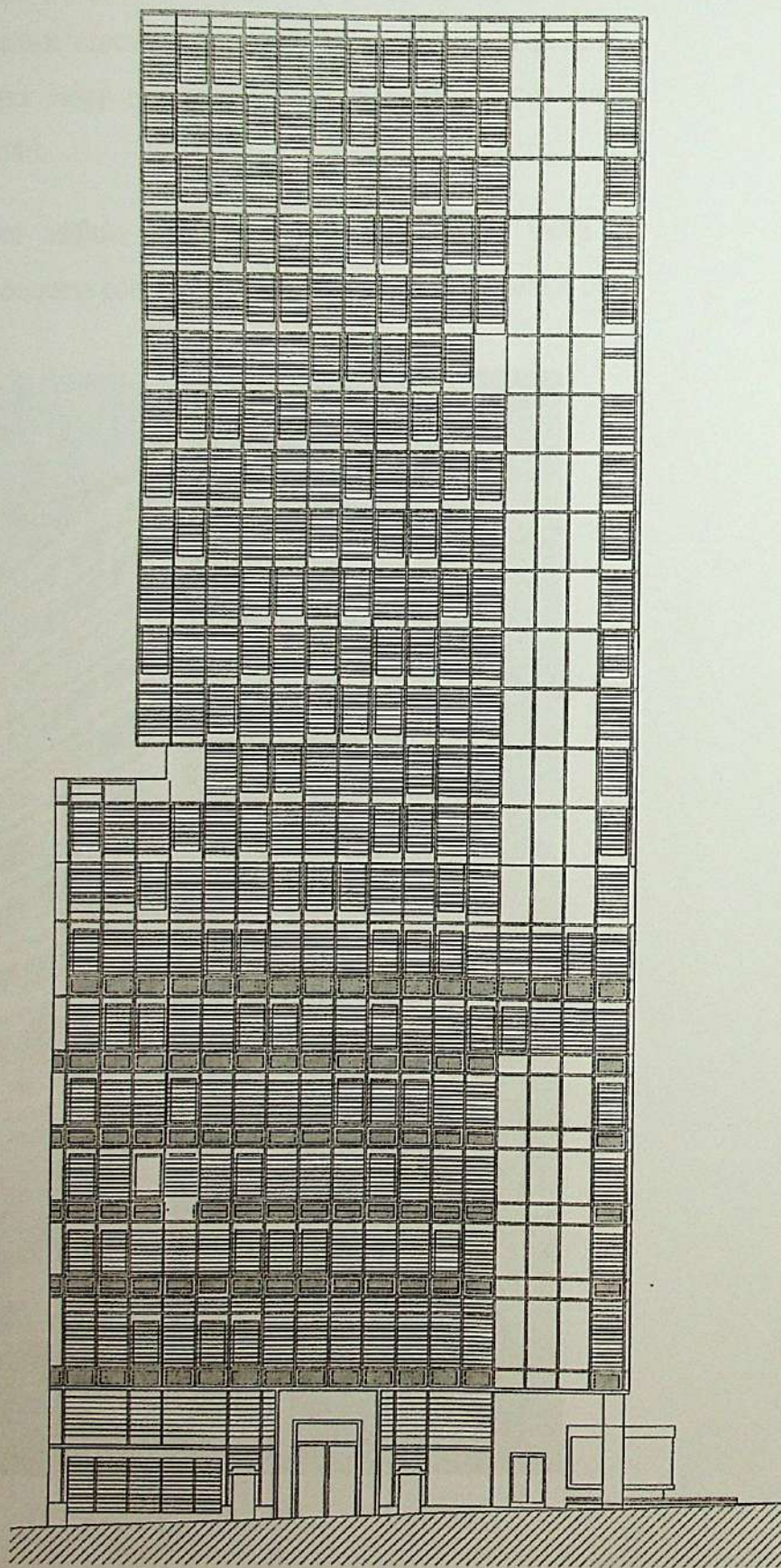
LEGENDA

- 1 HALL PRÉDIO
- 2 HALL JORNAL
- 3 ROTATIVAS
- 4 EXPEDIÇÃO
- 5 PUBLICIDADE
- 6 FUNCIONÁRIOS
- 7 RECEPÇÃO
- 8 BANHEIRO
- 9 REMESSA
- 10 VAZIO
- 11 ESCRITÓRIO
- 12 TERRAÇO
- 13 OFICINAS
- 14 DEPÓSITO
- 15 REFEITÓRIO
- 16 COZINHA
- 17 MÉDICO
- 18 AUDITÓRIO
- 19 FOYER
- 20 BAR

PLANTA 8º PAVIMENTO 0 5m



PLANTA 9º AO 21º PAVIMENTO



ELEVAÇÃO RUA MAJOR QUEDINHO 0 — 5m

4.3 – O edifício Tinguá

Outro projeto desenvolvido por Heep para o escritório de Pilon, que teve um projeto aprovado em 1946 (alvará nº 18.525 de 1946), sendo revisto por Heep e apresentado uma substituição de planta aprovada em 1949.

Trata-se de um edifício residencial, localizado na rua Vieira de Carvalho, 192, esquina com a rua Vitória, com dois apartamentos por



andar, divididos por uma diagonal no lote de esquina, voltando os quartos e salas de cada unidade para a rua: a noroeste na rua Vitória e a sudoeste na rua Vieira de Carvalho, fazendo a transposição dos planos de cada fachada, elegantemente por uma pequena varanda, elemento de subtração já utilizado por Heep em uma outra obra realizada em parceria com Jean Ginsberg, localizada em Paris, em 1934, para vencer a esquina da Av. de Versailles²⁰. Esta constatação é reforçada sutilmente por Hugo Segawa em sua publicação "Arquiteturas no Brasil - 1900 - 1990", quando coloca na pág. 137 as fotos dos dois edifícios lado a lado.

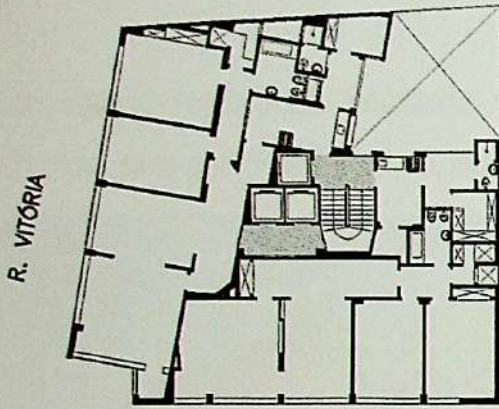


Detalhes da fachada - ed. Tinguá - 1949



Fachada ed. av. de Versailles, 42 - 1933

²⁰ O catálogo "Guide de L'architecture Moderne à Paris - 1900 - 1995", pág. 214, cita o edifício como um dos mais belos edifícios em esquinas de Paris.



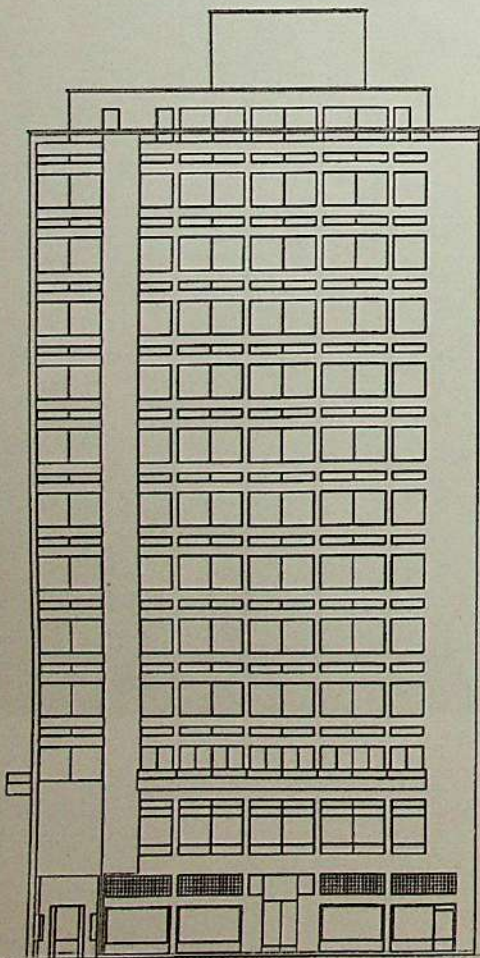
LEGENDA

- 1 HALL ACESSO
- 2 SALA
- 3 DORMITÓRIO
- 4 BANHEIRO

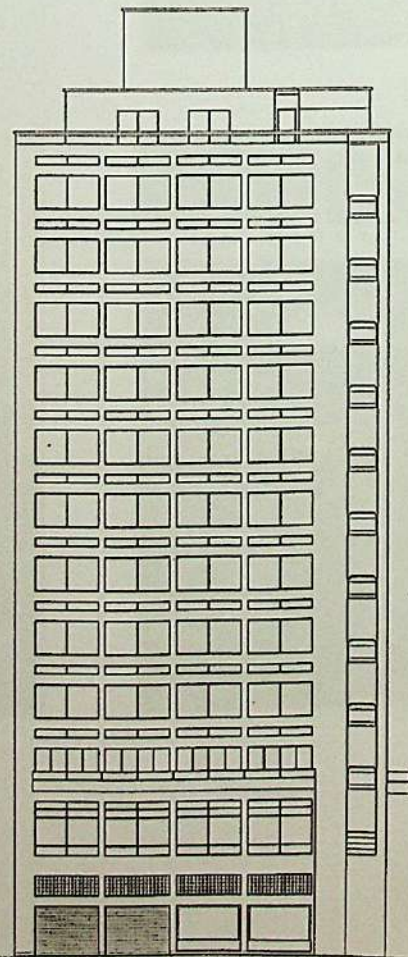


R. VIEIRA DE CARVALHO ESQ. R. VITÓRIA

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO 0 ——— 5m



ELEVAÇÃO RUA VIEIRA DE CARVALHO



ELEVAÇÃO RUA VITÓRIA

4.4. O edifício Davina Lara Nogueira

Projeto desenvolvido por Heep para o escritório de Pilon, que teve um projeto aprovado em 1946 (alvará nº 24.907 de 1946), sendo revisto por Heep e apresentado uma substituição de planta aprovada em 1949.

Este edifício residencial, localizado na avenida São João, 1291/1301, com seus generosos terraços, lembra o edifício projetado



em parceria de Heep com Ginsberg em Paris, em 1935, na rue des Pâtures, onde o enquadramento de seus terraços na fachada se assemelham.

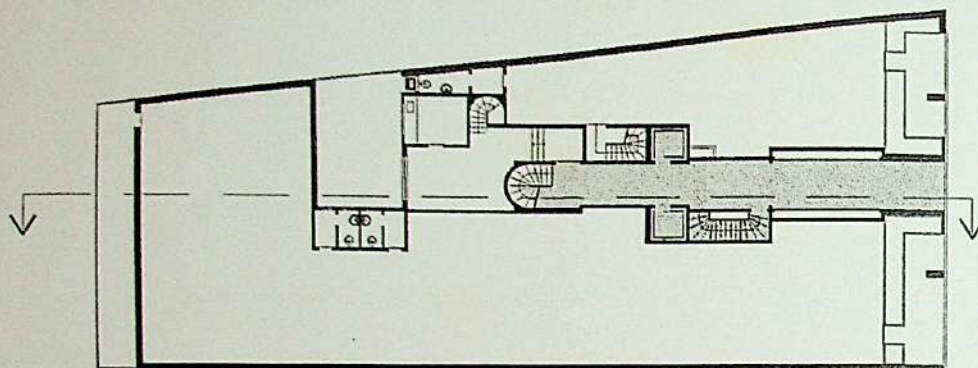
A edificação de 15 pavimentos, com planta tipo "H", com dois apartamentos de 1 e 2 dormitórios e outros dois apartamentos nos fundos, sendo os dois de 1 dormitório, com a circulação vertical ao centro, acomodando-se em um terreno irregular maior na frente e menor nos fundos. A planta-tipo se altera no 5º e 6º pavimentos, recuando nas unidades ao fundo, sendo que do 7º ao 11º só restam as unidades da frente. No 12º ao 15º as unidades da frente encolhem nas laterais, tornando-se apartamentos de 1 cômodo.

A descrição minuciosa do desdobramento dos recuos por pavimento para atender à legislação vigente na época foi necessária para mostrar que a ocupação do lote por uma edificação residencial era bem diferente do que temos hoje. A legislação era bem mais branda, permitindo interpretações à luz do bom senso dos projetistas. O mercado da especulação imobiliária estava apenas iniciando e os arquitetos criaram soluções, que foram desvirtuadas ou exaustivamente repetidas pelos especuladores na corrida por novos empreendimentos.

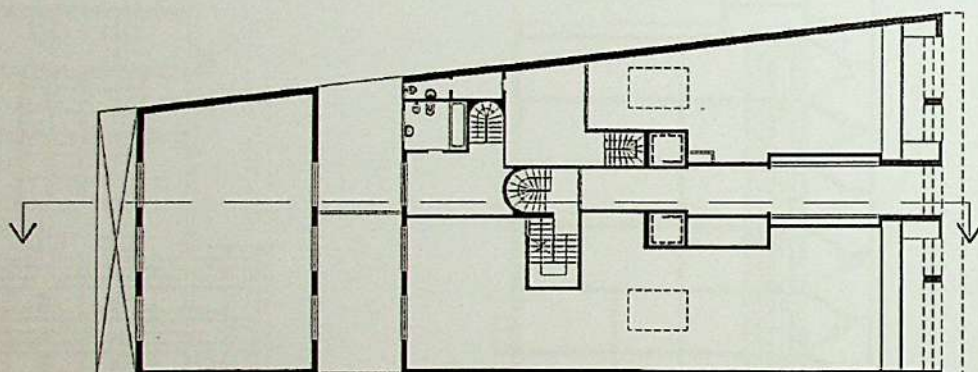
Esta edificação encontra-se em estado razoável de conservação, destacando-se num trecho da Av. São João bem degradado.



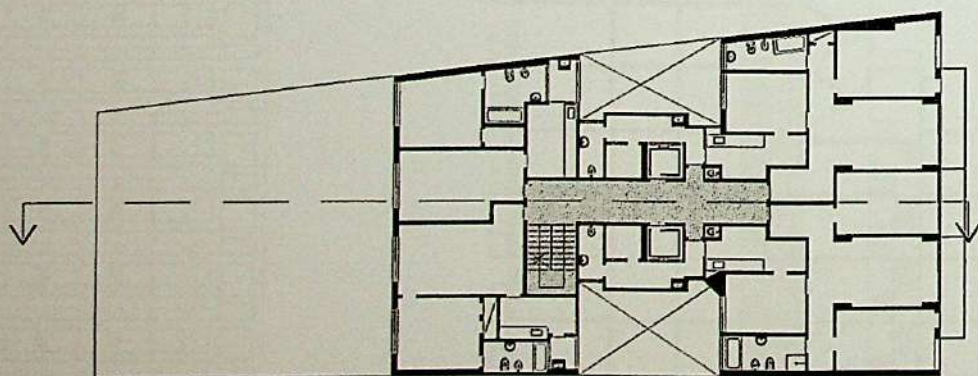
Ed. Rue des Pâtures - 1935



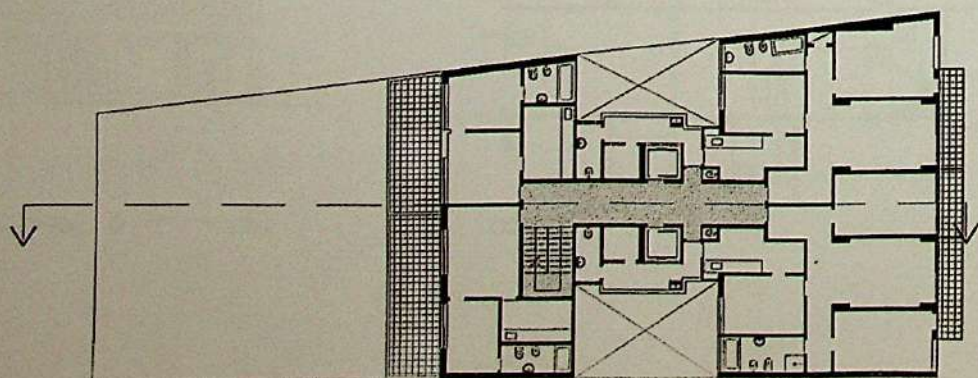
PLANTA PAVIMENTO TÉRREO 0 | 5m



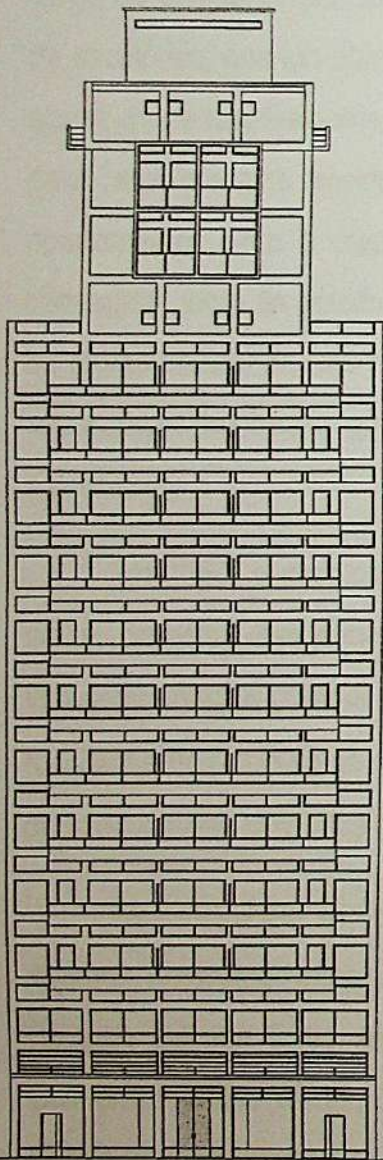
PLANTA PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO



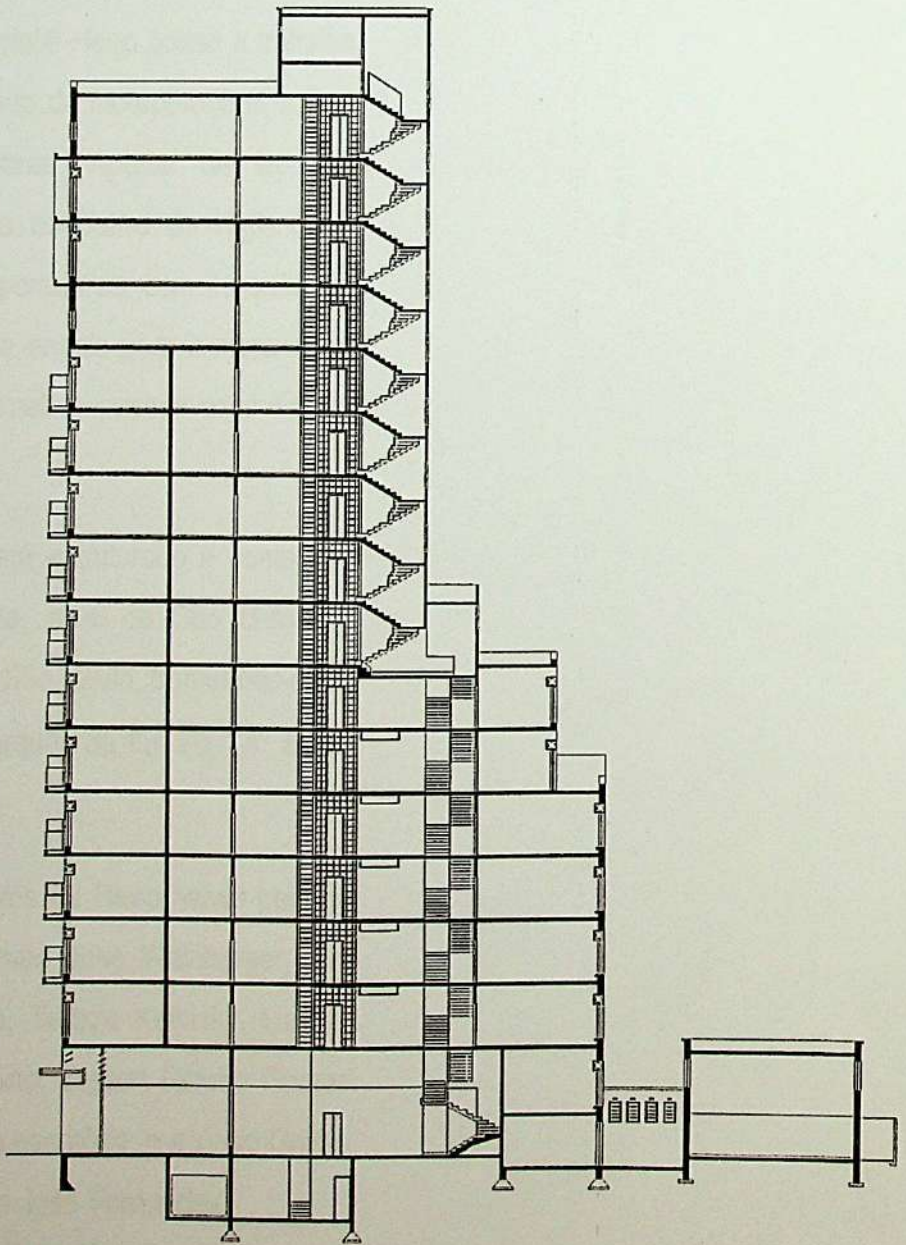
PLANTA DO 1° AO 4° PAVIMENTO



PLANTA DO 5° E 6° PAVIMENTO



ELEVAÇÃO FRONTAL 0 | 5m



CORTE

5 - A PRODUÇÃO NO ESCRITÓRIO - 1952 a 1962,

Em 1950, Heep deixa o escritório de Pilon.

Após um breve período trabalhando com o arquiteto Henrique Mindlin²¹, Heep abre seu próprio escritório na rua Barão de Itapetininga, 140 - 4º andar, em 1952.

Se no início de sua estada no Brasil, trabalhando com Pilon, Heep teve a oportunidade de propor uma releitura moderna em várias obras do escritório, principalmente projetos institucionais ou edifícios de escritórios, quando abre seu próprio ateliê Heep passa a trabalhar quase que exclusivamente com o mercado de incorporações voltado para apartamentos residenciais populares. Apesar de ter feito apartamentos para a classe média alta no bairro de Higienópolis consagrou, junto às construtoras e incorporadoras, com as quitinetes na região central de São Paulo, balão de ensaio para o mercado da especulação imobiliária que dava os primeiros passos consolidando suas bases.

Em 1960, o escritório de Heep está estruturado e conta com vários projetos, diversificando a clientela, além de Otto Meinberg, figurando entre os grandes escritórios de São Paulo, transferindo-se da rua Barão de Itapetininga para a rua Marquês de Itu, 70, 14º andar, onde ocupa dois conjuntos de sala.

Vários também são os colaboradores de Heep nesse período, diversos arquitetos, entre os quais Herman José Weinberger, Ivan Castaldi, Gilberto Dutra, Moisés Soriano, Tereza Katinsky, Lourival Guimarães, Heinz Weder, Dario Montesano, Elgson Ribeiro Gomes. Dentre os estrangeiros que estagiaram no escritório, o egípcio Garbis, o francês Pierre Gillette e o espanhol Pedro José Fernandes.

²¹ Mindlin desentende-se com Heep, pois este vindo de uma experiência complicada com relação a colaboração com Pilon, quer definir parâmetros de contratação, com os quais Mindlin reluta em aceitar.

Em entrevista aqui transcrita do texto de Catharine Gati ²², com os arquitetos Dario Montesano e Plinio Croce, afirmam que *"Heep trouxe para cá uma metodologia de trabalho e um repertório basicamente europeu; uma maneira de ser, de ver e de fazer arquitetura notadamente européia que ele adaptou às circunstâncias locais. Croce inclui-se entre os arquitetos jovens da época, Rino Levi, Eduardo Kneese de Mello, que lutavam para configurar e consolidar uma arquitetura caracteristicamente brasileira. Cada um seguia uma linha pessoal de pensar arquitetura, mas no balanço final, todos eles, e também Heep, contribuíram para a evolução nos projetos. A ele, em particular, deve-se o cuidado com as fachadas laterais e posterior dos edifícios, até então mal resolvidas, e uma unidade formal e atenção com os ingressos, até então inexistentes"*.

O escritório era uma usina de trabalho incessante, que produziu em aproximadamente 10 anos um trabalho consistente e coerente. Esta aventura, que edificou boa parte da área central de São Paulo, foi contundente na medida em que teve origem em experiências bem fundamentadas em seus prédios residenciais em Paris. Heep tem uma importância maior que a qual atribuímos a ele. Geralmente é reconhecido pelo grandioso edifício Itália ou por suas plantas bem elaboradas; mas seu feito, sua real contribuição na configuração do centro de São Paulo, reside no fato de ter constituído as bases da arquitetura de incorporação em São Paulo, determinando parâmetros para a incipiente indústria imobiliária, propondo uma arquitetura comercial digna dos preceitos modernos.

²² GATI, Catharine. Perfil de arquiteto - Franz Heep. Revista Projeto (97) : 98-104, março, 1987.

5.1 – As experiências com imóveis populares – as quitinetes

Na década de 50, São Paulo vive um *boom* imobiliário, com a substituição dos prédios construídos para investimento e renda - bancados pela economia cafeeira, comerciantes e industriais - pelas incorporações de condomínios, com a necessidade da comercialização dos apartamentos e escritórios, causando uma alteração profunda nos investimentos imobiliários. A concorrência era acirrada e expunha deficiências no método construtivo e de produção.

A atuação de Heep, com sua experiência adquirida na sociedade com Jean Ginsberg, em Paris, onde o método de trabalho, o profissionalismo, o gosto pelo detalhe e a preocupação com o rigor tecnológico no canteiro de obras formaram a base de sua produção no Brasil, foi fundamental para o sucesso dos empreendimentos das construtoras com que Heep trabalhou. Entre elas a Construtora Otto Meinberg, Construtora Dácio A de Moraes, Construtora Auxiliar, CNI e outras, que incorporavam prédios, na área central da cidade, com apartamentos de um único cômodo e quitinetes destinados a pessoas solteiras ou jovens casais.

As edificações começaram a ser projetadas em 1953, sendo que somente nesse ano Heep desenvolveu cinco projetos de apartamentos quitinete: os edifícios Marajó, Maracanã, Arapuan, Icarai e Normandie.

Alguns elementos são recorrentes nos edifícios e constituem uma marca registrada de Heep, como o detalhe da caixilharia com ventilação cruzada nas partes superior e inferior; a floreira de onde deriva uma lâmina de concreto geralmente curva, separando as unidades habitacionais; os terraços, que permitem a participação dos moradores na vida externa e protegem os apartamentos da insolação

excessiva; a planta que apesar de diminuta apresentava um living-dormitório, com armário embutido, banheiro e quitinete. Tais elementos criaram uma referência de qualidade para o início do mercado de incorporação.

Poder-se-ia dizer que o trabalho de Heep no desenvolvimento de apartamentos tipo quitinete ou de um cômodo se impôs como uma arquitetura standard na concepção bauhausiana, onde, segundo Argan²³ *"a teoria da matéria é confrontada, no programa da Bauhaus, com a teoria da forma: o seu corolário comum é o standard, o produto da média pela média. Economicamente, isso consiste em conseguir um máximo de qualidade com um mínimo de custos; socialmente, a sua difusão nivela as diferenças exteriores, de hábitos e de costumes, entre as diferentes classes, ou seja, deixando imutáveis as necessárias diferenças de função, anula as diferenças de grau entre as componentes da comunidade"*.

Os edifícios apresentam características similares de planta, geralmente com unidades dispostas lado a lado, com acesso por corredor único, circulação vertical destacada do corpo da edificação e caixilhos piso-teto com ventilação cruzada. Quanto ao tratamento formal dispensado às fachadas, poderíamos dividir em três tipologias:

- A fachada frontal apresenta **elementos de composição, horizontais e verticais;**
- A fachada frontal apresenta **terraços em todos os cômodos, formando uma grelha uniforme;**
- A fachada frontal apresenta **uma maior liberdade formal, misturando materiais e elementos de composição.**

Dentre as edificações que se enquadram na **tipologia 1**, destacamos o **edifício Normandie**, na avenida 9 de julho, entre os

viadutos Major Quedinho e Martinho Prado, magnífico edifício, extremamente bem implantado e articulado com seu entorno próximo. Igualmente significativo reproduzindo o ideário levantado no edifício Normandie, ressaltamos o **edifício Arapuan**, construído na rua Martins Fontes, 268, um dos primeiros projetos de Heep foi sua residência durante anos e o **edifício Maracanã**, localizado na rua Quirino de Andrade, 155/159/165, onde o destaque fica por conta da planta que articula uso misto com muita precisão.

Na **tipologia 2**, destacamos o **edifício Icarai**, localizado na praça Franklin Roosevelt, torre esculpida pelas numerosas varandas abertas para a praça. Citamos também o **edifício Araraunas**, de 1955, na avenida São João, 1821/1845, onde Heep repete soluções adotadas no edifício Icarai e o **edifício Marajó**, com planta em formato H, atualmente totalmente descaracterizado.

Na **tipologia 3**, destacamos o **edifício Arlinda**, de 1959 no largo do Arouche, 76/90, um de seus últimos projetos, onde podemos perceber na elegante torre, marco na praça, as condicionantes do repertório heepiano. Ressaltamos ainda o **edifício Iporanga**, de 1956, na avenida Ipiranga, 84, onde num terreno difícil o arquiteto habilmente costura a esquina com uma rotonda, fazendo referência a uma obra sua, em Paris, situada na avenue de Versailles,⁴².

⁴² ARGAN, Giulio Carlo. Walter Gropius e a Bauhaus. Lisboa, Editorial Presença, 1990 - pp 38.

5.1.1 – O edifício Normandie - exemplo da tipologia 1

Implantado na Avenida 9 de Julho, entre os viadutos Major Quedinho e Martinho Prado, esta edificação encontrou um entorno já construído, com prédios altos nas duas laterais, erguidos no alinhamento da calçada, portanto passíveis de um recuo escalonado já no 8º pavimento. Heep propõe então uma edificação recuada do alinhamento, onde poderia manter uma unidade formal da fachada evitando seu recuo na mesma altura dos prédios vizinhos, destacando



A OBRA DE ADOLF FRANZ HEEP NO BRASIL

seu edifício dos demais. Estabelece, também, um diálogo elegante e formal com sua vizinhança, por meio de terraços de formato trapezoidal, recostados na empena dos prédios que o ladeiam, até o alinhamento nas duas extremidades, como a escorar o entorno para o desenvolvimento da torre. Esta possibilidade será aperfeiçoada no edifício Itália de 1956, com suas construções baixas no alinhamento, fazendo um contraponto para a torre.

Em um terreno com área de 1.304,00 m², área de projeção de 968,68 m² e área construída de 10.485,51 m², esta torre, com seus 21 pavimentos, tem sua verticalidade relativizada pela seqüência de faixas horizontais das floreiras nos pavimentos bem como um pontilhado minimalista, formado pelas lâminas de concreto que separam as unidades.

No embasamento foram criados dois níveis de pavimento para lojas, a partir do nível da calçada, sendo que o acesso à edificação fica elevado 2 metros da calçada, constituindo uma entrada marcante, com acesso por rampa e escadas, formando um *piano nobile* em prédio popular.

O edifício foi construído pela Sociedade Civil Construtora Harding e pela CNI, com cálculo estrutural do engenheiro Roberto Zuccolo.

No edifício Normandie, Heep pensou até os últimos detalhes, em como proporcionar algum conforto num espaço tão pequeno, como atesta reportagem na revista Acrópole nº 219 de 1957, págs. 95 a 97, onde o texto situava o programa da edificação: "*O edifício se situa na av. 9 de Julho, de grande movimento, sendo porisso (sic) inconveniente para moradia de famílias. Tendo isto em vista, foram os apartamentos projetados com um living-dormitório, banheiro, kitchinette e closed.*" A reportagem segue apresentando o edifício sendo que nas páginas seguintes destaca na seção "Prancheta Viva",

A OBRA DE ADOLF FRANZ HEEP NO BRASIL

págs. 114 e 115, o detalhamento da "Kitchinette para Apartamento", onde a unidade residencial já vinha com uma bancada com pia, local para fogão elétrico e geladeira e o detalhamento dos "Elementos de Fachada de Unidade de Habitação", destacando o detalhe da caixilharia com ventilação cruzada nas partes superior e inferior e a floreira de onde deriva uma lâmina de concreto curva separando as unidades. Deduzimos, devido ao teor da reportagem que estes elementos, marcantes no repertório heepiano, tenham sido experimentados primeiramente no edifício Normandie, de 1953, sendo posteriormente utilizados em outros projetos de edifícios para quitinetes. Interessante também nesta edição da revista, nos reclames dos patrocinadores, encontrarmos várias empresas que trabalharam para este empreendimento, ressaltando suas qualidades como apelo de venda: elementos vazados de concreto "Silita", portas de entrada e janelas de correr da "Mecânica Ryval Ltda.", granilite da "Tasso & Cia.", portas de aço articuladas da "Esquadrias Metálicas Ferraretto Ltda." e louças sanitárias da "Cerâmica Colonia S/A", demonstrando conforme ressalta Hugo Segawa²⁴, que *"Heep criou uma referência de qualidade para o mercado imobiliário, num período de intensa verticalização da cidade de São Paulo"*.

A planta do Normandie é simples, 12 apartamentos formando um bloco retangular, acessado por um longo corredor de circulação, sendo todos os ambientes voltados para a rua, com face sudeste. A circulação vertical é deslocada para a direita pela irregularidade do lote.

TASSO & CIA.
RUA DOS TATTINIS, S/A
FONES: 63-7833



execução
todo
o
serviço
de
granilite
do
Edifício
"Normandie"

Detalhe da fachada do Edifício Normandie



Nos grandes empreendimentos do C. N. I.
são preferidos os elementos vazados
de concreto

"SILITA"
TEL. 32-4624

SILITA LTDA. - Rua Xavier de Toledo, 264 - 2.º, s. 24
SAO PAULO



Partes
de
Entrada
e
Janelas
de
Correr
do
Edifício
Normandie

Execução realizada pela

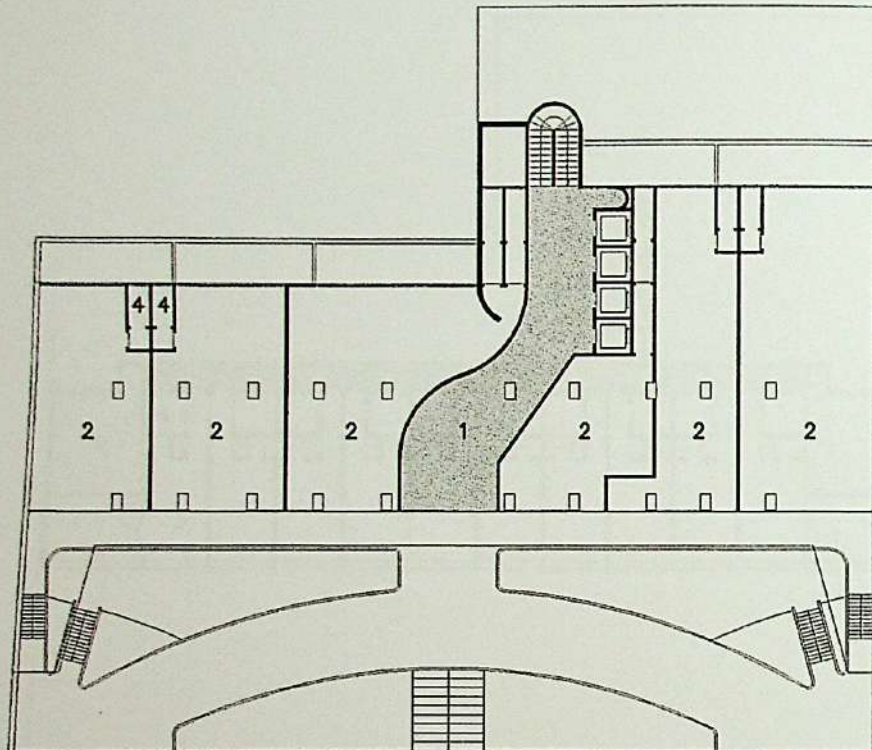
MECÂNICA RYVAL LTDA

1954 - 1955 - 1956 - 1957 - 1958 - 1959 - 1960 - 1961 - 1962 - 1963 - 1964 - 1965 - 1966 - 1967 - 1968 - 1969 - 1970 - 1971 - 1972 - 1973 - 1974 - 1975 - 1976 - 1977 - 1978 - 1979 - 1980 - 1981 - 1982 - 1983 - 1984 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 - 2005 - 2006 - 2007 - 2008 - 2009 - 2010 - 2011 - 2012 - 2013 - 2014 - 2015 - 2016 - 2017 - 2018 - 2019 - 2020 - 2021 - 2022 - 2023 - 2024 - 2025 - 2026 - 2027 - 2028 - 2029 - 2030 - 2031 - 2032 - 2033 - 2034 - 2035 - 2036 - 2037 - 2038 - 2039 - 2040 - 2041 - 2042 - 2043 - 2044 - 2045 - 2046 - 2047 - 2048 - 2049 - 2050 - 2051 - 2052 - 2053 - 2054 - 2055 - 2056 - 2057 - 2058 - 2059 - 2060 - 2061 - 2062 - 2063 - 2064 - 2065 - 2066 - 2067 - 2068 - 2069 - 2070 - 2071 - 2072 - 2073 - 2074 - 2075 - 2076 - 2077 - 2078 - 2079 - 2080 - 2081 - 2082 - 2083 - 2084 - 2085 - 2086 - 2087 - 2088 - 2089 - 2090 - 2091 - 2092 - 2093 - 2094 - 2095 - 2096 - 2097 - 2098 - 2099 - 2100 - 2101 - 2102 - 2103 - 2104 - 2105 - 2106 - 2107 - 2108 - 2109 - 2110 - 2111 - 2112 - 2113 - 2114 - 2115 - 2116 - 2117 - 2118 - 2119 - 2120 - 2121 - 2122 - 2123 - 2124 - 2125 - 2126 - 2127 - 2128 - 2129 - 2130 - 2131 - 2132 - 2133 - 2134 - 2135 - 2136 - 2137 - 2138 - 2139 - 2140 - 2141 - 2142 - 2143 - 2144 - 2145 - 2146 - 2147 - 2148 - 2149 - 2150 - 2151 - 2152 - 2153 - 2154 - 2155 - 2156 - 2157 - 2158 - 2159 - 2160 - 2161 - 2162 - 2163 - 2164 - 2165 - 2166 - 2167 - 2168 - 2169 - 2170 - 2171 - 2172 - 2173 - 2174 - 2175 - 2176 - 2177 - 2178 - 2179 - 2180 - 2181 - 2182 - 2183 - 2184 - 2185 - 2186 - 2187 - 2188 - 2189 - 2190 - 2191 - 2192 - 2193 - 2194 - 2195 - 2196 - 2197 - 2198 - 2199 - 2200 - 2201 - 2202 - 2203 - 2204 - 2205 - 2206 - 2207 - 2208 - 2209 - 2210 - 2211 - 2212 - 2213 - 2214 - 2215 - 2216 - 2217 - 2218 - 2219 - 2220 - 2221 - 2222 - 2223 - 2224 - 2225 - 2226 - 2227 - 2228 - 2229 - 2230 - 2231 - 2232 - 2233 - 2234 - 2235 - 2236 - 2237 - 2238 - 2239 - 2240 - 2241 - 2242 - 2243 - 2244 - 2245 - 2246 - 2247 - 2248 - 2249 - 2250 - 2251 - 2252 - 2253 - 2254 - 2255 - 2256 - 2257 - 2258 - 2259 - 2260 - 2261 - 2262 - 2263 - 2264 - 2265 - 2266 - 2267 - 2268 - 2269 - 2270 - 2271 - 2272 - 2273 - 2274 - 2275 - 2276 - 2277 - 2278 - 2279 - 2280 - 2281 - 2282 - 2283 - 2284 - 2285 - 2286 - 2287 - 2288 - 2289 - 2290 - 2291 - 2292 - 2293 - 2294 - 2295 - 2296 - 2297 - 2298 - 2299 - 2300 - 2301 - 2302 - 2303 - 2304 - 2305 - 2306 - 2307 - 2308 - 2309 - 2310 - 2311 - 2312 - 2313 - 2314 - 2315 - 2316 - 2317 - 2318 - 2319 - 2320 - 2321 - 2322 - 2323 - 2324 - 2325 - 2326 - 2327 - 2328 - 2329 - 2330 - 2331 - 2332 - 2333 - 2334 - 2335 - 2336 - 2337 - 2338 - 2339 - 2340 - 2341 - 2342 - 2343 - 2344 - 2345 - 2346 - 2347 - 2348 - 2349 - 2350 - 2351 - 2352 - 2353 - 2354 - 2355 - 2356 - 2357 - 2358 - 2359 - 2360 - 2361 - 2362 - 2363 - 2364 - 2365 - 2366 - 2367 - 2368 - 2369 - 2370 - 2371 - 2372 - 2373 - 2374 - 2375 - 2376 - 2377 - 2378 - 2379 - 2380 - 2381 - 2382 - 2383 - 2384 - 2385 - 2386 - 2387 - 2388 - 2389 - 2390 - 2391 - 2392 - 2393 - 2394 - 2395 - 2396 - 2397 - 2398 - 2399 - 2400 - 2401 - 2402 - 2403 - 2404 - 2405 - 2406 - 2407 - 2408 - 2409 - 2410 - 2411 - 2412 - 2413 - 2414 - 2415 - 2416 - 2417 - 2418 - 2419 - 2420 - 2421 - 2422 - 2423 - 2424 - 2425 - 2426 - 2427 - 2428 - 2429 - 2430 - 2431 - 2432 - 2433 - 2434 - 2435 - 2436 - 2437 - 2438 - 2439 - 2440 - 2441 - 2442 - 2443 - 2444 - 2445 - 2446 - 2447 - 2448 - 2449 - 2450 - 2451 - 2452 - 2453 - 2454 - 2455 - 2456 - 2457 - 2458 - 2459 - 2460 - 2461 - 2462 - 2463 - 2464 - 2465 - 2466 - 2467 - 2468 - 2469 - 2470 - 2471 - 2472 - 2473 - 2474 - 2475 - 2476 - 2477 - 2478 - 2479 - 2480 - 2481 - 2482 - 2483 - 2484 - 2485 - 2486 - 2487 - 2488 - 2489 - 2490 - 2491 - 2492 - 2493 - 2494 - 2495 - 2496 - 2497 - 2498 - 2499 - 2500 - 2501 - 2502 - 2503 - 2504 - 2505 - 2506 - 2507 - 2508 - 2509 - 2510 - 2511 - 2512 - 2513 - 2514 - 2515 - 2516 - 2517 - 2518 - 2519 - 2520 - 2521 - 2522 - 2523 - 2524 - 2525 - 2526 - 2527 - 2528 - 2529 - 2530 - 2531 - 2532 - 2533 - 2534 - 2535 - 2536 - 2537 - 2538 - 2539 - 2540 - 2541 - 2542 - 2543 - 2544 - 2545 - 2546 - 2547 - 2548 - 2549 - 2550 - 2551 - 2552 - 2553 - 2554 - 2555 - 2556 - 2557 - 2558 - 2559 - 2560 - 2561 - 2562 - 2563 - 2564 - 2565 - 2566 - 2567 - 2568 - 2569 - 2570 - 2571 - 2572 - 2573 - 2574 - 2575 - 2576 - 2577 - 2578 - 2579 - 2580 - 2581 - 2582 - 2583 - 2584 - 2585 - 2586 - 2587 - 2588 - 2589 - 2590 - 2591 - 2592 - 2593 - 2594 - 2595 - 2596 - 2597 - 2598 - 2599 - 2600 - 2601 - 2602 - 2603 - 2604 - 2605 - 2606 - 2607 - 2608 - 2609 - 2610 - 2611 - 2612 - 2613 - 2614 - 2615 - 2616 - 2617 - 2618 - 2619 - 2620 - 2621 - 2622 - 2623 - 2624 - 2625 - 2626 - 2627 - 2628 - 2629 - 2630 - 2631 - 2632 - 2633 - 2634 - 2635 - 2636 - 2637 - 2638 - 2639 - 2640 - 2641 - 2642 - 2643 - 2644 - 2645 - 2646 - 2647 - 2648 - 2649 - 2650 - 2651 - 2652 - 2653 - 2654 - 2655 - 2656 - 2657 - 2658 - 2659 - 2660 - 2661 - 2662 - 2663 - 2664 - 2665 - 2666 - 2667 - 2668 - 2669 - 2670 - 2671 - 2672 - 2673 - 2674 - 2675 - 2676 - 2677 - 2678 - 2679 - 2680 - 2681 - 2682 - 2683 - 2684 - 2685 - 2686 - 2687 - 2688 - 2689 - 2690 - 2691 - 2692 - 2693 - 2694 - 2695 - 2696 - 2697 - 2698 - 2699 - 2700 - 2701 - 2702 - 2703 - 2704 - 2705 - 2706 - 2707 - 2708 - 2709 - 2710 - 2711 - 2712 - 2713 - 2714 - 2715 - 2716 - 2717 - 2718 - 2719 - 2720 - 2721 - 2722 - 2723 - 2724 - 2725 - 2726 - 2727 - 2728 - 2729 - 2730 - 2731 - 2732 - 2733 - 2734 - 2735 - 2736 - 2737 - 2738 - 2739 - 2740 - 2741 - 2742 - 2743 - 2744 - 2745 - 2746 - 2747 - 2748 - 2749 - 2750 - 2751 - 2752 - 2753 - 2754 - 2755 - 2756 - 2757 - 2758 - 2759 - 2760 - 2761 - 2762 - 2763 - 2764 - 2765 - 2766 - 2767 - 2768 - 2769 - 2770 - 2771 - 2772 - 2773 - 2774 - 2775 - 2776 - 2777 - 2778 - 2779 - 2780 - 2781 - 2782 - 2783 - 2784 - 2785 - 2786 - 2787 - 2788 - 2789 - 2790 - 2791 - 2792 - 2793 - 2794 - 2795 - 2796 - 2797 - 2798 - 2799 - 2800 - 2801 - 2802 - 2803 - 2804 - 2805 - 2806 - 2807 - 2808 - 2809 - 2810 - 2811 - 2812 - 2813 - 2814 - 2815 - 2816 - 2817 - 2818 - 2819 - 2820 - 2821 - 2822 - 2823 - 2824 - 2825 - 2826 - 2827 - 2828 - 2829 - 2830 - 2831 - 2832 - 2833 - 2834 - 2835 - 2836 - 2837 - 2838 - 2839 - 2840 - 2841 - 2842 - 2843 - 2844 - 2845 - 2846 - 2847 - 2848 - 2849 - 2850 - 2851 - 2852 - 2853 - 2854 - 2855 - 2856 - 2857 - 2858 - 2859 - 2860 - 2861 - 2862 - 2863 - 2864 - 2865 - 2866 - 2867 - 2868 - 2869 - 2870 - 2871 - 2872 - 2873 - 2874 - 2875 - 2876 - 2877 - 2878 - 2879 - 2880 - 2881 - 2882 - 2883 - 2884 - 2885 - 2886 - 2887 - 2888 - 2889 - 2890 - 2891 - 2892 - 2893 - 2894 - 2895 - 2896 - 2897 - 2898 - 2899 - 2900 - 2901 - 2902 - 2903 - 2904 - 2905 - 2906 - 2907 - 2908 - 2909 - 2910 - 2911 - 2912 - 2913 - 2914 - 2915 - 2916 - 2917 - 2918 - 2919 - 2920 - 2921 - 2922 - 2923 - 2924 - 2925 - 2926 - 2927 - 2928 - 2929 - 2930 - 2931 - 2932 - 2933 - 2934 - 2935 - 2936 - 2937 - 2938 - 2939 - 2940 - 2941 - 2942 - 2943 - 2944 - 2945 - 2946 - 2947 - 2948 - 2949 - 2950 - 2951 - 2952 - 2953 - 2954 - 2955 - 2956 - 2957 - 2958 - 2959 - 2960 - 2961 - 2962 - 2963 - 2964 - 2965 - 2966 - 2967 - 2968 - 2969 - 2970 - 2971 - 2972 - 2973 - 2974 - 2975 - 2976 - 2977 - 2978 - 2979 - 2980 - 2981 - 2982 - 2983 - 2984 - 2985 - 2986 - 2987 - 2988 - 2989 - 2990 - 2991 - 2992 - 2993 - 2994 - 2995 - 2996 - 2997 - 2998 - 2999 - 3000 - 3001 - 3002 - 3003 - 3004 - 3005 - 3006 - 3007 - 3008 - 3009 - 3010 - 3011 - 3012 - 3013 - 3014 - 3015 - 3016 - 3017 - 3018 - 3019 - 3020 - 3021 - 3022 - 3023 - 3024 - 3025 - 3026 - 3027 - 3028 - 3029 - 3030 - 3031 - 3032 - 3033 - 3034 - 3035 - 3036 - 3037 - 3038 - 3039 - 3040 - 3041 - 3042 - 3043 - 3044 - 3045 - 3046 - 3047 - 3048 - 3049 - 3050 - 3051 - 3052 - 3053 - 3054 - 3055 - 3056 - 3057 - 3058 - 3059 - 3060 - 3061 - 3062 - 3063 - 3064 - 3065 - 3066 - 3067 - 3068 - 3069 - 3070 - 3071 - 3072 - 3073 - 3074 - 3075 - 3076 - 3077 - 3078 - 3079 - 3080 - 3081 - 3082 - 3083 - 3084 - 3085 - 3086 - 3087 - 3088 - 3089 - 3090 - 3091 - 3092 - 3093 - 3094 - 3095 - 3096 - 3097 - 3098 - 3099 - 3100 - 3101 - 3102 - 3103 - 3104 - 3105 - 3106 - 3107 - 3108 - 3109 - 3110 - 3111 - 3112 - 3113 - 3114 - 3115 - 3116 - 3117 - 3118 - 3119 - 3120 - 3121 - 3122 - 3123 - 3124 - 3125 - 3126 - 3127 - 3128 - 3129 - 3130 - 3131 - 3132 - 3133 - 3134 - 3135 - 3136 - 3137 - 3138 - 3139 - 3140 - 3141 - 3142 - 3143 - 3144 - 3145 - 3146 - 3147 - 3148 - 3149 - 3150 - 3151 - 3152 - 3153 - 3154 - 3155 - 3156 - 3157 - 3158 - 3159 - 3160 - 3161 - 3162 - 3163 - 3164 - 3165 - 3166 - 3167 - 3168 - 3169 - 3170 - 3171 - 3172 - 3173 - 3174 - 3175 - 3176 - 3177 - 3178 - 3179 - 3180 - 3181 - 3182 - 3183 - 3184 - 3185 - 3186 - 3187 - 3188 - 3189 - 3190 - 3191 - 3192 - 3193 - 3194 - 3195 - 3196 - 3197 - 3198 - 3199 - 3200 - 3201 - 3202 - 3203 - 3204 - 3205 - 3206 - 3207 - 3208 - 3209 - 3210 - 3211 - 3212 - 3213 - 3214 - 3215 - 3216 - 3217 - 3218 - 3219 - 3220 - 3221 - 3222 - 3223 - 3224 - 3225 - 3226 - 3227 - 3228 - 3229 - 3230 - 3231 - 3232 - 3233 - 3234 - 3235 - 3236 - 3237 - 3238 - 3239 - 3240 - 3241 - 3242 - 3243 - 3244 - 3245 - 3246 - 3247 - 3248 - 3249 - 3250 - 3251 - 3252 - 3253 - 3254 - 3255 - 3256 - 3257 - 3258 - 3259 - 3260 - 3261 - 3262 - 3263 - 3264 - 3265 - 3266 - 3267 - 3268 - 3269 - 3270 - 3271 - 3272 - 3273 - 3274 - 3275 - 3276 - 3277 - 3278 - 3279 - 3280 - 3281 - 3282 - 3283 - 3284 - 3285 - 3286 - 3287 - 3288 - 3289 - 3290 - 3291 - 3292 - 3293 - 3294 - 3295 - 3296 - 3297 - 3298 - 3299 - 3300 - 3301 - 3302 - 3303 - 3304 - 3305 - 3306 - 3307 - 3308 - 3309 - 3310 - 3311 - 3312 - 3313 - 3314 - 3315 - 3316 - 3317 - 3318 - 3319 - 3320 - 3321 - 3322 - 3323 - 3324 - 3325 - 3326 - 3327 - 3328 - 3329 - 3330 - 3331 - 3332 - 3333 - 3334 - 3335 - 3336 - 3337 - 3338 - 3339 - 3340 - 3341 - 3342 - 3343 - 3344 - 3345 - 3346 - 3347 - 3348 - 3349 - 3350 - 3351 - 3352 - 3353 - 3354 - 3355 - 3356 - 3357 - 3358 - 3359 - 3360 - 3361 - 3362 - 3363 - 3364 - 3365 - 3366 - 3367 - 3368 - 3369 - 3370 - 3371 - 3372 - 3373 - 3374 - 3375 - 3376 - 3377 - 3378 - 3379 - 3380 - 3381 - 3382 - 3383 - 3384 - 3385 - 3386 - 3387 - 3388 - 3389 - 3390 - 3391 - 3392 - 3393 - 3394 - 3395 - 3396 - 3397 - 3398 - 3399 - 3400 - 3401 - 3402 - 3403 - 3404 - 3405 - 3406 - 3407 - 3408 - 3409 - 3410 - 3411 - 3412 - 3413 - 3414 - 3415 - 3416 - 3417 - 3418 - 3419 - 3420 - 3421 - 3422 - 3423 - 3424 - 3425 - 3426 - 3427 - 3428 - 3429 - 3430 - 3431 - 3432 - 3433 - 3434 - 3435 - 3436 - 3437 - 3438 - 3439 - 3440 - 3441 - 3442 - 3443 - 3444 - 3445 - 3446 - 3447 - 3448 - 3449 - 3450 - 3451 - 3452 - 3453 - 3454 - 3455 - 3456 - 3457 - 3458 - 3459 - 3460 - 3461 - 3462 - 3463 - 3464 - 3465 - 3466 - 3467 - 3468 - 3469 - 3470 - 3471 - 3472 - 3473 - 3474 - 3475 - 3476 - 3477 - 3478 - 3479 - 3480 - 3481 - 3482 - 3483 - 3484 - 3485 - 3486 - 3487 - 3488 - 3489 - 3490 - 3491 - 3492 - 3493 - 3494 - 3495 - 3496 - 3497 - 3498 - 3499 - 3500 - 3501 - 3502 - 3503 - 3504 - 3505 - 3506 - 3507 - 3508 - 3509 - 3510 - 3511 - 3512 - 3513 - 3514 - 3515 - 3516 - 3517 - 3518 - 3519 - 3520 - 3521 - 3522 - 3523 - 3524 - 3525 - 3526 - 3527 - 3528 - 3529 - 3530 - 3531 - 3532 - 3533 - 3534 - 3535 - 3536 - 3537 - 3538 - 3539 - 3540 - 3541 - 3542 - 3543 - 3544 - 3545 - 3546 - 3547 - 3548 - 3549 - 3550 - 3551 - 3552 - 3553 - 3554 - 3555 - 3556 - 3557 - 3558 - 3559 - 3560 - 3561 - 3562 - 3563 - 3564 - 3565 - 3566 - 3567 - 3568 - 3569 - 3570 - 3571 - 3572 - 3573 - 3574 - 3575 - 3576 - 3577 - 3578 - 3579 - 3580 - 3581 - 3582 - 3583 - 3584 - 3585 - 3586 - 3587 - 3588 - 3589 - 3590 - 3591 - 3592 - 3593 - 3594 - 3595 - 3596 - 3597 - 3598 - 3599 - 3600 - 3601 - 3602 - 3603 - 3604 - 3605 - 3606 - 3607 - 3608 - 3609 - 3610 - 3611 - 3612 - 3613 - 3614 - 3615 - 3616 - 3617 - 3618 - 3619 - 3620 - 3621 - 3622 - 3623 - 3624 - 3625 - 3626 - 3627 - 3628 - 3629 - 3630 - 3631 - 3632 - 3633 - 3634 - 3635 - 3636 - 3637 - 3638 - 3639 - 3640 - 3641 - 3642 - 3643 - 3644 - 3645 - 3646 - 3647 - 3648 - 3649 - 3650 - 3651 - 3652 - 3653 - 3654 - 3655 - 3656 - 3657 - 3658 - 3659 - 3660 - 3661 - 3662 - 3663 - 3664 - 3665 - 3666 - 3667 - 3668 - 3669 - 3670 - 3671 - 3672 - 3673 - 3674 - 3675 - 3676 - 3677 - 3678 - 3679 - 3680 - 3681 - 3682 - 3683 - 3684 - 3685 - 3686 - 3687 - 3688 - 3689 - 3690 - 3691 - 3692 - 3693 - 3694 - 3695 - 3696 - 3697 - 3698 - 3699 - 3700 - 3701 - 3702 - 3703 - 3704 - 3705 - 3706 - 3707 - 3708 - 3709 - 3710 - 3711 - 3712 - 3713 - 3714 - 3715 - 3716 - 3717 - 3718 - 3719 - 3720 - 3721 - 3722 - 3723 - 3724 - 3725 - 3726 - 3727 - 3728 - 3729 - 3730 - 3731 - 3732 - 3733 - 3734 - 3735 - 3736 - 3737 - 3738 - 3739 - 3740 - 3741 - 3742 - 3743 - 3744 - 3745 - 3746 - 3747 - 3748 - 3749 - 3750 - 3751 - 3752 - 3753 - 3754 - 3755 - 3756 - 3757 - 3758 - 3759 - 3760 - 3761 - 3762 - 3763 - 3764 - 3765 - 3766 - 3767 - 3768 - 3769 - 3770 - 3771 - 3772 - 3773 - 3774 - 3775 - 3776 - 3777 - 3778 - 3779 - 3780 - 3781 - 3782 - 3783 - 3784 - 3785 - 3786 - 3787 - 3788 - 3789 - 3790 - 3791 - 3792 - 3793 - 3794 - 3795 - 3796 - 3797 - 3798 - 3799 - 3800 - 3801 - 3802 - 3803 - 3804 - 3805 - 3806 - 3807 - 3808 - 3809 - 3810 - 3811 - 3812 - 3813 - 3814 - 3815 - 3816 - 3817 - 3818 - 3819 - 3820 - 3821 - 3822 - 3823 - 3824 - 3825 - 3826 - 3827 - 3828 - 3829 - 3830 - 3831 - 3832 - 3833 - 3834 - 3835 - 3836 - 3837 - 3838 - 3839 - 3840 - 3841 - 3842 - 384



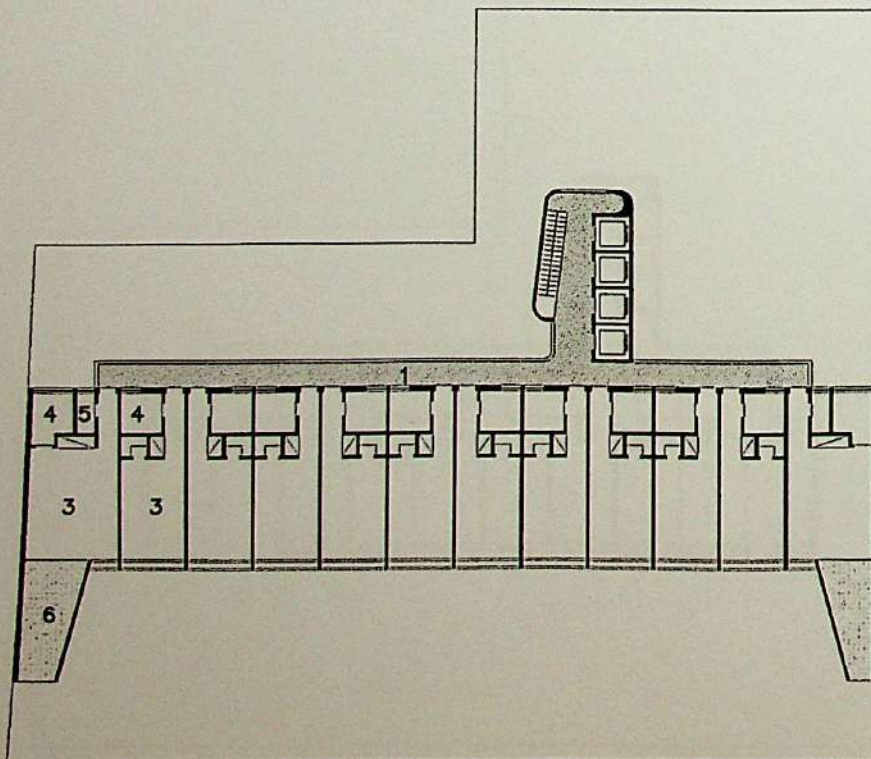
LEGENDA

- 1 HALL ACESSO
- 2 LOJAS
- 3 SALAS
- 4 BANHEIRO
- 5 QUITINETE
- 6 TERRAÇO

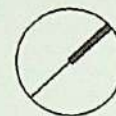


AV. 9 DE JULHO

PLANTA PAV. TÉRREO 0 | 5m

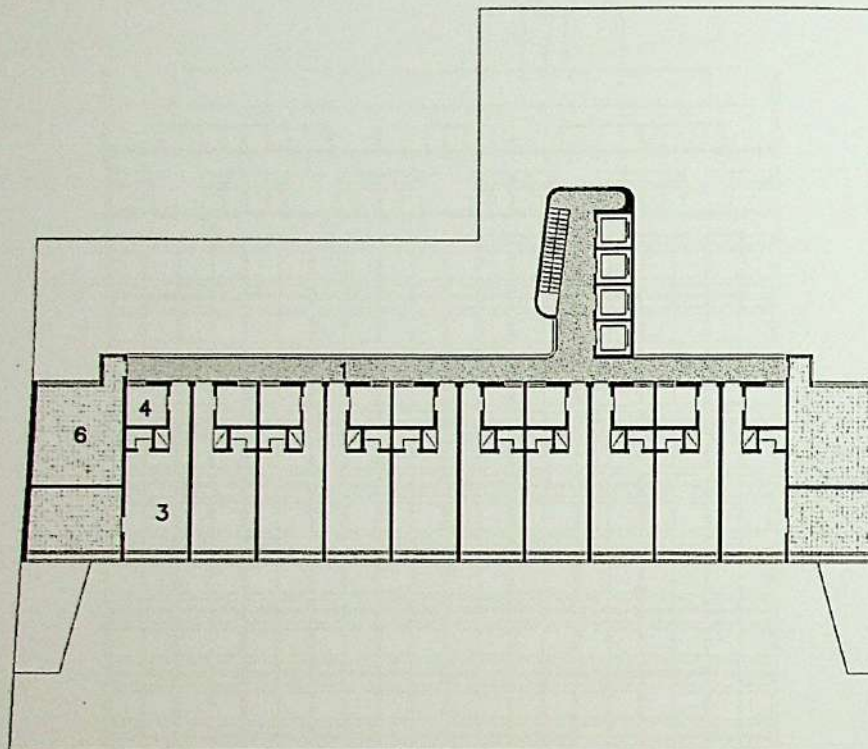


PLANTA 1ª AO 7ª PAVIMENTO

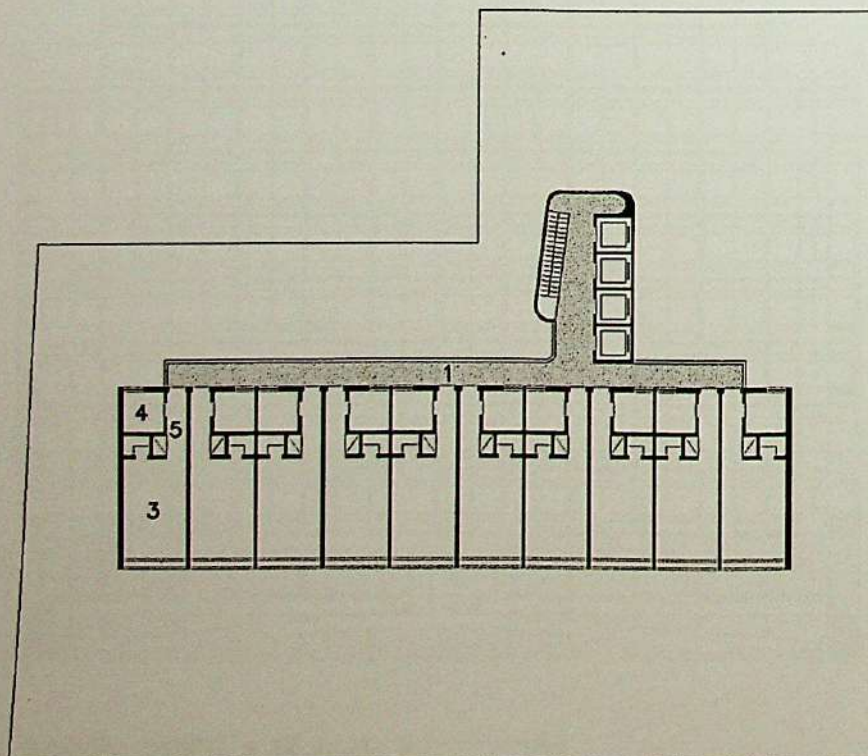


LEGENDA

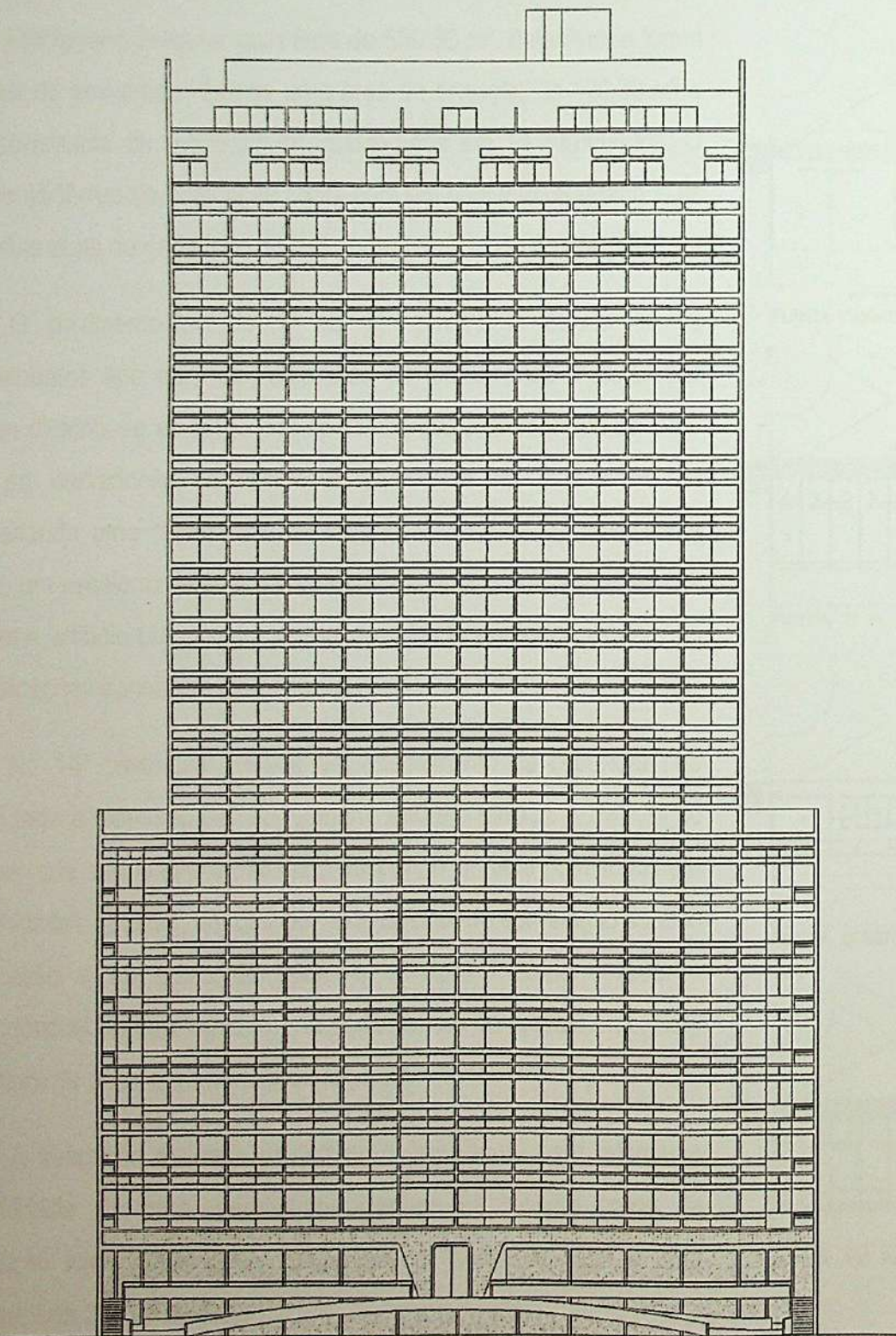
- 1 HALL ACESSO
- 2 LOJAS
- 3 SALAS
- 4 BANHEIRO
- 5 QUITINETE
- 6 TERRAÇO



PLANTA 8º PAVIMENTO 5m



PLANTA 9º AO 20º PAVIMENTO



ELEVAÇÃO FRONTAL 9 DE JULHO 0 | 5m

O edifício Arapuan, localizado na rua Martins Fontes, 268, também merece destaque sendo um dos primeiros edifícios para solteiros ou casal sem filhos, denominados quitinetes, que Heep projetou em 1953 para a construtora Otto Meinberg.

Um terreno irregular com área de 630,80 m², determina a forma vagonar do andar-tipo. Temos uma área de projeção de 420,20 m² e área construída de 5.659,50 m², distribuídos em 14 pavimentos. O pavimento térreo da edificação conta com um conjunto de quatro lojas dispostas duas de cada lado do hall central de acesso às unidades.

O pavimento-tipo do 1º ao 11º pavimento dispõe de 10 apartamentos tipo quitinete, dispostos em linha, onde a circulação comum distribui-se ao longo dos apartamentos formando um corredor com os elevadores no centro e a escada no lado esquerdo aproveitando uma reentrância no terreno. Os 12º e 13º pavimentos sofrem um escalonamento incorporando um terraço nos apartamentos, conforme artifício previsto na legislação vigente na época, permitindo as edificações ganharem altura escalonando seus andares superiores.

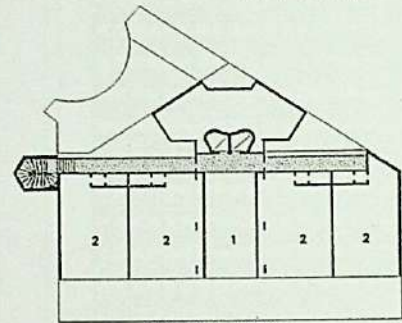
No 14º pavimento, temos um apartamento de cobertura que ocupa toda a extensão da laje, com um enorme terraço. A disposição vagonar dos ambientes é inusitada, dispondo os dois dormitórios em extremidades opostas, um grande living deslocado em relação ao eixo de acesso e às áreas de apoio e serviços - como cozinha e dependências de empregados - na parte central do apartamento. Este seria durante anos a residência do arquiteto.

A descrição de cada pavimento é importante para reforçar a versatilidade da obra, permitindo adequar no mesmo corpo da edificação lojas, "quitinetes", apartamentos "quarto e sala" e uma cobertura de 265 m² de área.

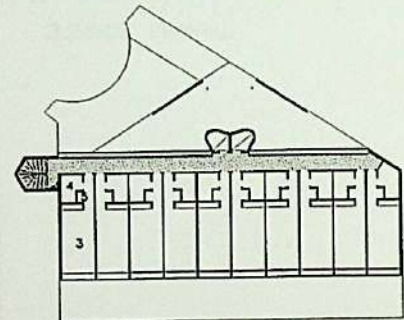


LEGENDA

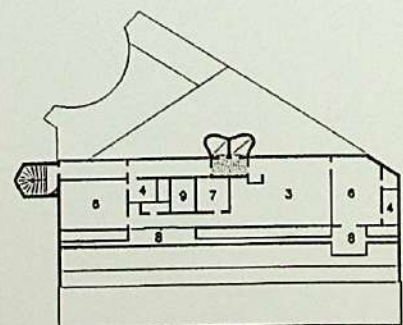
- 1 HALL ACESSO
- 2 LOJAS
- 3 SALA
- 4 BANHEIRO
- 5 QUITINETE
- 6 DORMITÓRIO
- 7 COZINHA
- 8 TERRAÇO
- 9 A. SERVIÇO



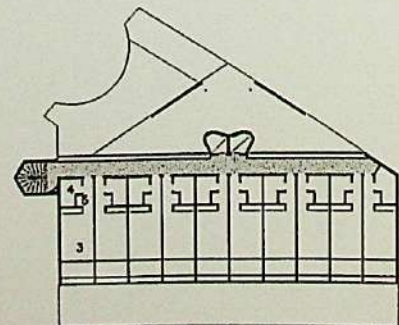
PLANTA PAVIMENTO TÉRREO 0 — 5m



PLANTA 1º - 11º PAVIMENTO



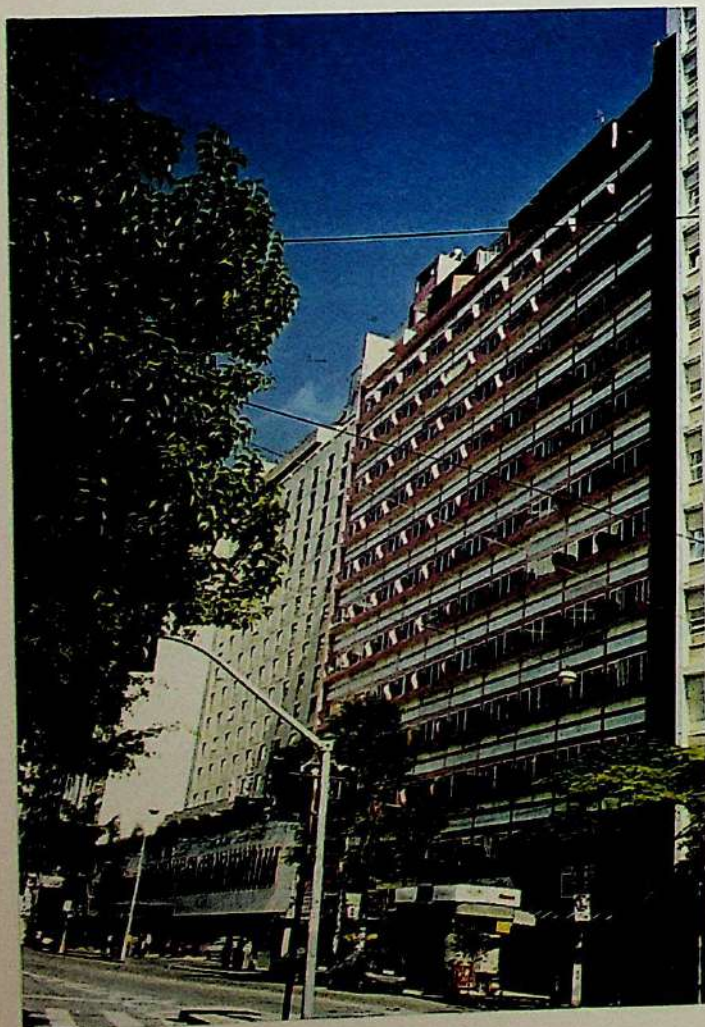
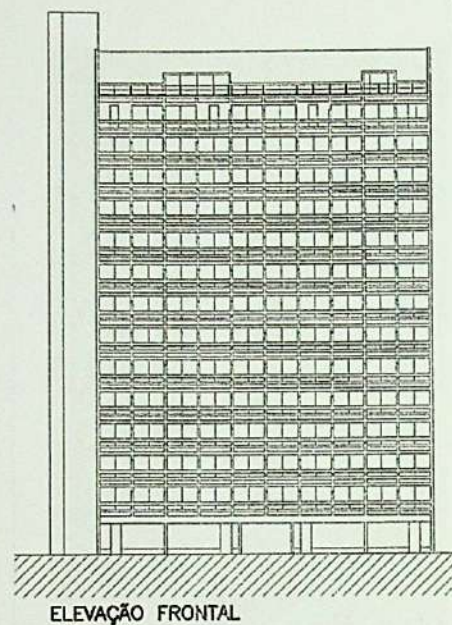
PLANTA COBERTURA



PLANTA 12º PAVIMENTO

Além dos elementos de fachada – brise em forma de orelha e jardineira conjugada com uma caixilharia que permite ventilação cruzada – destacamos a fachada posterior, visível pela rua Nestor Pestana; observamos a circulação comum aberta para o exterior como uma enorme varanda, vedada por meio de venezianas de vidro transparente e protegida da insolação por dois elementos verticais tratados de uma forma plástica: o elevador e a escada de acesso aos pavimentos. Portanto outro elemento que distingue as obras de Heep, o tratamento de todas as fachadas.

Recentemente as pastilhas da fachada que originalmente eram brancas foram displicentemente pintadas com tinta esmalte na cor rosa. Também a parte inferior do caixilho teve seus vidros pintados em branco perdendo iluminação.



O edifício Maracanã, situado na rua Quirino de Andrade nº 155, 159 e 169, no trecho de rua rebaixado e paralelo em relação à rua Xavier de Toledo, próximo à Ladeira da Memória, em um terreno com área de 745,73 m², teve seu projeto desenvolvido por Heep para a Construtora Sociedade Agrícola e Imobiliária F. Roversi. O prédio tem um programa misto, agrupando "quitinetes", escritórios, lojas e apartamentos "quarto e sala", tendo de área de projeção 693,47 m² e de área construída 7.167,85 m², distribuídos em 14 pavimentos.

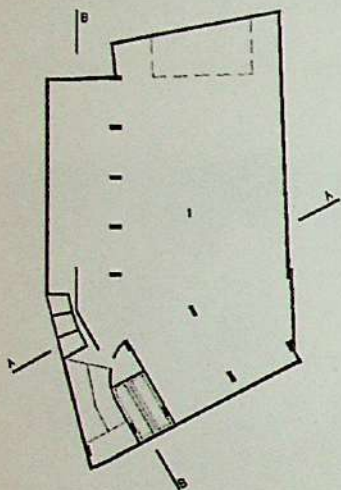
A edificação no pavimento térreo abriga um hall de acesso aos apartamentos e uma grande loja. A partir do 1º pavimento a edificação divide-se em dois blocos interligados por um eixo de circulação vertical, rotacionados em 90º, de maneira que o primeiro bloco, lindeiro à rua Quirino de Andrade, agrupa seis apartamentos residenciais do tipo quitinete em linha abrangendo toda a frente do terreno e o segundo bloco agrupa escritórios até o 7º pavimento, passando do 8º ao 14º pavimento a ter uso residencial.

Os apartamentos são perpendiculares à rua, excetuando-se os das extremidades que apresentam uma planta irregular, acomodando-se aos limites do terreno. A colocação de terraços nestas unidades permite um diálogo confortável com os prédios vizinhos, valorizando o volume formado pelos quatro apartamentos centrais. Os elementos recorrentes na obra de Heep, já citados, como o caixilho com ventilação cruzada, o elemento de separação das unidades em forma de orelha juntamente com uma floreira e a planta similar, estão presentes e constituem um diferencial da edificação neste trecho deteriorado da área central da cidade.

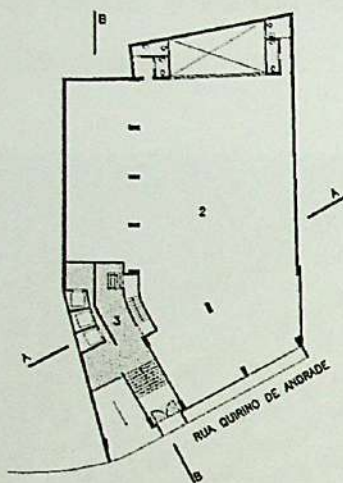
A inserção de mais um elemento na fachada, uma empena vertical quase cega - exceção a uma abertura vertical para dar iluminação e ventilação a um banheiro - arremata a curvatura da rua



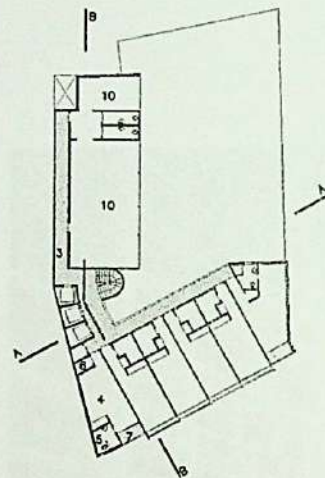
que inicia no lote de esquina da rua Quirino de Andrade com a rua João Adolfo. O apartamento encontra-se em estado precário de conservação, porém a dignidade de suas intenções enquanto boa arquitetura está preservada.



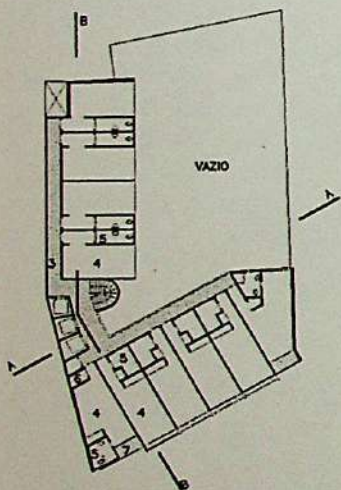
PLANTA PAVIMENTO SUBSOLO 0r — 15m



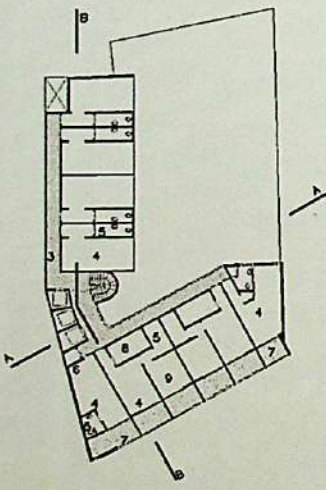
PLANTA PAVIMENTO TÉRREO



PLANTA 1° AO 7° PAVIMENTO



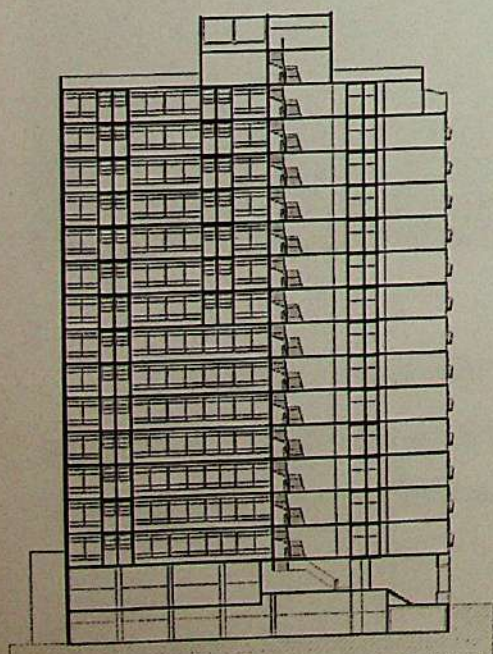
PLANTA 8° AO 13° PAVIMENTO



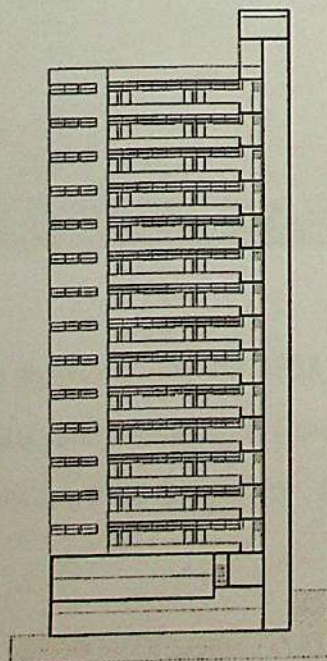
PLANTA 14° PAVIMENTO

LEGENDA

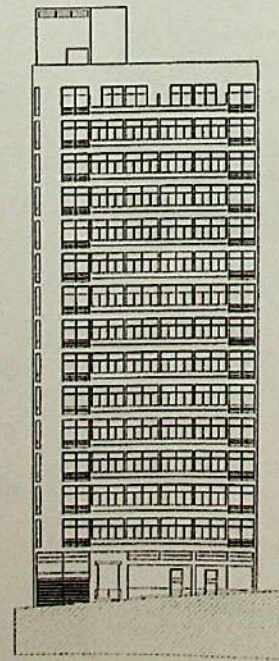
- 1 GARAGEM
- 2 LOJA
- 3 HALL ACESSO
- 4 SALA
- 5 BANHEIRO
- 6 QUITINETE
- 7 TERRAÇO
- 8 COZINHA
- 9 DORMITÓRIO
- 10 ESCRITÓRIO



CORTE BB



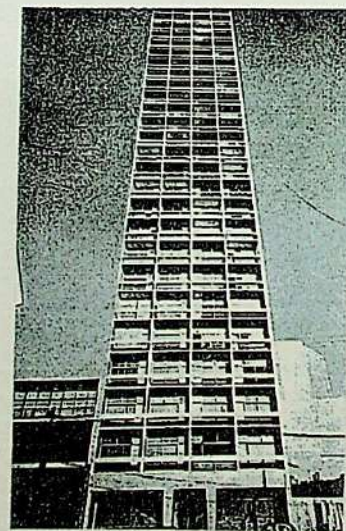
CORTE AA



ELEVAÇÃO FRONTAL

5.1.2 - O edifício Icaraí - exemplo da tipologia 2

A Praça Roosevelt apresenta no lado esquerdo em relação à rua da Consolação - onde existia antigamente a rua Martinho Prado - uma barreira de prédios altos. Sem dúvida, o edifício Icaraí se destaca na paisagem construída por seu porte esguio e alto.



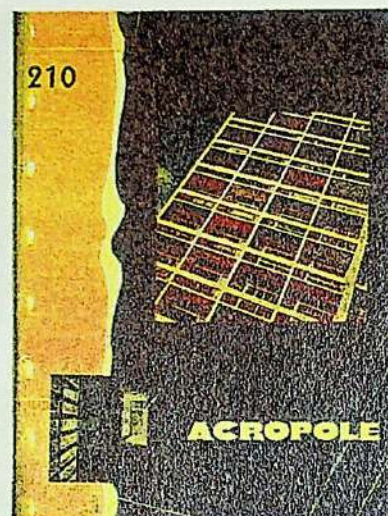
O edifício tem como data de projeto o ano de 1953, sendo edificado pela Construtora e Imobiliária Otto Meinberg e Construtora George Doppler, em um terreno com área de 375,00 m², área de

projeção de 375,00 m² e área construída de 5.354,61 m², distribuídos em 24 pavimentos.

A fachada alta e estreita adquire leveza pela subtração oferecida pelos terraços, formando uma grelha que se projeta no alinhamento da calçada. Esta grelha sugere ter uma fina espessura, pelo artifício de afilar a extremidade das paredes laterais, bem como a laje de piso do terraço ter sua face inferior correspondente ao teto do subsequente inferior, inclinado afinando na extremidade. Na época de sua inauguração as paredes internas dos terraços eram pintadas em várias cores vivas, como vermelho, verde, amarelo, violeta (ver detalhe exibido na capa da revista Acrópole nº 210 de 1956), sendo que, após sucessivas reformas, terminaram pintadas de branco. Heep abusava de um tratamento cromático nas suas fachadas seja com a pintura na parte interna dos terraços, seja com a pintura das venezianas, onde propunha não um plano de cor em uma empena, mas a cor em superfícies que fossem móveis (venezianas) ou sofressem a influência de sombra e visuais (terraços) e não em uma parede única.

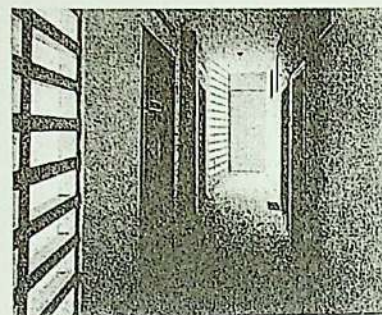
Como a frente do terreno tem 15 metros haveria a possibilidade de serem implantados cinco unidades habitacionais de um cômodo na planta-tipo, porém no limite que a legislação permitia quanto à largura desse cômodo. Heep convence então Otto Meinberg que seria melhor implantar quatro unidades mais generosas ao invés de cinco apertadas. Assim foi feito, resultando num disputado apartamento quitinete, seja pela sua insolação controlada pelo terraço, pela dimensão e pelas visuais abertas para a praça, possibilitada pelo plano de caixilho correspondente à largura e pé-direito totais da sala.

Destacamos também o fato do amplo espaço no térreo abrigar durante anos a loja de móveis "Mobília Contemporânea", famosa na época por vender móveis afinados com o ideário moderno.



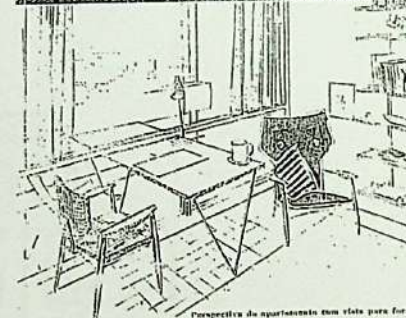
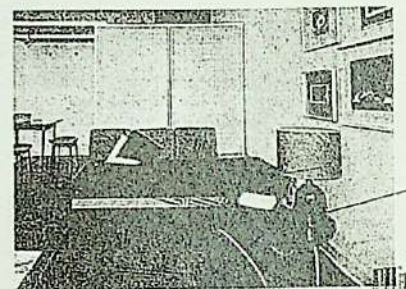
Na edição nº 210 da revista Acrópole de 1956 aparece um layout de ocupação da unidade, oferecendo várias possibilidades de organização de um espaço mínimo, onde segundo o texto da revista: "Os apartamentos possuem dimensões que permitem comodamente instalar o living, com poltronas, mesas de refeições, biblioteca, dormitório, armário embutido, etc. No corredor de entrada, situa-se o banheiro e a kitchenete equipada com geladeira. No quarto, um armário embutido com lugar para malas evita o uso do imóvel para guardar roupas. A janela bem rasgada para a vista ocupando toda a largura da sala, e o terraço com área suficiente para refeições fora, dão a impressão de largueza. Com o rebaixamento do teto, na parte reservada às refeições, e uma parede divisória feita com cortinas de madeira que permitem a passagem de luz, formando uma antecâmara, criou-se a divisão do espaço. Com um mínimo de móveis nos recantos para comer, dormir e estar, e mais o uso do terraço como parte da sala, transformou-se o apartamento em uma verdadeira residência". Em destaque indica que a decoração do apartamento foi elaborada pela Mobília Contemporânea Ltda.

Esta descrição das possibilidades de um espaço tão exíguo está afinada com os princípios da arquitetura moderna racionalista, que segundo observação de Catharine Gati em seu ensaio para a revista Projeto²⁵ "além de satisfazer a lógica comercial que reproduz o que é bem aceito pelo mercado, procura chegar a um espaço-padrão, resposta perfeita às necessidades do usuário, visto como homem-padrão, além de permitir, ao menos teoricamente, a industrialização dos elementos construtivos".



Hall de circulação dos andares

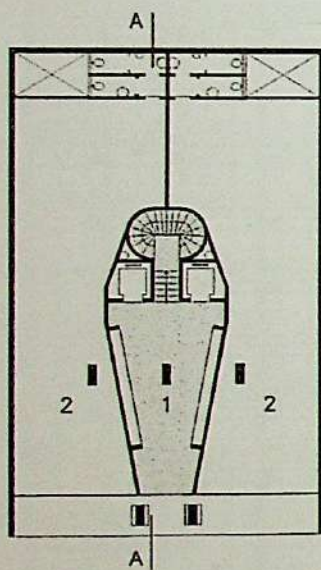
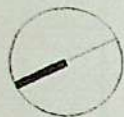
Aspecto da interior de um dos apartamentos



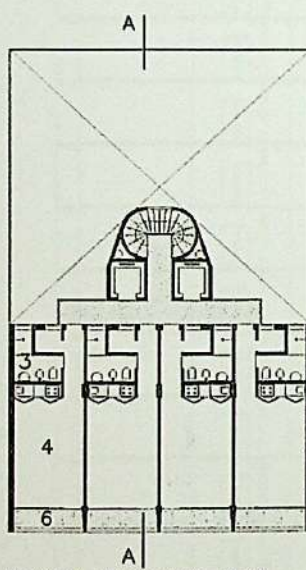
Perspectiva do apartamento com vista para fora. Notar que a mesa sustenta-se no terraço.

²⁵ GATI, Catharina. "Perfil de Arquiteto - Franz Heep", Revista Projeto, São Paulo, (97): 98-104, março 1987

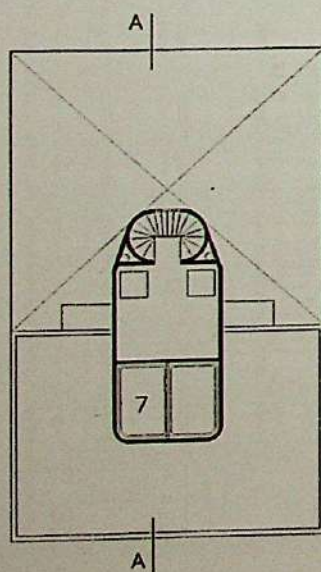
- 1 HALL ACESSO
- 2 LOJA
- 3 BANHEIRO
- 4 SALA
- 5 QUITINETE
- 6 TERRAÇO
- 7 CAIXA D'ÁGUA



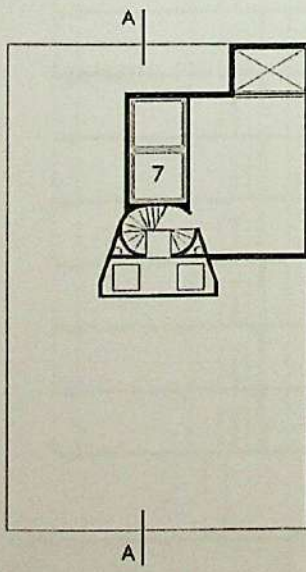
PLANTA PAVIMENTO TÉRREO 0 | 5m



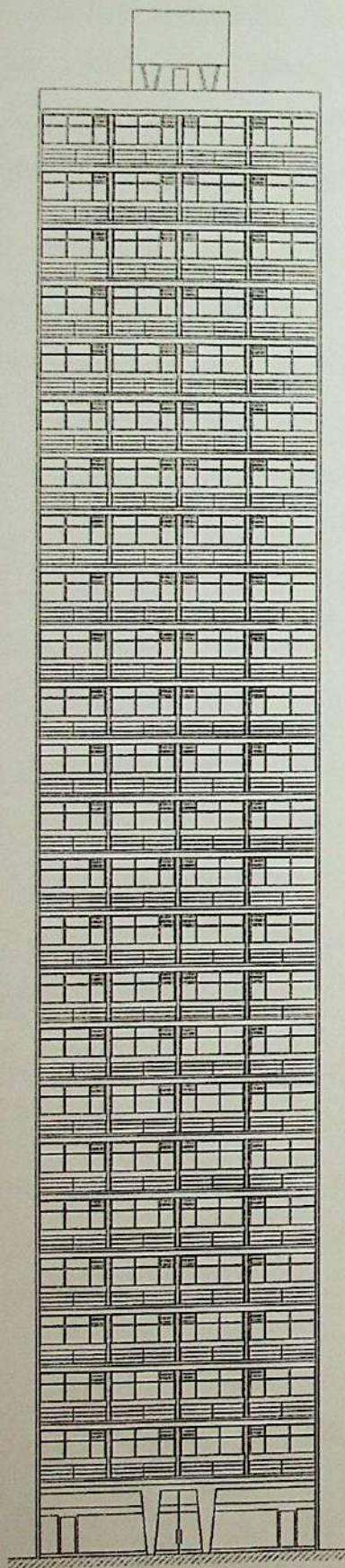
PLANTA PAVIMENTO TIPO



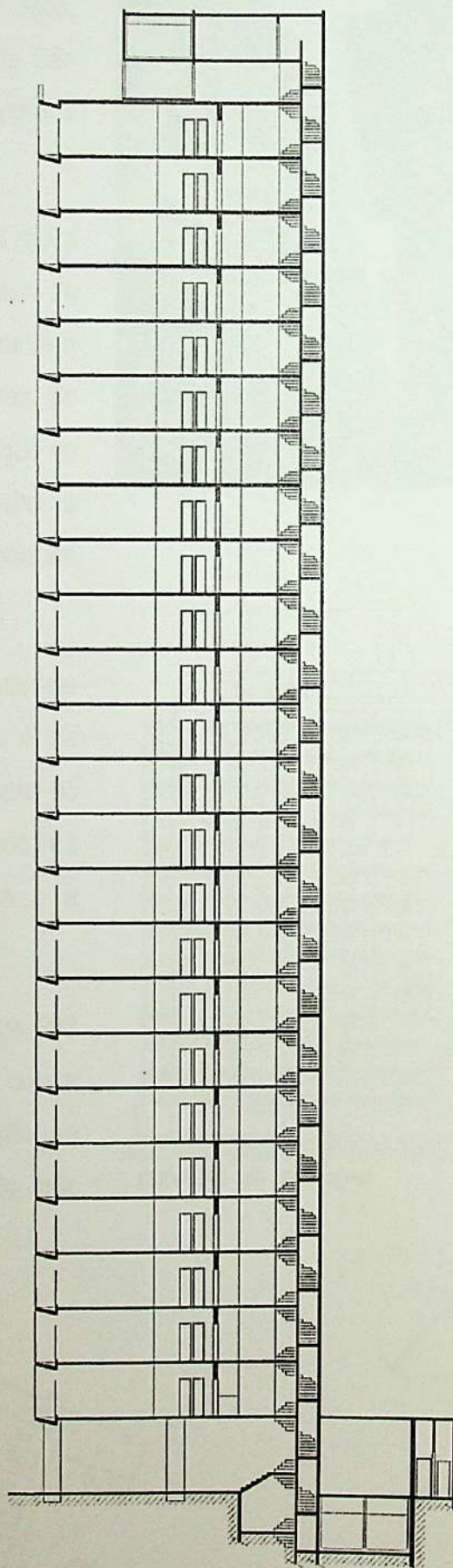
PLANTA COBERTURA



PLANTA SUBSOLO



ELEVAÇÃO 0 | 15m



CORTE AA

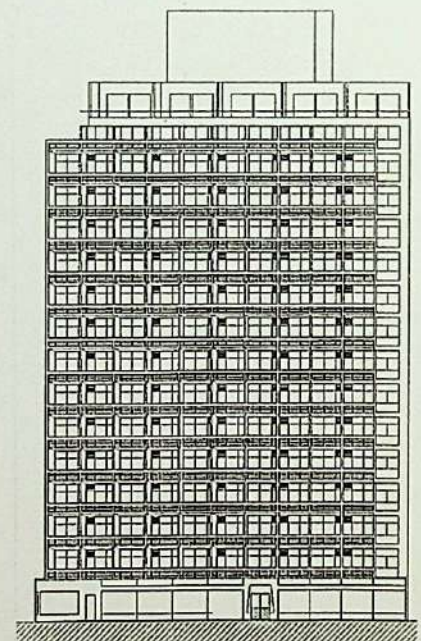
A OBRA DE ADOLF FRANZ HEEP NO BRASIL

O edifício Araraunas, localizado na avenida São João, 1821/1845, esquina com a alameda Gleite, em área central de São Paulo, tem data de projeto de 1955, sendo desenvolvido para a Construtora Comercial Dácio A de Moraes S/A.

Trata-se de mais um edifício de quitinetes, no qual Heep recua o caixilho da fachada, levemente curva, acompanhando a curvatura da rua, voltada para face noroeste, liberando uma *loggia*, que marca a unidade habitacional. O projeto tem características similares ao edifício Icarai na praça Roosevelt ou outras quitinetes, em relação ao programa das unidades: living-dormitórios, terraço, banheiro e quitinete; o caixilho que divide a sala do terraço possui uma porta em madeira e outra parte envidraçada, etc.

Atualmente o elevado Costa e Silva, o Minhocão, compromete suas visuais, seccionando a visão do conjunto da edificação. A via expressa, por sua opção aérea, trouxe uma deteriorização precoce ao bairro, extensiva às suas edificações. Esta não ficou atrás, tendo sua fachada descaracterizada com o fechamento dos terraços e a favelização do pavimento térreo.

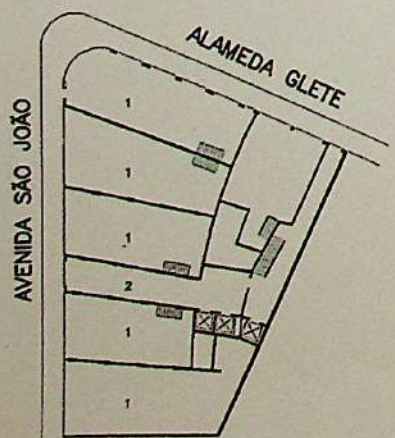
A revista Acrópole na sua edição de nº 234 de 1958, págs. 212 e 213, mostra a fachada original do prédio, sem o elevado, com a volumetria de 16 pavimentos, levemente curva em relação ao alinhamento da rua, abrindo o visual para a esquina da av. São João com a alameda Gleite.



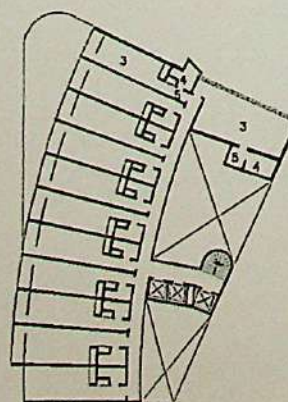
ELEVAÇÃO AV. SÃO JOÃO

LEGENDA

- 1 LOJA
- 2 HALL ACESSO
- 3 SALA
- 4 BANHEIRO
- 5 QUITINETE
- 6 TERRAÇO
- 7 QUARTO
- 8 COZINHA



PLANTA PAV. TÉRREO 0 5m



PLANTA 1º AO 13º PAV.



A OBRA DE ADOLF FRANZ HEEP NO BRASIL

O edifício **Marajó**, com projeto de 1953, situado na rua Santo Amaro, 353/361, implantado em um terreno retangular, no bairro paulista da Bela Vista, utiliza planta-tipo com formato de "H", distribuída em 10 pavimentos, isto é, dois blocos de apartamentos voltados um para a rua e outro para os fundos, no eixo leste-oeste e circulação vertical ao centro.

A planta-tipo tem seis unidades de um cômodo voltadas para cada fachada, sendo que, os ambientes voltados para a rua têm um terraço e os que são voltados para os fundos do terreno uma composição de elementos horizontais e verticais – brise e jardineira - formando um relicário das tipologias adotadas por Heep para edificações tipo quitinete.

Atualmente o edifício mudou de uso, tornando-se um prédio de escritórios, tendo sua fachada totalmente desfigurada onde os terraços foram incorporados à área interna da unidade, com um caixilho no alinhamento da edificação, perdendo a fachada característica proposta por Heep.



5.1.3 – O edifício Arlinda - exemplo da tipologia 3

A elegante torre de 24 pavimentos ergue-se na esplanada do Largo do Arouche, com sua fachada curva e ritmada, acompanhando o desenvolvimento da praça, prontamente revelando-se ao transeunte como ponto focal.

O projeto foi desenvolvido em 1959 para a Construtora Pacheco Fernandes, Dantas Ltda., em um terreno com área de 557,70 m²,



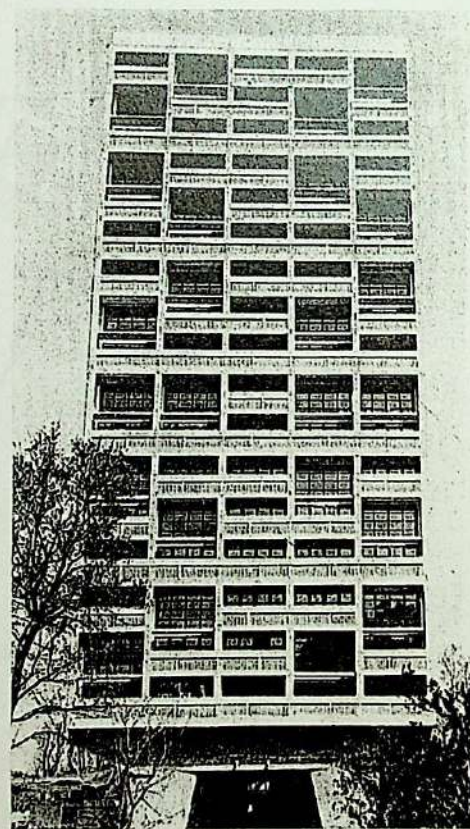
localizado no Largo do Arouche, 76/90, região central de São Paulo, tendo área de projeção de 468,80 m² e área construída de 7.596,40 m².

O programa da edificação é variado, comportando lojas no térreo, salas comerciais na sobreloja e residências nos andares superiores, condizente com a agitação do local.

A unidade conferida à fachada pelos singulares elementos com formato de "L" (jardineira e anteparo entre os caixilhos) reforça a verticalidade da torre, sendo que a não inclusão deste elemento em uma faixa de caixilhos nas extremidades laterais do lote descola o prédio das edificações vizinhas.

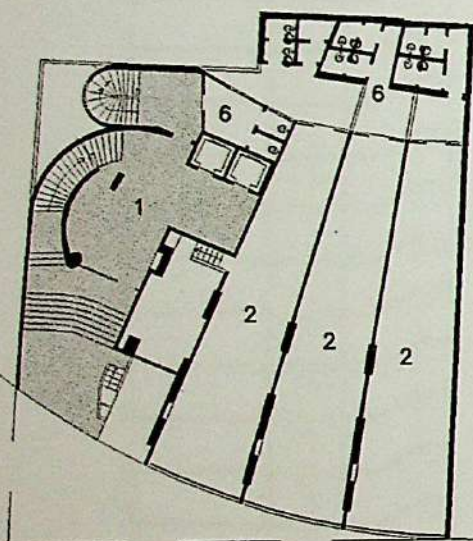
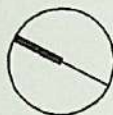
A cadência das jardineiras compoem um mosaico com uma fina faixa horizontal de pequenos elementos vazados nos pavimentos do edifício Arlinda, lembram muito as varandas desencontradas da face sul da unidade de habitação de Marselha, de Le Corbusier, projeto de 1946.

O andar-tipo comporta quatro apartamentos, todos com ambientes voltados para a praça. Um balcão na sobreloja organiza as salas comerciais, onde juntos definem um embasamento para a edificação. Atualmente o edifício está bem conservado e totalmente integrado à paisagem urbana da praça, destacando-se como marco vertical para quem chega ao largo do Arouche.



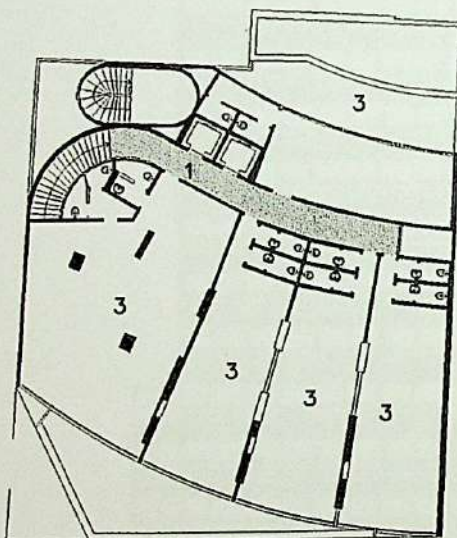
LEGENDA

- 1 HALL ACESSO
- 2 LOJA
- 3 SORELOJA
- 4 SALA
- 5 DORMITÓRIO
- 6 BANHEIRO
- 7 COZINHA
- 8 TERRAÇO

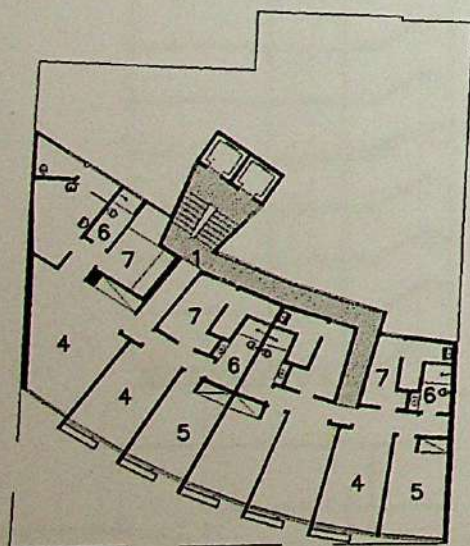


LARGO DO AROUCHE

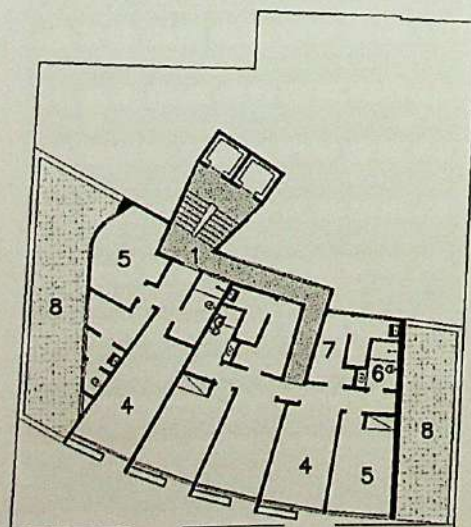
PLANTA PAV. TÉRREO 0 5m



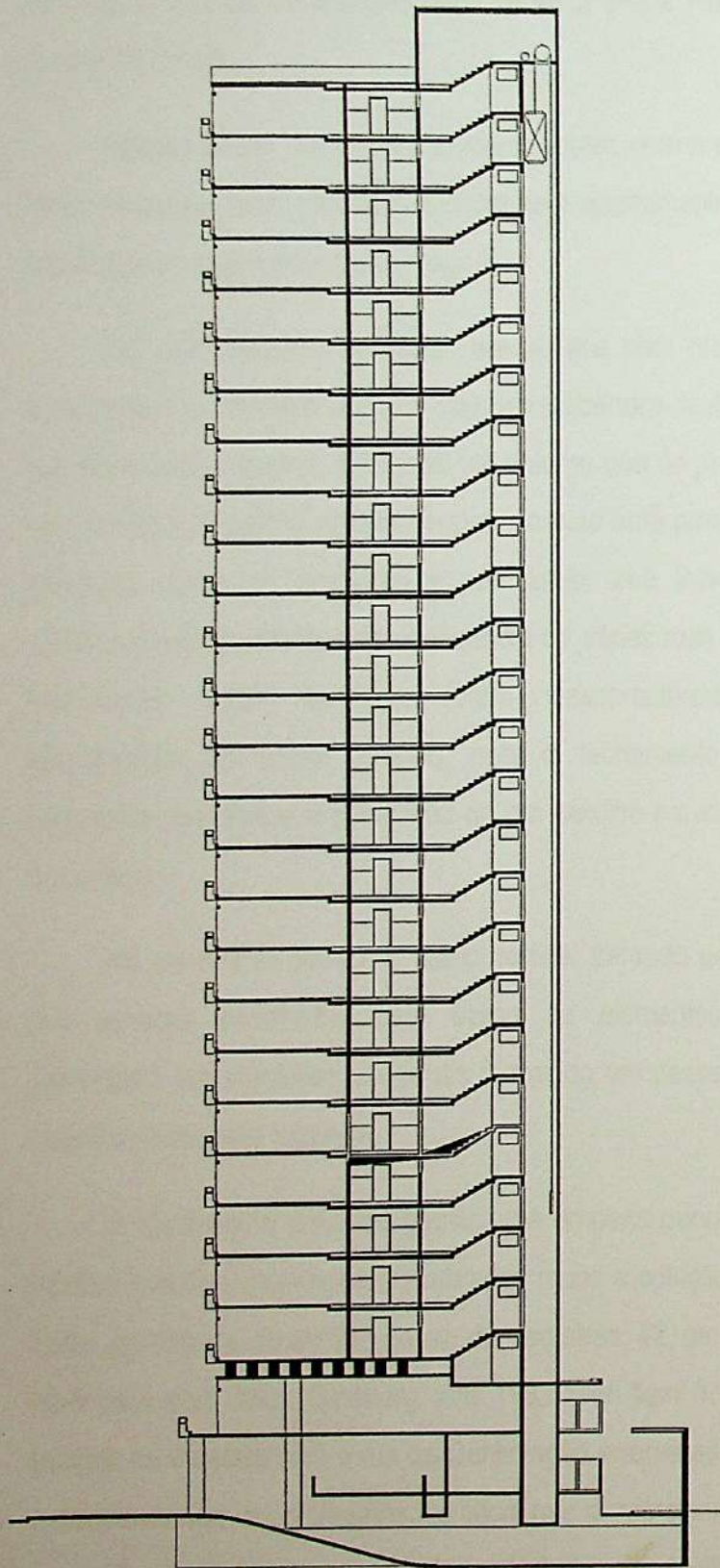
PLANTA SOBRELOJA



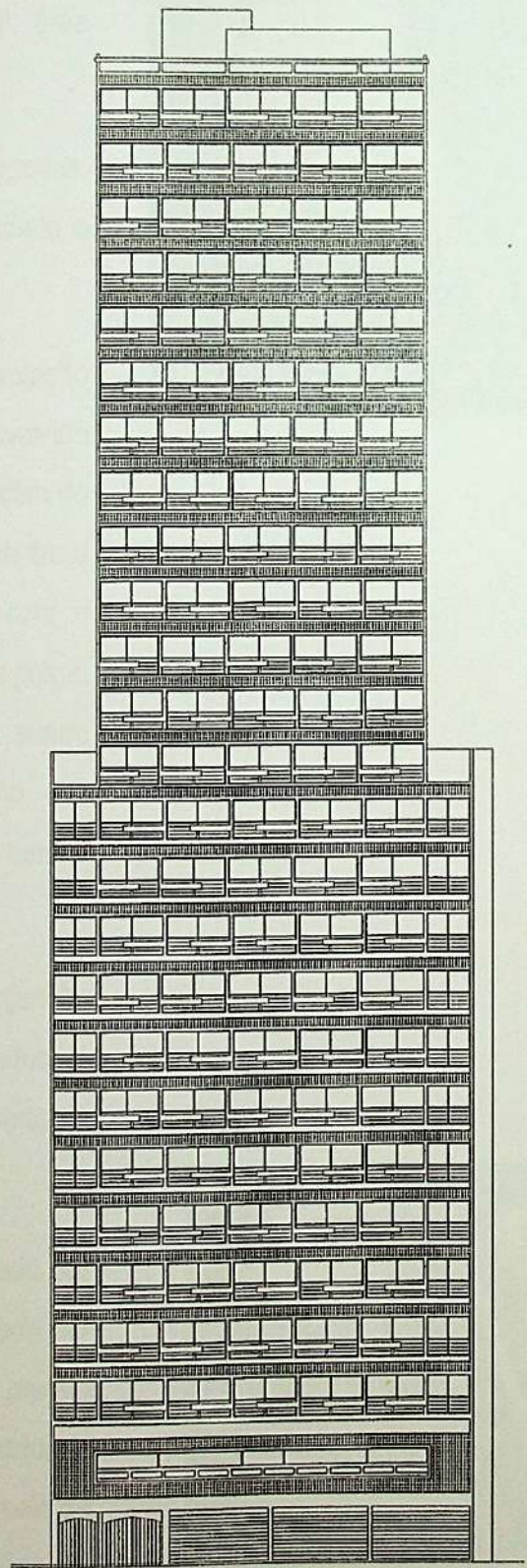
PLANTA 1ª AO 11ª PAVIMENTO 0 5m



PLANTA 12ª AO 24ª PAVIMENTO



CORTE TRANSVERSAL 0 5m



FRONTAL

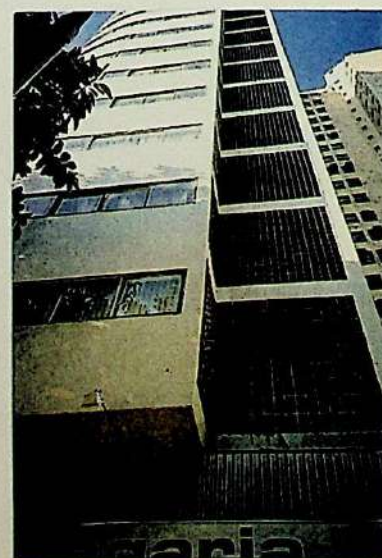
O edifício Iporanga é outro destaque de tipologia com maior liberdade formal, desenvolvido por Heep em edifícios tipo quitinete, para a Construtora Otto Meinberg, na confluência da avenida Ipiranga, 84 com a rua da Consolação, em frente à praça Roosevelt, área central da cidade.

Apesar de ser um terreno difícil, irregular, com arestas agudas, Heep consegue com maestria agrupar seis apartamentos quitinete e proporcionar uma implantação magnífica.

Os apartamentos voltados para a face com maior insolação apresentam um terraço coberto, com uma abertura central, envolvida por elementos vazados, formando um volume que se projeta além do alinhamento do prédio vizinho, proporcionando uma proteção contra a insolação direta no ambiente e permitindo uma interação com o grande espaço formado pela confluência de várias ruas e pela praça. Atualmente estes terraços foram descaracterizados, sendo incorporados ao único cômodo, com o fechamento interno dos elementos vazados e a colocação de um caixilho na abertura central do terraço.

No pavimento térreo, o plano vertical formado pela junção dos terraços envolvidos pela trama de elementos vazados é sustentado em sua base por pilotis formando um passeio coberto na calçada da avenida Ipiranga.

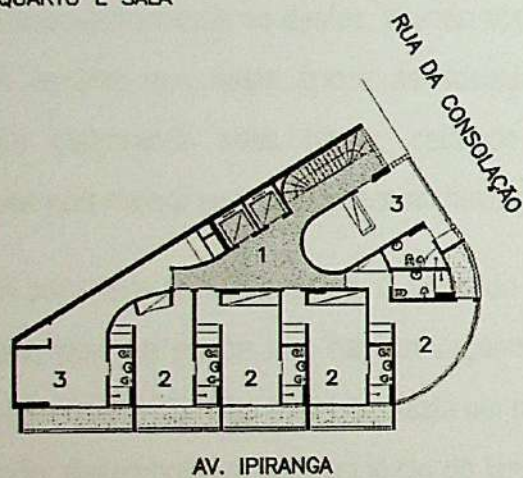
A confluência das vias ganha uma empena curva rasgada por janelas estreitas e contínuas, lembrando muito a solução adotada por Heep, na rotunda do edifício na av. de Versailles, 42, em Paris, projeto elaborado com Jean Ginsberg, em 1933 (ver item 3.1). A rotunda termina na fachada com a rua da Consolação arrematada por meio de uma reentrância em elementos vazados, que proporcionam iluminação e ventilação naturais na escada e hall de circulação comum da edificação.



A maneira sempre correta com que Heep trata suas implantações, principalmente as esquinas, onde a edificação volta seus ambientes para as visuais mais atraentes, por meio de terraços, elementos vazados e brises, permitindo um espaço mínimo, usufruir boa insolação e ventilação, constitui uma referência de qualidade na cidade.

LEGENDA

- 1 HALL
- 2 QUITENETE
- 3 QUARTO E SALA



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO 0 5m

5.2 – A parceria entre Franz Heep e Otto Meinberg

De 1952 a 1962 ocorre a fase mais criativa da obra de Heep. No 8º andar do mesmo prédio de seu escritório funcionava a firma Otto Meinberg de Engenharia e Construções S/A, construtora que vai estabelecer uma parceria duradoura com Heep da qual surgirá a maioria de suas obras inclusive o **edifício Itália**.

Otto Meinberg estabelece de início uma sociedade com Heep, ocupando duas ou três salas do 4º andar da rua Barão de Itapetininga, 140, que posteriormente se desfaz, virando apenas uma colaboração. É bom lembrar que nesta época as sociedades de incorporação estavam elaborando suas bases, cabendo ao arquiteto definir tipologias que melhor se adequassem ao novo paradigma.

A coisa toda foi muito rápida. O mercado dependia da economia particular, pois na época não haviam organismos financiadores do Estado, como o BNH. Otto Meinberg fazia um plano de venda, onde o comprador desembolsava 60% no início do lançamento do imóvel até a data de entrega.

O saldo era financiado em dois anos. Portanto, para se sustentar no mercado e compensar a defasagem do tempo da obra, a empresa lança um grande volume simultâneo de novas edificações, gerando uma grande demanda de novos projetos para Heep, num curto período de tempo, o que o levará a fazer diversos experimentalismos e muitas vezes reaproveitá-los.



5.2.1 – As primeiras experiências de incorporações residenciais

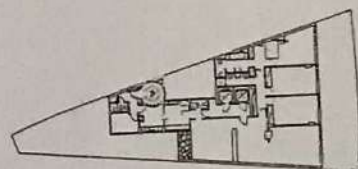
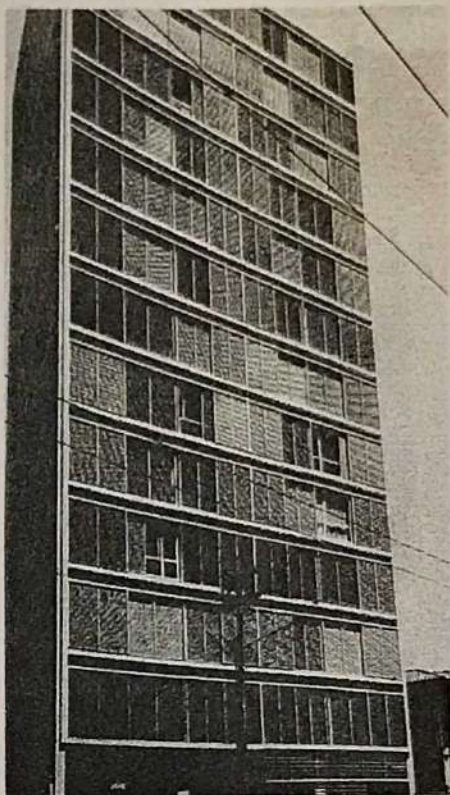
Um dos primeiros projetos desenvolvidos por Heep para a construtora Otto Meinberg foi um prédio residencial chamado **edifício Tucuman**, atualmente transformado em hotel, com projeto inicial de 1952, localizado à rua Martins Fontes, 277.

Tratava-se de um edifício residencial de 12 pavimentos, com um apartamento por andar. Segundo pesquisa, a edificação tinha uma fachada protegida da insolação com venezianas de correr metálicas, pintadas na cor amarela. A edificação também propunha soluções inovadoras como uma lavanderia coletiva na cobertura, idéia inicialmente utilizada por Le Corbusier em sua unidade habitacional em Marselha (1946).

Era uma experiência inédita da construtora - fazer um edifício a preço de custo, com somente doze unidades. Se por um lado o resultado financeiro do empreendimento para a construtora foi insatisfatório, pois os clientes da Otto Meinberg, que estavam acostumados a comprar a preço fixo, relutaram em pagar o excedente que a obra gerou, a obra foi considerada uma das melhores já feitas pela construtora.

O prédio em meados da década de setenta foi inteiramente vendido (eram somente doze proprietários) para um grupo hoteleiro que transformou o edifício residencial em hotel, descaracterizando totalmente o projeto inicial.

Outra edificação que destacamos como um excelente edifício de habitações é o **edifício Ibaté**, onde em um terreno retangular e estreito (14 m x 46 m), na esquina das ruas Augusta e Antônio Carlos, Heep implanta dois prédios geminados que formam um bloco único, com lojas no térreo e apartamentos residenciais distribuídos por 8



Pavimento tipo

A OBRA DE ADOLF FRANZ HEEP NO BRASIL

pavimentos, sendo os dois últimos escalonados, obtendo um conjunto harmonioso na esquina.

Os acessos de entrada, bem como os apartamentos de 1 dormitório são voltados na sua maioria para a rua Antônio Carlos, face sudoeste, restando uma única unidade voltada para a rua Augusta. Trata-se de uma planta vagonar dispondo ao longo da fachada maior os apartamentos, o corredor de acesso e a circulação vertical.



O corredor de acesso às unidades tem seu espaço valorizado pela iluminação e ventilação garantidas pela faixa de elementos vazados na fachada posterior, noroeste.

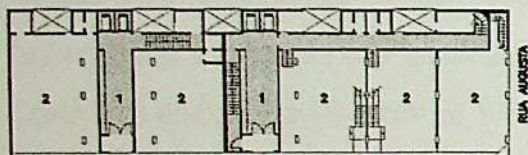
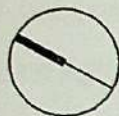
O apartamento é pequeno, mas muito bem resolvido, onde um hall logo na entrada divide as funções em dia (sala, cozinha e serviço) e noite (dormitório e banheiro), proporcionando uma ótima iluminação e ventilação no dormitório e sala, por meio de um caixilho total no ambiente, com janela de correr no centro e janelas basculantes acima e abaixo, que permitem a ventilação cruzada. Uma veneziana em madeira com folhas que abrem em guilhotina (tipo ideal) completa o conjunto. Heep posiciona o peitoril numa altura baixa (0,40 m) para permitir aberturas superiores e inferiores, compensando a baixa altura do peitoril com uma floreira contínua, que junto com os pilares pronunciados na fachada forma uma grelha requadrando os caixilhos, dando movimento e leveza ao conjunto. Trata-se de uma variação de seus elementos de composição de fachada utilizados nos edifícios de quitinete.

Ressaltamos anteriormente que Heep era muito habilidoso no tratamento que dispensava a suas edificações de esquina. A elevação voltada para a face maior do terreno ganha um tratamento modulado com uma grelha retangular que define a unidade residencial e ressalta a horizontalidade da edificação, reforçada ainda pela empena cega que arremata a fachada e faz a transição na esquina, interrompida por uma sacada que se projeta em balanço no alinhamento da calçada, similar ao utilizado no edifício Ouro Verde.

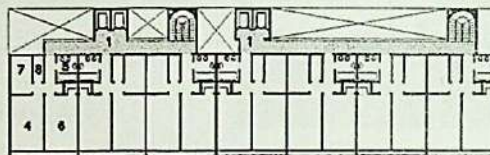
Destacamos também a solução adotada para o desnível existente entre as ruas, descolando as lojas no térreo do corpo principal da edificação por meio de uma sobreloja. O recuo das lojas em relação à sobreloja na fachada da rua Augusta destaca um pilar de grande dimensão que organiza a esquina.

LEGENDA

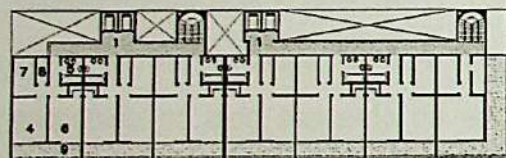
- 1 HALL ACESSO
- 2 LOJA
- 3 SOBRELOJA
- 4 SALA
- 5 BANHEIRO
- 6 DORMITÓRIO
- 7 COZINHA
- 8 A. SERVIÇO
- 9 TERRAÇO
- 10 ZELADOR



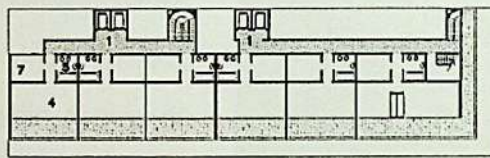
PLANTA PAVIMENTO TÉRREO 0 — 5m



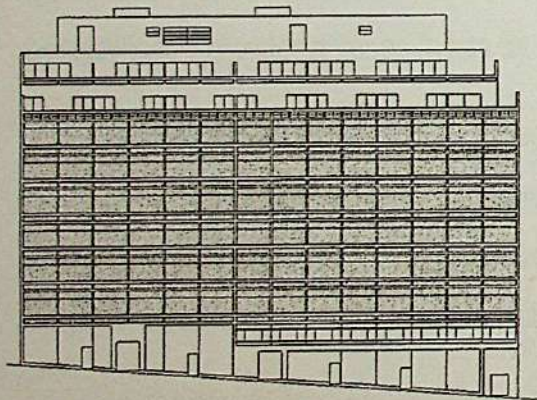
PLANTA 1º AO 6º PAVIMENTO



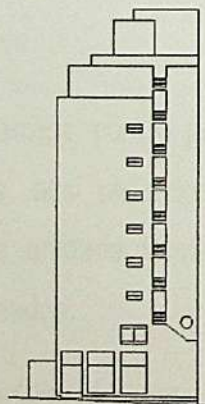
PLANTA 7º PAVIMENTO



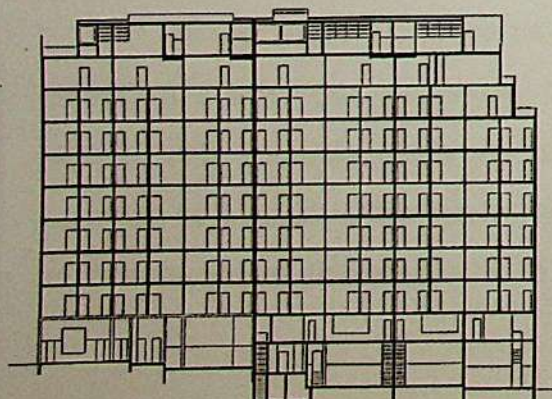
PLANTA 8º PAVIMENTO



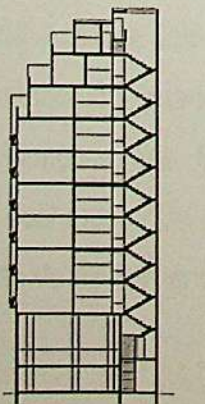
ELEVAÇÃO RUA ANTÔNIO CARLOS



ELEVAÇÃO RUA AUGUSTA



CORTE LONGITUDINAL



CORTE TRANSVERSAL

Os edifícios Guaporé e Buriti foram projetados no mesmo ano, 1956, para Meinberg, e apresentam similaridades em relação ao fechamento utilizado em seu embasamento. O **edifício Guaporé**, construído na rua Nestor Pestana, 87 apresenta na fachada das suas duas sobrelojas, que abrigavam a sede do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado (Crea), uma superfície em elementos vazados em concreto, funcionando como brise e emoldurando uma janela central, solução similar à utilizada nas fachadas das edificações do Parque Guinle, de 1948, projeto de Lúcio Costa e no edifício Plavinil-Elclor de 1961, projeto de Rino Levi.

A partir da sobreloja, porém recuada desta, desenvolve-se um volume vertical com formato de "H", com apartamentos voltados para a rua e para os fundos, com a circulação vertical central, porém, encostada no lado esquerdo da edificação, deslocando o eixo de simetria do prédio. A tipologia habitacional agrega unidades tipo quitinete e apartamentos de 1 e 2 dormitórios, num mesmo pavimento, possibilitando atender a várias faixas de moradores.

As unidades apresentam um generoso terraço, com o peitoril em elementos vazados em concreto, iguais aos utilizados no sombreamento das sobrelojas, mantendo uma unidade formal na fachada, trabalhando com texturas e vazios alternados.

No edifício Buriti, esta solução serve como fechamento para um grande terraço no primeiro andar da edificação.

O **edifício Buriti**, localizado na rua Maria Antonia, 296/281, próximo à universidade Mackenzie, foi implantado no quarteirão quando neste só havia casas. As futuras edificações que foram ocupando os lotes das casas não respeitaram o sutil recuo que Heep impôs a seu projeto, soltando o corpo da edificação do alinhamento.

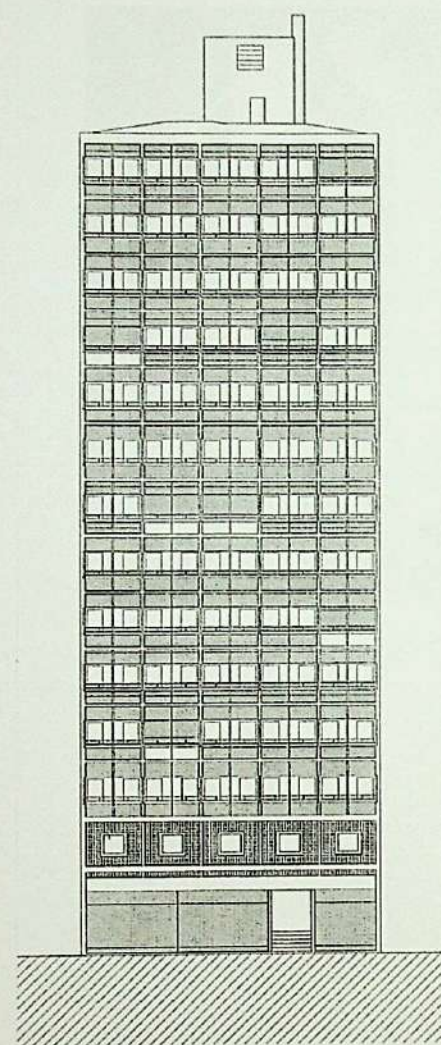


A planta tipo "H" tem dois apartamentos na frente e dois atrás e a circulação vertical no meio. Os apartamentos são de um e dois dormitórios, sendo que os apartamentos do 1º pavimento ganham um terraço com pergolado, resultante da cobertura da loja na fachada frontal e do estacionamento na posterior.

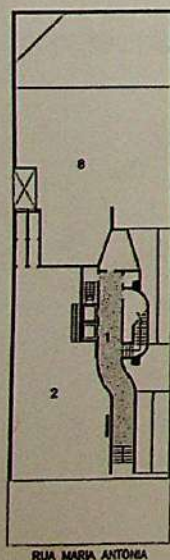
Destaque para o fechamento do terraço no 1º pavimento, em elementos vazados em concreto, servindo de moldura para uma janela central, solução similar à utilizada no edifício Guaporé.

A fachada é limpa, destacando os caixilhos com venezianas em madeira com abertura em guilhotina, tipo ideal, e um elemento em concreto revestido na altura da abertura do caixilho para dar privacidade aos ambientes das unidades, vizinhos uns aos outros. O fato de este elemento não ser contínuo, acompanhando o pilar, sendo interrompido a cada pavimento, o transforma em uma forte linha tracejada, que pela sua intermitência confere movimento e verticalidade à fachada.

Ressaltamos ainda o sistema de rampas de acesso aos estacionamentos, no qual o veículo desce ao nível do subsolo, para subir novamente ao nível do pavimento térreo sobre-elevado em 1 m da calçada. Todo este esforço para permitir a chegada da escada no pavimento térreo sem interferir com a rampa de veículos, pois no outro lado existe uma loja.

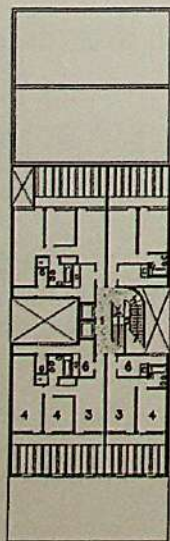


ELEVAÇÃO FRONTAL

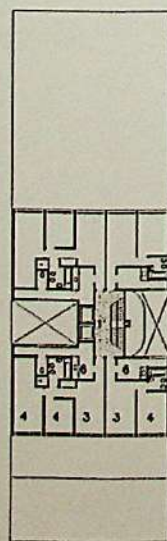


RUA MARIA ANTONIA

PLANTA PAV. TÉRREO 0m — 15m



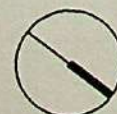
PLANTA 1º PAV.



PLANTA 2º AO 12º PAV.

LEGENDA

- 1 HALL ACESSO
- 2 LOJA
- 3 SALA
- 4 QUARTO
- 5 BANHEIRO
- 6 COZINHA
- 7 TERRAÇO
- 8 GARAGEM



5.2.2 - Os edifícios Ouro Verde e Ouro Preto

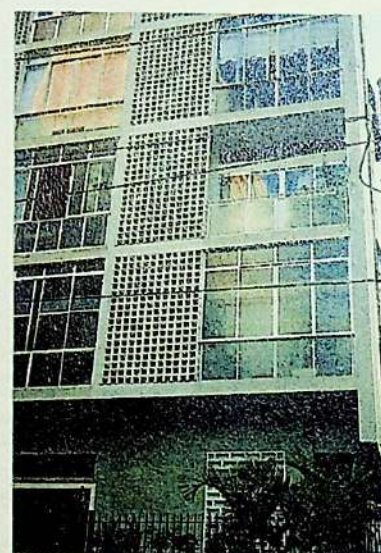
Com a Construtora Otto Meinberg Heep projetou também os edifícios **Ouro Verde** e **Ouro Preto**, com plantas mais elaboradas, localizados em tradicionais redutos da burguesia paulista e inspirados nos pioneiros imóveis contemporâneos de habitação, desenvolvidos com Guinsberg na década de 30 em Paris, aliando técnica, materiais duráveis e um detalhamento primoroso. Estas condicionantes serão retomadas posteriormente nos edifícios desenvolvidos para a construtora Auxiliar no bairro de Higienópolis, o Lauzanne e os gêmeos Lugano e Locarno.

Implantado na esquina da rua Piauí com rua Sabará no bairro de Higienópolis, em um lote de 20 m x 26,8 m, o **edifício Ouro Verde** apresenta-se como um bloco de 10 pavimentos, sendo o andar-tipo com dois apartamentos por andar e coroando a edificação um apartamento de cobertura com generosos terraços.

Em um pavimento retangular uma diagonal define as duas unidades, onde a partir de uma sala central organizam-se os outros ambientes: dois dormitórios de um lado e uma suíte do outro, conferindo às faces uma composição diversificada. Nos limites com os lotes vizinhos são dispostos dois dormitórios com aberturas contidas - janelas quadradas com venezianas - ao passo que nas salas e suítes o tratamento muda conforme a insolação. Na rua Piauí, face de maior insolação, as aberturas são protegidas por terraços e elementos vazados, que têm uma dupla função: além de auxiliar na proteção da insolação, servem para encobrir as janelas menores dos banheiros das suítes que são voltados para o terraço.

Outro artifício chama a atenção na análise do projeto: na divisão simétrica das unidades pela diagonal, Heep subverte a disposição natural de abertura de um dos ambientes, colocando-o junto com as

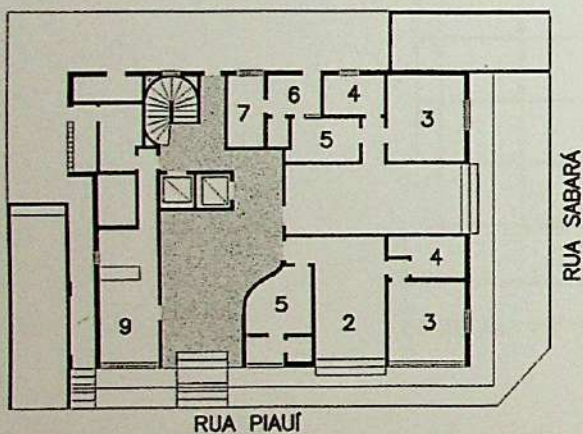
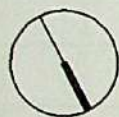
aberturas do outro apartamento voltado para a rua de maior frente, criando a sensação de uma grande face com a mesma unidade, isto é, uma fachada principal e uma secundária, situação reforçada pela grande empena cega, resultado da inversão da abertura deste ambiente.



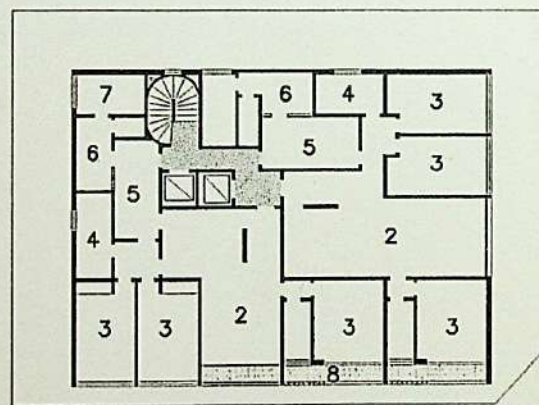
Este recurso confere um caráter distinto às fachadas, dando movimento e hierarquia na confluência das ruas, ao invés das faces reproduzirem a simetria ditada pela planta.

LEGENDA

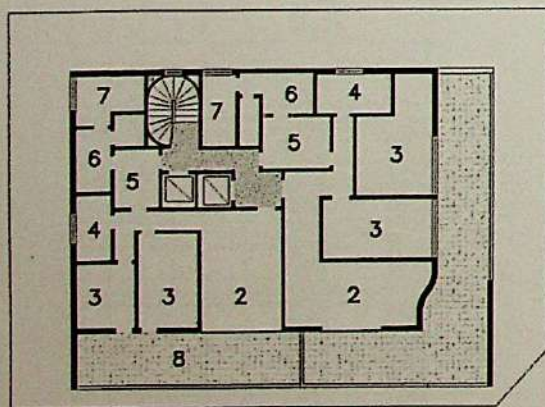
- 1 HALL ACESSO
- 2 SALA
- 3 DORMITÓRIO
- 4 BANHEIRO
- 5 COZINHA
- 6 A. SERVIÇO
- 7 DESPENSA
- 8 TERRAÇO
- 9 ZELADÔR



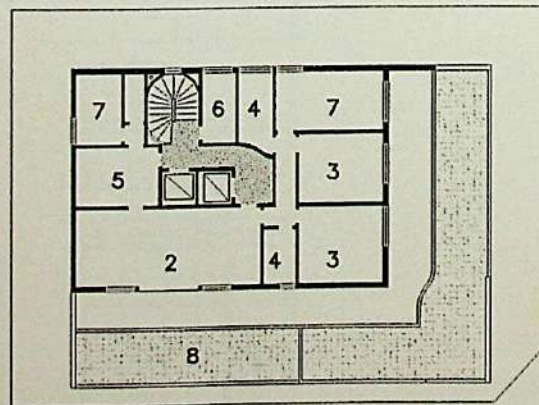
TÉRREO 0 | 5m



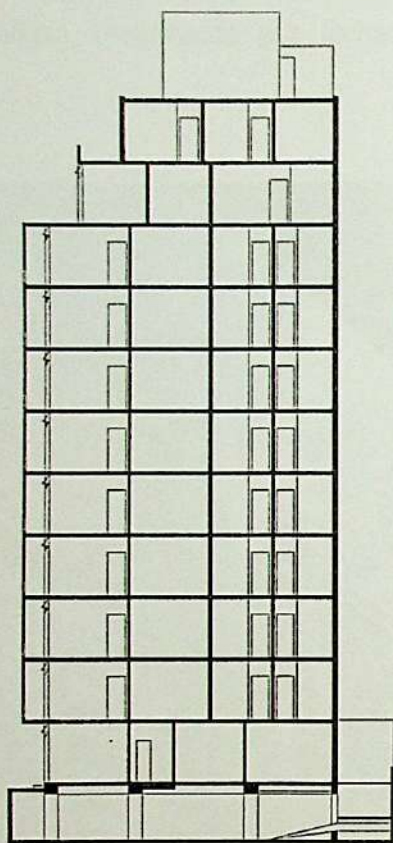
TIPO



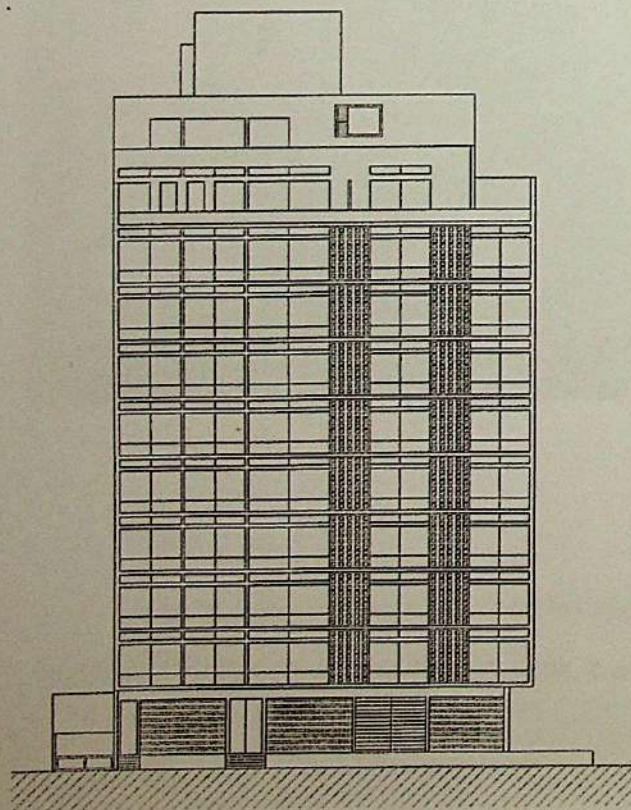
9º ANDAR



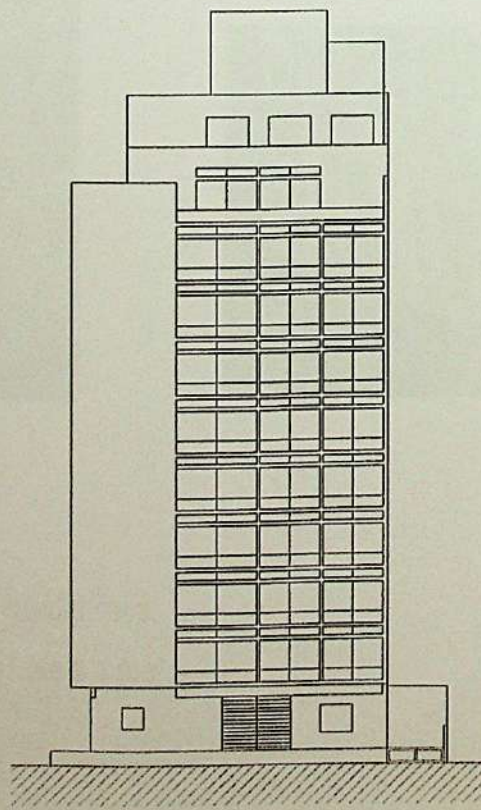
10º ANDAR



CORTE AA 0 5m



ELEVAÇÃO RUA PIAUI



ELEVAÇÃO RUA SABARÁ

O edifício Ouro Preto destaca-se no quarteirão da Av. São Luís apresentando, juntamente com a galeria Metrôpole, uma linguagem moderna. A revista Acrópole nº 240 de 1958 (págs. 554 e 555) cita numa matéria o edifício, ressaltando sua fachada com venezianas móveis.



Heep projeta uma magnífica torre de apartamentos residenciais, implantada num terreno com dois acessos, a avenida São Luís e a rua

Basílio da Gama, com planta em forma de "H", dispondo as unidades voltadas para as ruas.

A edificação acomoda-se no quarteirão encostada entre outras duas, construída no alinhamento do terreno até o 12º pavimento, onde um terraço em forma de "U" solta o bloco superior já recuado lateralmente. Heep consegue por meio de cheios e vazios relativizar a simetria gerada pelo volume recuado, sobreposto ao edifício encostado nas divisas.

Os dormitórios do pavimento-tipo têm uma veneziana com lâminas móveis em aço, de correr, realçada na alvenaria recoberta em pastilhas na cor azul, alternando suas posições entre os andares pares e ímpares formando um grafismo na fachada. A sala, deslocada à direita, tem uma *loggia* que se projeta no alinhamento da calçada, fechada na frente por um peitoril de alvenaria e aberta dos lados protegidos por uma tênue grade metálica. A varanda não chega ao limite do lote, pois descola do prédio vizinho por meio de uma veneziana fixa.

Portanto, numa fachada dominada por um grafismo de venezianas móveis, Heep desloca o eixo de simetria para a direita por meio de um elemento de subtração - a varanda - reforçado pela sua projeção além do limite da fachada, formando um volume intermitente que acentua a verticalidade da torre. O volume superior, solto após o "respiro" do terraço no 12º pavimento, sofre uma inversão, pois o terraço domina a fachada, estando os caixilhos recuados e sem expressão, formando uma série de linhas que acentuam a horizontalidade deste volume anexo.

O tratamento da fachada posterior, voltada para a rua Basílio da Gama é o mesmo que a frontal, com exceção do volume sobrelevado (13º ao 19º pavimentos), sendo que as unidades nesta elevação sofrem um recuo escalonado em virtude da dimensão reduzida da via.

O pavimento térreo é ocupado por lojas, ficando os acessos restritos a um espaço acanhado, quase um corredor deslocado para a direita de quem acessa pela Av. São Luís, entrada principal. Apesar de possuir um subsolo ocupando a totalidade da projeção do terreno, este não tem uso de estacionamento para veículos, sendo utilizado como depósito pelas lojas, com acesso independente.

O pavimento-tipo, contido entre edificações vizinhas, cria dois poços centrais para ventilação, um para as áreas de serviço do apartamento e o outro para a ventilação do hall de entrada e para permitir uma ventilação cruzada na sala, por meio de um elemento vazado. Os cômodos de permanência prolongada são voltados para a rua, a leste na rua Basílio da Gama e a oeste na av. São Luís.

Pudemos observar ainda uma semelhança entre a composição da loggia deslocada para a vizinhança do lote entre o ed. Ouro Preto de 1954 e o ed. na av. de Versailles e rue des Pâtures, em Paris, projeto de Heep e Ginsberg de 1933.



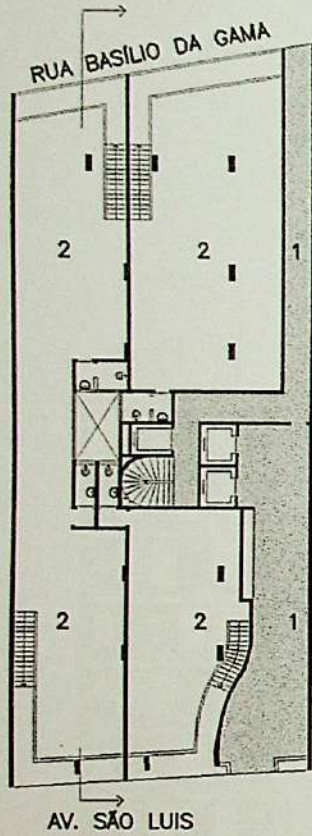
Detalhe da loggia no ed. Ouro Preto – 1954
Frans Heep



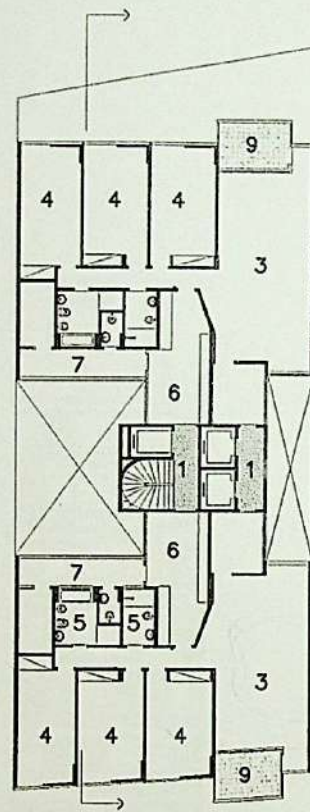
Detalhe da loggia no ed. av de Versailles x rue des Pâtures – 1933.
Franz Heep e Jean Ginsberg

LEGENDA

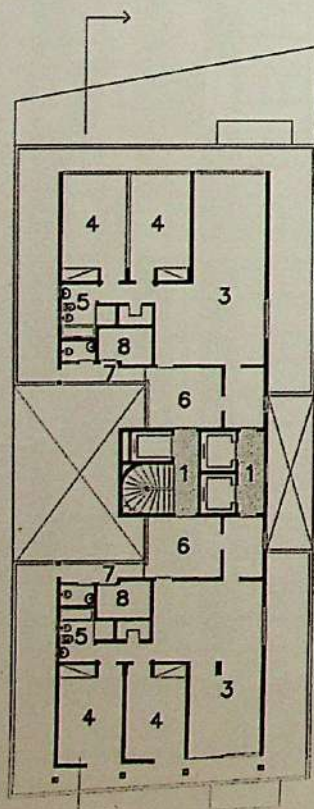
- 1 HALL ACESSO
- 2 LOJA
- 3 SALA
- 4 DORMITÓRIO
- 5 BANHEIRO
- 6 COZINHA
- 7 A. SERVIÇO
- 8 DESPENSA
- 9 TERRAÇO
- 10 ZELADOR



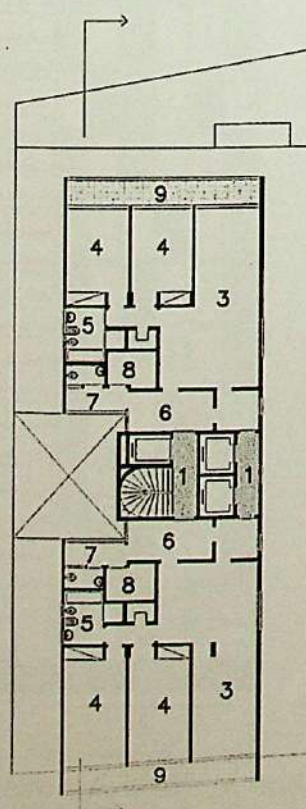
PLANTA PAV. TÉRREO 0 5m



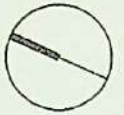
PLANTA 1ª - 11ª PAVIMENTO

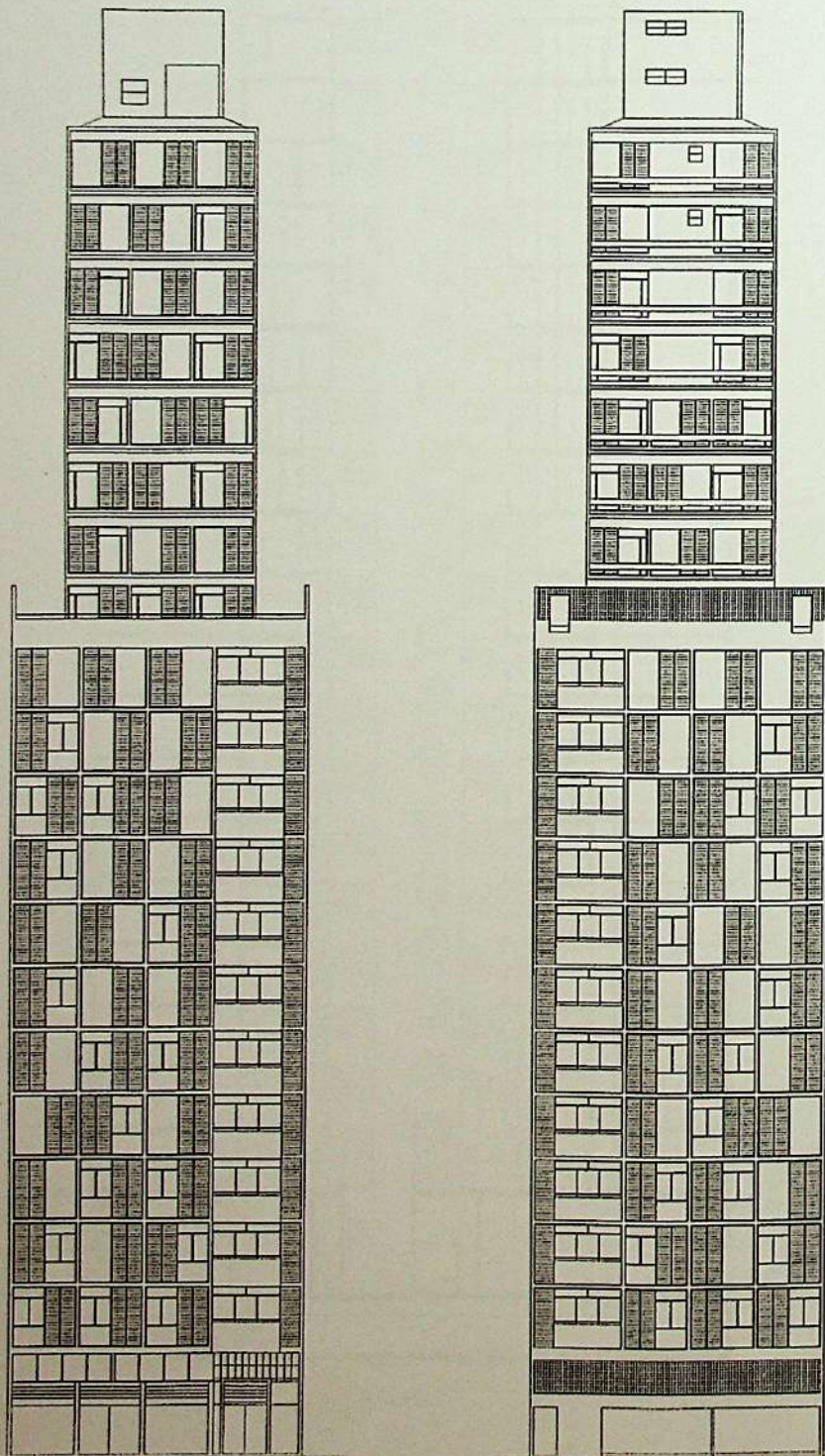


PLANTA 12ª PAVIMENTO



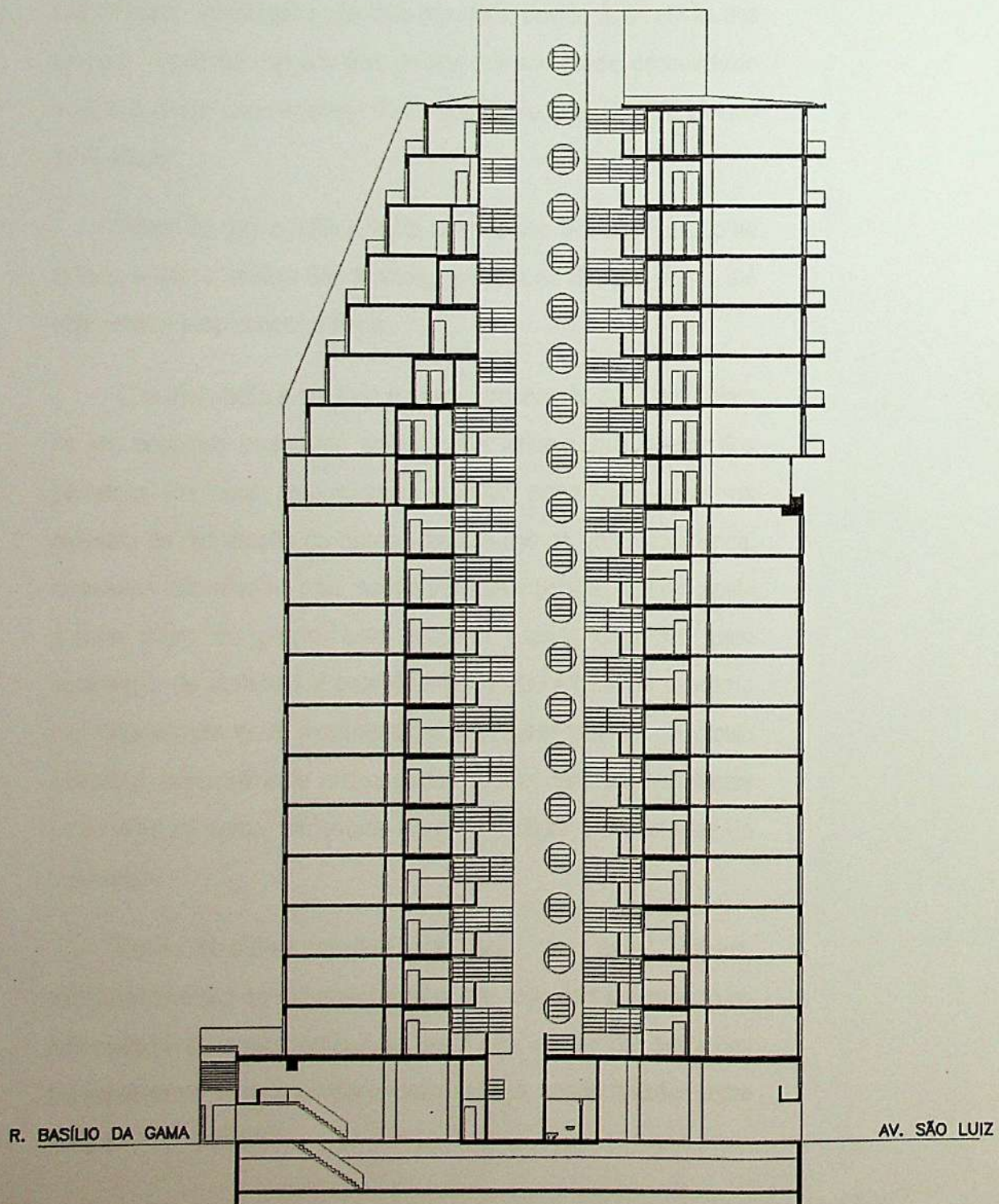
PLANTA 13ª PAVIMENTO





ELEVAÇÃO AV. SÃO LUIS 0 | 5m

ELEVAÇÃO RUA BASILIO DA GAMA



5.3 – Os grandes edifícios de escritórios – Itália e São Marcos

Apesar de em seu escritório Heep ter desenvolvido um grande número de edificações residenciais, é no programa de edifícios de escritórios que encontra maior possibilidade de compor desafios de implantação, estruturais e de infra-estrutura, devido à dimensão dos projetos, reeditando parâmetros de seu primeiro prédio desenvolvido no Brasil, ainda com Jacques Pilon, o edifício-sede do jornal "O Estado de S. Paulo".

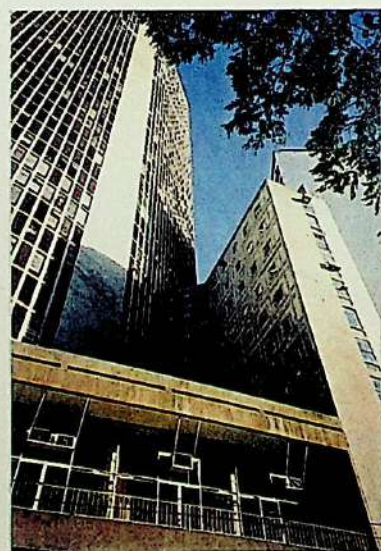
Assim foi com o edifício Itália, arranha-céu fantástico, marco na cidade, e com o edifício São Marcos, na praça da Sé, que guarda até hoje estilo e proporções perfeitas.

O edifício Itália é até hoje o maior arranha-céu do Brasil, objeto de um concurso promovido pelo Círculo Italiano, que apesar dos percalços de obra proporcionou explorar tecnologias novas na indústria da construção da época, como o uso de guias com lança, raramente utilizadas no país, para o transporte vertical, motivado pela grande altura do prédio, pelo pequeno espaço disponível para estocagem de materiais e pela dificuldade operacional de descarga nas ruas sempre muito movimentadas. Inovações também no cálculo estrutural, principalmente nos cuidados com os esforços solicitantes pela carga do vento, em virtude da grande altura e da esbeltez da edificação.

Estas situações criadas por Heep em seus projetos, estimulando o uso de novas tecnologias, são fruto de sua formação no racionalismo europeu, porém é no Brasil que, apesar das limitações econômicas do país, encontram maior espaço, sendo tratadas como desafio a ser vencido.

5.3.1 – O edifício Itália

A obra mais conhecida de Franz Heep, o edifício Itália, teve um histórico de projeto e construção bem atribulado, revelando as dificuldades de se produzir uma arquitetura inovadora no país.

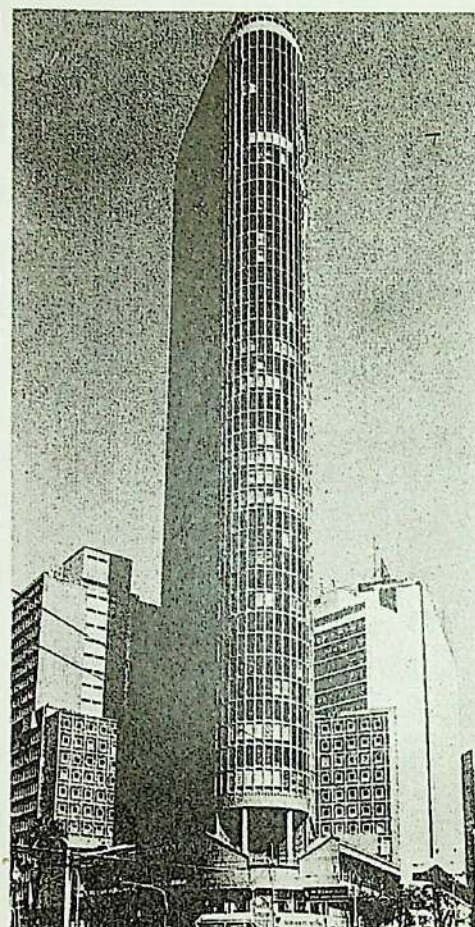


Objeto de uma concorrência internacional de arquitetura em 1953, promovida pelo Circolo Italiano, onde participaram, entre outros, Giò Ponti²⁶, Gregori Warchavchik e Franz Heep.

Conforme descrito no livro *Arquitetura Moderna Paulistana*²⁷, *"Este edifício monumental é iniciativa de sociedade de classe, o Circolo Italiano. Trocando-o por sua antiga sede, uma residência solarenga situada nesse mesmo local, repetia a sociedade italiana, anos mais tarde, o que Martinelli fizera sozinho: dar à cidade e à sociedade um edifício que fosse ao mesmo tempo um marco representativo de seu poderio econômico e de sua importância social. Daí a busca de uma solução monumentalista, exigindo acima de tudo uma primazia: constituir-se no maior edifício de São Paulo, nota predominante na sintaxe que permitisse a leitura da cidade"*.

Um veio d'água não acusado pelas sondagens obrigou uma reformulação do projeto de fundações, paralisando as obras por dois ou três anos. Como a construtora Otto Meinberg fez um contrato com o Circolo Italiano, onde a construção seria de sua responsabilidade e o pagamento do terreno seria em área construída no local, correspondente a sua atual sede social e o Teatro Itália, o atraso na obra obrigou a tomada de empréstimos externos que levaram a construtora a abandonar o empreendimento, sendo este assumido por um grupo suíço-italiano que contratou outra construtora, a Renato Cecchi Cia. Ltda., responsável pela maior parte da obra, sempre com a supervisão quase que diária de Franz Heep no canteiro.

O terreno onde está localizada a edificação tem um formato irregular, onde Heep para garantir a monumentalidade necessária



²⁶ O arquiteto italiano Giò Ponti, quando esteve em visita ao Brasil em 1952, em virtude da concorrência do Prédio D'Italia, acaba desenvolvendo também o projeto da Faculdade de Física Nuclear, na Cidade Universitária de São Paulo e apesar de ambos não serem executados estabeleceram diretrizes para a elaboração do projeto da Torre Pirelli, em Milão (1956). Ver Giò Ponti: *The Complete Works - 1923-1978* de Lisa Licitra Ponti.

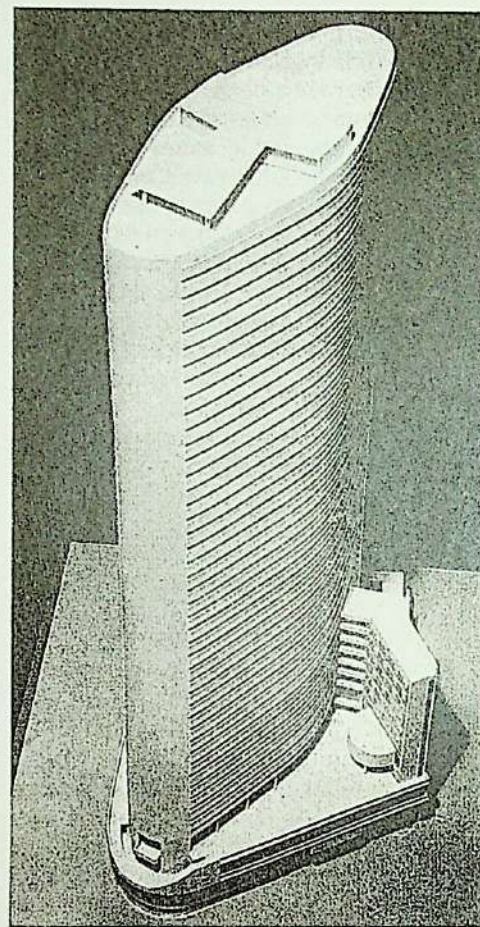
²⁷ *Arquitetura Moderna Paulistana*, de Alberto Xavier, Carlos Lemos e Eduardo Corona, escrito inicialmente em fascículos na revista "A Construção São Paulo" da Editora Pini, do ano de 1978 ao de 1983, foi publicado em livro em 1983, constitui ainda hoje guia imprescindível de Arquitetura Moderna Brasileira.

utiliza um artifício legal, considerando como módulo de gabarito a diagonal do cruzamento das avenidas São Luís e Ipiranga e não a largura dessas vias, portanto implanta uma torre de 47 pavimentos sem a necessidade de escaloná-los como era usual, garantindo à partir de uma planta elíptica posicionada no eixo norte-sul um tratamento contínuo à fachada. O terreno tem área de 2.382 m², sendo totalmente ocupado, totalizando uma área construída de 52.000 m².

A articulação dos volumes da edificação tem uma **composição tripartite**: um **embasamento** que ocupa toda a área do terreno, preservando a escala da rua e seus espaços públicos de circulação como passagem de pedestres entre as avenidas; **duas edificações menores** com oito pavimentos, implantadas na divisa com as empenas das edificações vizinhas, servindo de anteparo para o desenvolvimento da torre, fazendo-lhe contraponto, com tratamento diverso da fachada; e a **edificação principal**, elegante torre de silhueta esguia e proporções perfeitas.

A estrutura em concreto armado tem destaque para a grelha da fachada que serve de moldura para a caixilharia e os brises em alumínio, apoiada numa viga de transição, sustentada pelas grandes colunas do embasamento. Além da grelha na fachada, as lajes nervuradas dos pavimentos são sustentadas internamente por pilares de seção circular que acompanham a forma elíptica da planta e por um corpo estrutural central que agrega a circulação vertical e resiste aos esforços de vento, auxiliado pela forma ovalada e aerodinâmica do volume da torre. O projeto estrutural é de autoria dos calculistas Osvaldo de Moura Abreu, Waldemar Tietz e Nelson de Barros Camargo.

Enquanto o volume principal tem como tratamento de fachada brises em alumínio emoldurados por uma grelha, proporcionando uma unidade formal à forma semi-elíptica levemente curva da torre, as

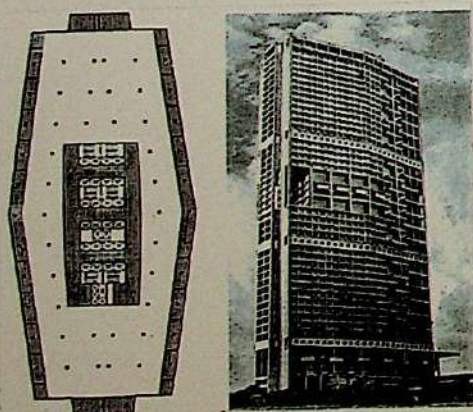


A OBRA DE ADOLF FRANZ HEEP NO BRASIL

edificações menores que realçam a torre em relação às empenas vizinhas têm um tratamento diferenciado, com a estrutura de concreto aparente na fachada requadrando grandes panos de blocos de vidro, com uma janela central, referência direta aos racionalistas europeus, como Pierre Chareau com sua Maison de Verre de 1928. Heep usa este tratamento também no embasamento do edifício Guaporé de 1956, porém substituindo o bloco de vidro por elementos vazados em concreto. Quando o edifício Itália foi concebido por Heep, o edifício Copan, projeto de Oscar Niemeyer de 1951, já estava implantado, portanto além das condicionantes do lote em relação à esquina, a pureza formal do volume e as relações de altura das edificações dialogam sutilmente.



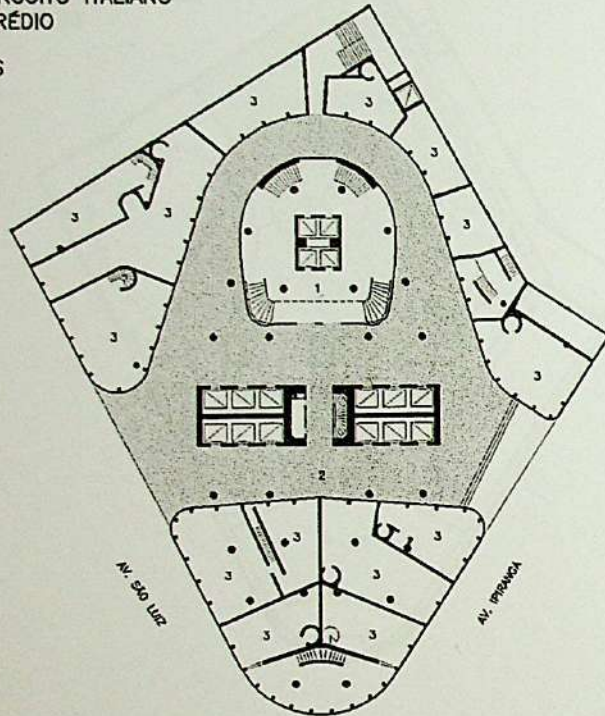
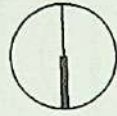
Em 1967, foi inaugurado um restaurante no topo da edificação - o Terraço Itália - com dois pavimentos correspondentes ao 45º, 46º e 47º andares, que não estava no projeto inicial. Com projeto de Paulo Mendes da Rocha, em estrutura metálica com amplas vidraças que permitem uma visão panorâmica de 360º de São Paulo, constituindo-se o grande mirante da cidade, passagem obrigatória a qualquer visitante. Em 1982, por exigência do Corpo de Bombeiros, foi acrescentada ao corpo principal da edificação uma escada externa de segurança, em estrutura metálica, com revestimento em chapas de cimento- amianto, fixada na estrutura central da edificação.



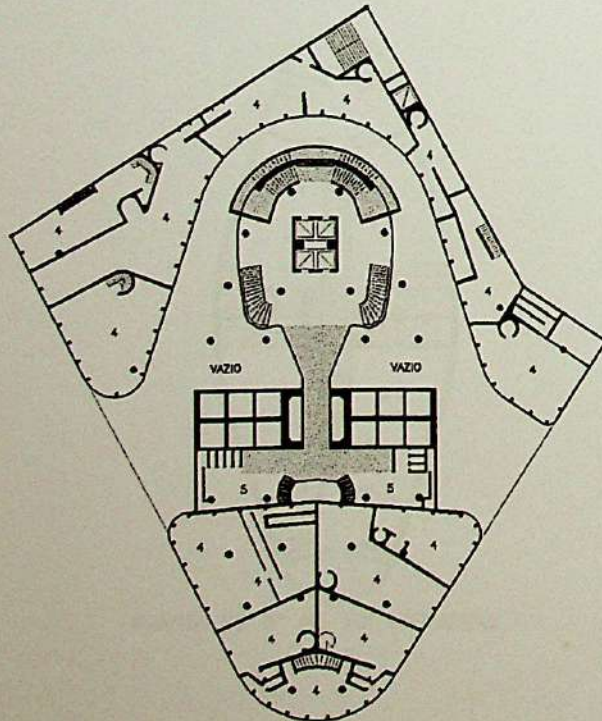
Planta-tipo e elevação do projeto para arranha-céu do bairro da Marinha em Argel, 1930 - Le Corbusier

LEGENDA

- 1 HALL DO CIRCUITO ITALIANO
- 2 HALL DO PRÉDIO
- 3 LOJAS
- 4 SOBRELOJAS
- 5 SANITÁRIOS



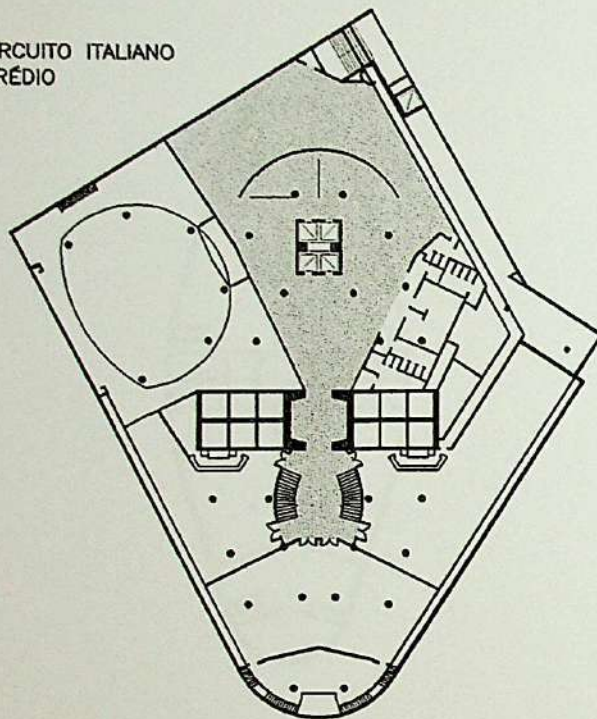
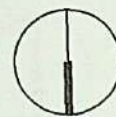
PLANTA DO TÉRREO 0 | 5m



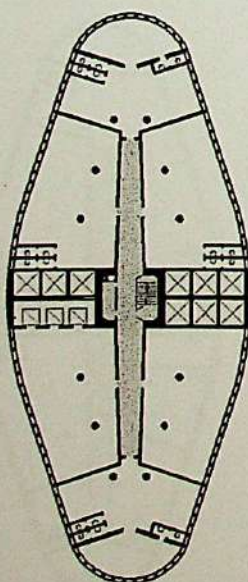
PLANTA SOBRELOJA

LEGENDA

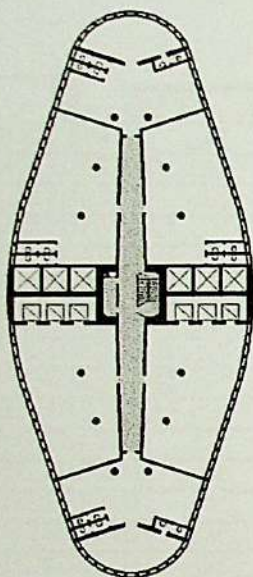
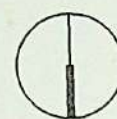
- 1 HALL DO CIRCUITO ITALIANO
- 2 HALL DO PRÉDIO
- 3 LOJAS



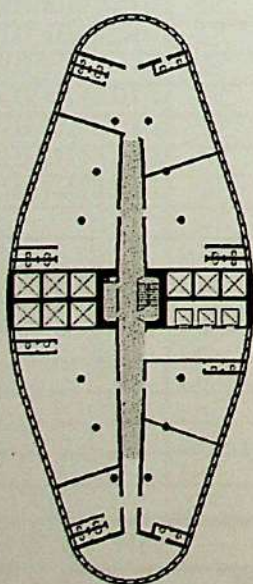
PLANTA 1º PAVIMENTO 0 | 5m



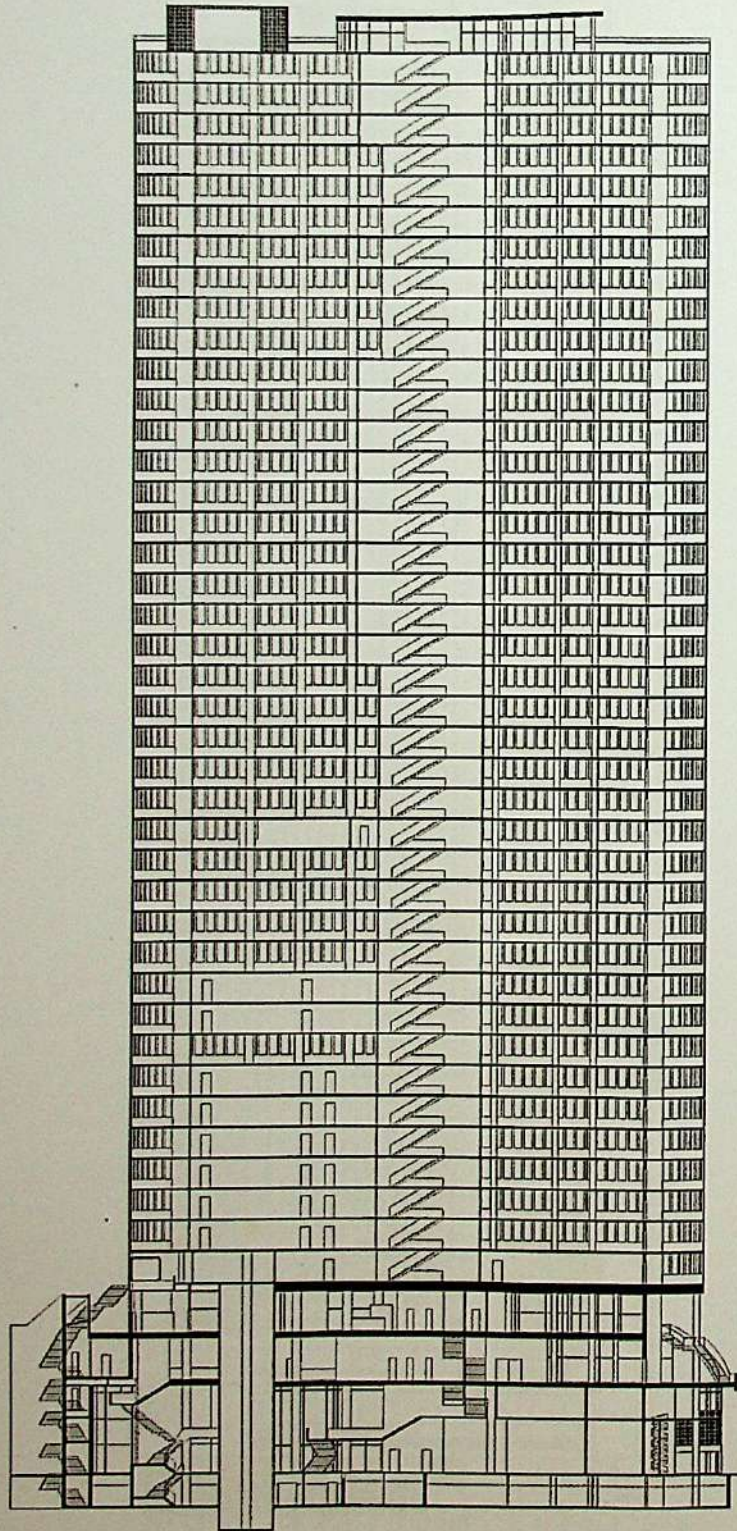
PLANTA DO 8º AO 10º PAVIMENTO



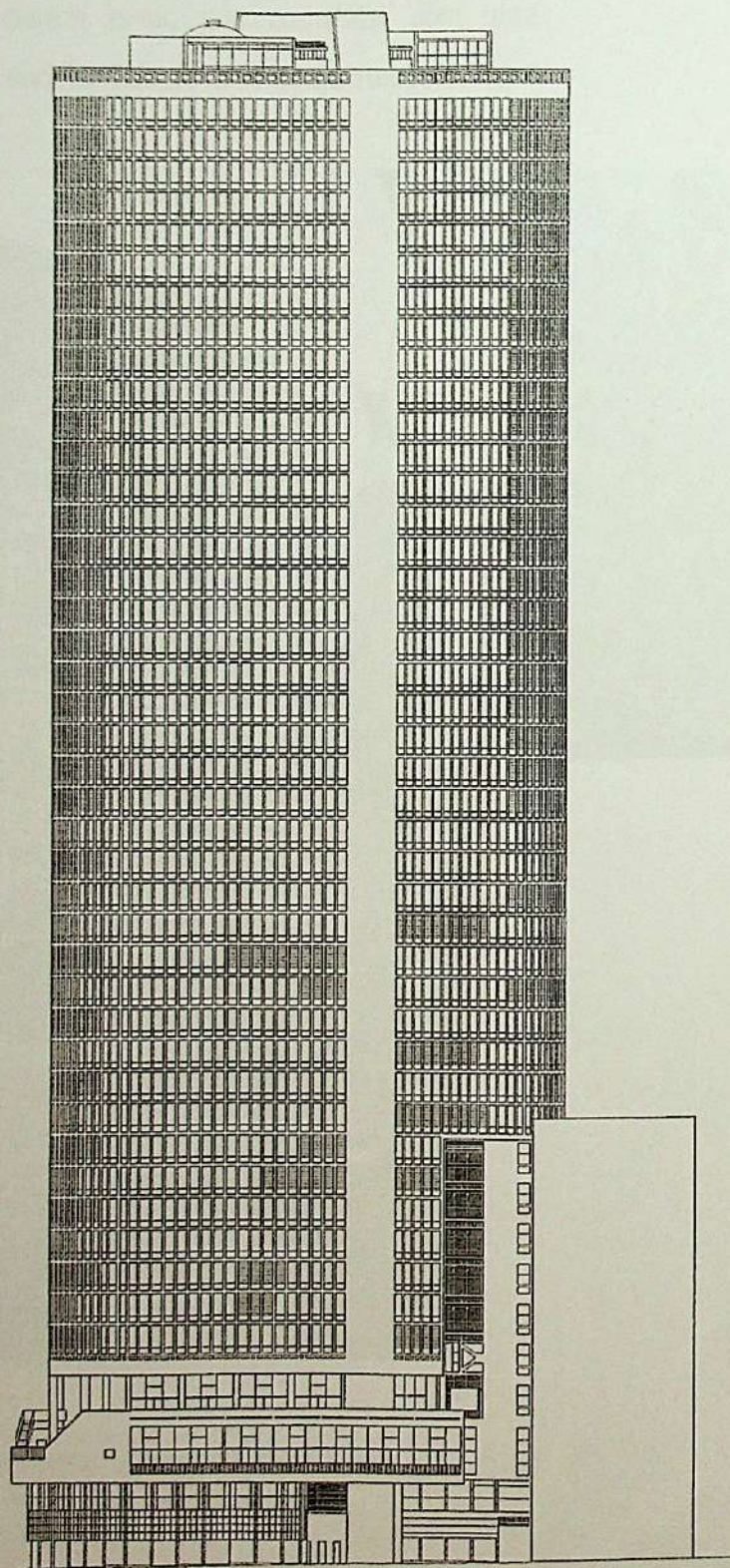
PLANTA DO 11° PAVIMENTO 0 [] 5m



PLANTA DO 12° PAVIMENTO



CORTE LONGITUDINAL 0 1 5m



5.3.2 – O edifício São Marcos

O edifício São Marcos foi um dos últimos edifícios projetados por Heep, datado de 1959, demonstrando a maturidade no tratamento de um programa de edifício de escritórios, num terreno irregular voltado para três ruas, porém tendo que co-habitar com uma edificação existente, baixa, encalacrada no meio do quarteirão.



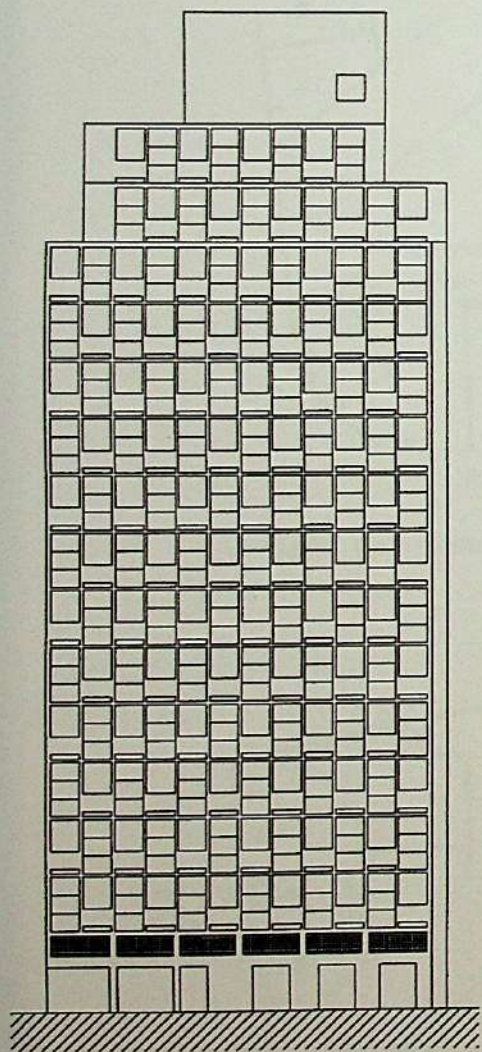
Localizado no quarteirão formado pelas ruas 15 de Novembro, Anchieta e praça da Sé, o prédio foi desenvolvido para o empreendedor Conde Attilio Matarazzo. Em um terreno com área de 884,48 m², a edificação ocupa uma área de projeção de 749,48 m², distribuindo por 14 pavimentos uma área construída de 11.806,91 m². Portanto um coeficiente de aproveitamento mais que 13 vezes a área do terreno.

A edificação assume quase o formato de um "U", tendo dois blocos principais, sendo um voltado totalmente para a praça da Sé e o outro para a rua Anchieta, esquina com a rua 15 de Novembro. As fachadas vizinhas da edificação existente são cegas, aguardando possivelmente uma futura construção. O bloco de interligação comporta, além de salas voltadas para um fosso no interior do terreno, a circulação vertical.

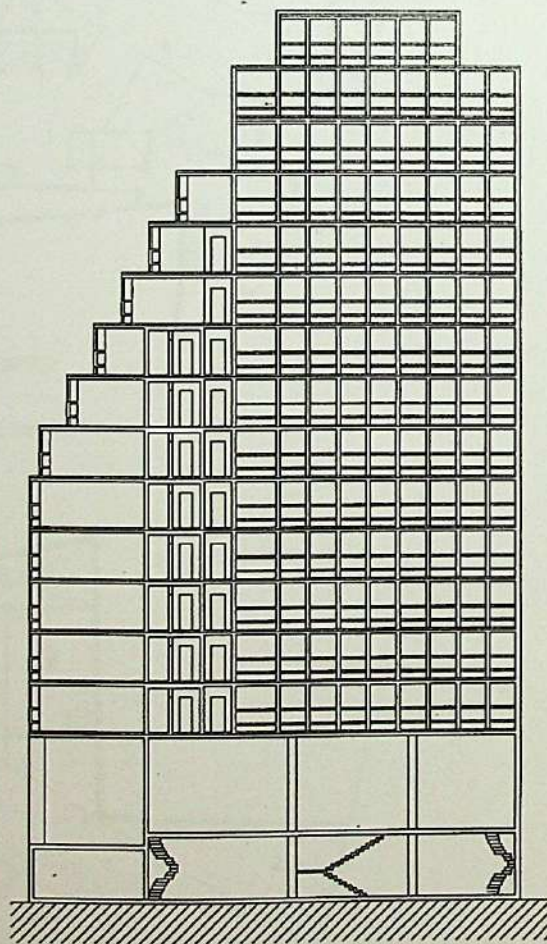
A variedade do entorno define as visuais da edificação, onde a transparência da caixilharia, neste caso desprovida de brises ou de venezianas, é favorecida pela face sul no espaço aberto da praça, e na face norte protegida pelas edificações à frente, próximas devido a pouca largura da rua Anchieta.

As fachadas apresentam ritmo e cadência, devido a alternância de um elemento inserido na caixilharia que internamente assume a função de armário.

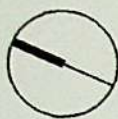
A edificação, apesar de entrecortada pelo terreno irregular, assume uma unidade pelo tratamento das fachadas, impondo-se na paisagem urbana.



ELEVAÇÃO PRAÇA DA SÉ 0 | 5m

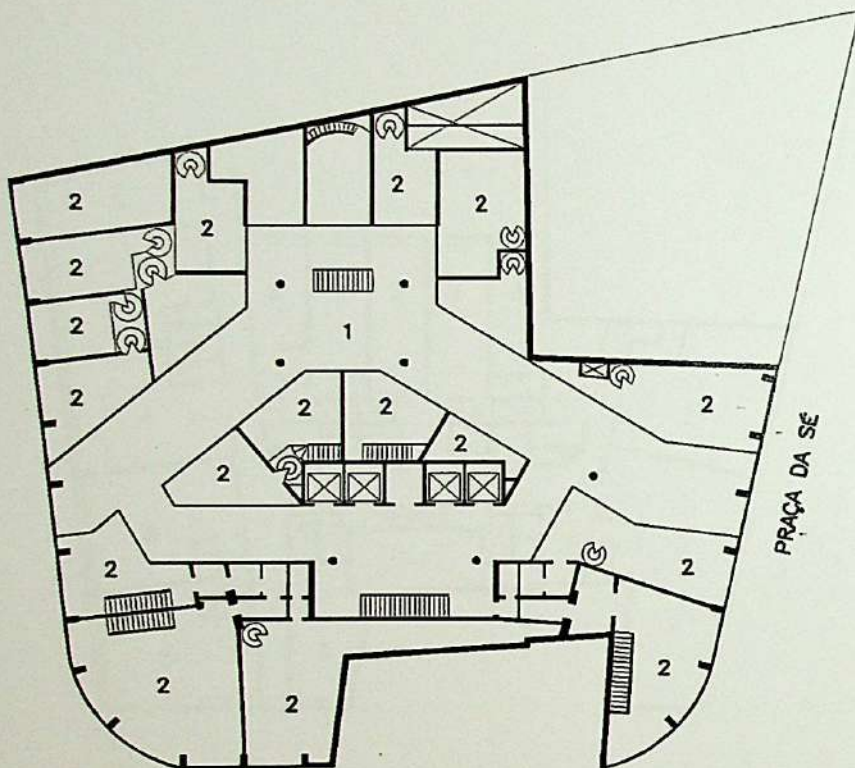


CORTE TRANSVERSAL



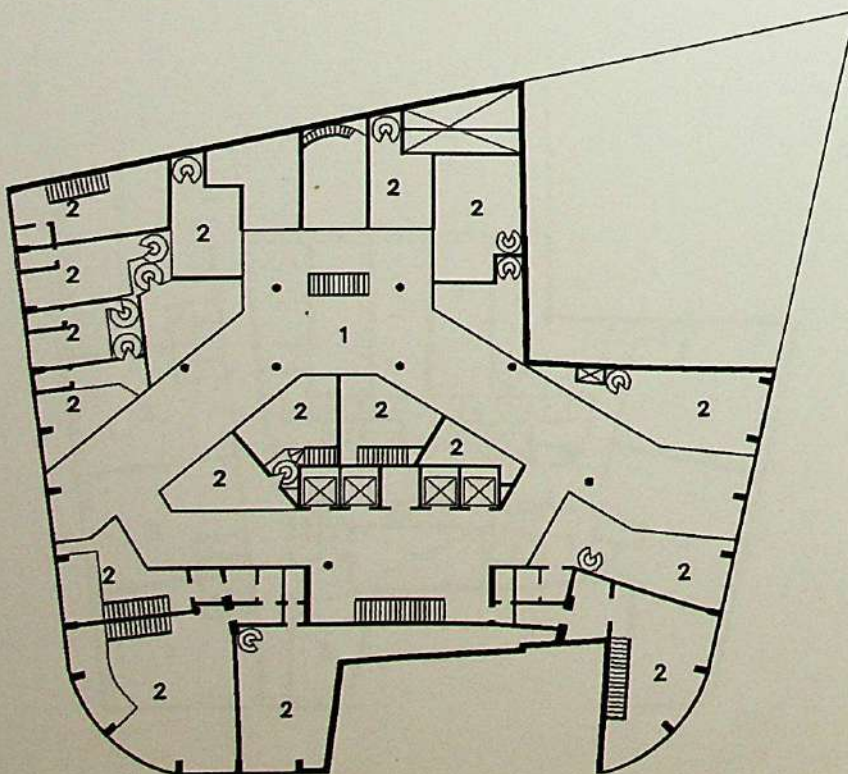
LEGENDA

- 1 HALL ACESSO
- 2 LOJAS
- 3 SALAS
- 4 BANHEIRO



RUA XV DE NOVEMBRO

PLANTA PAV. TÉRREO 0 | 5m

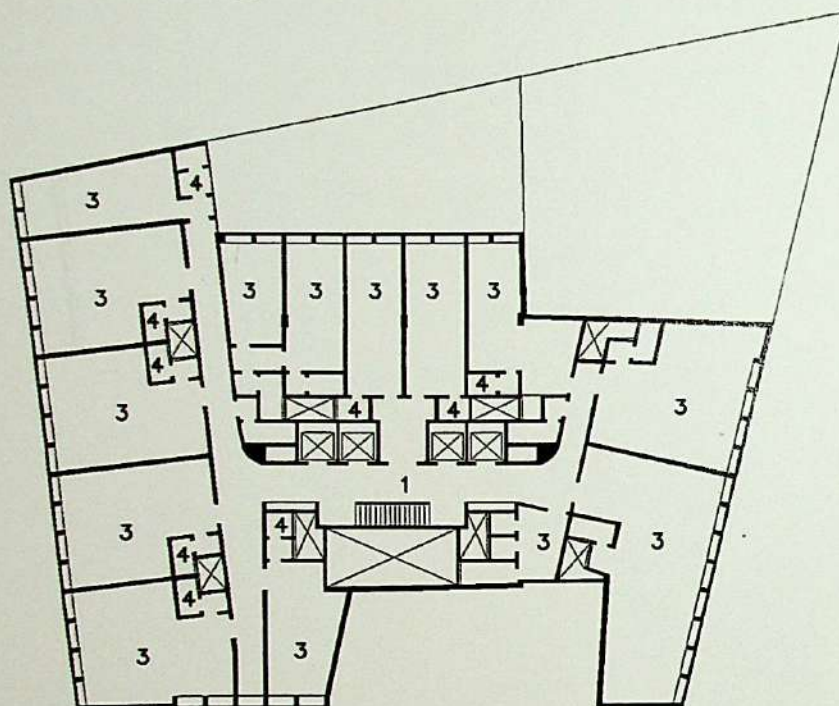


PLANTA GALERIAS

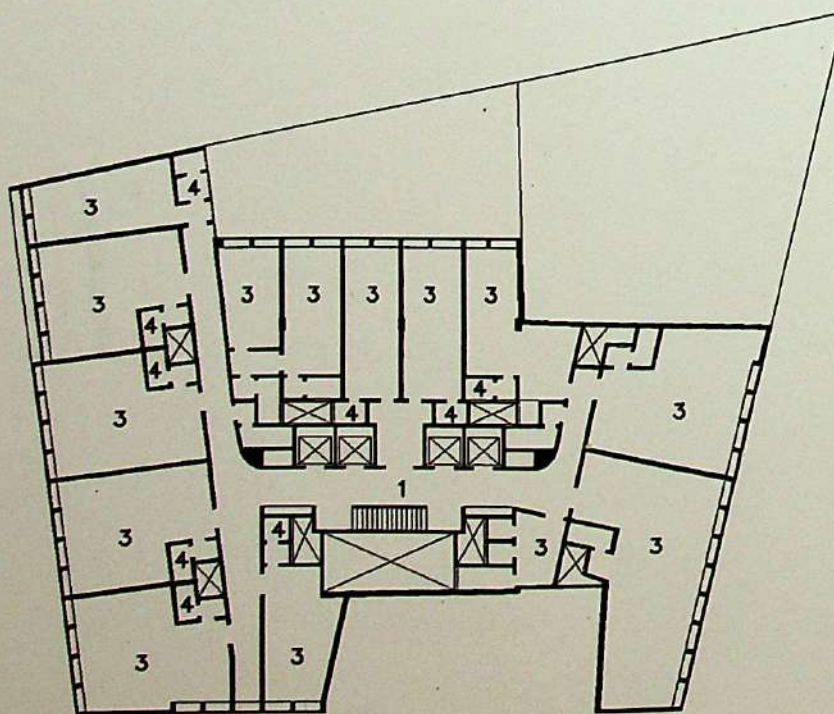


LEGENDA

- 1 HALL ACESSO
- 2 LOJAS
- 3 SALAS
- 4 BANHEIRO



PLANTA 1° AO 5° PAV. 0 | 5m

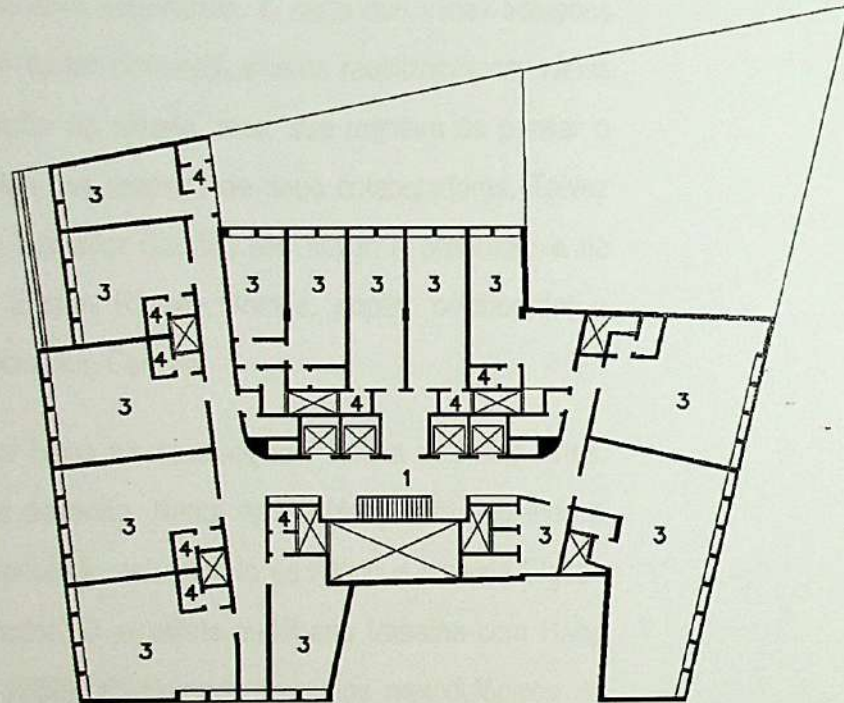


PLANTA 6° PAV.



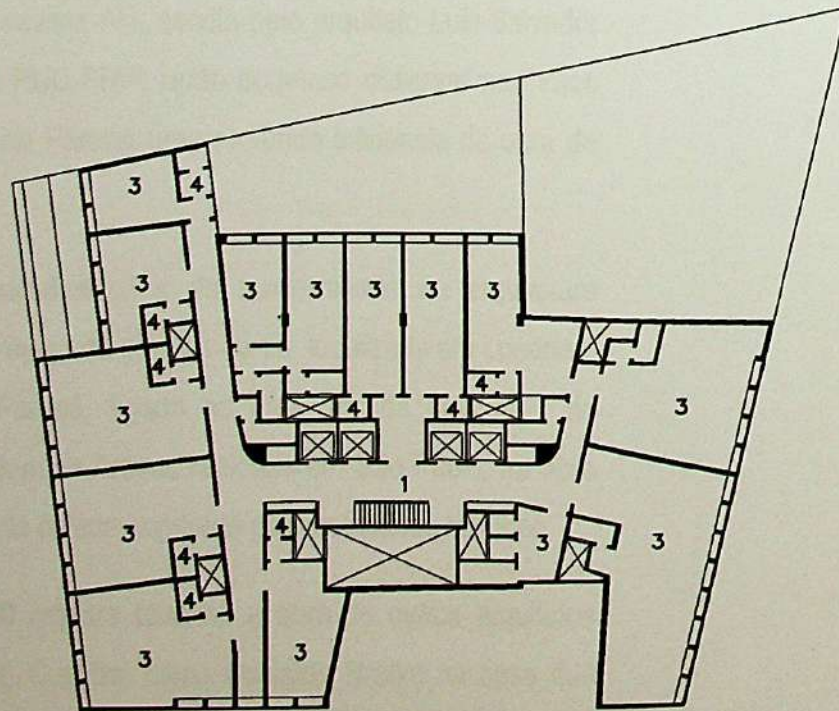
LEGENDA

- 1 HALL ACESSO
- 2 LOJAS
- 3 SALAS
- 4 BANHEIRO



PLANTA 7º PAV.

0 ——— 5m



PLANTA 8º PAV.

5.4 - Dois edifícios em Curitiba

Apesar de ter sido professor de projeto na faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie e de ter deixado uma obra consistente, Heep não teve seguidores. É certo que várias soluções contidas em sua obra foram sistematicamente reutilizadas em vários projetos de incorporação na cidade, mas, sua maneira de pensar o projeto não foi seguida por nenhum de seus colaboradores. Talvez exceção ao arquiteto Salvador Candia, seu amigo e admirador e ao arquiteto curitibano, Elgson Ribeiro Gomes, pupilo, colaborador e parceiro em dois edifícios em Curitiba.

Elgson conhece Heep na Associação Paulista de Belas Artes, fazendo um curso de desenho. Nesta época Heep está deixando o escritório de Pilon, montando seu próprio escritório e convida Elgson para ser seu colaborador. O arquiteto curitibano trabalha com Heep por dez anos (1950-1959), absorvendo aspectos metodológicos do racionalismo europeu.

Uma análise da obra de Elgson Ribeiro Gomes foi publicada na seção Documento da revista AU, escrita pelo arquiteto Luís Salvador Gnoato, professor da PUC-PR²⁸, onde podemos observar nas fotos das obras de Elgson no Paraná uma profunda influência da obra de Heep.

As primeiras manifestações da modernidade na arquitetura paranaense datam do início da década de 50, localizada em Londrina, região noroeste do Paraná, ligada ao café, trazida pela mão do arquiteto curitibano Vilanova Artigas radicado em São Paulo, na obra da estação rodoviária da cidade, tombada pelo patrimônio histórico.

A década de 50 registra também a obra de outros arquitetos paulistas já na capital, Curitiba, como Oswaldo Bratke na casa das

²⁸GNOATO, Luís Salvador. "Um Modernista em Curitiba". Revista AU, n° 70- Fev/Mar de 1997.

famílias Kopp e Maia e Franz Heep, com o projeto do edifício para o antigo IPASE, o edifício Souza Naves, de 1953, vencedor de concurso privado e do importante conjunto residencial Mapi, construído na praia de Caiobá em 1957, com a colaboração de Elgson.

Citamos trechos de uma palestra proferida em 1995, onde Elgson lembra trechos de seu relacionamento com o mestre e o convívio com o escritório:

“A verdade é que quando a época daqueles grandes capitalistas capazes de construir edifícios inteiros com seus próprios recursos acabou, surgiu um novo personagem, capaz de aglutinar pequenas economias em torno de um projeto a ser construído, vendendo a idéia a ser concretizada pelo rateio mensal do custo por todos os assim incorporados, e então surgiu, em 1950 em São Paulo a primeira década dos grandes incorporadores, tendo Heep firmado um contrato com Otto Meinberg, que fez uma série de edifícios, dos quais o último foi o edifício Itália na esquina da São Luís com a Ipiranga. Numa concorrência particular foram chamados oito construtores-incorporadores, com seus respectivos arquitetos escolhidos, para apresentarem seus projetos, proposta financeira da negociação do terreno e solução arquitetônica para a nova sede do Circolo Italiano em São Paulo. Destes oito, seriam escolhidos três considerados melhores, e um novo concurso final entre os três remanescentes para o contrato do projeto, da incorporação e da construção. O nosso escritório “do Heep” (sic) não só se classificou entre os primeiros oito, como também recebeu o primeiro prêmio por uma comissão constituída por arquitetos do IAB e outros, convidados pelo Circolo Italiano. Nesta época éramos aproximadamente 18 colaboradores no escritório, quase todos europeus do pós-guerra. Do Mackenzie éramos cinco, o Ivan, o Gilberto, o Heins, o Lourival e eu. De fora, o Hermann, o Budweg, o Pierre, o Busquets, além dos desenhistas, Leandro, Aldo, Amaldo e outros, um time muito bom, para quem não havia sábado,

feriado ou Carnaval... nem hora para sair do escritório. Quem não teve a chance de trabalhar em regime de batalha campal, tendo um alemão raivoso no comando, logo após o término da segunda guerra mundial, provavelmente terá alguma dificuldade em entender como o Heep tomou de assalto o mercado de trabalho em São Paulo na década de cinquenta, apesar de ter chegado ao Brasil com quase cinquenta anos. E para nós, seus auxiliares, cujo futuro seria realizado pelo trabalho árduo, ou não seria realizado de nenhuma outra maneira, aqueles anos foram de fato épicos."

5.4.1 – O edifício Souza Naves

O **edifício Souza Naves**, implantado na rua Candido Lopes esquina com a rua Desembargador Ermelino de Leão, no centro de Curitiba, em 1953, foi resultado de um concurso de idéias para abrigar a sede do IPASE - Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Servidores do Estado, uma autarquia federal.

A volumetria da edificação é limpa, tratando-se de um bloco com 12 pavimentos, apoiado em três linhas de pilares tendo uma transição no pavimento térreo para facilitar o acesso de veículos.

No pavimento térreo concentram-se, além do hall de acesso, um conjunto de lojas e a secretaria do instituto, formando um volume circular que se projeta para fora da edificação.

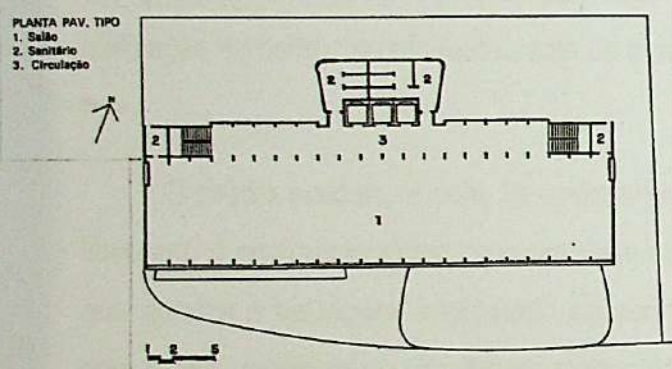
Os pavimentos-tipo são salões panorâmicos livres, onde a circulação vertical e os sanitários formam um bloco destacado do corpo da edificação, contendo a incidência de sol. Esta fachada ao norte foi ainda guarnecida nos caixilhos de brises horizontais em vidro jateado. Na fachada frontal, de orientação sul, foi proposto um "panneaux de verre", com caixilhos tipo maxim-ar, executados em cantoneiras de ferro, fixadas em montantes de imbuia maciça, dada à impossibilidade da fabricação no local de montantes em chapa de



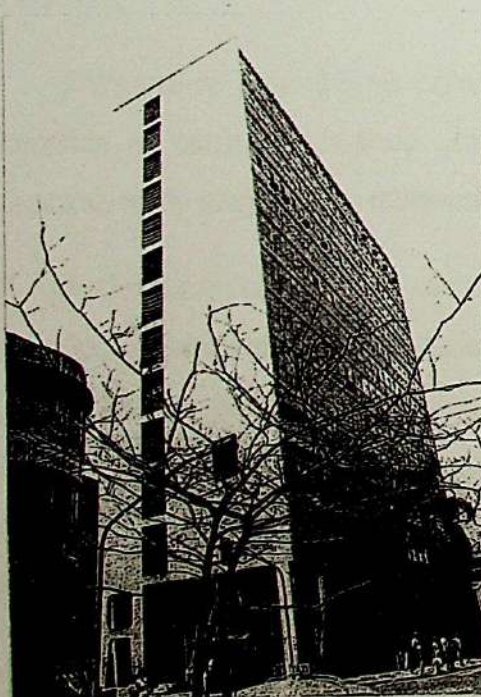
Ilustração da fachada

ferro dobrada. Em 1982, esta caixilharia foi substituída por outra em alumínio, descaracterizando a edificação e promovendo uma forte reação dos arquitetos locais.

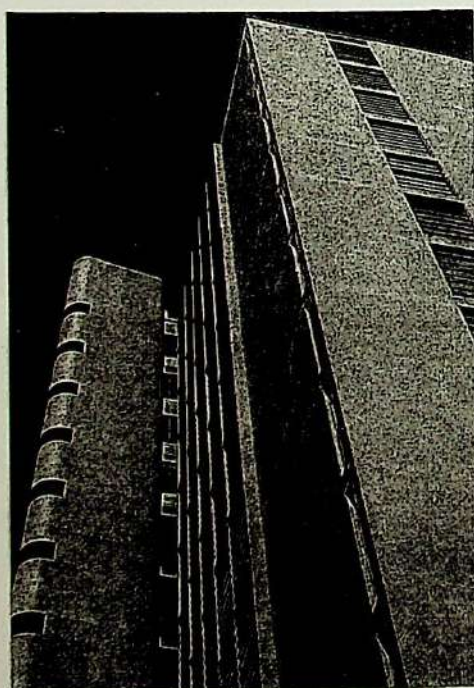
O edifício Souza Naves é citado no livro *Arquitetura Moderna em Curitiba*²⁹, de Alberto Xavier, como um *"projeto que leva a marca de Adolf Franz Heep, falecido arquiteto tcheco que assumiu importante papel na arquitetura de São Paulo"*.



Planta baixa da edificação



Vista frontal da edificação



Vista posterior da edificação

²⁹ XAVIER, Alberto, *"Arquitetura Moderna em Curitiba"*, São Paulo ed. Pini, 1985.

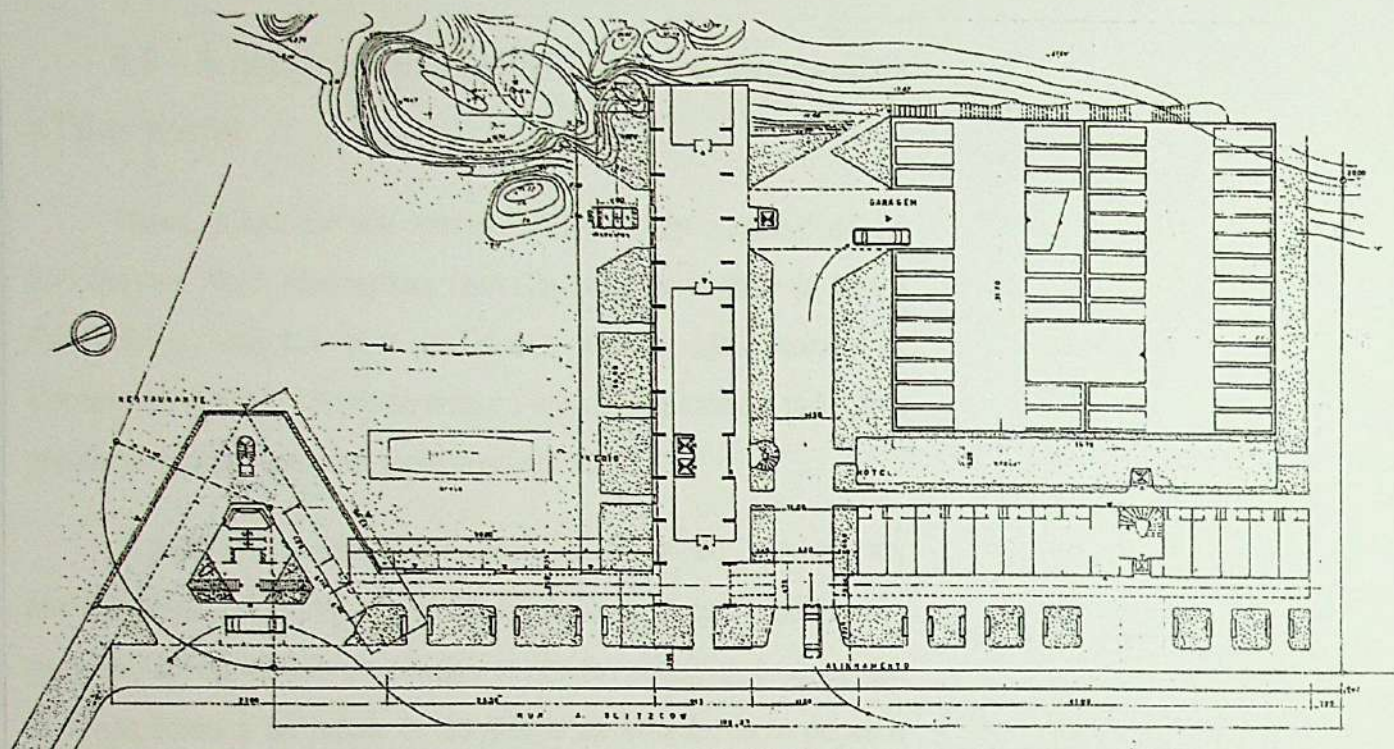
5.4.2 – O condomínio Mapi

O condomínio Mapi, localizado na praia de Caiobá, na rua A. Blitzcow, num terreno defronte ao mar, tem uma implantação magnífica onde Heep articula dois blocos, um hotel paralelo à rua e um prédio residencial, perpendicular ao hotel, dividindo o enorme terreno em duas partes, uma mais privada, voltada para o morro, com um estacionamento para veículos em dois níveis, e outra metade semipública, sutilmente definida por uma marquise, que liga a edificação do hotel com um restaurante de forma triangular defronte ao mar.

O prédio residencial com 16 pavimentos, apoiados em pilotis e liberando o pavimento térreo para convivência, forma um bloco único que domina a paisagem, implantado no eixo leste-oeste e de frente para o mar, privilegiou o visual para suas unidades em detrimento de uma insolação excessiva resolvida com o uso de painéis móveis de venezianas.

O volume do hotel é mais baixo, constituindo uma edificação secundária no conjunto, dividindo com o restaurante a função de embasamento do grande bloco residencial.

Os destaques ficam com as escadas destacadas do volume da edificação, a parada dos elevadores em meio nível em relação ao pavimento-tipo, a utilização de elementos vazados como fechamento da circulação comum dos pavimentos voltada para a fachada posterior e o uso de armários como paredes divisórias de ambientes nas unidades residenciais, muito compactas.



Implantação do condomínio observando o eixo norte-sul formado pelo restaurante e pelo hotel e o eixo leste-oeste formado pelo bloco residencial.



Vista do conjunto com destaque para o restaurante e o bloco residencial

5.5 – A parceria entre Franz Heep e os irmãos Aizik e Elias Helcer

Talvez a experiência melhor realizada de continuidade do trabalho que Heep desenvolveu com Ginsberg, na década de 30 em Paris, foi o realizado com os irmãos Aizik e Elias Helcer, da Construtora Auxiliar, principalmente no edifício Lausanne e nas torres gêmeas Lugano e Locarno, projetadas em 1958.

O tratamento dispensado aos ambientes do apartamento, possibilitando alternativas de layout num espaço relativamente modesto, a importância de considerar objetos simples, como janelas de áreas comuns ao prédio ou corrimãos de escada, como peças a serem desenhadas e industrializadas, o uso de materiais duráveis, enfim propondo uma arquitetura que respondia as necessidades cotidianas e ideológicas da classe média, fizeram o sucesso da parceria entre Heep e a construtora Auxiliar, em que pese freqüentes atritos entre o arquiteto e o construtor para viabilizar as premissas propostas com as reservas tecnológicas que o país impunha.

Outro fato importante que garantia a qualidade das obras era o trabalho no canteiro de obras que, enquanto na Paris de 30 era realizado por um engenheiro contratado pelo escritório, encarregado de resolver os problemas relativos às obras, como controle de custos qualidade de execução e aprimoramento de técnicas construtivas, no desenvolvimento das obras em São Paulo era o próprio arquiteto quem exercia este papel, controlando e fiscalizando a obra com obstinado empenho, garantindo que tais edifícios estejam em bom estado e sejam valorizados até hoje.

Cabe ressaltar o profundo respeito dos construtores pela figura de Heep: em recente entrevista o engenheiro Aizik Helcer da Construtora Auxiliar, resalta o rigoroso método de trabalho, o preciso

acompanhamento das obras pelo arquiteto e como prova deste respeito pelo profissional guarda ainda vários originais dos projetos executados por Heep. O edifício Lausanne possui todo o projeto executivo e detalhamento guardado e às vezes - me segredou Aizik - ele reutiliza alguns detalhes para suas obras mais recentes. Conta ainda com emoção às aventuras para concretizar as solicitações de Heep: as janelas de cantos curvos, a pintura nas venezianas de alumínio, etc., tudo tinha de ser desenvolvido por um parque industrial que não detinha tecnologia para tanto, tendo, portanto, de improvisar.

Acreditamos que este raro momento de conjunção de interesses por parte dos protagonistas, arquiteto e construtor, almejando um produto melhor acabado poderia ser um exemplo ao mercado, mas a história nos apresenta outro enredo.

Além destes dois excelentes edifícios desenvolvidos por Heep para a construtora Auxiliar, projetou mais dois outros prédios, mais simples, porém apresentando diversas condicionantes que marcam a obra do arquiteto. São estes os edifícios Lucerna I e II, de 1955 e Miri de 1956.

Dois blocos sobrepostos no foyer de um cinema para 958 pessoas, o Comodoro Cinerama, formam os **edifícios Lucerna I e II**, construídos na Av. São João, 1452/1474, num terreno com 1.427,86 m² de área, tendo uma área construída de 10.514,10 m² distribuídos em 15 pavimentos.

Os edifícios residenciais são geminados, unidos pelo eixo de simetria do terreno, com acessos independentes, formando uma unidade de fachada, pela modulação da caixilharia.

Cada bloco tem dois apartamentos de "quarto e sala", com planta em formato em "H", isto é, com as unidades voltadas para a via e para os fundos, com circulação comum no centro.



O acesso ao cinema pela calçada é dividido em dois meios-níveis, um de acesso à platéia, com um desnível de 1,75 m e outro de acesso ao balcão com um desnível de 2 m.

Cabe ressaltar o empenho do arquiteto em agenciar todas as complementariedades do projeto, algumas bastante específicas como acústica, luminotécnica, cálculo das isópticas, ar condicionado, etc., para um cinema deste porte. A comparação com Rino Levi, arquiteto de formação racionalista-funcionalista européia, que projetou os melhores cinemas de São Paulo e é dono de uma vasta e consistente obra, é inevitável.

O **edifício Miri**, localizado na praça Júlio Prestes, esquina com a Alameda Dino Bueno, trata-se na realidade de uma adaptação de um projeto que já tinha sido aprovado pela prefeitura, sendo reaproveitado pela construtora, tendo Heep feito alterações internas e de fachada.

A proposta é similar à utilizada no edifício Lucerna I e II, com planta em "H" e generosos caixilhos dotando um apartamento "quarto e sala" de conforto ambiental e integração com a grande praça defronte ao prédio.

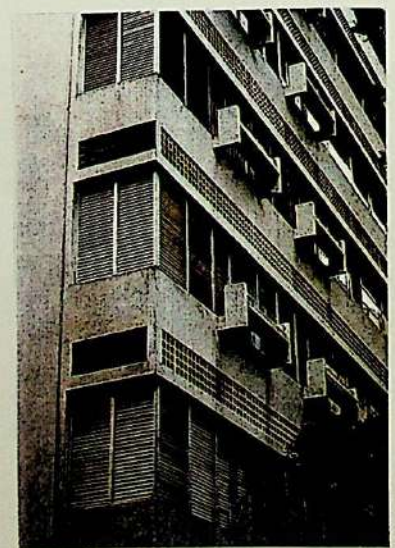
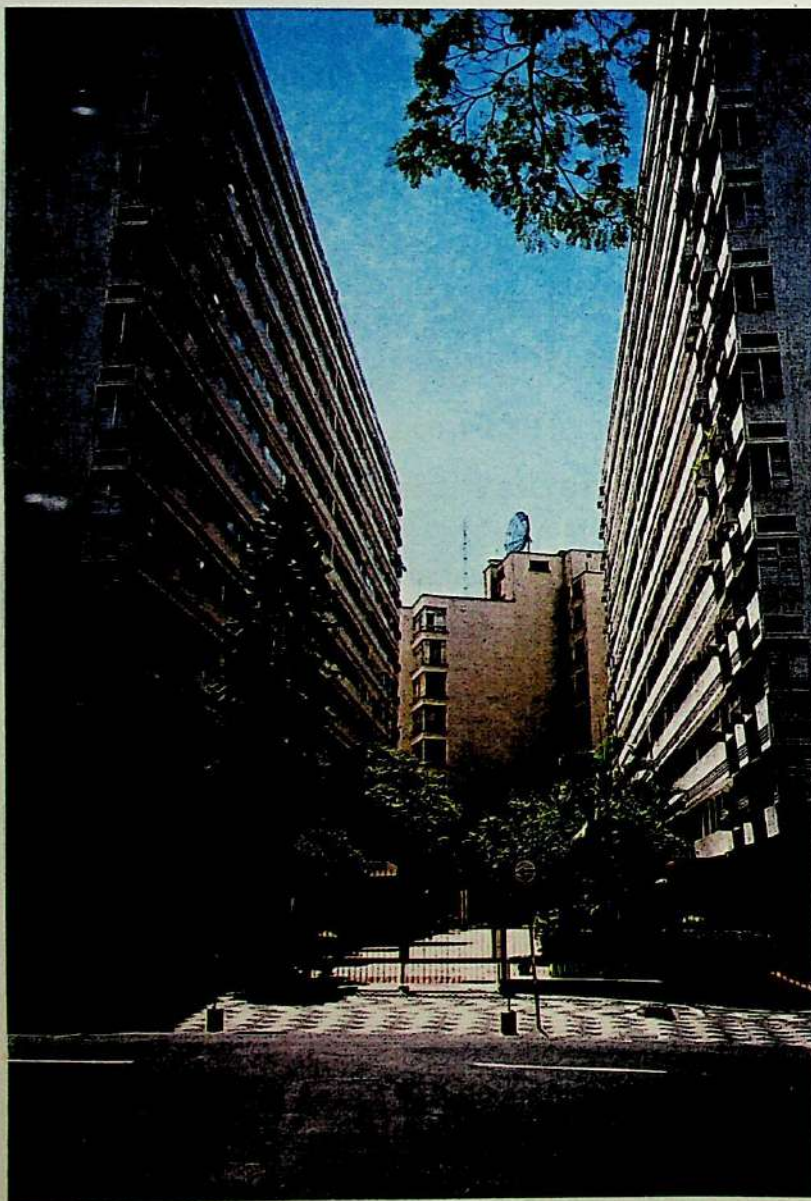


Edifício Miri visto da praça Júlio Mesquita

5.5.1 – O edifício Lugano e Locarno *- 58-62*

Os edifícios gêmeos Lugano e Locarno, localizados na Avenida Higienópolis, 324, estão divididos em dois blocos de treze pavimentos, assentados sobre pilotis, ocupando um lote central na quadra, tendo à frente a rua Itacolomi.

Foi intenção do arquiteto incorporar a rua ao projeto, dispondo os blocos paralelamente entre si e perpendiculares à via que detém o



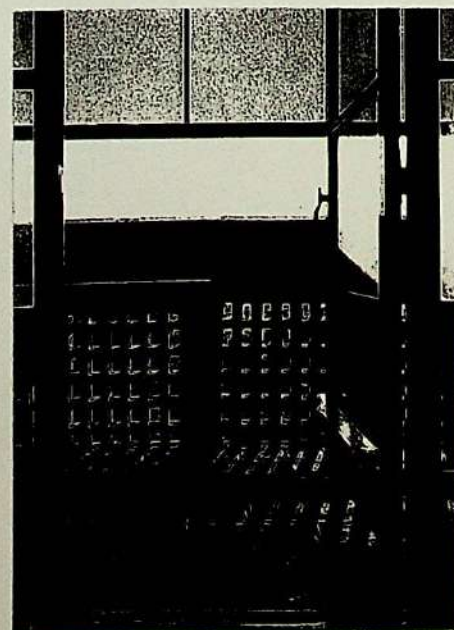
terreno, criando no intervalo entre eles um amplo jardim, continuidade visual do térreo e extensão natural da rua que desemboca no lote.

A implantação dos blocos na perpendicular em relação à rua transgride o tradicional aproveitamento do terreno pela construção, que destacava a fachada frontal. Portanto Heep coloca empenas cegas de frente para a rua, voltando as fachadas maiores para a praça interna ao terreno, extensão da rua à frente, explorando a integração da edificação com o entorno urbano.

A fachada voltada para a praça tem sua horizontalidade marcada por uma faixa de alvenaria e elementos vazados e uma faixa de caixilhos corridos que contorna nos cantos, penetrando a empena cega, acentuando o vão como subtração no bloco esculpido. Os caixilhos corridos, protegidos da insolação nos dormitórios por venezianas em alumínio e um pano de vidro nas salas dão unidade num bloco que comporta quatro unidades habitacionais por andar, todas com dormitórios e sala voltados para a praça interna.

A faixa contínua na fachada de elementos vazados em concreto, rentes ao piso dos ambientes, sob os caixilhos, para permitir uma ventilação permanente lembra o detalhe recorrente utilizado por Le Corbusier na Unidade de Habitação em Marselha (1946) e em outras propostas habitacionais do pós-guerra, como também no projeto da Casa do Brasil na Cidade Universitária de Paris (1957), realização conjunta de Le Corbusier com Lúcio Costa. Heep também utilizaria este recurso em outras obras suas, como no edifício Arlinda de 1959.

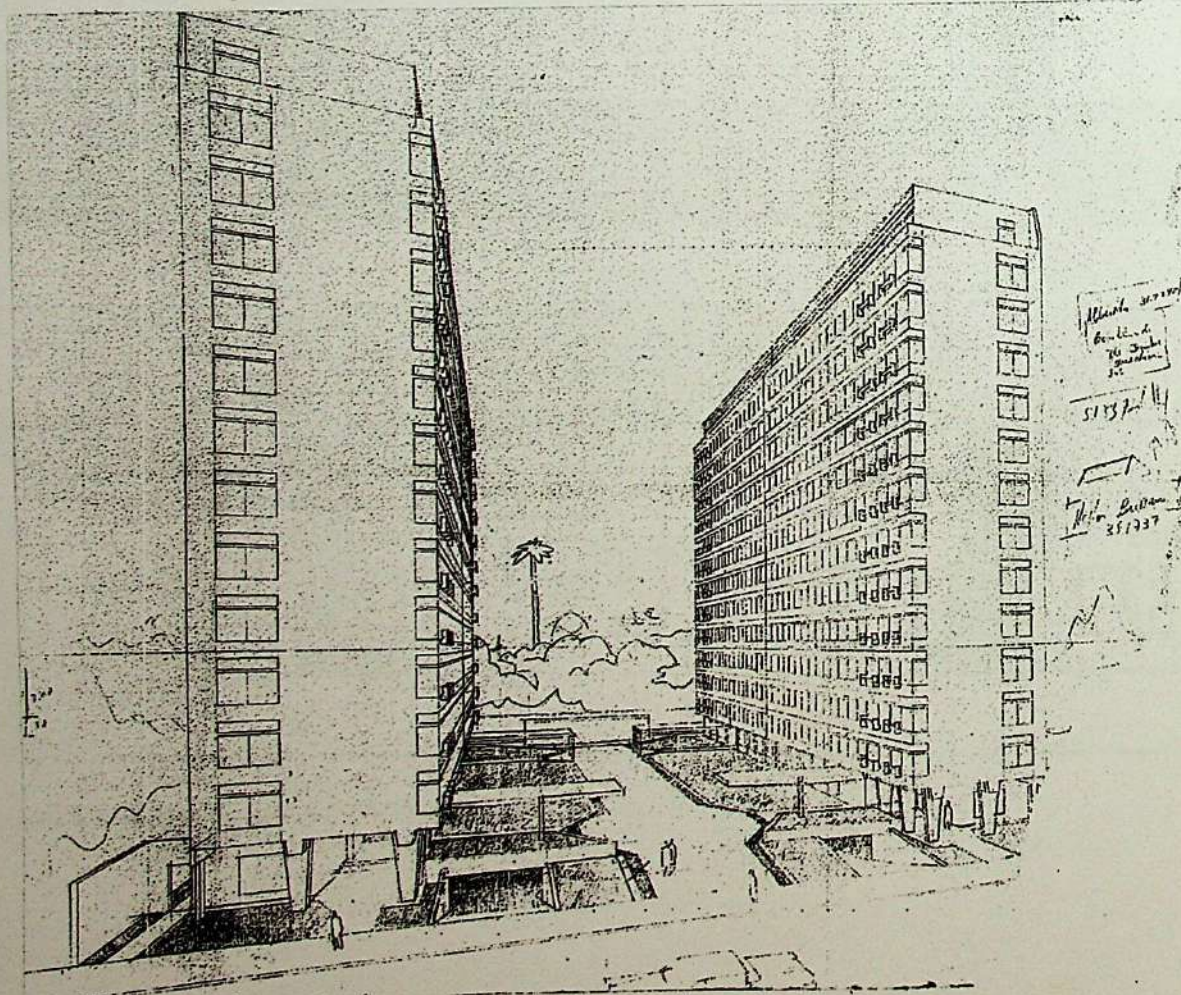
Em recente entrevista com o arquiteto Jon Maitrejan, a respeito da obra de Heep, este me disse que também tinha feito um estudo para o mesmo terreno anos antes de sua construção e tinha adotado um partido tradicional, implantando a edificação paralelamente à via



de acesso, reconhecendo o acerto do colega em não interromper a continuidade visual da rua Itacolomi, que num ligeiro declive desemboca nesta praça interna ao lote, totalmente integrada ao entorno urbano. A obra é destaque na Revista Acrópole nº 287, de 1962, pág. 347 a 349.



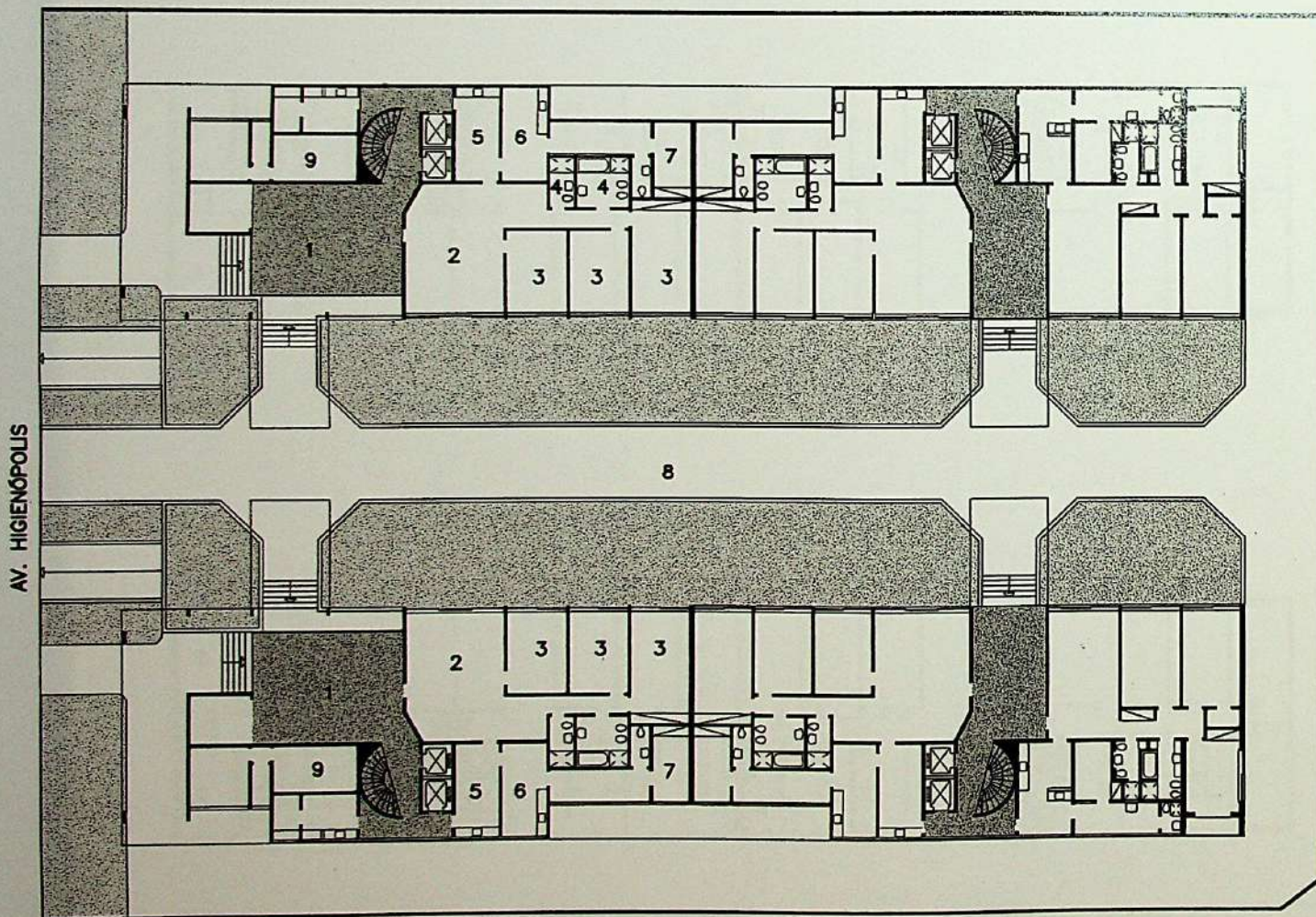
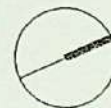
Foto da Casa do Brasil na Cidade Universitária de Paris (1957), projeto de Le Corbusier e Lúcio Costa, com destaque para os elementos vazados na fachada.



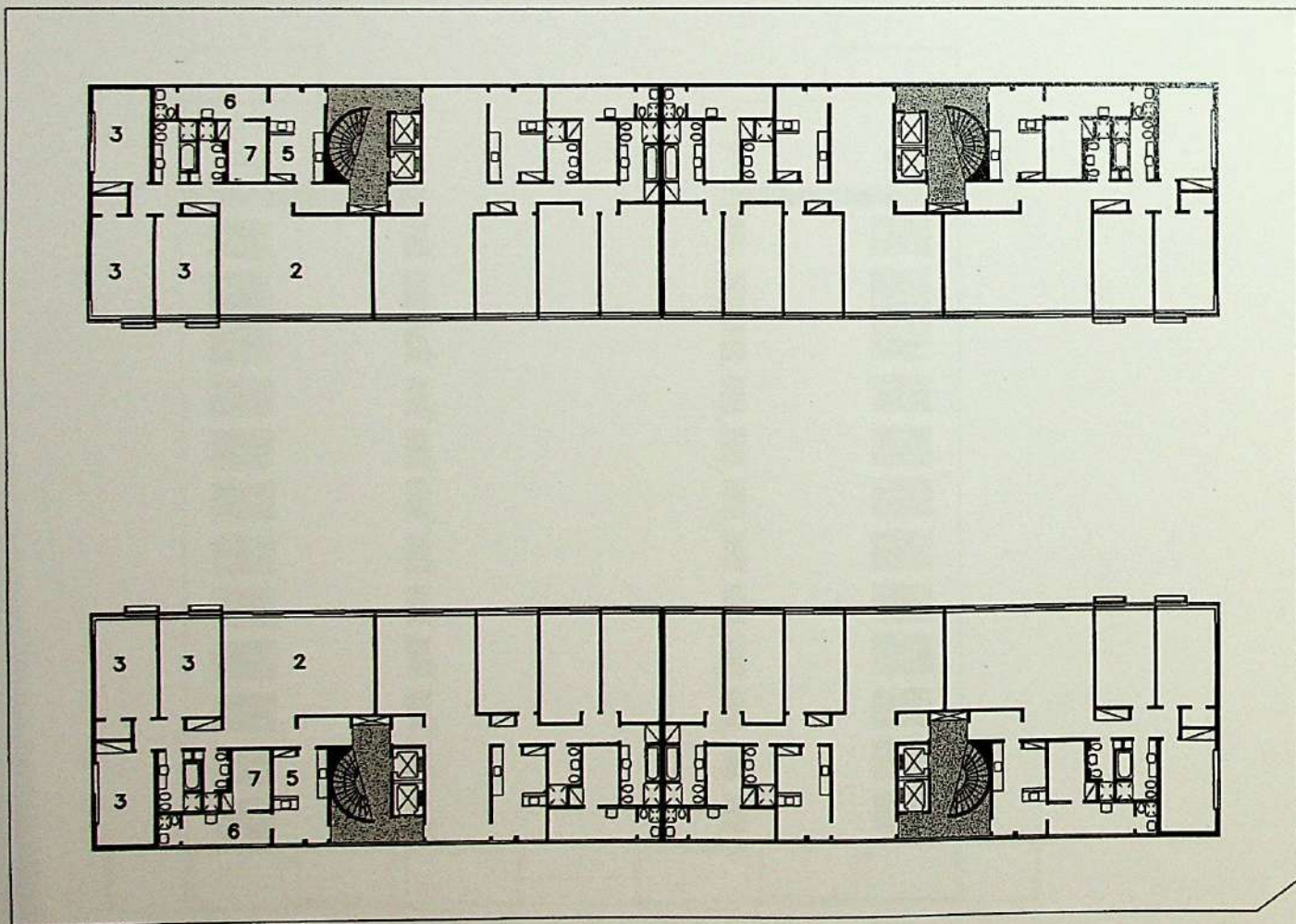
Croquis de Frans Heep para a fachada dos edifícios Lugano e Locarno

LEGENDA

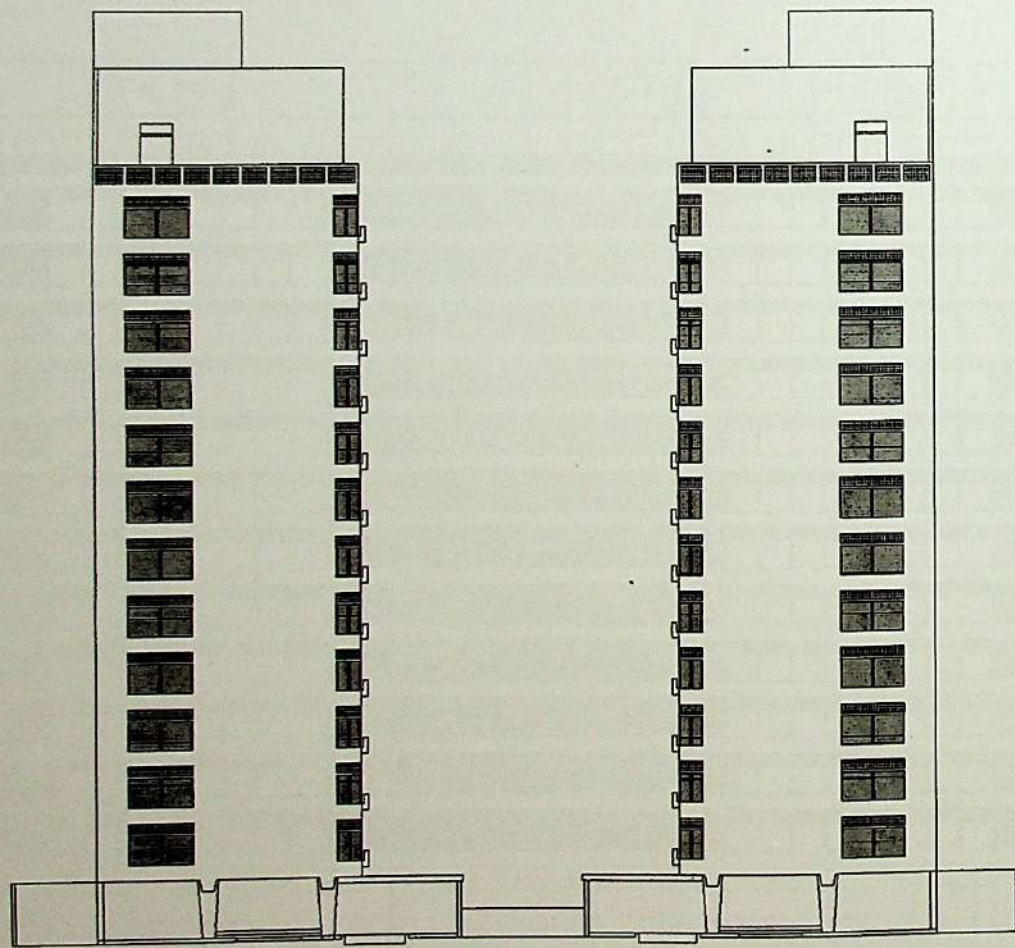
- 1 HALL ACESSO
- 2 LOJAS
- 3 SALA
- 4 BANHEIRO
- 5 COZINHA
- 6 A. SERVIÇO
- 7 DESPENSA
- 8 PRAÇA
- 9 ZELADOR



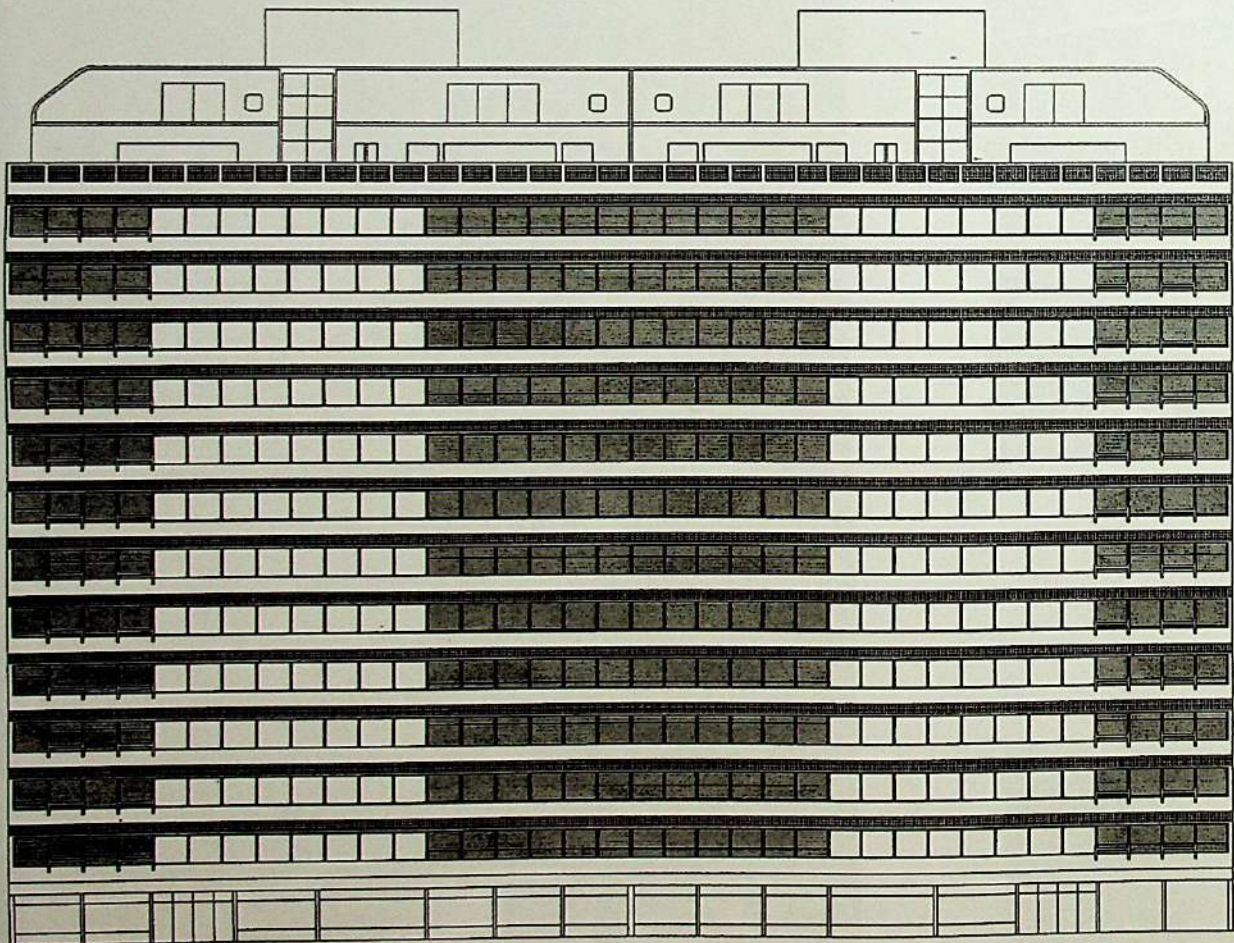
PLANTA PAVIMENTO TÉRREO 0 | 5m



PLANTA PAVIMENTO TIPO 0 | 5m



ELEVAÇÃO FRONTAL 0 | 5m



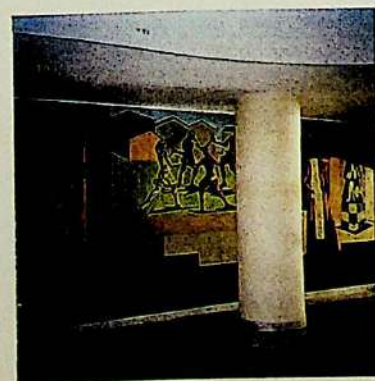
ELEVAÇÃO LATERAL

0 5m

5.5.2 – O edifício Lauzane

No auge de sua maturidade profissional e de produção de seu escritório, Heep desenvolve em 1958 para a Construtora Auxiliar esse prédio de apartamentos, onde resume seu ideário racionalista.

Localizado na avenida Higienópolis, 101/111, em um terreno com área de 1.636,46 m², a edificação tem 13.959,13 m² de área construída distribuídos em 15 pavimentos.

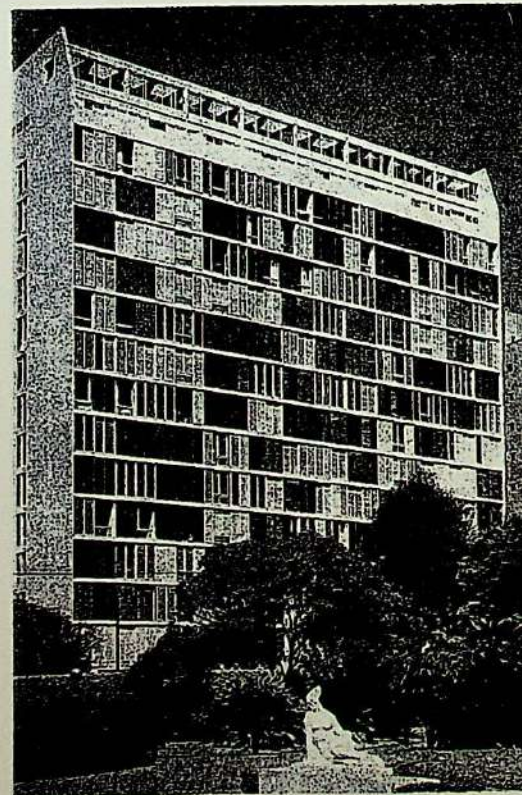
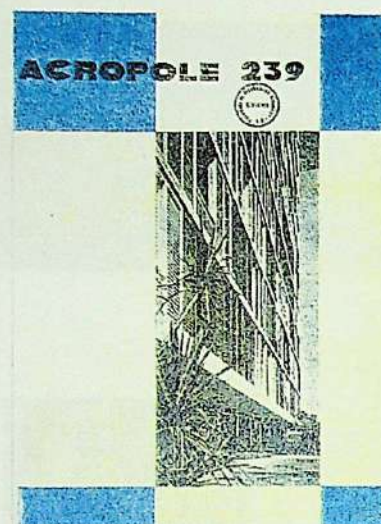


O fato de o lote ter sua face maior paralela à via definiu um partido de implantação: um bloco horizontal, recuado da rua para limitar os recuos escalonados, portanto preservando uma fachada uniforme; a ocupação longitudinal do terreno, voltando as salas e dormitórios para a face norte e para a vista dos jardins do Clube S. Paulo que existe em frente. Portanto, para os ambientes estarem voltados para a face norte, Heep propõe uma fachada de venezianas.

O ritmo e a cadência obtida pelas venezianas de correr, pintadas em cores vivas, intercalando verde e vermelho-escuro, creme e azul-claro, com aberto e fechado, cheio e vazio formam um mosaico na fachada. Possivelmente influência dos estudos cromáticos elaborados por Wassily Kandinsky na Bauhaus.

Em entrevista, o engenheiro Aizik Helcer, um dos sócios da construtora, lembra a satisfação de trabalhar com Heep, particularmente neste projeto. Relata a experiência paradoxal de ter de desenvolver tecnologia complexa na época, como suas venezianas de correr em alumínio pintado, as paredes-pilares, o uso de domus para iluminação zenital de compartimentos na cobertura, para um edifício direcionado para o mercado imobiliário. Cita com ressalvas o uso por Heep de cores vivas nas venezianas realçando as fachadas e expondo um sutil conflito entre o incorporador e o criador, onde a pintura das venezianas móveis carecia de métodos adequados na época para a fixação da tinta no alumínio. Atualmente, após repinturas ao longo do tempo, que não respeitaram as tonalidades originais, estas venezianas estão pintadas em cores verde, vermelho-escuro e branco, perdendo a edificação uma característica cromática marcante em sua fachada.

O bloco horizontal divide-se em duas torres com acessos independentes, interligados no pavimento térreo por um grande hall, dividido em duas alas por um volume de forma triangular que abriga a



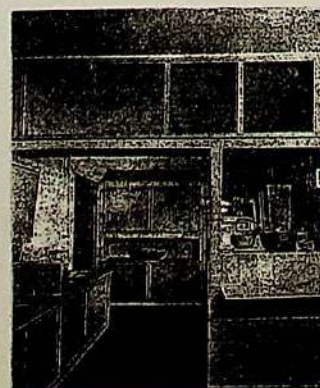
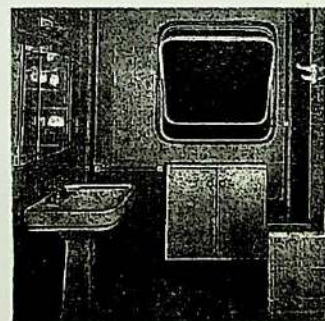
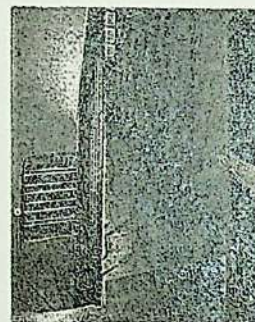
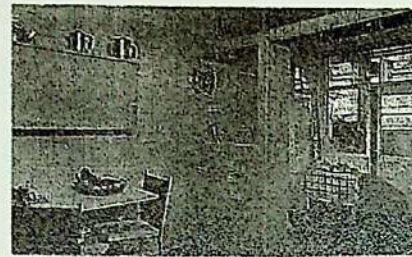
zeladoria. O pavimento térreo é elevado em relação à calçada, tendo seu desnível vencido por rampa, culminando na chegada, por pilotis, criando um *pianno nobile*. As paredes do hall no térreo são revestidas por painéis de Clóvis Graciano, influência da escola Bauhaus de integração entre arquitetura e artes plásticas. Recentemente os painéis foram restaurados, quando foi feita uma reforma geral da edificação.

A elevação posterior que agrega as áreas de serviço e comuns da edificação denota o cuidado de Heep no tratamento de todas as fachadas, destacando as janelas com cantos arredondados que iluminam e ventilam as escadas.

No 14º e 15º pavimentos, a edificação sofre um recuo escalonado, configurando outro arranjo para as unidades e liberando um grande terraço na fachada. Na cobertura, Heep faz uso de iluminação zenital por meio de domus para alguns ambientes, solução incomum na época.

Quando de nossa visita à Construtora Auxiliar para levantamento de dados, nos deparamos com uma folha com a relação das pranchas de desenho elaboradas para o projeto arquitetônico, totalizando 257 folhas, entre plantas, cortes, elevações e detalhamento, demonstrando a intenção de ter um controle total da obra, a qual acompanhava passo a passo, assegurando uma perfeita execução da edificação.

A busca da obra perfeita, bem resolvida funcionalmente e formalmente, reflete no edifício Lausanne a garantia de sua perpetuação, sendo ainda hoje, 44 anos após sua construção, seus apartamentos disputados pelo mercado imobiliário como referência de qualidade. Portanto consideramos o edifício Lauzane a versão mais atualizada e melhor acabada da experiência iniciada com seus edifícios em Paris, quando da sociedade com Ginsberg.



O edifício foi objeto de reportagem de capa da revista Acrópole nº 239 de 1958, págs. 504 a 509, com um detalhe da esquadria protetora da escada, destacada na seção Prancheta Viva da mesma edição. A reportagem destaca ainda as venezianas móveis em alumínio, pintadas com cores vivas, o painel de Clovis Graciano no hall de entrada e detalhes internos extremamente bem resolvidos por Heep.

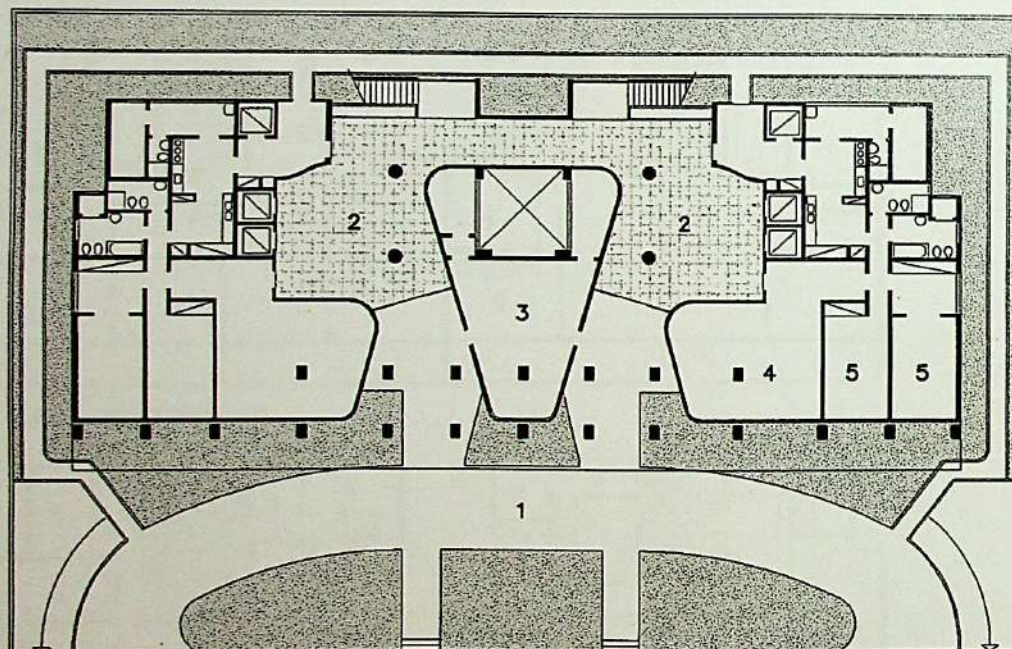
O prédio aparece também no livro Arquitetura Moderna Paulistana de Xavier, Lemos, Corona ³⁰, destacando "este edifício é exemplo significativo oferecendo sua planta oportunidade de análises variadas quanto à distribuição das funções da habitação, notadamente a visível influência européia na organização dos espaços. Concentrando instalações sanitárias, cozinha - cujo acesso participa da circulação interna - e demais dependências de serviço, libera totalmente uma faixa fronteiriça de estar e repouso".

Lista das folhas de projeto do edifício Lauzane

³⁰ Arquitetura Moderna Paulistana, de Alberto Xavier, Carlos Lemos e Eduardo Corona, escrito inicialmente em fascículos na revista "A Construção São Paulo" da Editora Pini, do ano de 1978 ao de 1983, foi publicado em livro em 1983, constitui ainda hoje guia imprescindível de Arquitetura Moderna Brasileira.

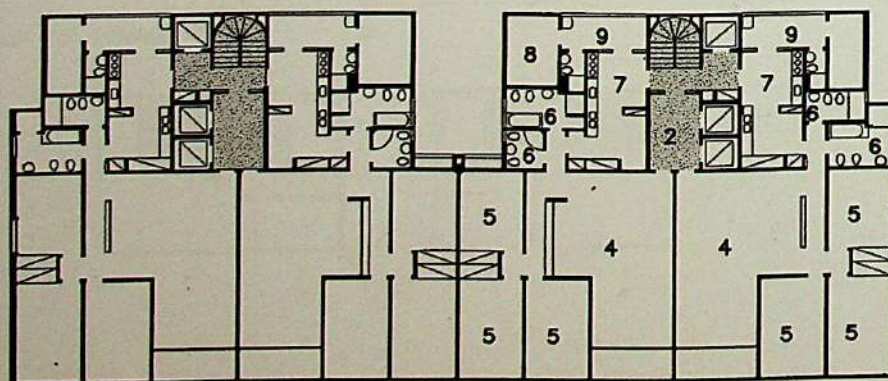
LEGENDA

- 1 RAMPA DE ACESSO
- 2 HALL DE ACESSO
- 3 ZELADOR
- 4 SALA
- 5 DORMITÓRIO
- 6 BANHEIRO
- 7 COZINHA
- 8 DESPENSA
- 9 ÁREA DE SERVIÇO
- 10 TERRAÇO

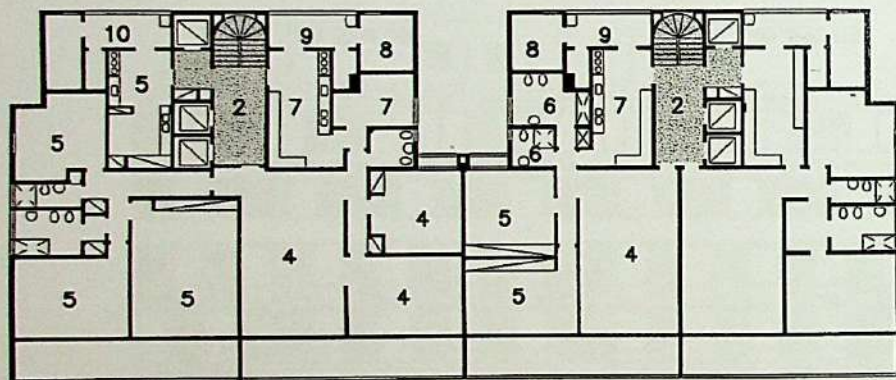
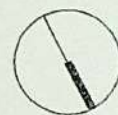


AVE. HIGIENÓPOLIS

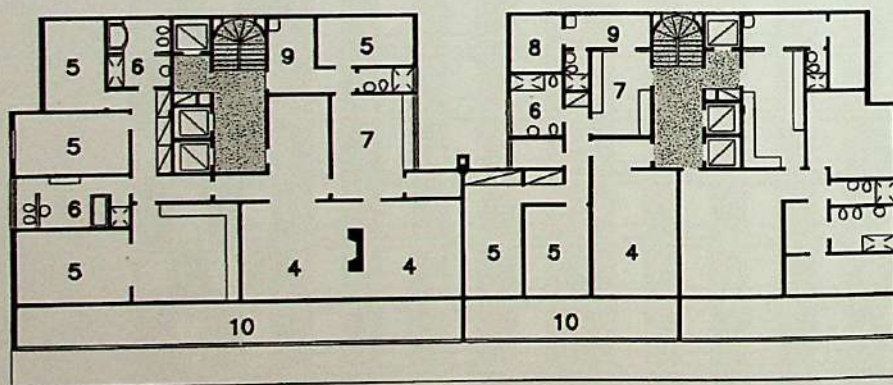
PLANTA PAVIMENTO TÉRREO 0 | 5m

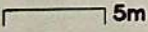


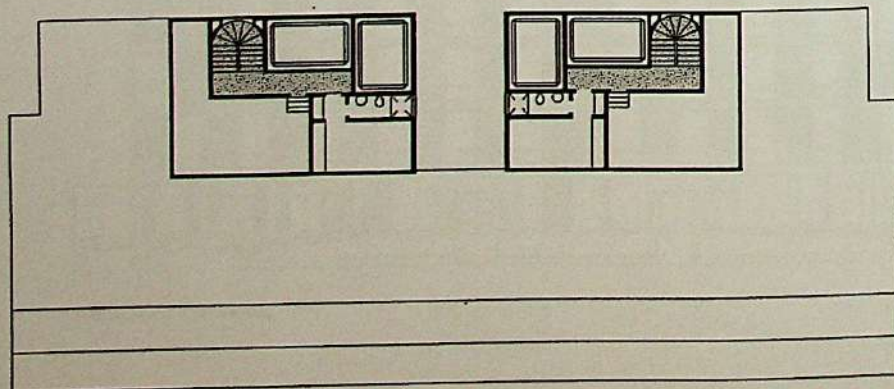
PLANTA 1º AO 13º PAVIMENTO



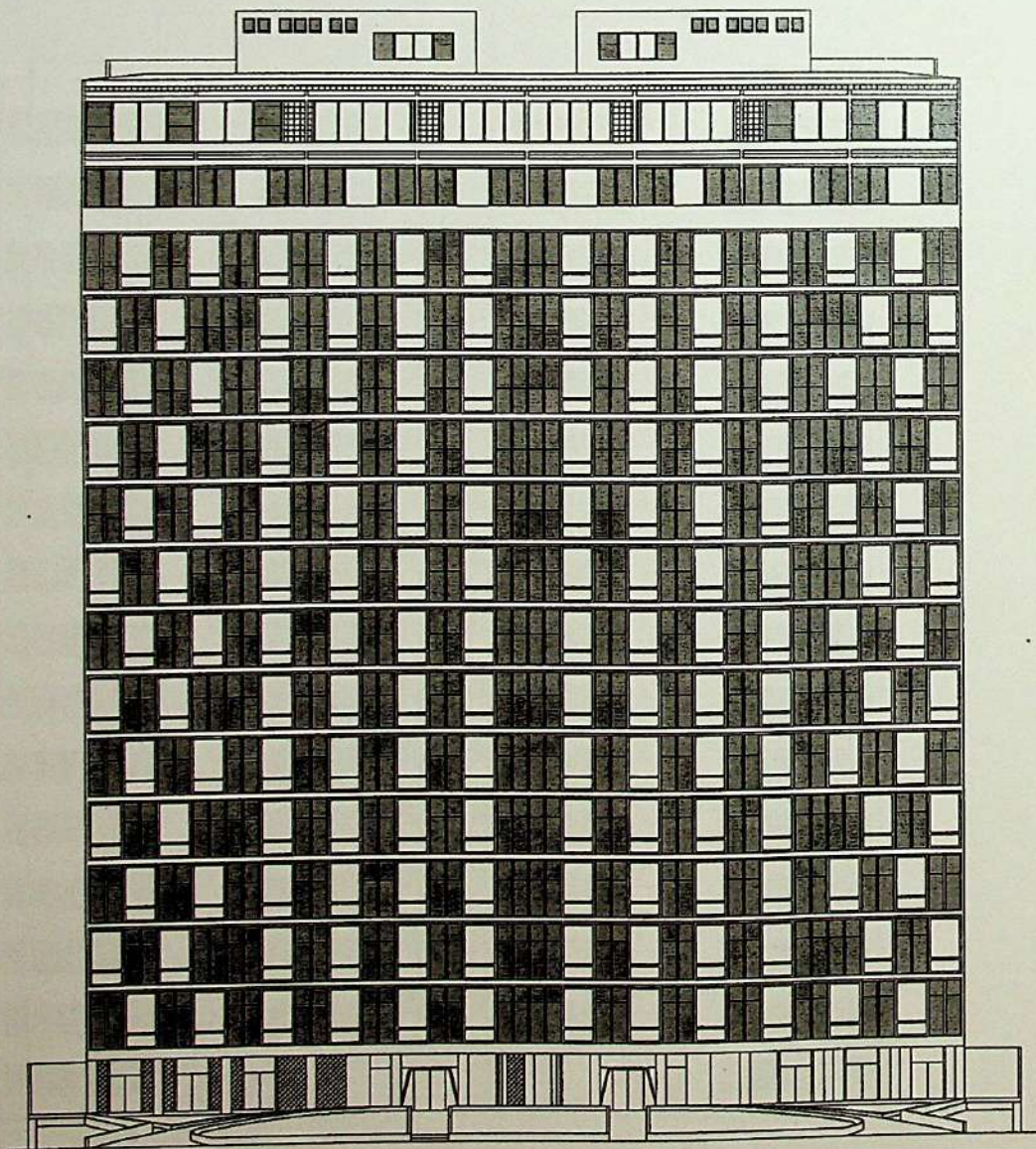
PLANTA 14° PAVIMENTO



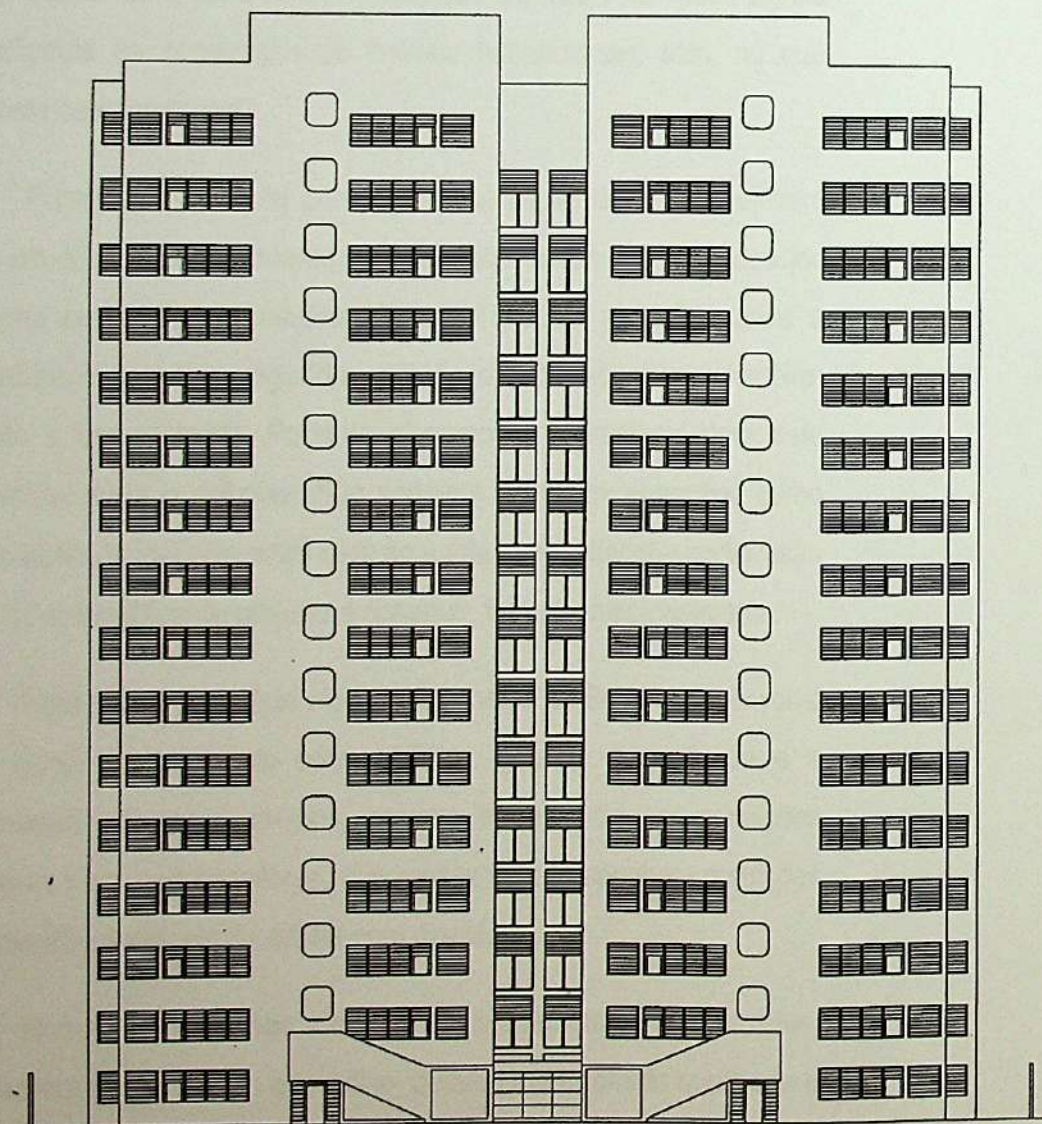
PLANTA 15° PAVIMENTO 0  5m



PLANTA DE COBERTURA



FACHADA FRONTAL 0 | 5m



FACHADA FUNDO 0 | 5m

5.6 – O gosto pelo detalhe

Encontramos nas pesquisas desenvolvidas com edifícios residenciais na Paris dos anos 30 a origem da sistemática de trabalho de Heep, onde as pesquisas tecnológicas no método construtivo, no canteiro de obras, no uso dos materiais de acabamento, nas instalações, enfim, definiram as bases do que poderia ser um ideal de prédio bem acabado e durável.

Heep e Ginsberg construíram juntos três edifícios em Paris onde encontramos uma série de soluções, que alteraram na época alguns paradigmas na construção de imóveis habitacionais. Mas, no que consiste esta mudança?

Primeiramente, uma perspicaz observação do que desejavam seus usuários enquanto moradia, onde, entender os anseios e desejos de uma classe média usuária de seus imóveis se sobrepujava a formalismos datados; segundo: método e profissionalismo; terceiro: talento e competência. Portanto a resposta operacional para este diferencial seria **o detalhe**. Não somente o detalhe entendido como sublimação da idéia de coisa bem acabada, mas o detalhe como visão total da sistemática de projetar e construir, formal e funcionalmente.

Esta sistemática, que Heep traz consigo ao Brasil e desenvolve com muito empenho em seus projetos, garante a qualidade e a durabilidade de seus prédios, mesmo trabalhando em condições adversas para incorporadoras, que muitas vezes impunham restrições orçamentárias difíceis de driblar com dignidade.

Portanto, Heep não detalha obstinadamente seus projetos, porque era minucioso ou obsessivo, detalha para garantir qualidade e cobrar resultados. Quando cobra das construtoras que aceitem e viabilizem seu detalhamento de janelas curvas ou venezianas em alumínio pré-pintado em cores vivas, por exemplo, está

comprometendo as construtoras com a tecnologia e envolvendo o incipiente parque industrial brasileiro na cadeia produtora da indústria da construção.

Heep cria um repertório de elementos recorrentes em suas obras, aos quais vai empregando conforme sua necessidade. Destacamos alguns destes detalhes, selecionados de publicações na revista Acrópole, em sua seção Prancheta Viva, de originais dos projetos elaborados para a Construtora Auxiliar e outros levantados na pesquisa de seus prédios.

5.6.1 – Detalhes de fachada

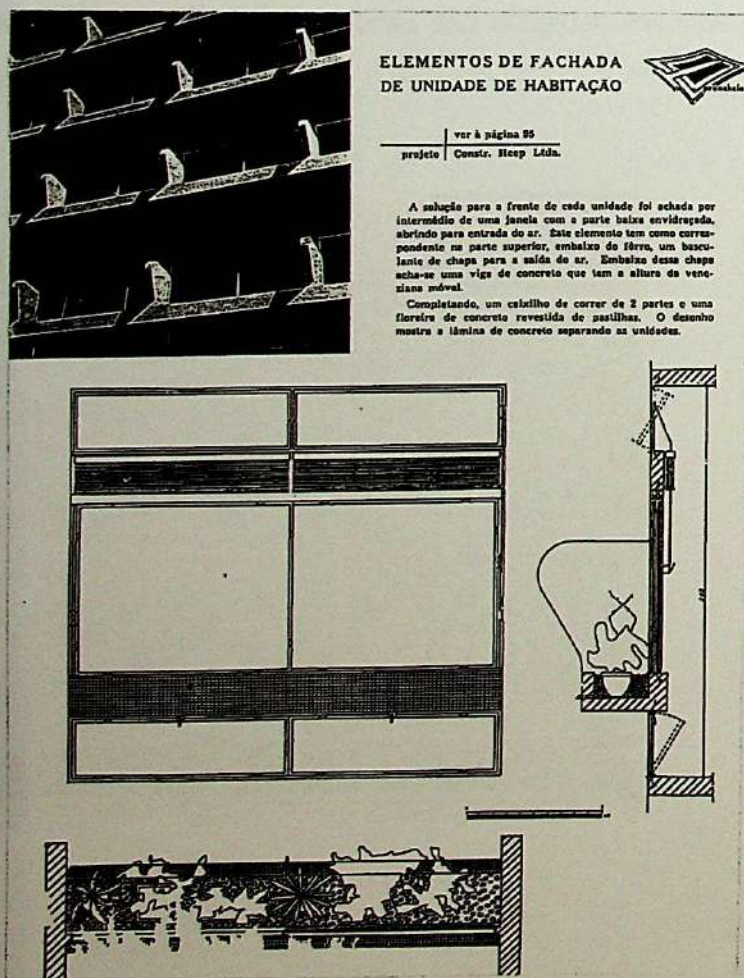
Grupo de detalhes característicos da obra de Heep que constituem marca registrada em suas obras. São detalhes de fachada como, caixilhos, venezianas, brises, terraços, vedações e materiais de acabamento. Estes detalhes percorrem toda a obra de Heep tendo maior ou menor evidência dependendo de sua função. Um mesmo caixilho pode ser a peça de resistência de uma fachada e em outra, aparecer atrás de um elemento vazado se a insolação assim o solicitar, portanto mais do que formais e apesar de definirem uma "cara", são funcionais.

Destacamos os seguintes detalhes de fachada:

- Composição com caixilho, jardineira e elemento vertical;
- Composição com terraço, peitoril e caixilho;
- Vedações utilizando elementos vazados ou blocos de vidro;
- Volume da circulação vertical destacado da edificação;
- As marquises;
- Os brises móveis em chapa metálica;
- Os painéis de correr com venezianas;
- As janelas de cantos arredondados;

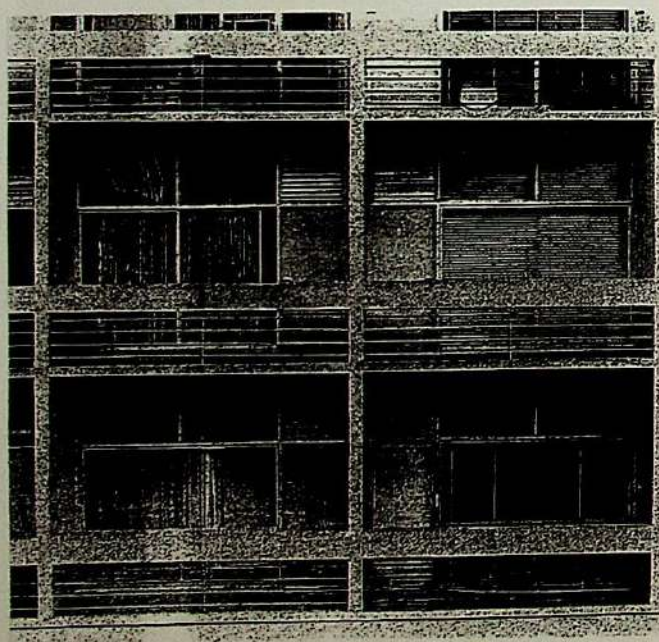
5.6.1.1 -Composição com caixilho, jardineira e elemento vertical.

Um caixilho dividido em três partes: além da janela central – de correr, Heep propõe uma bandeira inferior e uma outra superior, basculantes, em vidro ou chapa, para permitir a máxima circulação do ar. Separando as peças, no plano horizontal, temos uma jardineira revestida em pastilhas na parte inferior e uma viga em concreto na parte superior e no plano vertical, entre caixilhos uma lâmina em concreto de forma reta ou curva, que funciona como anteparo a preservar os apartamentos. Estes detalhes aparecem nos edifícios Arapuan, Maracanã, Marajó e Normandie.



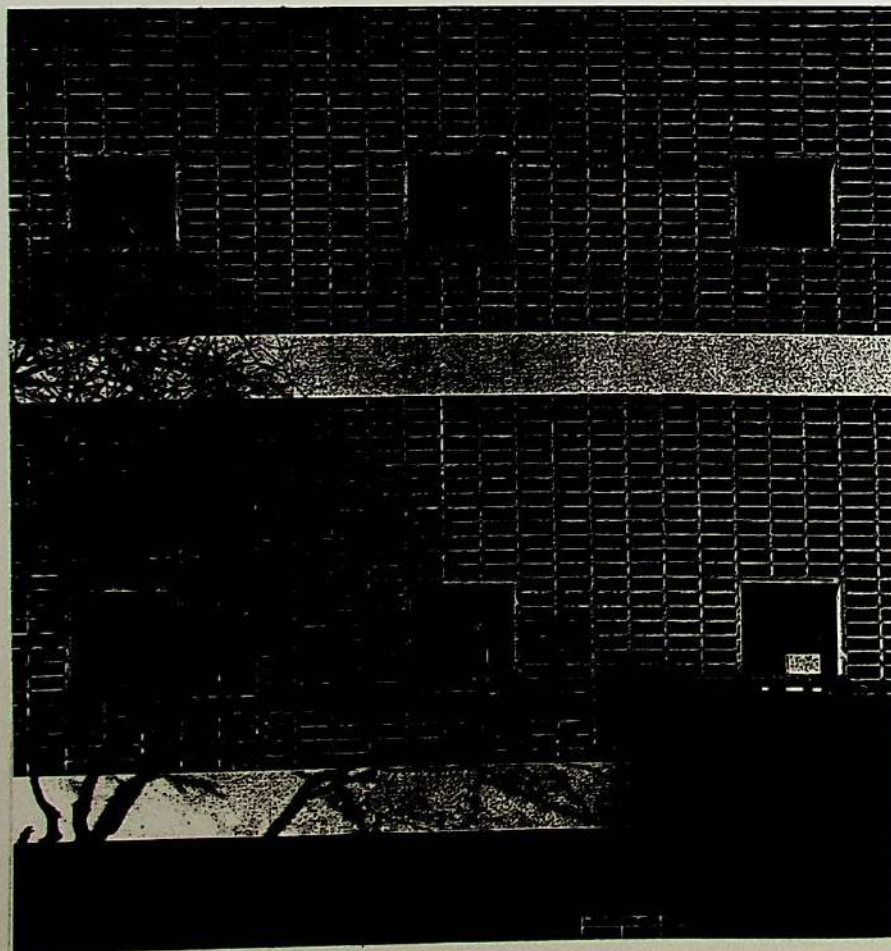
5.6.1.2 - Composição com terraço, peitoril e caixilho.

Um terraço, na largura da unidade de um cômodo, cujas vedações laterais, na realidade pilares da espessura de paredes, bem como suas lajes de piso e de forro, vão afinando nas extremidades, para sugerir uma grelha esbelta a quadricular a fachada, num desenho regular, definido pelas unidades. A vedação do terraço com a sala, é feita por meio de um caixilho sobre um peitoril com a altura para comportar uma mesa interna e uma porta em madeira com bandeira, contraponto ao grande caixilho em vidro que termina na laje. O guarda – corpo é uma viga em concreto a sublinhar a grelha, complementada por uma transparente grelha metálica. Completa a cena a pintura interna dos terraços em cores vivas alternadas, como vermelho, verde, amarelo e violeta. Estes detalhes são utilizados nos edifícios Icarai e Araraúnas.



5.6.1.3 - Vedações utilizando elementos vazados ou blocos de vidro.

Os elementos vazados em concreto criam uma textura no plano da fachada, funcionando como brise ou como peitoril nos terraços, na elevação frontal ou vedando as circulações comuns na elevação posterior. Heep também utiliza blocos de vidro como vedação externa, para obter claridade. Nos edifícios Guaporé e Buriti, o fechamento em elemento vazado nas sobrelojas, emoldura na parte central um vão de janela, detalhe retomado posteriormente nos volumes menores que formam o embasamento da torre do edifício Itália, porém utilizando blocos de vidro.



5.6.1.4 - Volume da circulação vertical destacado da edificação.

Além de utilizar elementos de concreto, brises em chapa metálica ou laminas de vidro, para vedar e controlar a insolação do corredor de acesso às unidades, geralmente voltado para a fachada posterior, Heep destacava o volume da circulação vertical - escada ou elevador - do corpo principal da edificação, criando um elemento com formas curvas, auxiliando o controle da insolação na fachada posterior e destacando a elevação "dos fundos", normalmente desprovida de qualquer tratamento, como significativa na edificação. Heep conferia igual status às fachadas da edificação não importando se fosse frontal posterior ou lateral, buscando um tratamento adequado, formal e funcional, conforme o uso, insolação ou integração com o entorno próximo. Utiliza este recurso nos edifícios Normandie, Arapuan, Icarai, Souza Naves, Arlinda e Araraunas.



Exemplo de volume de circulação vertical destacado da edificação
Ed. Souza Naves - 1953 - Curitiba/ PR

5.6.1.6 - Os brises móveis em chapa metálica.

Heep utiliza conforme a orientação das fachadas, brises móveis em lâminas metálicas, em diversas obras, geralmente contidos em uma grelha em concreto, conferindo a fachada da edificação ritmo e textura. Os estudos de trama gráfica e os estudos cromáticos são provavelmente referências aos estudos com mestres da Bauhaus. As influências da arquitetura moderna brasileira, como a Obra do Berço (1937) de Oscar Niemeyer e o prédio do Ministério da Educação e Saúde (1936 a 1943), de autoria de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão, Ernani Vasconcelos e estudos iniciais de Le Corbusier, dentre outras, são significativas na obra de Heep. Além do edifício sede do jornal "O Estado de São Paulo", de 1948, Heep utilizará brises em outros prédios desenvolvidos para Jacques Pilon, como no edifício Vicente Filizola, de 1952, no edifício R. Monteiro, de 1950 e no prédio da casa da França, de 1950. No edifício Itália, de 1956 a 1959, os brises aparecem menores e contidos em uma grelha estrutural, encobrindo a totalidade dos caixilhos, proporcionando uma unidade formal na torre levemente curva.



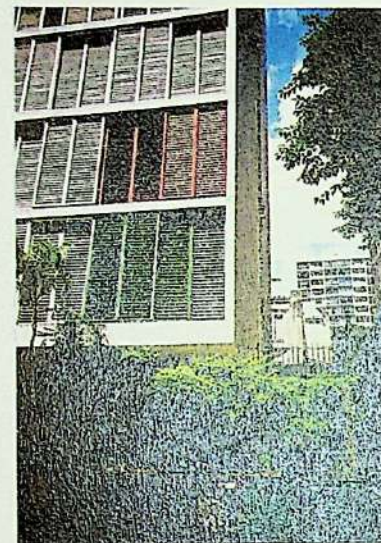
Detalhe de brise no ed. O E. de S. Paulo



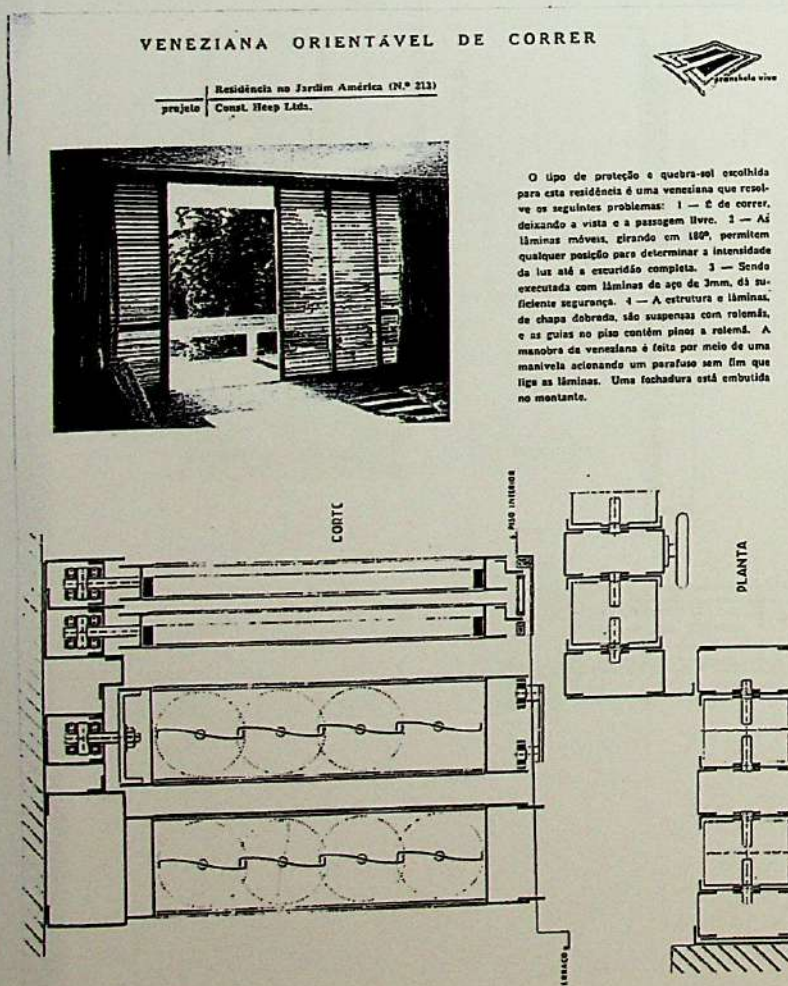
Detalhe de brise no ed. Itália

5.6.1.7 - Os painéis de correr com venezianas.

Os painéis de correr, com venezianas horizontais, pintadas ou não, foram muito explorados por Heep, conferindo mobilidade à fachada, controlando a insolação direta e substituindo cortinas e persianas. Esta solução aparece primeiramente no edifício Tucuman, pintadas em amarelo claro - arrancadas quando o edifício tornou-se hotel - e nos edifícios Ouro Preto, Lauzane, Lugano-Locarno e residência S. Back. Os painéis do edifício Lauzane, foram executados em alumínio, obrigando os construtores a desenvolverem na época, processos técnicos adequados para uma boa fixação da tinta, bem como chegar na exata tonalidade das cores definida por Heep.



Detalhe de veneziana ed. Lauzane



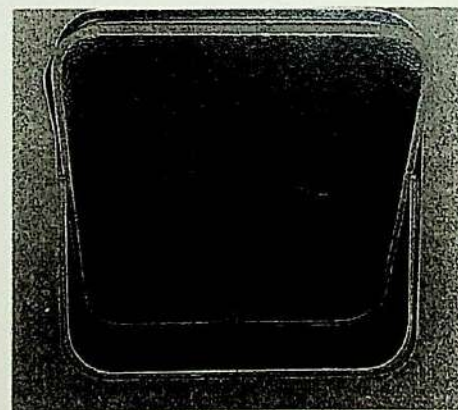
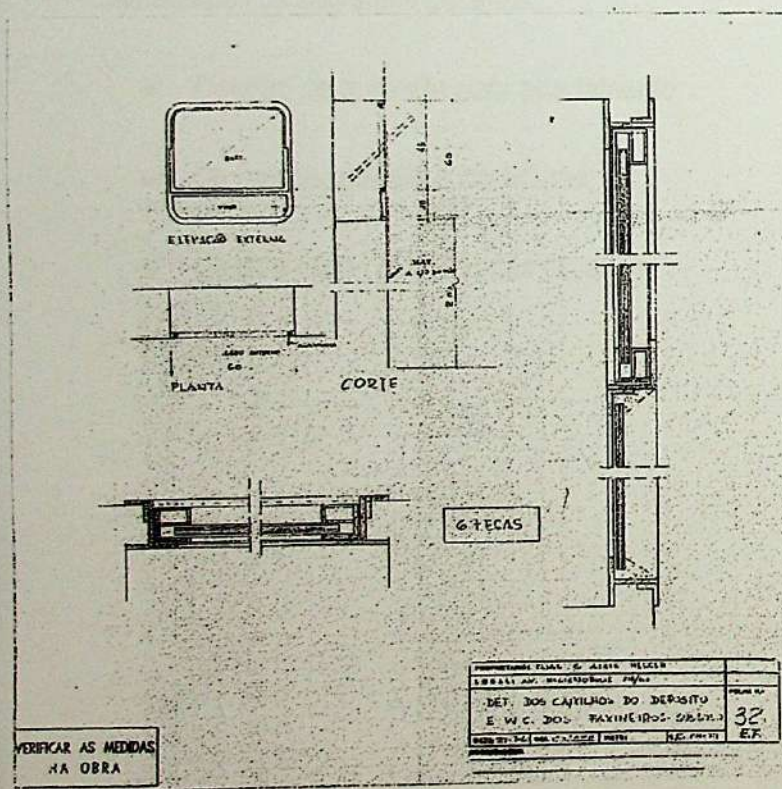
Detalhe de veneziana ed. Lugano e Locarno



Detalhe de veneziana ed. Ouro Preto

5.6.1.8 - As janelas de cantos arredondados

Outro detalhe interessante que Heep incorpora em seus projetos, é a janela de cantos arredondados, feitas em um só perfil, dobrado e curvado, chamada de "janela de onibus". Utilizada preferencialmente nas escadarias de serviço de seus edifícios, como nos edifícios Lauzane e Lugano-Locarno, aparece também em outra dimensão nos contrafortes da Igreja de São Domingos e na residência Confalioniéri. Estas janelas pretendiam ser feitas em série, utilizando poucas peças e suprimindo os cantos, soldados e sujeitos a ferrugens e empenas, dificultando o acionamento e a vedação.



5.6.2 – Outros detalhes

Heep desenvolveu outros detalhes que refletiam a organização funcional dos ambientes internos a edificação, por meio de conjuntos quitinete, integração de painéis murais e esculturas com sua arquitetura, guarda-corpo metálico de fechamento das escadas, otimização das instalações, paredes estruturais, armários divisórias, etc. Consideramos estes detalhes significativos dentre vários analisados pelo seu caráter inovador, encontrando suas origens nos prédios que desenvolveu com Ginsberg em Paris, na década de 30.

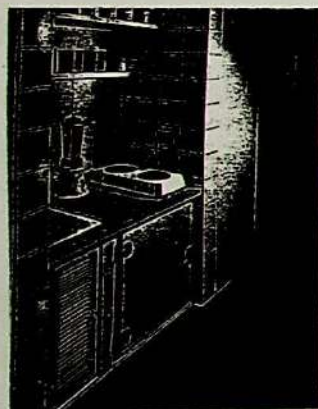
Destacamos os seguintes detalhes:

- Detalhe de quitinete para apartamento;
- Os murais, painéis e esculturas;
- Guarda-corpo metálico nas escadas;

5.6.2.1 - Detalhe de quitinete para apartamento

O conjunto quitinete ou "Kichinette" como chamado na época - que equipavam os apartamentos de um cômodo que levavam seu nome - situado geralmente na entrada da unidade, é formado por uma bancada em mármore com pia, local para fogão elétrico, prateleiras em granilite e sob a bancada uma geladeira de 4 pés cúbicos com o compressor ao lado escondido por uma portinhola com venezianas.

Este detalhe foi publicado na seção "Prancheta Viva" da revista Acrópole nº 219 de 1957, pág. 115, que destacava detalhes construtivos.



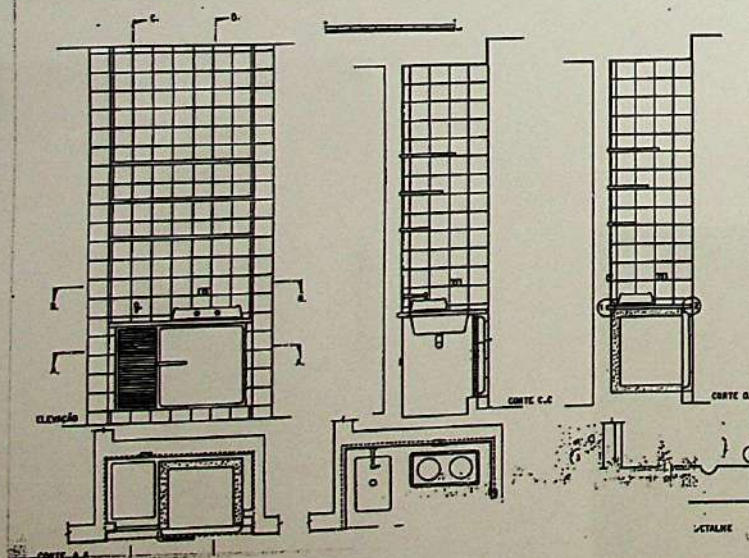
KITCHINETTE PARA APARTAMENTO



projeto | Constr. Heep Ltda.
construção | Eng. e Constr. Otto Meinberg S. A.

Esta solução para um kichinette de apartamento de uma só sala é constituída por uma pedra de mármore com pia, lugar para fogão elétrico e 3 prateleiras de granilite. Embaixo do mármore se encontra a geladeira, de 4 pés cúbicos, tendo ao lado, atrás de uma portinha com venezianas, o compressor.

Este kichinette, situado na entrada do apartamento, é ventilado por um caixilho basculante situado por cima da porta de entrada.



5.6.2.2 - Os murais, painéis e esculturas.

Resgatando a tradição da escola Bauhaus de integração entre arte e *design* e a abordagem corbusiana para a incorporação da arte à arquitetura, onde a colaboração de artistas teria a coordenação do arquiteto, Heep propõe situações em suas obras para esta integração. Quando revisa o projeto do edifício-sede do jornal "O Estado de São Paulo", para o escritório de Jacque Pilon, convida Di Cavalcante para realizar um mural na parede externa do pequeno volume que compunha a recepção do jornal, sob a face côncava do prédio em relação à esquina. Convida igualmente Clóvis Graciano e Cândido Portinari para realizarem painéis internos no hall de entrada do edifício. Posteriormente convida novamente Clóvis Graciano para realizar vários painéis no hall de entrada do edifício Lauzane, atualmente restaurados.

Destacamos também as grandes esculturas na Igreja de São Domingos, uma externa do santo à convidar seus fiéis, em bronze, feita pelo escultor italiano Vangi e outra interna, da Virgem Maria, também em bronze, feita pela escultora Liuba Wolf.



Escultura em bronze da Virgem Maria feita por Liuba Wolf para a Igreja de São Domingos



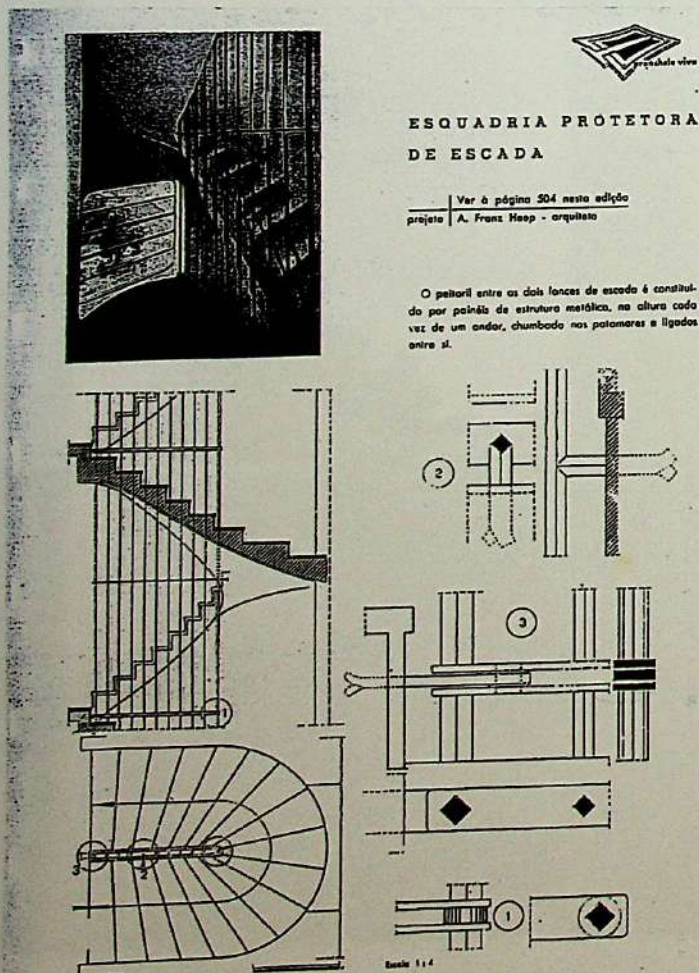
Mural feito por Clóvis Graciano para o hall do ed. Lauzane

5.6.2.3 – Guarda-corpo metálico nas escadas.

Esse interessante detalhe de guarda-corpo inteiriço, geralmente nas escadas de serviço das edificações que Heep projetou, aparece ilustrado na seção prancheta viva da revista Acrópole.

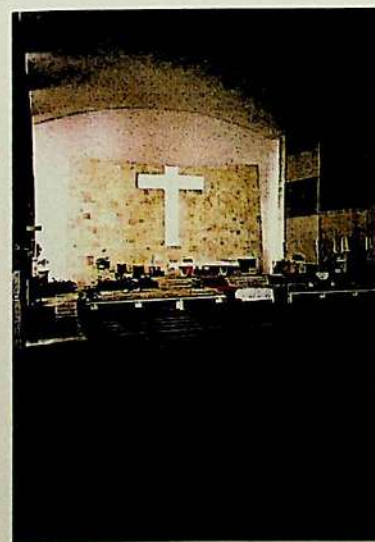
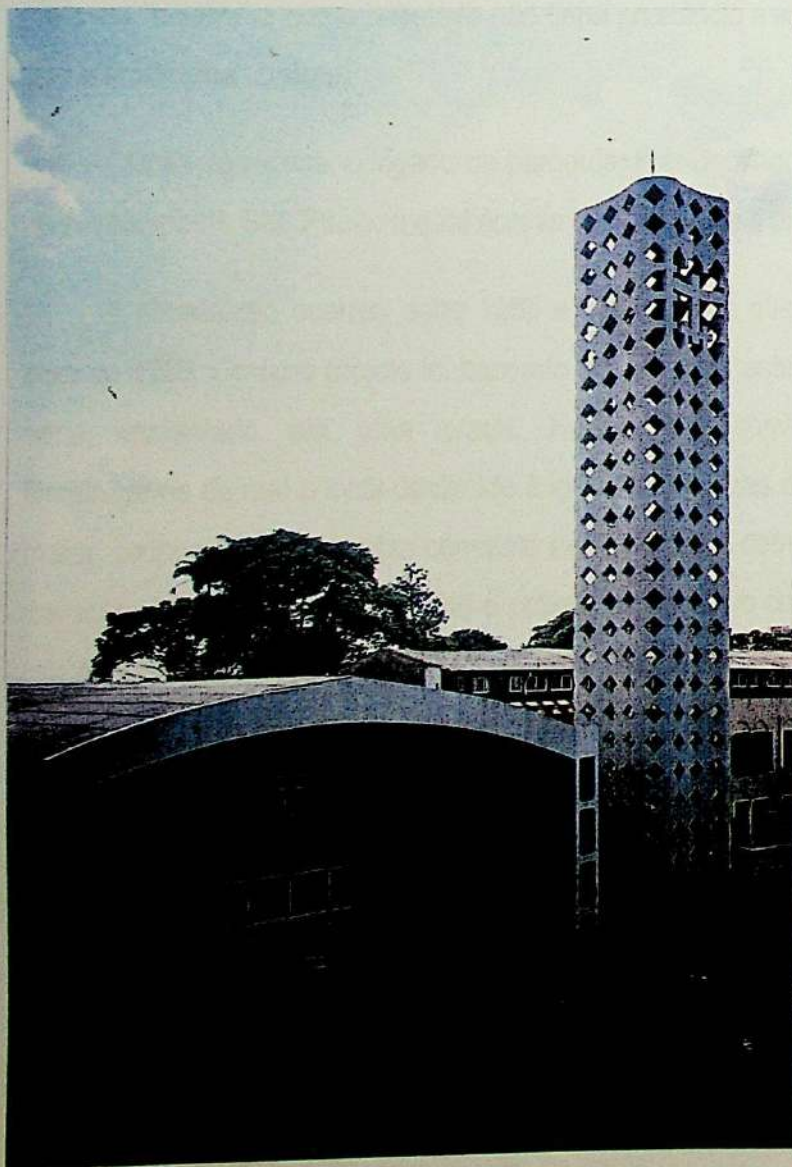
O guarda-corpo era formado de painéis de barras chatas dispostas lado a lado formando uma grelha inteiriça, na altura do andar, chumbados no patamar e unidos entre si ficando, portanto, um elemento contínuo acompanhando o desenvolvimento da escada com extrema leveza e simplicidade.

O detalhe vai aparecer no edifício Lugano/Locarno, no Lauzane e no Itália entre outros.



5.7 – A igreja de São Domingos

A origem da construção da Igreja de São Domingos, na rua Caiubí esquina com a rua Atibaia no bairro de Perdizes, em São Paulo, têm como ponto de partida um concurso de idéias realizado pela paróquia, do qual participaram vários arquitetos e cujo vencedor foi o arquiteto Sérgio Bernardes. Heep não participa desse concurso vindo a ser convidado posteriormente. A Comissão de Arte Sacra da Cúria vetou o projeto de Sérgio Bernardes e abortou o processo de construção da paróquia momentaneamente.



Heep chega aos Dominicanos por indicação de Frei Benevenuto, seu amigo, e é convidado a elaborar um projeto para a igreja. Apresenta aos Dominicanos um projeto que já havia elaborado para a futura Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, dos padres Redentoristas também recusado pela Comissão da Cúria.

Mesmo assim, o projeto recusado foi adotado para a Paróquia de Perdizes, portanto, discutido, julgado e aprovado pelo Conselho da Vice-Província, porém novamente esbarra no conservadorismo da Comissão de Arte Sacra da Cúria, que justificou a não aprovação, alegando que a igreja projetada não tinha aspecto religioso, que sua torre era "bizarra" e que o batistério não tinha no edifício a importância que a liturgia lhe confere.

Diante da recusa, o vigário da paróquia, Frei Domingos, recorre ao Arcebispo de São Paulo, o qual aprova integralmente o projeto.³¹

A construção ocorreu entre 1956 e 1961, sendo que o projeto data de 1953. Como o projeto foi baseado em um outro estudo, o qual seria implantado em uma praça, Heep tenta convencer os Dominicanos de que o local destinado à igreja de Perdizes deveria ser maior, propondo que o antigo convento de 1938 fosse demolido para dar lugar à igreja, sendo que faria o projeto de um novo convento na rua Atibaia, em terreno lindeiro. A proposta não foi aceita tendo Heep de se contentar com o terreno apertado entre o convento e a vizinhança.

A volumetria baseia-se no conceito de nave única, onde um teto em casca de concreto de forma abobadada, apóia-se em paredes estruturais em zigue-zague alternando empenas cegas e vazadas, sendo que as aberturas, voltadas para as faces de maior insolação projetam uma luz natural intensa no sentido do altar proporcionando uma sensação de amplitude e leveza no espaço interior, apesar do



volume pesado da edificação. Ao redor da porta de entrada um enorme caixilho marca o acesso principal, coroado por uma abertura em forma de cruz.

O despojamento das linhas simples e das arestas está presente também no mobiliário da igreja, onde o altar, o púlpito, a pia batismal, os apoios dos bancos, são feitos em pedra bruta, esculpida de maneira apicoada. O piso interno e externo é do mesmo material, pedra mineira, propondo uma sutil integração do espaço público da rua com o semi-público da igreja.

O elemento vertical junto à lateral direita da igreja faz um contraponto com a volumetria horizontal do salão, estabelecendo um diálogo antagônico. A torre, singular, com sua forma quadrada de cantos arredondados e superfície vazada em toda altura por aberturas em forma de losangos, destaca-se como ponto focal no espigão de Perdizes. No interior da torre, que na época de sua inauguração era pintado em vermelho, funciona a secretaria da Ordem e uma interessante escada vence sua altura de 34 metros em direção ao campanário.

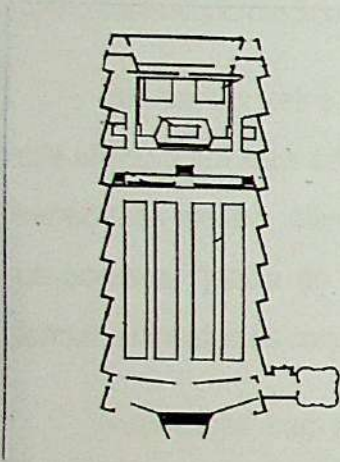
Destacamos também a grande escultura em bronze de São Domingos na entrada da igreja a convidar seus fiéis, feita pelo escultor italiano Vangi e outra interna, da Virgem Maria, também em bronze feita pela escultora Liuba Wolff, totalmente integradas ao caráter despojado da edificação.

Xavier, Lemos e Corona³², em seu livro *Arquitetura Moderna Paulistana*, destaca a igreja, ressaltando *"A igreja de São Francisco, construída em 1943 na Pampulha, foi o primeiro edifício religioso realmente moderno no Brasil a romper completamente com o modo*

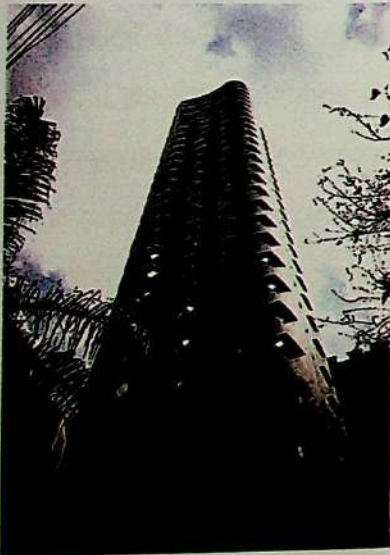


³¹ Texto baseado em entrevista com o Frei Dominicano Jorge Cid de Camargo Perez em Novembro de 2001.
³² *Arquitetura Moderna Paulistana*, de Alberto Xavier, Carlos Lemos e Eduardo Corona, escrito inicialmente em fascículos na revista "A Construção São Paulo" da Editora Pini, do ano de 1978 ao de 1983, foi publicado em livro em 1983, constitui ainda hoje guia imprescindível de Arquitetura Moderna Brasileira.

tradicional de projetar este tipo de prédio, servindo então de modelo geral pelo Brasil afora. Dez anos depois, Heep fez esta igreja paulistana, apresentando uma solução bastante diversa daquela, aproximando-se mais do partido da igreja de Raincy, obra de Perret."



Planta baixa da igreja



Detalhe da torre do campanário

5.8 – As casas

Por volta de 1954, Heep desenvolve algumas residências, geralmente para estrangeiros residentes no Brasil, envolvidos de alguma forma com seus projetos junto às construtoras. Infelizmente, muitas casas estão irremediavelmente descaracterizadas, utilizadas como consultório médico ou escritório.

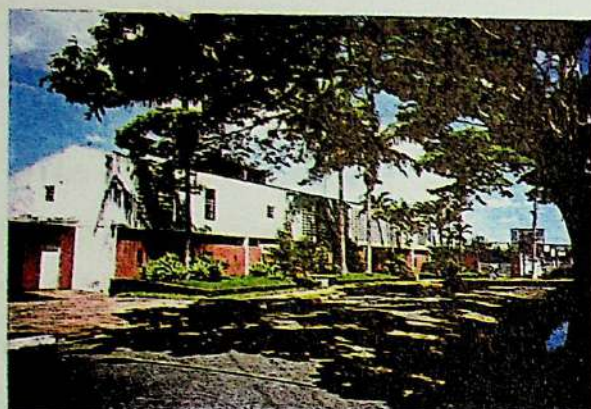
Em seus projetos de residências Heep repete alguns conceitos que utilizava em seus edifícios: os grandes panos em vidro, painéis de venezianas móveis, elementos vazados, *loggia*, marquises marcando os acessos, “janela de ônibus”, enfim elementos de seu repertório formal adaptados às condições de uma habitação individual.

Suas casas eram introspectivas, fechadas para a rua e voltadas para um jardim interno, funcionalmente corretas e muito bem detalhadas.

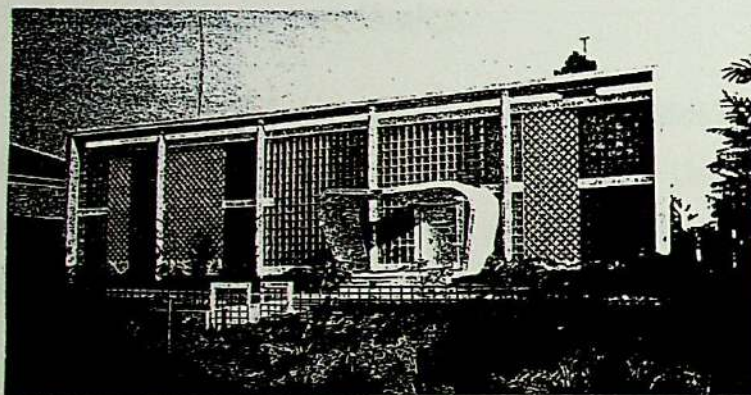
Destacamos as residências de Abraão Kasinsky, na rua Polônia, totalmente descaracterizada; a residência Confalioni na av. República do Líbano, abandonada, sendo que seu proprietário nos impediu de fotografarmos a casa por dentro, provavelmente porque tem planos de mudar seu uso para comercial, vindo a descaracterizá-la; a residência Samuel Back na av. 9 de Julho, também totalmente descaracterizada, funcionando um consultório médico no local; a residência Rudolph Lanz na rua Manoel José Chaves, totalmente descaracterizada e abandonada e a residência Heráclito Colli na Rua Santa Judite no Morumbi, a única em perfeitas condições, sendo até hoje ocupada por seus moradores.

Para o nossa pesquisa o levantamento e análise dos edifícios na área central da cidade e a influência de seus precursores em Paris são suficientes para corroborar nossa conclusão, portanto as casas

aparecem de maneira indicativa como prerrogativa de uma pesquisa complementar.



Residência Heráclito Colli



Residência Abraão Kasinsky



Residência Confalonieri

6 - O EPÍLOGO DE UMA CARREIRA - 1958 a 1968,

Após dez anos de intenso trabalho em seu escritório Heep, então com quase 60 anos e no auge de sua carreira, se vê sem trabalho. Desenvolve trabalhos paralelos dando aulas no curso de arquitetura da Universidade Mackenzie, trabalhando como consultor da ONU e fazendo projetos menores. Posteriormente desmonta seu escritório e muda-se para o Guarujá, cidade litorânea de São Paulo onde viveu até voltar para a França.

6.1 – O envolvimento acadêmico

Entre 1958 e 1965, Heep desenvolve atividade didática como professor de Projeto na Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie. Sua atividade como professor é de extrema importância na medida em que influenciou toda uma geração de arquitetos.

Novamente citamos o ensaio de Catharine Gati, para a revista Projeto³³, onde na qualidade de ex-aluna de Heep, relata sua condição de mestre: *"Um dos propagadores do racionalismo entre nós, paradoxalmente, Heep ensinava antes de mais nada, a sentir a arquitetura enquanto jogo de volumes configurando espaços. Estes são constituídos pela assemblage dos elementos dos quais resultam, e que devem ser dimensionados da maneira mais objetiva e científica possível. Em outras palavras, a organização das partes precede e determina o conjunto, e esta organização deve ser perfeita. O dimensionamento decorre da função e a harmonia do todo, da capacidade de imaginar todos os movimentos possíveis para cada situação e ambiente. O partido arquitetônico, como Heep ensina, é claro e objetivo. Baseia-se em premissas fixas, das quais a primeira é*

³³ Gati, Catharine, "Perfil de Arquiteto - Franz Heep". Revista Projeto, São Paulo, (97): 98-104, Março, 1987 e "Franz Heep, um artifice do racionalismo" Revista AU, São Paulo, (53): 79-91, Abril/Maio, 1994

orientação correta em função da latitude, garantindo luz e insolação adequadas. Já o controle do espaço é conseguido por meio de pequenas perspectivas sem escala feitas durante todo o decorrer do projeto, permitindo percorrer e testar as relações espaciais dos ambientes projetados".

Devido ao seu temperamento forte e caráter impositivo, o relacionamento com seus alunos era difícil. A maneira como tratava algumas questões do projeto com seus alunos causavam-lhe problemas que culminaram com seu desligamento da instituição.

Posteriormente seus ex-alunos reconheceram já na vida profissional o valor de seus ensinamentos, segundo relatos colhidos durante a pesquisa.

6.2 – A recusa pelo mercado

Por volta de 1963, morre Otto Meinberg. Heep, então com 65 anos, portanto no apogeu de sua vida profissional, encontra dificuldade em conseguir trabalho como arquiteto.

O engenheiro Aizik Helcer da Construtora Auxiliar em entrevista nos diz que, quando a construtora passou a fazer prédios mais comerciais, os projetos de Heep tornavam a obra inviável economicamente e tiveram que contratar outro arquiteto, mais afinado com a nova sistemática da construtora. Explica que no *boom* imobiliário da década de 60, a demanda era tão grande que não compensava fazer *“coisa boa, qualquer porcaria vendia, o mercado exigia que se fizesse coisa simples e barata para poder vender, para poder concorrer com os outros”*. Portanto sustentamos a tese de que o motivo da saída de Heep do mercado imobiliário não foi pelo seu gênio intransigente ou por seu enorme empenho em detalhar o projeto. A questão era outra.

Na década de 30, com a inauguração do Viaduto do Chá, em São Paulo, novos edifícios transpuseram os limites do antigo centro de negócios, formando o Centro Novo.

As maiores construtoras que participavam deste processo de ocupação eram a Severo & Villares, a Sociedade Comercial e Construtora, a Arnaldo Maia Lello e a Companhia Construtora Nacional.

O arquiteto praticava o exercício da profissão independente da responsabilidade da construção ou associava-se a um engenheiro civil com quem dividia atribuições distintas. Jacques Pilon se destacava enquanto expoente no projeto de edifícios residenciais e comerciais na área central da cidade.

Na década de 40, a chegada de arquitetos estrangeiros como Lucjan Korngold e Adolf Franz Heep a São Paulo, trazendo um repertório baseado no racionalismo-funcionalista, coincide com uma alteração do mercado de construção em São Paulo: ao invés de construir para renda, as construtoras começam a incorporar imóveis. Esta alteração no mercado acirra a concorrência entre as construtoras, exigindo dos projetistas, talento e novas soluções.

Os investimentos na construção civil passam da mão de fazendeiros, comerciantes e industriais, que outrora impulsionavam o desenvolvimento da área central de São Paulo, através de investimentos diretos em imóveis para renda ou aplicação, para sociedades incorporadoras.

As experiências levadas a cabo por Heep em inúmeras obras nesta fase de transição, onde o projetista, na cadeia produtora da indústria imobiliária tinha voz ativa para criar soluções inovadoras na ocupação do lote, interpretando a legislação urbana vigente - mais subjetiva que normativa - propor novos materiais, estruturas independentes e programas compactos, foram determinantes para o sucesso de vários lançamentos no mercado imobiliário da época, pois não tinham parâmetro. Eram únicos.

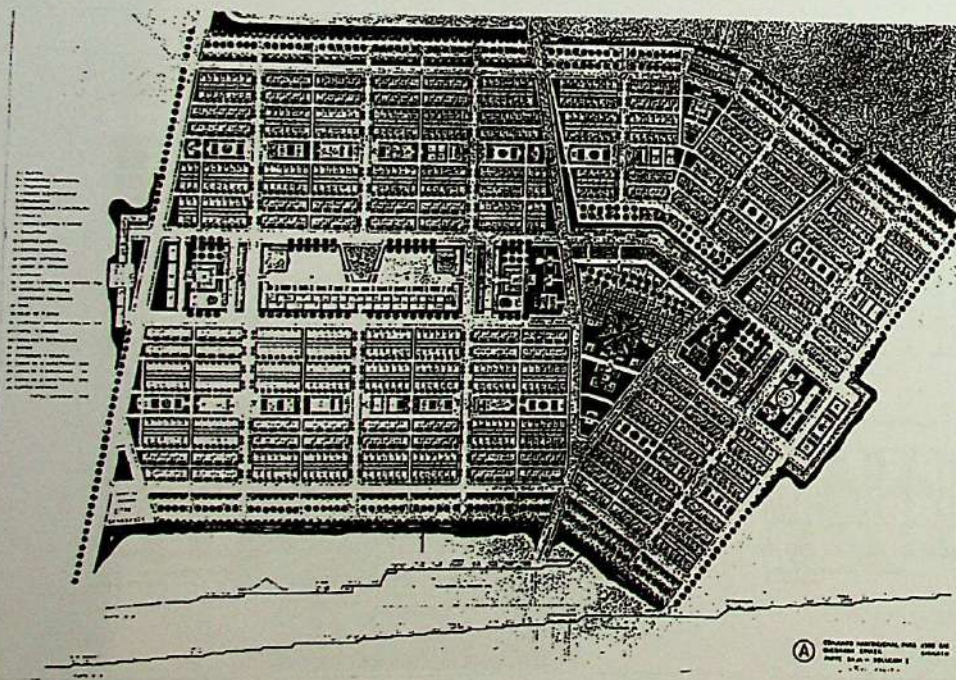
Com o *boom* imobiliário da década de 60, estas soluções foram utilizadas ao extremo, portanto banalizadas. Os projetistas foram descartados, pois as construtoras passaram a reproduzir conceitos já consagrados sendo as soluções simplificadas com o intuito de diminuir custos e prazos de obra.

Portanto Heep cai em desgraça para o mercado imobiliário quando as decisões de projeto mudam da mão do arquiteto para a do incorporador. Sua raiva tinha motivo.

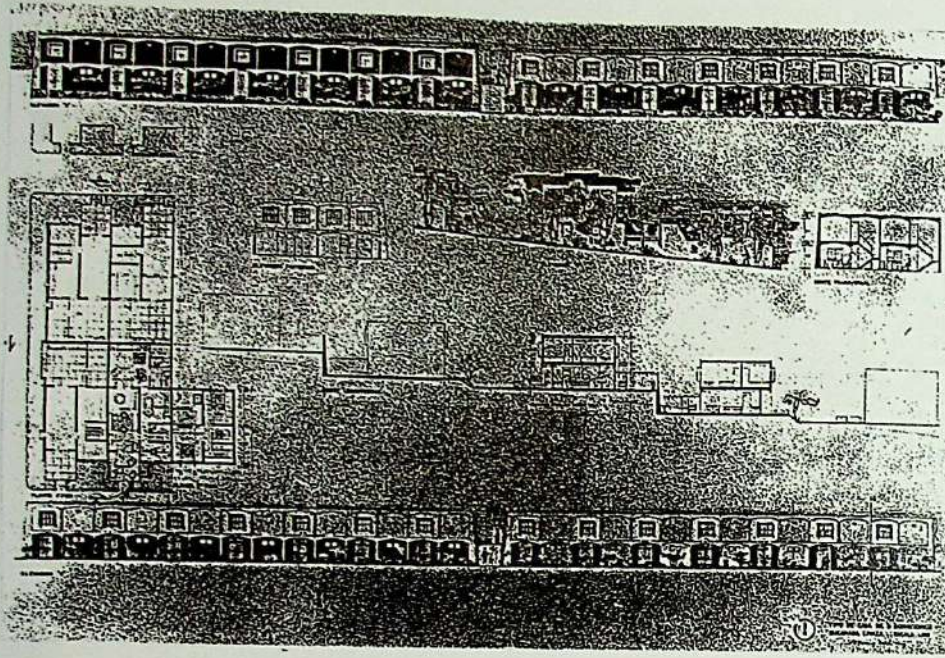
6.3 – O trabalho com a ONU

Entre 1965 e 1968, pelo fato de ter vencido um concurso de Habitação popular para a América Latina promovido pela ONU, Heep trabalha como membro do Conselho de Arquitetura para os países latino-americanos do organismo internacional. A ONU envia-o para fazer um projeto urbanístico nos arredores de Lima, no Peru, que não foi construído.

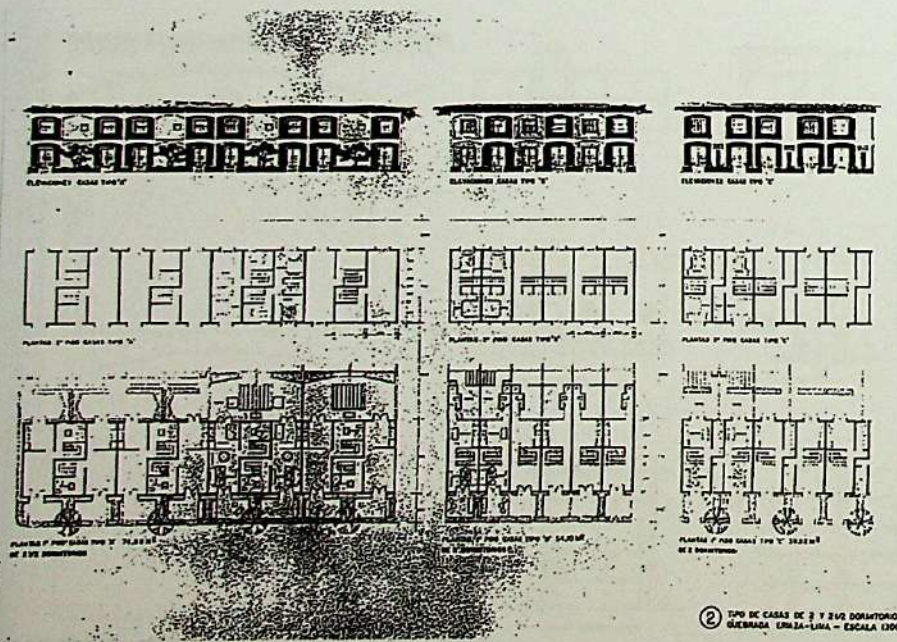
O objeto do plano urbanístico prevê a construção de 1500 habitações de interesse social, nos arredores de Lima, conforme edital do PREVI, Proyecto Experimental de Vivenda, patrocinado pelo governo, utilizando sistemas construtivos diferenciados para casas unifamiliares de 2 pavimentos, e edificações multifamiliares de 3 e 4 pavimentos em um bairro-modelo, nos conceitos de cidades-jardim.



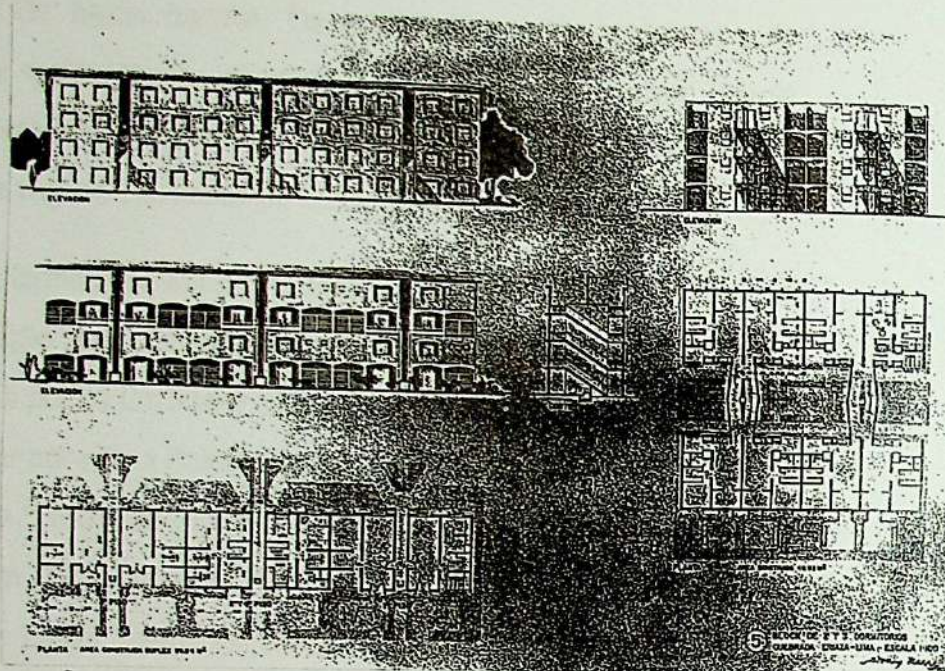
Conjunto habitacional para 1500 casas - Quebrada Eriaza - Lima/Perú - 1967



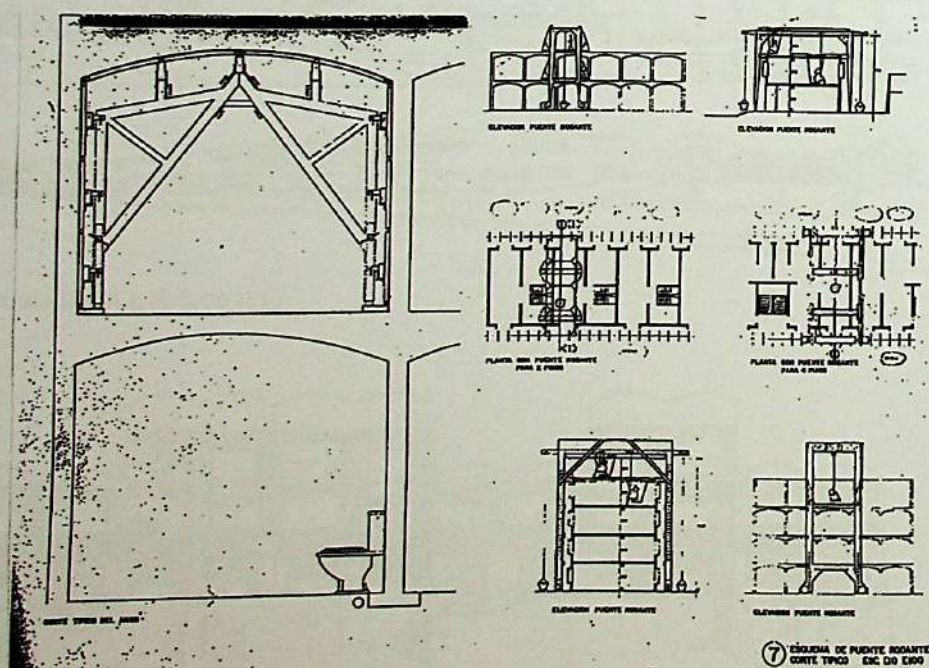
Tipologia de casa de três dormitórios - Quebrada Eriaza - Lima/Perú - 1967



Tipologia de casas de 2 e 2 1/2 dormitórios - Quebrada Eriaza - Lima/Perú - 1967



Tipologia de Blocos de quatro pavimentos para dois e três dormitórios
Quebrada Eriaza - Lima/Perú - 1967

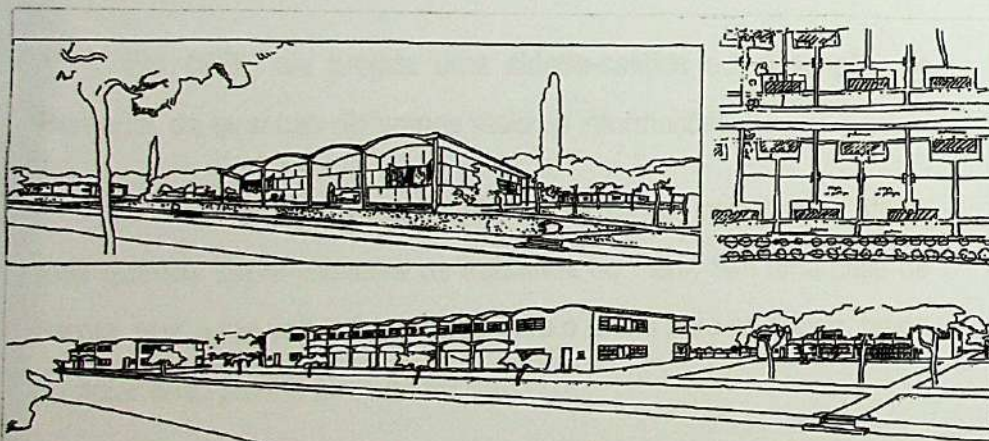


Esquema de ponte rolante para formas metálicas deslizantes
Quebrada Eriaza - Lima/Perú - 1967

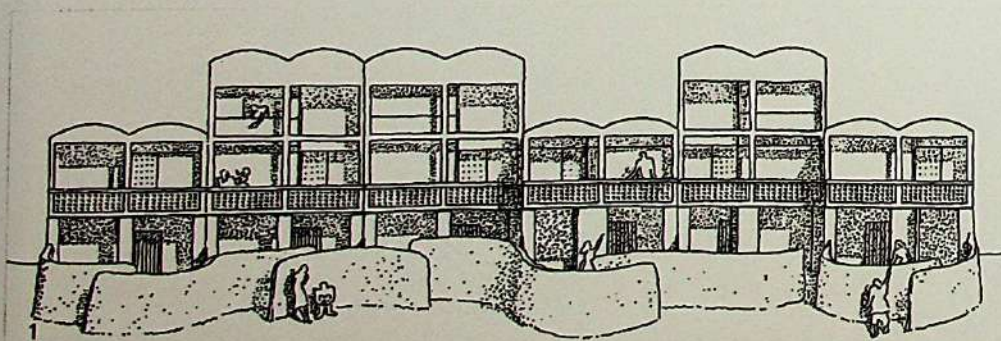
Heep propõe um sistema construtivo utilizando formas metálicas deslizantes, com paredes e lajes em concreto, baseado num sistema

francês de *beton banchè*. Os pavimentos seriam construídos de maneira racionalizada, utilizando pontes rolantes com guias que se movimentariam no sentido dos blocos de habitação dispostos de maneira vagonar, sustentando as formas metálicas.

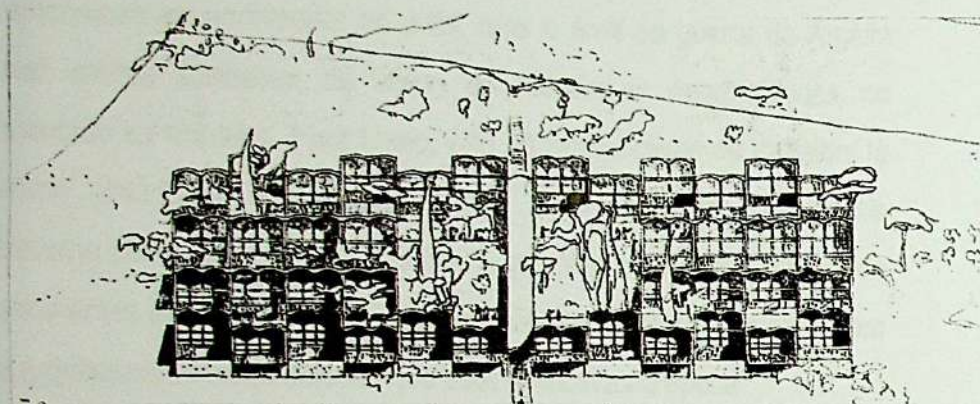
A forma abobadada das lajes utilizadas por Heep, que reflete na composição das fachadas, lembra as "abóbadas catalãs" muito utilizadas por Le Corbusier em vários de seus projetos, como na villa à beira mar para Paul Poiret projeto de 1916, na casa Monol, projeto de 1919, La "Trouinade" em Sainte-Baume de 1948, os estudos "Roq" e "Rob" em Cap Martin de 1949, a casa do prof. Fueter na suíça, em 1950, as casas "Jaoul" em Neuilly-sur-Seine em 1952 e a residência da sra. Manorama Sarabhai em Ahmedabad, Índia em 1955.



Casa Monol, projeto de 1919



La "Trouinade" em Sainte-Baume de 1948



Os estudos "Roq" e "Rob" em Cap Martin de 1949

Em 1968, ele projeta uma cidade-satélite em Assunção, no Paraguai, da qual não obtivemos maiores informações.

Sua intenção, como consultor da ONU, era trabalhar na África, mas quando supervisionava os trabalhos no Peru, tem uma crise de hérnia, que o faz voltar às pressas para o Brasil para se operar, tendo de adiar seus planos junto à ONU.

6.4 – Epílogo

Entre 1968 e 1970 Heep pensa em voltar para à França e estabelecer-se novamente no país, mas o final da guerra da Argélia traz muitos franceses de volta, diminuindo as oportunidades no mercado de trabalho. Para Heep, não há perspectivas de trabalhar lá como autônomo. Seu antigo sócio, Jean Ginsberg, oferece-lhe trabalho como empregado, mas Heep que já passara uma temporada anos antes em Paris, visitando o ateliê de Ginsberg, não se afina com a arquitetura de estilo eclético que este praticava na época.

Em 1972 apresenta problemas de saúde, sofrendo um enfarte. Transfere-se para o Guarujá, onde continuará trabalhando enquanto seu estado de saúde o permitir.

Em 1975 Heep é acometido de arteriosclerose cerebral, doença degenerativa, que o levará a parar de trabalhar.

Heep auxiliou na configuração de parte do centro da cidade de São Paulo e projetou alguns de seus marcos (Edifício Itália, Diário Popular, etc) e através do ensino e pela prática influenciou muitos arquitetos hoje atuantes. Porém, Heep manteve-se afastado do debate em curso nos anos 50 até 68, onde, principalmente em São Paulo, a arquitetura era vista como instrumento de transformação social. O movimento brutalista paulista, capitaneado por Vilanova Artigas, pregava que a obra não poderia estar separada de seu contexto político.

Heep, moldado no funcionalismo europeu, faz uma arquitetura standard, na concepção bauhausiana, com projetos extremamente bem detalhados, orientação correta em função da latitude, garantindo luz e insolação adequadas, preocupação com o sistema construtivo e uma tentativa, ainda que não correspondida pela indústria brasileira, de industrialização dos elementos construtivos - sem questionar a

cidade como organismo em transformação, partindo do pressuposto da cidade pronta, acabada, impermeável às discussões dos conflitos existentes na sociedade capitalista.

Em agosto de 1977, alguns meses antes de seu retorno à França, o IAB promove uma homenagem emocionada a Heep, orquestrada por seu amigo Salvador Candia.

Em 1978, combalido pela doença e não podendo mais trabalhar, é levado pela esposa de volta para Paris, vindo a falecer em 4 de março do mesmo ano.

A guerra vem interromper a trajetória de sucesso do escritório, com a invasão de Paris pelos nazistas. Se, por um lado a guerra interrompe a produção e finda a sociedade, possibilita que Heep dê continuidade no Brasil a sua proposta de metodologia de projeto e canteiro.

Portanto, quando chega ao Brasil, Heep já tinha na França consolidado uma prática de produção arquitetônica com qualidade, voltada para o mercado, construindo em São Paulo um repertório próprio, reinterpretando conceitos racionalistas adaptados a um programa local.

Encontra um mercado imobiliário em expansão que tem seus investimentos transferidos da mão de fazendeiros, comerciantes e industriais - que impulsionavam o desenvolvimento da área central de São Paulo, através de investimentos diretos em imóveis para renda ou aplicação - para a mão de sociedades incorporadoras.

As experiências desenvolvidas por Heep em inúmeras obras com relação ao uso e ocupação do solo, interpretando a legislação vigente, utilizando métodos racionalizados de projeto e construção, propondo estruturas independentes e programas compactos, foram determinantes para o sucesso de diversos edifícios voltados para um mercado imobiliário experimentando a competição impulsionada pela concorrência das sociedades incorporadoras. Portanto o arquiteto neste prelúdio do mercado de incorporação em São Paulo tinha voz ativa nas decisões de projeto, definindo parâmetros inexistentes até então.

Com o *boom* imobiliário da década de 50/60, estas soluções foram utilizadas à exaustão pelo mercado, portanto banalizadas.

Com o tempo não interessava mais ao mercado imobiliário um projeto que fosse tão detalhado, apresentasse uma boa planta,

incorporasse inovações tecnológicas no canteiro; pois a demanda era tanta que ao mercado interessava uma obra simples e barata.

Heep deixa de trabalhar para o mercado quando **as decisões de projeto mudam da mão do arquiteto para a do incorporador.**

Fechava-se um ciclo de influência de um repertório funcionalista deste representante da segunda geração do Movimento Moderno, que, juntamente com Ginsberg, criaram as bases do imóvel de habitação contemporâneo, sobre o mercado imobiliário que se expandia na área central de São Paulo.

Seus edifícios estão ainda razoavelmente bem conservados, mas as casas estão, na sua maioria, descaracterizadas com a mudança de uso para comércio. No geral, sua obra resiste com dignidade ao tempo, mas nem tanto ao homem. Suas premissas de utilizar materiais de qualidade e ter um bom acompanhamento da obra, bem como um bom projeto bem detalhado, se comprovam eficientes após nosso levantamento.

O resgate de seus projetos nos auxiliou a compreender a evolução de suas plantas, a implantação da edificação no lote, as diversas variações de suas jardineiras, terraços e caixilhos, os escalonamentos dos andares superiores, as articulações de fachada nos lotes de esquina, enfim, seu método de trabalho.

Esperamos que esta prospeção no universo heepiano possa trazer a dimensão de sua obra, conhecida apenas por edifícios mais consagrados, como o edifício Itália e o edifício da antiga sede do jornal "O Estado de S. Paulo", e demonstrar a importância maior de sua obra primeira, junto com Ginsberg, como referência de edifício habitacional contemporâneo, objeto de estudo hoje na França e maior influência de sua obra no Brasil.

7 - BIBLIOGRAFIA

- ACAYABA, Marlene Milan. **Branco & Preto - Uma História de Design brasileiro nos anos 50**. São Paulo, Instituto Lina Bo e P.M. Bardj, 1994.
- ANDRADE, Mario de. **Brazil Builds**. São Paulo, Centro de Estudos de Arte Contemporânea, 1980.
- ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio & KON Nelson. **Rino Levi - Arquitetura e Cidade**. São Paulo, Romano Guerra Editora, 2001.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e Destino**. São Paulo, Editora Ática, 2000.
- _____, Giulio Carlo. **Walter Gropius e a Bauhaus**. Lisboa, Editorial Presença, 1990.
- _____, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1992.
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. **Caminhos da Arquitetura**. São Paulo, LECH, 1981.
- BAKER, Geoffrey H. **Le Corbusier - uma análise da forma**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1998.
- BARDI, Pietro Maria. **Lembranças de Le Corbusier**. São Paulo, Editora Nobel, 1984.
- BENOVOLO, Leonardo. **A Cidade e o Arquiteto**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1984.
- _____, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1976.
- _____, Leonardo; MELOGRANI, Carlo & LONGO, Tommaso Giura, **La Proyección de la Ciudad Moderna**, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2000.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo, Perspectiva, 1981.
- BOESIGER, Willy. **Le Corbusier**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1998.
- BOTEY, Josep Ma.. **Oscar Niemeyer Obras e Projetos**. Barcelona, Editora Gustavo Gili, 1996.
- BUNGE, Mario, **Teoria e Realidade**, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1974.

- CASTELO BRANCO, Ilda Helena Diniz. **Arquitetura no Centro da Cidade; Edifícios de Uso Coletivo em São Paulo - 1930/50**. Vol I e II, Dissertação de Mestrado, orientador: Prof. Dr. Eduardo Corona, FAUUSP, São Paulo, 1989.
- CAVALCANTI, Lauro, **Quando o Brasil era Moderno: Guia de Arquitetura 1928 - 1960**, Ed. Aeroplano, Rio de Janeiro, 2001.
- CHING, Francis D. K. **Architecture: Form, Space and Order**. Nova York, Ed. Van Nostrand-Reinhold, 1979.
- COLLINS, Peter, **Los Ideales de La Arquitectura Moderna; su Evolución (1750 - 1950)**, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1998.
- COLQUHOUN, Alan. **Modernity and Classical Tradition - Architectural Essays - 1980-87**. Cambridge, Mass., The MIT Press, 1989.
- COSTA, Lúcio. **Lúcio Costa: Registro de Uma Vivência**. São Paulo, Empresa das Artes, 1995.
- DEHAN, Philippe, **Jean Ginsberg ; 1905-1983 - Une Modernite Naturelle**, Paris, Ed. Connivences, 1987.
- FRAMPTON, K. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- GATI, Catharine. "Perfil de arquiteto - Franz Heep". Projeto, São Paulo, (97): 98-104, março, 1987.
- _____, "Um artífice do racionalismo - Franz Heep". AU Arquitetura e Urbanismo, (53): 79-91, Abr/Mai, 1994
- GOODWIN, Philip. **Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 - 1942**. Nova York, The Museum of Modern Art, 1943.
- GÖSSEL, Peter; LEUTHÄUSER, Gabriele. **Arquitetura no Século XX**, Colonia, Taschen, 1996.
- GROPIUS, Walter. **Bauhaus Novarquitectura**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.

- HITCHCOCK, Henry-Russell. *Latin American Architecture since 1945*. Nova York, The Museum of Modern Art, 1955.
- HOLSTON, James. *A Cidade Modernista: Uma Crítica de Brasília e sua Utopia*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1993.
- JENCKS, Charles. *The Language of Post-modern Architecture*. Nova York, Rizzoli, 1979.
- JENKINS, David. *Unité d'Habitation Marseilles - Le Corbusier*. Londres, Ed. Phaidon, 1993.
- KOPP, Anatole. *Quando o Moderno não era um Estilo e sim uma Causa*. São Paulo, Nobel/Edusp, 1990.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo, Editora Atlas, 1992.
- LE CORBUSIER, *Por Uma Arquitetura*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1998.
- _____, *Oeuvre Complète - 1938/46*. Zurique, Les Editions d'Architecture Erlenbach, 1946.
- LE MOS, Carlos A. C. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1979.
- MARTIN, Hervé, *Guide de L'Architecture Moderne à Paris - 1900 - 1995*, Ed. Syros - Alternatives, Paris, 1991.
- MEYER, Regina Maria Prosperi. *Metrópole e Urbanismo - São Paulo nos Anos 50*. Tese de Doutorado, orientador: Prof. Dr. Celso Monteiro Lamparelli, FAUUSP, São Paulo, 1991.
- MINDLIN, Henrique. *Modern Architecture in Brazil*. Rio de Janeiro/ Amsterdam, Colibris, 1956.
- MONTANER, Josep Maria. *Arquitectura y Crítica*. Barcelona, Editora Gustavo Gili, 1999.
- PAGLIA, Dante. *Arquitetura na Bienal de São Paulo*. São Paulo, Edições Americanas de Arte e Arquitetura, 1952.
- PONTI, Lisa Licitra. *Giò Ponti: The Complete Works 1932/78*. Londres, ED. Thames and Hudson, 1990.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1970.

ROWE, Colin, **Manierismo y Arquitectura Moderna y Otros Ensayos**, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1999.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos; PEREIRA, Margareth Campos da Silva; PEREIRA, Romão Veriano da Silva & SILVA, Vasco Caldeira da. **Le Corbusier e o Brasil**, São Paulo, Projeto Editora, 1987.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990**. São Paulo, EDUSP, 1997.

SOBRE a História do Ensino de Arquitetura no Brasil, São Paulo, Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura, 1977.

TAFURI, Manfredo. **Teorias e História da Arquitetura**. Lisboa, Presença/Martins Fontes, 1979.

TELLES, Sophia Silva. **Lúcio Costa: Monumentalidade e Intimismo**. Ensaio in *Novos estudos CEBRAP*, nº 25, São Paulo, ED. CEBRAP, 1989.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos & CORONA, Eduardo. **Arquitetura Moderna Paulistana**. São Paulo, PINI, 1983.

_____, Alberto; BRITTO, Alfredo & NOBRE, Ana Luiza. **Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro**. São Paulo, PINI/ Fundação Vilanova Artigas/ Rioarte, 1991.

_____, Alberto. **Arquitetura Moderna em Curitiba**. São Paulo, PINI/ Fundação Cultural de Curitiba, 1985.

_____, Alberto (org.). **Arquitetura Moderna Brasileira: Depoimento de uma Geração**. São Paulo, Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura/ Fundação Vilanova Artigas/ Pini, 1987.

ZANINI, Walter (coordenação). **História Geral da Arte no Brasil**, volume II. São Paulo, Instituto Walter Moreira Salles/ Fundação Djalma Guimarães, 1983.

WICK, Rainer. **Pedagogia da Bauhaus**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

WOLF, Tom. **Da Bauhaus ao Nosso Caos**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1990.

PERIÓDICOS

DEHAN, Philippe; BABOULET, Luc, Jean Ginsberg à Paris, Le Moniteur Architecture - AMC, Paris (83), outubro, 1997.

GARCIAS, Jean-Claude, L' Immeuble de Rapport et Atours de la Modernité, Techniques et Arqchitecture, Paris (331): 64-66, junho 1980.

GATI, Catharine, Perfil de Arquiteto - Franz Heep,. Revista Projeto, São Paulo, (97): 98-104, Março, 1987.

_____ Franz Heep, um Artífice do Racionalismo, Revista AU, São Paulo, (53): 79-91, Abril/Maio, 1994.

Revista Acrópole, **Edifício Itália**, São Paulo, (210): 222-229, 1956;

Revista Acrópole, **Edifício Icarai**, São Paulo, (210): 234-235, 1956;

Revista Acrópole, **Residência Kasinski**, São Paulo, (213): 339-341, 1956;

Revista Acrópole, **Casa da França**, São Paulo, (217): 22-25, 1956;

Revista Acrópole, **Edifício Normandie**, São Paulo, (219): 95-97, 1957;

Revista Acrópole, **Edifício Ouro Preto**, São Paulo, (234): 554-555, 1958;

Revista Acrópole, **Edifício Araraúnas**, São Paulo, (234): 212-213, 1958;

Revista Acrópole, **Edifício Lauzane**, São Paulo, (239): 504-509, 1958;

Revista Acrópole, **Edifício Caeté**, São Paulo, (240): 320-323, 1958;

Revista Acrópole, **Edifício Lugano e Locarno**, São Paulo, (287): 347-349, 1962;

Architecture d'Aujourd'hui, **Actualités: Immeuble 42, Avenue de Versailles**, Paris, (5), 1934.

Architecture d'Aujourd'hui, **Immeuble 42, Avenue de Versailles: Office du Tourisme Polonais**, Paris, (8), 1934.

L' Architecte, **Immeuble de Rapport 42, Avenue de Versailles**, Paris, (115), 1934.

La Technique des Travaux, Immeuble à Appaterments, 42, Avenue de versailles, Paris, (1), janeiro, 1935.

Le Bâtiment Illustré, Un Immeuble Moderne: 42, Avenue de Versailles, Paris, Janeiro, 1935.

Art et Décoration, Jean Ginsberg et François Heep Architectes Décorateurs, Paris, dezembro, 1935.

Nuestra Arqitetura, Moderna Casa de Departamentos en Paris, Buenos Aires, Janeiro, 1936.

APXNTEKTYPA, Immeuble Avenue de Versailles, (2), Moscou, 1936.

Architecture d'Aujourd'hui, Villa à Lys-Chantilly, Paris, (1), 1936.

Architecture d'Aujourd'hui, Villa à Lys-Chantilly, Paris, (1), 1937.

Architecture d'Aujourd'hui, Immeuble à Paris: Avenue Vion-Whitcomb; Rue des Pâtures, Paris, (2), 1938.

Architecture d'Aujourd'hui, Villa à La Celle-Saint-Cloud, Paris, (2), 1939.

Spadem, Jean Ginsberg & Associés, 50 ans d'Architecture, Paris, 1980.

9 – CRÉDITO FOTOGRÁFICO

Todas as fotos foram tiradas por Marcelo Consiglio Barbosa com exceção de:

Foto Hugo Segawa pág. 77, 109, 150, 151 e 163;

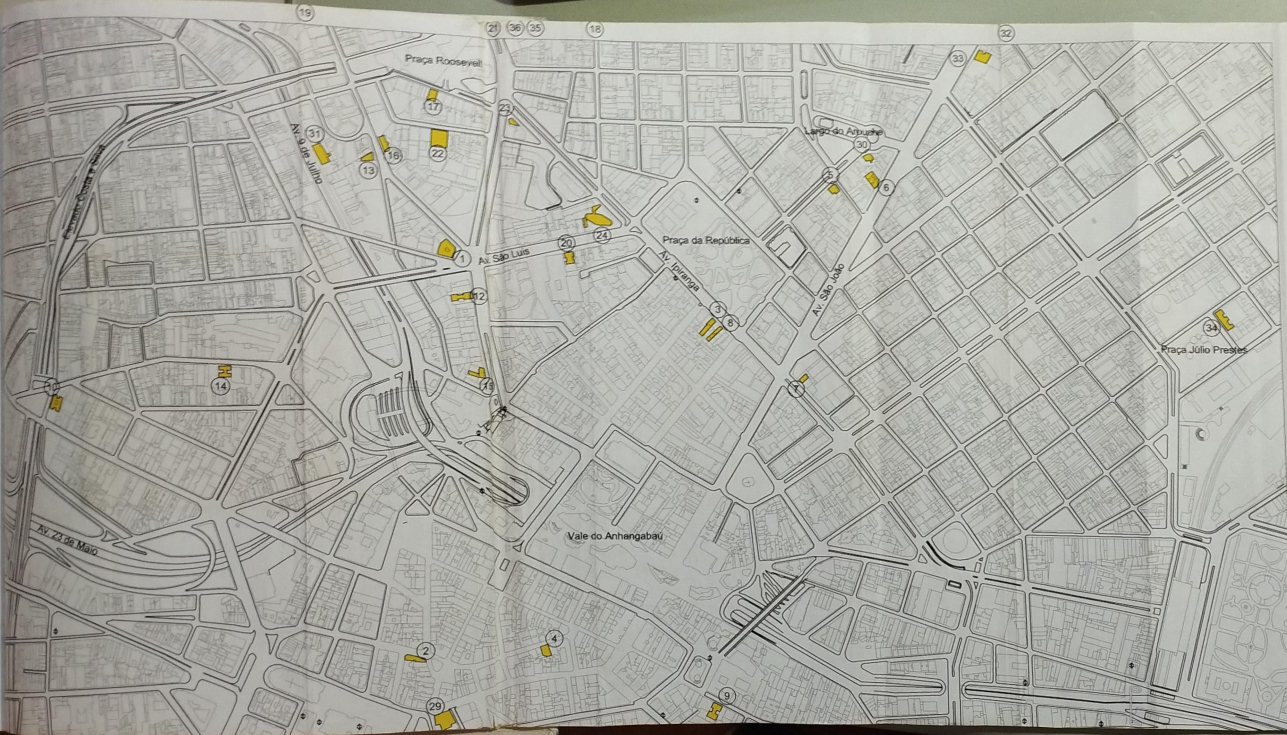
Foto F. Mascaro pág. 156;

Foto Arquivo Salvador Candia pág. 140;

Foto Arquivo J. Weinberger pág. 110;

Foto Arquivo Elgson Gomes pág. 125, 126, 127 e 153;

Foto Arquivo Revista Acrópole pág. 76, 78, 96, 141, 149, 153, 155, 158, 160 e 166.



- 1 Edifício "O Estado de São Paulo" (atual Diário Popular)
Data do Projeto: 1949/1949
Local: Rua Martins Fontes est. Rua Manoel Góes - Centro - São Paulo - SP
- 2 Edifício R. Montano
Data do Projeto: 1949/1949
Local: Rua Quilombo Socialista, 71 est. Rua José Bonifácio e Rua Barão de Itapetininga
- 3 Edifício Atlanta
Data do Projeto: 1949/1949
Local: Praça da República, 146 - Centro - São Paulo - SP
- 4 Edifício Banco Nacional
Data do Projeto: 1947/1949
Local: Rua Álvares Pereira, 299/211 - Centro - São Paulo - SP
- 5 Edifício Tringali
Data do Projeto: 1949/1949
Local: Rua Vinte e Carvelho, 192 esquina Rua Vitória - Centro - São Paulo - SP
- 6 Edifício Davina Lara Nogueira
Data do Projeto: 1944/1949
Local: Av. São João, 1291/1301 - Centro - São Paulo - SP
- 7 Edifício Basílio Joffe
Data do Projeto: 1947/1950
Local: Av. Ipiranga, 879 - Centro - São Paulo - SP
- 8 Edifício Santa Mônica
Data do Projeto: 1947/1950
Local: Praça da República, 162/172 - Centro - São Paulo - SP
- 9 Edifício Salm Farah Matuf
Data do Projeto: 1949/1951
Local: Rua Florêncio de Abreu, 28 - Centro - São Paulo - SP
- 10 Edifício Liga das Senhoras Católicas
Data do Projeto: 1949/1951
Local: Rua Jacques, 422 - Bela Vista - São Paulo - SP
- 11 Edifício Casa da França
Data do Projeto: 1950
Local: Av. Pres. Antônio Carlos esquina Av. Franklin Roosevelt - Centro - Rio de Janeiro
- 12 Edifício Vicente Filizola
Data do Projeto: 1949/1952
Local: Rua de Condição, 63/71 - Centro - São Paulo - SP
- 13 Edifício Tucuman (Atual Thémis Hotel)
Data do Projeto: 1950
Local: Rua Martins Fontes, 277 - Centro - São Paulo - SP
- 14 Edifício Marajó
Data do Projeto: 1952
Local: Rua Santo Amaro - Bela Vista - São Paulo - SP
- 15 Edifício Maracanã
Data do Projeto: 1953
Local: Rua Quirino de Andrade, 155/159/165 - Centro - São Paulo - SP
- 16 Edifício Anapuan
Data do Projeto: 1953
Local: Rua Martins Fontes, 298 - Centro - São Paulo - SP
- 17 Edifício Icarai
Data do Projeto: 1953
Local: Praça Franklin Roosevelt - Centro - São Paulo - SP
- 18 Edifício Ouro Verde
Data do Projeto: 1952
Local: Rua Paul, 359 est. Sabará - Higienópolis - São Paulo - SP
- 19 Edifício Itaipá
Data do Projeto: 1953
Local: Rua Antônio Carlos, 396 est. Rua Augusta - Centro - São Paulo - SP
- 20 Edifício Ouro Preto
Data do Projeto: 1954
Local: Av. São Luís, 97/ Rua Basílio de Gama (fundos) - Centro - São Paulo - SP
- 21 Edifício Burti
Data do Projeto: 1956
Local: Rua Maria Antônia, 269/281 - Vila Buarque - São Paulo - SP
- 22 Edifício Guapore
Data do Projeto: 1956
Local: Rua Nestor Pestana, 87/95/106/115 - Centro - São Paulo - SP
- 23 Edifício Ipiranga
Data do Projeto: 1956
Local: Av. Ipiranga, 84 - Centro - São Paulo - SP
- 24 Edifício Itália
Data do Projeto: 1956/1959
Local: Av. Ipiranga, 344 esquina Av. São Luís, 50 - Centro - São Paulo - SP
- 25 Edifício Caselã
Data do Projeto: 1957
Local: Rua Cenuto Valdemar N. Ortiz est. Rua Arthur Assis - Santos - SP
- 26 Edifício São Narciso
Data do Projeto: 1958
Local: Praça do Sel/ Rua 11 de Novembro Rua Anchieta - São Paulo - SP
- 27 Edifício Antico
Data do Projeto: 1958
Local: Largo do Amarelo - Centro - São Paulo - SP
- 28 Edifício Normande
Data do Projeto: 1953
Local: Av. 9 de Julho - Centro - São Paulo - SP
- 29 Edifício Ananias
Data do Projeto: 1955
Local: Av. São João, 1521/1540 - Centro - São Paulo - SP
- 30 Edifício Lucerna I e Lucerna II
Data do Projeto: 1958
Local: Av. São João, 1452/1474 - Centro - São Paulo - SP
- 31 Edifício Miri
Data do Projeto: 1958
Local: Al. D. S. B. B. 130 est. Praça Júlio Prestes - Centro - São Paulo - SP
- 32 Edifício Legião e Lucerna
Data do Projeto: 1958
Local: Av. Higienópolis, 324 - São Paulo - SP
- 33 Edifício Lucerna III
Data do Projeto: 1958
Local: Av. Higienópolis, 101/111 - São Paulo - SP
- 34 Edifício Salm Farah Matuf
Data do Projeto: 1949/1951
Local: Rua Florêncio de Abreu, 28 - Centro - São Paulo - SP
- 35 Igreja São Domingos
Data do Projeto: 1933
Local: Rua Cabral est. Rua Albas - Parelheiros - São Paulo - SP
- 36 Residência Acaim Kustary
Data do Projeto: 1956
Local: Rua Polônia, 200 - São Paulo - SP
- 37 Residência Combarioni
Data do Projeto: 1958
Local: Av. República do Líbano, 1943 - São Paulo - SP
- 38 Residência Samuel Back
Data do Projeto: 1958
Local: Av. 9 de Julho, 4644 - São Paulo - SP
- 39 Residência Heráclito Cotti
Data do Projeto: 1958
Local: Rua Santa Judite, 367 - Jardim Guadalupe - São Paulo - SP
- 40 Residência Rudolph Lutz
Data do Projeto: 1958
Local: Rua Professor Manoel José Chaves, 291 - São Paulo - SP
- 41 Residência Adolfo Buck
Data do Projeto: 1958
Local: Rua Ethon - São Paulo - SP

